

Jean Lauand (org.)

Sobre a tipologia de David Keirsey

Psicologia, religião e educação

com estudos de:

Chie Hirose
Enio Starosky
Jean Lauand
João Sérgio Lauand
Nadia Wacila Hanania Vianna
Sylvio Horta
Vitor Chaves de Souza


KAPENKE
EDITORA



CEMOrOc
EDF-FEUSP

Jean Lauand
(org.)

Sobre a tipologia de David Keirsey: psicologia, religião e educação

com estudos de:

Chie Hirose
Enio Starosky
Jean Lauand
João Sérgio Lauand
Nadia Wacila Hanania Vianna
Sylvio Horta
Vitor Chaves de Souza

Editora Kapenke

Cemoroc

Colégio Luterano São Paulo

São Paulo
2019

Copyright © 2019 Jean Lauand
Todos os direitos reservados.

1a. edição 2019 1a. tiragem 2019

Editor-chefe *Vitor Chaves de Souza* **Diretor executivo** *João Soares de Souza*
Diretor comercial *Ernani Feitosa de Souza* **Diretor editorial** *Diogo Chaves de Souza*

Editoração e capa *Vitor Chaves de Souza*

**O conselho editorial de obras acadêmicas é constituído
pelos seguintes professores doutores:**

Presidente *Rui de Souza Josgrilberg* (UMESP) Teologia e Filosofia
Presidente de honra *Jean Lauand* (USP) Filosofia e Educação
Editor Responsável *Vitor Chaves de Souza* (Kapenke) Teologia e Arte

Franklin Leopoldo e Silva (USP e São Bento) Filosofia
Etienne Alfred Hiquet (UEPA) Filosofia e Teologia
Milton Schwantes [in memoriam] (UMESP) Arqueologia e Bíblia
José Carlos Bruni (UNESP e São Bento) História da Filosofia
Alan Faber do Nascimento (UFVJM) Sociologia e Educação
Luis Heleno Montoril del Castillo (UEPA) Literatura e Arte
Maria Carolina Alves dos Santos (UNESP e São Bento) Filosofia Antiga
Pere Villalba Varneda (Universidad Autònoma de Barcelona) Estudos Clássicos
Eduardo Chaves (UNICAMP) Filosofia e Teologia
Enric Mallorquí-Ruscalleda (California State University) Estudos Ibéricos e Latinoamericanos
Edson de Faria Francisco (UMESP) Línguas Antigas e Bíblia
Tommy Akira Goto (UFU) Psicologia e Fenomenologia
Paulo Ferreira da Cunha (Universidade do Porto) Direito e Filosofia
Eduardo Gross (UFJF) Ciência da Religião
Cleber Baleeiro (UMESP) Filosofia da Religião
Sylvio R. G. Horta (USP) Estudos Orientais e China
Blanches de Paula (UMESP) Psicologia e Teologia
Aida R. Hanania (USP) Estudos Orientais e Mundo Árabe
Marcos Aurélio da Silva (UMESP) Religião e Humanidades

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil)

Lauand, Jean (Org.)
Sobre a tipologia de David Keirse: psicologia,
religião e educação; Santo André: Kapenke, 2019.

ISBN 978-85-93894-17-6

1. Psicologia 2. Religião 3. Educação I. Título CDD-
100 Psicologia e Filosofia

Todos os direitos desta edição reservados à
Editores Kapenke
Rua Ibirapitanga, 454 Santo André SP 09195-450 Brasil
www.kapenke.com.br

Sumário

INTRODUÇÃO GERAL	07
I – Os fundamentos da Teoria de David Keirsey <i>Jean Lauand & João Sérgio Lauand</i>	07
II – Os elementos fundamentais E/I; S/N; J/P; F/T <i>Jean Lauand</i>	11
III – Os 4 temperamentos (SJ, SP, NF e NT)	18
IV – Os 16 tipos	21
ESTUDOS SOBRE A TIPOLOGIA DE DAVID KEIRSEY .	32
Tipos de David Keirsey - Identificando algumas características <i>Jean Lauand & Chie Hirose</i>	33
Tipos de David Keirsey - identificando algumas características II <i>Jean Lauand & Enio Starosky</i>	46
Tipos de David Keirsey - identificando algumas características III <i>Jean Lauand, Enio Starosky & João Sérgio Lauand</i>	60
Tipos de David Keirsey - identificando algumas características IV <i>Jean Lauand</i>	75
A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas <i>Enio Starosky & Jean Lauand</i>	85
Keirsey, tradicionalismo religioso e educação – o fator T <i>Chie Hirose & Enio Starosky</i>	95
Keirsey, tradicionalismo religioso e educação - a <i>prudentia</i> <i>Chie Hirose & Enio Starosky</i>	101
Análise keirseyaniana de clássicos cristãos e chineses <i>Jean Lauand, Enio Starosky & Sylvio Horta</i>	111
Martin Lutero e David Keirsey <i>Vitor Chaves de Souza & Enio Starosky</i>	125
A tomada de decisões estratégicas na escola: uma análise à luz dos perfis de Keirsey <i>Nadia Wacila Hanania Vianna</i>	129
David Keirsey e o temperamento das crianças – estilos de aprender e de ensinar <i>João Sérgio Lauand</i>	137

Apresentação – Estudos keirseyanos no Cemoroc

Inegavelmente o principal polo de pesquisas acadêmicas no Brasil sobre a tipologia de David Keirseyan encontra-se em nosso *Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente*, do Departamento de Filosofia e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP.

Neste volume, após recolher uma introdução geral que João Sérgio Lauand e eu escrevemos para nosso livro anterior, *Uma introdução à tipologia de David Keirseyan*, apresentamos uma coletânea de onze estudos publicados nos últimos anos, originalmente como artigos, por sete pesquisadores membros de nosso Centro, nas revistas internacionais do Cemoroc: *International Studies on Law and Education*, *Revista Internacional d'Humanitats*, *Notandum* e *Convenit Internacional*.

Nossos pesquisadores estão em constante interação: além de encontros tematicamente keirseyanos, temos tido seções dedicadas a DK em nossos últimos Seminários Internacionais anuais.

Os estudos que compõem este livro trazem a marca registrada do Cemoroc: o rigor científico que se une à clareza e à viveza do concreto (e até ao bom humor) que tornam a tipologia de DK viva e fascinante.

Chie Hirose, que acaba de concluir brilhantemente seu Pós Doutorado sobre DK na Feusp, nos brinda um estudo sobre os SP. Une seu trabalho de professora universitária – nas Faculdades Integradas Campos Salles – à alfabetização em escolas da rede municipal de São Paulo.

Enio Starosky, doutorando em Ciências da Religião na Umesp, faz, em parceria com Chie Hirose, uma original análise do conservadorismo religioso: tema de premente atualidade. Além de estudos tipológicos do apóstolo João, Lutero, e outras análises religiosas à luz de DK.

De minha lavra, destaco os 4 artigos (alguns em parceria) que procuram mostrar, *enseñar*, o que é um SP, um SJ, um NF e um NT.

João Sérgio Lauand, além de colaborar na Introdução e em outros estudos, nos oferece um precioso material sobre o temperamento nas crianças e os consequentes estilos de aprendizagem (e também de ensino).

Nadia Hanania, também Pós Doutora (em DK) pela Feusp, une sua larga experiência como professora de Administração na FEAUSP aos padrões keirseyanos, contemplando a administração escolar.

Sylvio Horta, professor de pensamento chinês na FFLCHUSP, faz o perfil keirseyaniano de Confúcio e Lao Tsé. Vitor Chaves de Souza, professor de Ciências da Religião na Umesp (e orientador do Enio) estuda o tipo de Lutero.

Ao editar esses artigos, mantivemos a formatação original das revistas de que procedem (inclusive com os títulos que os autores tinham à época da publicação dos artigos). Mas, em alguns casos, fizemos alguns cortes, mais ou menos longos, para evitar redundâncias: sendo a tipologia de DK assunto ainda não muito estudado em nosso meio acadêmico e envolvendo uma terminologia própria, os autores muitas vezes se viam obrigados a fazer introduções explicando esses fundamentos. Procuramos, na medida do possível, suprimir essas exposições, substituindo-

as por uma introdução geral na qual apresentamos os conceitos básicos, os fatores, os temperamentos e os tipos de DK.

Para finalizar, nossos agradecimentos ao Colégio Luterano São Paulo e a seu diretor, Enio Starosky. O Luterano, coeditor desta obra, cada vez mais, é também um centro de pensamento e já há quase dez anos – como parceiro do Cemoroc – promove ciclos de conferências sobre DK, além de funcionar como um autêntico laboratório para algumas de nossas pesquisas acadêmicas sobre DK.

Jean Lauand (org)
fevereiro de 2019

INTRODUÇÃO GERAL

I - Os fundamentos da Teoria de David Keirsey

Jean Lauand¹
João Sérgio Lauand²

1. As bases de David Keirsey (DK)³

David Keirsey (1921-2013), um dos mais importantes psicólogos da atualidade, delineou sua teoria em dois livros principais – *Please Understand Me* (Keirsey, 1978) (em espanhol *Por favor, comprendéme* - 1990); e *Please Understand Me II - Temperament, Character, Intelligence* (Keirsey, 1988). DK traz uma alternativa própria para a famosa classificação tipológica de Myers-Briggs: MBTI.

Please Understand Me é seu livro fundamental, no qual apresenta os 4 temperamentos: SJ (guardian), SP (artisan), NF (idealist) e NT (racional). Cada um desses tipos admite 2 complementações (com o fator F/T ou J/P, conforme o caso, produzindo um total de 16 (sub)tipos (se associarmos o fator restante, do par E/I). Naturalmente, logo explicaremos o significado dessas letras.

Esse livro causou um profundo e duradouro impacto em todo o mundo e, traduzido em diversas línguas, já vendeu mais de 2 milhões e meio de exemplares⁴. *Please Understand Me II – Temperament, Character, Intelligence*, revê, amplia e aprofunda nos temas do vol. I. Também esse vol. II já atingiu marcas milionárias de vendagem. Outro indicador da difusão da obra de DK: a consulta ao Google, combinando “Keirsey” e “temperament”, indica 176.000 sites (em 01-02-19).

A proposta de Keirsey, à primeira vista, muito semelhante à de Myers-Briggs, acaba por identificar 16 tipos: 4 variantes para cada um dos 4 temperamentos (SJ, SP, NF, NT); esta sim a ênfase de DK: centrar seus estudos de personalidade na velha teoria dos temperamentos, naturalmente em versão totalmente renovada e atual.

DK retoma – a partir dos Tipos Psicológicos de Jung e das pesquisas de Isabel Myers (co-autora de *Please Understand Me*) – a doutrina dos 4 temperamentos da antiga Grécia. Embora DK se esforce por traçar paralelos com Hipócrates e Platão, há substanciais diferenças.

1. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

2. Doutor em Educação pela FEUSP.

3. Ao longo deste capítulo, aproveitamos alguns trechos de estudos anteriormente publicados.

4. O dado procede do site oficial de Keirsey: <http://www.keirsey.com/keirseybooks.aspx>. Acesso em 05-09-17.

Seja como for, o site oficial de Keirsey define:

Temperament is a configuration of observable personality traits, such as habits of communication, patterns of action, and sets of characteristic attitudes, values, and talents. It also encompasses personal needs, the kinds of contributions that individuals make in the workplace, and the roles they play in society. Dr. David Keirsey has identified mankind's four basic temperaments as the Artisan, the Guardian, the Rational, and the Idealist. Each temperament has its own unique qualities and shortcomings, strengths and challenges. What accounts for these differences? To use the idea of Temperament most effectively, it is important to understand that the four temperaments are not simply arbitrary collections of characteristics, but spring from an interaction of the two basic dimensions of human behavior: our communication and our action, our words and our deeds, or, simply, *what we say* and *what we do*⁵

A base da proposta de Myers-Briggs e da de DK são os pares de fatores apresentados por Jung em sua clássica obra *Tipos Psicológicos*, de 1921, mesmo ano em que nasceu DK.

Não é nosso propósito aqui detalhar a história desses fatores de Jung a Keirsey, mas, na perspectiva de um guia prático, simplesmente apresentar alguns subsídios que facilitem a identificação desses 4 pares de preferências (designados por E/I, S/N, F/T, J/P) para compreender os 4 temperamentos que resultam de particulares combinações desses elementos – SJ, SP, NF e NT – e, finalmente, os 16 tipos de sua teoria, que – guardadas as devidas distinções – coincidem com os de Myers-Briggs, embora haja diferenças de embasamento e tratamento teórico. Não entraremos nas discussões teóricas (por vezes intrincadas) nem nas diferenças de enfoque das duas “religiões”: Keirsey e MBTI (a distinta ênfase no par E/I; a base nos temperamentos etc.), mas procuraremos somente ajudar a identificar concretamente o material que constitui a “sopa de letrinhas” da teoria de Keirsey, atendo-nos apenas precisamente às letras abreviadoras, sem utilizarmos os nomes que Keirsey aplica a cada fator, temperamento ou tipo.

Cabem aqui duas observações prévias:

1. Ao contrário de DK, optamos por identificar fatores, temperamentos e tipos, por árido que isto possa parecer, somente por letras em vez de pelos nomes que DK associa a eles. Essa perspectiva parece-nos mais apropriada, pois esses nomes podem, frequentemente, mais desorientar o leitor do que ajudá-lo. Por exemplo, o par de preferências J/P; J de Julgamento e P de Percepção requereriam explicações, complicadas e (pelo menos) inúteis para o principiante.

A valiosa contribuição de DK não está em dar nomes para batizar os tipos (talvez uma tentativa de deixar sua marca nos estudos de tipos psicológicos): em nossas aulas, procuramos evitar esses nomes, pois podem antes, em alguma medida, confundir os alunos: por exemplo o *Champion* (ENFP) nos remete mais ao futebol do que a um El Cid ou cavaleiro medieval; e seria complicado assumir *Teacher* como o ENFJ, quando o próprio DK insiste em que a maioria dos *teachers* são SJ...

A grande contribuição de DK, parece-nos, está mais em agrupar os 16 tipos em torno a 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT. E na centralização do par S/N para a constituição dos temperamentos.

⁵ http://www.keirsey.com/4temps/overview_temperaments.asp. Acesso em 05-09-17.

2. Naturalmente, para um psicólogo, os *royalties* do uso de um *Sorter* são decisivos, mas preferimos propiciar o reconhecimento de cada tipo em uma abordagem discursiva, em diálogo com os alunos. O *Keirsej Temperament Sorter* não nos parece o meio mais adequado para identificação dos tipos: esse questionário apresenta vários pontos fracos e um em especial: a formulação de questões que identifiquem o fator N, no par S / N (**S**ensible x **iN**tuition), tanto mais que a oposição S / N é a central para a definição dos 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT. Na verdade, não se trata só de uma dificuldade do questionário, mas da dificuldade de compreensão da preferência N. Enquanto os fatores I/E; J/P e F/T são de relativa fácil compreensão, o par S/N pode levar a equívocos e sendo o primeiro passo para a caracterização dos tipos, pode comprometer toda a análise: qual o brasileiro, por mais S (sensato, realista, como veremos) que seja, não se considera “intuitivo”?

Não se trata só de tradução, mas o próprio teste de Keirsej nem sempre é claro: o que significa, por exemplo, a questão 31 do *Sorter*?

Children often do not
(a) Make themselves useful enough
(b) Exercise their fantasy enough

Ou ao ser perguntado:

65 – In stories do you prefer
(a) action and adventure
(b) fantasy and heroism

o entrevistado pode muito bem considerar “ação e aventura” como não incompatíveis com “heroísmo”...

2. Nota sobre a metodologia dos tipos

Também aqui não nos aventuraremos nos meandros das sutilezas teóricas dos tipos, do *Idealtypus* e da tipologia em geral.

Para já, baste-nos com reafirmar que o uso que faremos dessas preferências, temperamentos e tipos está sujeito às ressalvas metodológicas próprias de qualquer abordagem tipológica. Deve-se reconhecer sempre:

- seu caráter caricato (no sentido de “carregado”);
- a possibilidade de mistura de fatores opostos dentro de um mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida S e N ao mesmo tempo e não necessariamente um tipo puro S ou N);
- a neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um tipo não é “melhor” do que o outro).

E sobretudo não confundir o tipo com conceitos e menos ainda com a realidade etc. E ter em conta, sobretudo, que o tipo psicológico é só **um** fator para a compreensão do indivíduo; ao lado de tantos outros fatores: gênero, classe social, família (p. ex. pai tirano ou ausente), geração, classe social, substrato cultural etc. etc.

A própria linguagem comum já nos ensina algo sobre os tipos e previne contra sua absolutização: em espanhol, “*tipo* (ou *tío*)” é qualquer pessoa, equivalente ao nosso “cara”; afinal, ninguém é tão original que não se encaixe em algum tipo... Já a relativamente recente gíria “tipo” (ou “tipo assim”) indica imprecisão, inexatidão: “500 francos suíços, sei lá, acho que é tipo 300 ou 400 dólares”. “Tipo” serve também como eufemismo para o inautêntico ou *Ersatz*: um salame “tipo” italiano é **não** italiano, mas de Pirituba mesmo. E a “baiana típica” não existe senão para marcar presença em banca de acarajé ou para figurar em selfies de turistas...

3 “Átomos” e “Moléculas” em Keirsey

Parece-nos que o melhor modo de apresentar a visão keirseyana de temperamento é por meio de uma comparação: o temperamento será basicamente uma “molécula”, uma composição – em nível original e superior – da união de dois “átomos” de preferências básicas.

Para DK os temperamentos se configuram, assim, como quatro possíveis combinações, aliás assimétricas.

Começa-se indagando se a pessoa tem uma preferência S ou N (Sensible ou iNtuition): S – para adiantarmos um pouco do estudo em II – é a preferência por fatos, o realismo dos fatos, “pé no chão”, sem contemplações, sem devaneios: achar que os fatos falam por si. Já o N volta-se para as possibilidades, o futuro. Ou no dizer de M. L. Ramos da Silva:

Enquanto a pessoa realista e sensata (S) é geralmente prática, não tolera falta de bom senso e é cuidadosa na observação dos detalhes, a pessoa intuitiva é geralmente inovativa, utiliza metáforas, imagens vívidas, convive com devaneios e desfruta a fantasia e a ficção. A pessoa que se caracteriza pela sensatez acredita nos fatos, lembra-se deles, aprende com a experiência e, quando conversa e interage com outras pessoas, está basicamente interessada em suas experiências, em suas histórias de vida. Para a pessoa intuitiva, que Keirsey/Bates denominam com a letra N (2ª. letra da palavra intuição) para não a confundir com a letra I, de introversão, o possível está sempre diante dela, excitando-a e atraindo sua imaginação, pois, para ela, a vida é repleta de possibilidades. Por essa razão, trabalha principalmente no tempo futuro e com ideias complexas, procurando organizá-las num todo harmônico. Essas visões e intuições podem manifestar-se em qualquer âmbito do conhecimento, como na filosofia, nas artes e na vida social. A pessoa realista também possui intuições, mas como não lhes dá muita importância, ignorando-as e não confiando nelas, estas acabam por ficar estáticas e paralisadas. Por outro lado, a pessoa intuitiva, como tende a ignorar a realidade, acaba perdendo contato com o ambiente que a cerca. O intuitivo vive na antecipação: tudo o que é, é percebido apenas como um ponto de referência e, por essa razão, experimenta frequentemente uma vaga sensação de insatisfação e de inquietude, aborrecido com a realidade presente, já que está sempre voltado para as possibilidades de mudança ou de aperfeiçoamento do real. Consequentemente, pode passar de uma atividade a outra sem terminar nenhuma delas. Para a pessoa realista, o intuitivo se configura como uma pessoa inconstante, “voadora”. A pessoa S configura-se para o intuitivo como exasperantemente lenta em perceber as possibilidades do amanhã, muito “pés no chão” (...) Finalmente, enquanto a pessoa realista valoriza a experiência, a sabedoria do passado e é essencialmente prática, a pessoa intuitiva valoriza a intuição, a visão de futuro, é mais especulativa e voltada para a inspiração do momento (...) as palavras-chave que caracterizam a pessoa intuitiva são: possível, fantasia, ficção, imaginação⁶.

⁶ Silva, Maria de Lourdes Ramos da: *Personalidade e Escolha Profissional – subsídios de Keirsey e Bates para a orientação Vocacional*, São Paulo, EPU, 1992, pp. 39-40.

Uma vez estabelecida essa primeira distinção (S/N), se a preferência for S, o tipo de temperamento se complementa com a união com um dos dois átomos da oposição P/J. Assim, temos já dois dos quatro possíveis temperamentos: SP e SJ.

P, também antecipando, é a preferência por situações abertas; já a preferência J é pela decisão tomada, procedimentos bem-ordenados, com normas estabelecidas etc.

Se a preferência for N, a complementação – como dizíamos, assimétrica – dar-se-á com algum dos “átomos” do par F/T, respectivamente, a preferência pela abordagem pessoal e sensível (F de *Feeling*) em oposição à abordagem fria e “objetiva” (T de *Thinking*).

Com a combinação desses 4 temperamentos com as preferências I/E e o outro par surgirão 16 (sub) tipos (ou, em outras análises de Keirsey, que desconsideram o par E/I, 8 (sub)tipos).

II - Os elementos fundamentais E/I; S/N; J/P; F/T

Jean Lauand

1. O par E/I (Extroversão / Introversão)

Na perspectiva de um “guia prático”, à margem dos detalhes técnicos da caracterização dessas preferências e resumindo ao máximo, o tipo E recarrega suas baterias de energia interior na interação com os outros; já o I (que não deve ser confundido com “o tímido”) se desgasta rapidamente ao interagir com “*la gente*”, com muitas pessoas e desconhecidas (Keirsey 1984, p. 14). Sendo E a preferência da imensa maioria das pessoas (cerca de 80%), os padrões sociais de convivência consolidam essa tendência, dificultando ainda mais as coisas para a minoria I, sobretudo no Brasil, de acentuada *vigência* (para usar o clássico conceito de Ortega y Gasset) E: cf. p. ex.: (LAUAND, Jean 2013) e (LAUAND, Jean 2004).

Ninguém melhor do que Julián Marías (1998) para recordar-nos o significado e o alcance das vigências em nossa vida:

A sociedade exerce uma grande pressão. Em alguns sentidos trata-se de uma pressão difusa: é a pressão que exercem as vigências, os usos sociais, que de certo modo configuram nossa vida e tiram-lhe a espontaneidade, tiram-lhe uma certa autonomia, ao mesmo tempo que a regulam e lhe propiciam facilidades. É evidente que a sociedade me dá já prontas muitas soluções para problemas como por exemplo o que se deve vestir. Se cada vez eu tivesse que inventar a roupa que vou usar, isso seria bastante complicado, daria muito trabalho..., mas há um uso social, as pessoas se vestem de certo modo: para os homens, por exemplo, a escolha é muito limitada (sei lá, alguém pode querer usar um paletó listrado, com botões na manga...; noutros casos, há mais margem de escolha..., mas, enfim, há um padrão geral).

Há, também, por exemplo, usos alimentícios, que são muito importantes: não inventamos o que vamos comer no café da manhã, cada país já tem o seu desjejum habitual, em cada sociedade existe um uso habitual que estabelece o que se come na

refeição matinal. Eu me lembro, por exemplo, que nos Estados Unidos é muito frequente comer ovos no *breakfast* - eu os comia e me parecia ótimo. Mas era difícil conseguir ovos na hora do almoço ou do jantar, não era comum, porque não era costume: em geral as pessoas comiam os ovos de manhã, no desjejum. Se em algum lugar qualquer da Espanha alguém pedir sardinhas para o café-da-manhã... terá certamente problemas; agora, se quiser um café com leite ou algo parecido, então será muito mais fácil... Portanto, isso que por um lado automatiza a vida, por outro, a facilita. Trata-se de uma pressão, repito, ambiental, difusa, mas que condiciona os modos de vida.

Pense-se, por exemplo, na tortura que são para o I as vigências que regulam as festas e reuniões, em sua existência, faixa de duração, grau de exposição social etc. Existência. O I se pergunta: onde é que está escrito que deva haver, por exemplo, (ao menos no formato vigente) festas de formatura?! (E as há não só para a conclusão de curso superior, mas também para ensino médio e fundamental e, mais recentemente, até de educação infantil!). Por mais que se esforce, o I não consegue encontrar um único argumento racional que justifique a existência dessas festas (em todo caso, que durassem no máximo meia hora), com os sacrifícios que ela costuma trazer consigo: não só a dificuldade de deslocar-se, estacionar, passar horas aguentando intermináveis discursos e as breguices dos mestres de cerimônia contratados, as brincadeiras tolas dos formandos... Tudo isto para depois entrar na fila da felicitação e no final da cerimônia, ir comer uma pizza⁷ com a família do novo graduado etc. Mas é a vigência. Vigência que vige e obriga a arrumar uma boa desculpa - se queremos preservar a amizade - para poder escapar.

Vigência que se fortalece e se estende impondo o comparecimento a celebrações de parentes não tão próximos e mesmo a meros conhecidos. Em vão o I tentará defender sua fobia diante da pressão da autoridade do cônjuge, ou dos pais (ou filhos...) etc.; autoridade avalizada pela vigência das reuniões sociais.

O quadro se mostra mais grave quando lembramos o dado de Keirsey: I costuma casar com E... E se o I for criança, é muito frequente que tenha pai e mãe E... É oportuno registrar, desde já, que o I não tem nada contra as festas ou reuniões em si, tomadas de modo puramente abstrato: se os E gostam dessas reuniões, que as organizem e façam bom proveito... Mas, nas formatações vigentes, pelo amor de Deus: "me poupe", "me risca" "me inclui fora dessa", "deixem-me em paz!".

O mesmo sofrimento atormenta o I no fim do ano: a vigência de ter de externar desejos de boas festas para uma multidão de parentes, colegas, vizinhos e profissionais que saem do anonimato nessa época. Em períodos normais, o I defende-se, ou tenta se defender por meio de todo um complexo sistema de "sensores" e "rada-res" pessoais, que o leva a esquivar-se de cruzar com as multidões (tenha-se em conta que, em alguns casos, duas ou três pessoas - ou até uma só - são, para ele, multidão): ele não se importa por exemplo de chegar ao trabalho antes da massa dos colegas ou de entrar por portas menos frequentadas, tomar o cafezinho mais frio, mas longe da multidão, etc. tudo para subtrair-se à "social", que, para os outros, é fonte de prazer.

Não que o I não se importe com os colegas; talvez até nutra por eles uma solicitude e um afeto mais profundos do que o dos E; afeto cultivado no recolhimento de sua personalidade. Mas uma coisa é gostar das pessoas; e outra, muito diferente, é ter de ficar indagando (e sendo indagado...) por assuntos de caráter privado ou que não interessam (ou não deviam interessar) senão à esfera pessoal de cada um. Sua territorialidade. Claro que ele fica contente em saber,

⁷. Aliás, a própria pizza, já é algo que puxa para a extroversão. Uma pizza (pelo menos as paulistanas), em geral, requer ao menos três pessoas para consumi-la.

digamos, que o colega descansou no carnaval e passou dias maravilhosos na pousada tal; e agradecerá sinceramente a dica de viagem etc. Mas daí a ter de ficar percorrendo todas as fotos do celular ou respondendo a interrogatório sobre onde ele mesmo passou esses dias (e com quem, saiu fantasiado do quê etc.), há anos luz de distância.

Mas voltemos às festas de fim de ano. Quando chega o fim do ano, a vigência da forma da festa de Natal, obrigá-lo-á a aguentar toda a parentada (de primeiro, segundo e terceiro graus) além de ter de interagir com desconhecidos que passaram a integrar o clã (o marido da prima Fulana, a namorada de Sicrano etc.). Isso para não falar de clãs que se estendem para as colônias do país de origem dos avós, grupos de oração, a turma do jogo de bocha etc.

As vigências de duração. Quinze minutos ou meia hora de permanência numa festa seria o que o I naturalmente poderia suportar, mas ele pode se sujeitar a ficar mais tempo porque seria extremamente trabalhoso inventar desculpas e tentar sair antes das duas ou três horas "normais", o mínimo permitido pela vigência... A tentativa de justificar a saída "precoce" poderia até causar penosos dissabores para o I: o E dono da festa poderia vingar-se denunciando em altas vozes a tentativa de fuga e expondo ainda mais o I.

É evidente que um Amyr Klink, capaz de passar um ano sozinho em sua embarcação, ou um João Gilberto, outro proverbial I, estão no extremo oposto dos E de carteirinha, como, digamos, uma Hebe Camargo, que se energizam precisamente na sociabilidade.

2. O par S/N

Keirse (1984, p. 16 e ss.) distingue a preferência S (de *Sensible*, c. 80% da população), que quer fatos, liga-se aos fatos, confia nos fatos, recorda-se dos fatos. É a preferência de quem crê na experiência e conhece por meio da experiência (a história como mestra), tanto pessoal como coletiva. Os pés no chão. Já a preferência N (de *iNtuition*), foca no futuro, nas possibilidades.

Recordemos que o S (de *sensible*) não significa "sensível", mas realista, *realistão*, pés no chão, a pessoa que "se liga" mais nos fatos em si, pés no chão, arroz e feijão, o sentido comum; enquanto para o N, os fatos convidam para uma interpretação mais ampla, para o abstrato, para as possibilidades, para o futuro. Seja para a estruturação lógica, tecnológica, científica (NT) ou para o significado humano (NF), para além dos fatos, antecipando já um pouco os temperamentos.

Vamos aos exemplos, um tanto caricatos. Quando éramos crianças, a avó dividiu uma barra de chocolate entre dois netinhos. Um deles reclamou: "- Ô vó, a metade dele é maior". E o priminho N (NT), que não era parte interessada naquela partilha, reagiu mostrando seu precoce rigor lógico: "- Se são metades, são iguais. Em todo caso, a *parte* dele é maior, mas metades são sempre iguais".

Outro priminho, acentuadamente N (NF) ao ouvir a canção infantil da época: "Criança feliz, feliz a cantar, alegre a embalar seu sonho infantil / Ó meu bom Jesus, que a todos conduz, olhai as crianças do nosso Brasil", indagou: "- Por que só do Brasil? Jesus não olha as crianças de outros países? Todas as crianças não têm os mesmos direitos?"

Outro exemplo caricato. Começa a chover. O NT talvez considere que não dominamos totalmente a meteorologia e fique se indagando quais são os fatores, as variáveis que intervêm nos fenômenos climáticos e fique concentrado em imaginar as equações que poderiam dar conta desse fenômeno e, também talvez, as possibilidades de aplicação de resultados para a agricultura etc.. O NF pode mergulhar em considerações nostálgicas sobre a infância distante ou em amores perdidos ou ficar pensando no caráter ambivalente da chuva - um bem para a humanidade, mas ao mesmo tempo um estorvo - e tomar a chuva como uma metáfora para os relacionamentos

humanos... O SP, com um forte lado lúdico, pode se sentir convidado a brincar na chuva. E o SJ, com seu sentido de dever, é quem vai tirar a roupa do varal.

Enquanto os S preferem uma linguagem direta, concreta e denotativa, os N sentem-se mais à vontade expressando-se por metáforas; especialmente os NF (não esqueçamos que F é de *feeling*: sentimento) apreciam metáforas para expressar os sentimentos humanos; habitam o simbólico não os fatos. O próprio DK (1988, p. 120) exemplifica com a poeta Emily Dickinson:

Exultação é ir-se a alma

Do interior para o mar,
Passando casas – promontórios
– Até a vasta Eternidade –
Como nós, dentre montanhas,
Pode o marujo entender
A divina embriaguez
Que é o desligar-se da terra
Pela primeira vez?
(http://www.emilycecilia.com.br/fontes_new/poemas_ed_traduzidos_lucia.htm)

Tudo isto é *nonsense* do ponto de vista S, fator de realismo dos fatos. Vejamos o olhar NF da poeta Adélia Prado (1991 p.199), para algo extremamente material, a pedra:

De vez em quando Deus me tira a poesia
Olho pedra e vejo pedra mesmo.

Já para os S é difícil compreender que só “por exceção” a pedra seja pedra... Jean Anouilh joga com a oposição S x N na peça “A Cotovia”. Nela a jovem Joana D’Arc, que Keirse apresenta como protótipo dos INFP – o idealista entre os idealistas (1990, p. 201), naturalmente o tipo mais apropriado para experiências místicas – ouve vozes que a convocam a salvar a França. Seu pai, na peça radicalmente S, reage espancando-a e proferindo a sentença que se tornou proverbial na oposição S x N: “*Sauver la France? Sauver la France? Et qui gardera mes vaches pendant ce temps-là?*”

Nessa mesma linha de confronto NF x S, recordo um caso (uma piada ou talvez *una anécdota*, nunca esclareci se ocorreu realmente) que me foi contada, há mais de trinta anos, por um ilustre pesquisador, sábio beneditino, ISTJ, S ao extremo:

Uma vez “fui”⁸ celebrar missa para freiras jovens, neuróticas, e fiquei para almoçar:
– Irmã, poderia passar o pão?
– O pão... o trigo que se encontrava disperso pelo campo e que se deixou triturar, morrer para si mesmo, para transformar-se em pão que se dá em comunhão para os irmãos...!
– (dá de ombros em perplexidade) – Irmã, poderia passar o vinho?
– O vinho... que representa o sangue do Cordeiro (...)!
(O azeite... bálsamo da unção do Messias...)
– Aí eu aponte para uma berinjela e quase falei: - Irmã, poderia me passar o saco do São Benedito?

⁸. No ambiente piadista, a primeira pessoa faz parte do recurso lúdico de dar realismo: o narrador, Dom João Mehlmann, monge exemplar, seria incapaz de qualquer grosseria ou atitude minimamente indecorosa. Mas, como diz Keirse, um ISTJ, se se encontra só com homens amigos pode permitir-se “expressar-se de modo distinto do que o que usa normalmente” (1990, p. 218).

A mesma “complicação” N, em torno de uma prosaica pedra, dá-se no famoso poema de Drummond. Ou com a pedra de Sartre. De repente, como no início do romance *A náusea*, olhamos uma pedra (e é a milionésima vez que vemos uma pedra e esta nada tem de especial) e, sem saber o porquê, ela é princípio de um processo de abalo existencial que beira os 9 pontos Richter. É o que se dá na vida do personagem Antoine Roquentin:

Sábado, uns garotos estavam a atirar pedrinhas ao mar para as fazer saltar de ricochete, e pretendia tirar uma como eles. Nesse momento detive-me, deixei cair a pedra e fui-me embora. Devia ir com uns ares de trans-viado, com certeza, porque os garotos desataram a rir quando voltei as costas. Isto, quanto ao exterior. O que se passou em mim não deixou traços claros. Havia qualquer coisa que vi e que me repugnou, mas já não sei se estava a olhar para o mar ou para a pedra. A pedra era chata; dum lado estava inteiramente seca, úmida e enlodada do outro. Tinha-a agarrado pelas beiras, com os dedos muito afastados, para não me sujar. (SARTRE, 2005 s/p).

3. As preferências: F x T

As preferências F / T, apresentadas também de modo maximamente reduzido, referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, a abordagem emotiva e pessoal em contraposição a uma preferência T (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal: o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.

Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”.

Esse fator F perpassa todos os aspectos da conduta do brasileiro (tipicamente ESFP), como é o caso da vivência do tempo. A tese de Gilberto Freyre em: *O brasileiro entre os outros hispanos*: “O hispano pode vir a ser o mestre de uma sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impontualidade e de lentidão” é vista por Julián Marías como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua. (*Hispanoamerica*, Madri, Alianza, 1986, p. 350). Marías exemplifica com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que diversas vezes fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga.

Um caso emblemático desse fator F do brasileiro é uma das mais surpreendentes e encantadoras singularidades nossas: o Brasil é o único país do mundo que mudou a palavra

“lepra”, carregada de estigmas, para “hanseníase”. Há na linguagem até um depreciativo moral associado à lepra, “lazarento”, significando entre idiota e sacana: “Quem foi o lazarento que postou a mensagem contando o final do filme?”.

O Brasil é o único país do mundo que fez a mudança de nome de lepra para hanseníase, em 1976. A medida veio com o objetivo de diminuir o estigma milenar associado à doença. Em sua experiência no consultório, a dermatologista e professora da Faculdade de Medicina da UFRJ Maria Leide de Oliveira ressaltava que muitas pessoas enxergam a doença como uma praga divina - a lepra é a doença mais citada na Bíblia. (Câmara Notícias, 2012 www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html)

É a sensibilidade, o cuidado para com a pessoa que levou a linguagem F brasileira a alterar para AIDS a sigla de outra estigmatizadora doença: a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (“SIDA”), para evitar o constrangimento de inúmeras brasileiras de apelido Cida...

No caso da lepra, a citada Dra. Maria Leide de Oliveira aponta as disfunções da ternura eufemística brasileira:

Ela avalia que a mudança de nome não foi acompanhada por suficientes campanhas de esclarecimento. “Lepra é aquela doença que não tinha cura, terrível, todas as pessoas ficavam com deformidades, altamente contagiosa. Hanseníase não, hanseníase é uma doença simples, não precisa se preocupar, tem tratamento e cura, então talvez a gente tenha banalizado muito a hanseníase”, avalia a médica. Para Maria Leide, é preciso chegar a um equilíbrio: não gerar pânico sobre a doença e ao mesmo tempo destacar que é preciso estar atento, pois existe o risco de adoecer. (Câmara Notícias, 2012 <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html>)

Evidentemente para a vida e para o convívio social em geral são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

4. O par J/P

Keirsey (1984, p. 22 e ss.) distingue resumidamente a preferência J (de *Judging*) da preferência P (de *Perceiving*), indicando que aqueles preferem a conclusão e a resolução de um assunto; enquanto estes preferem manter opções abertas e fluidas.

Curiosamente, o cineasta Michael Moore associa implicitamente o par J/P a preferências políticas. Pouco antes das eleições, ele gravou um stand up - Moore in Trumpland - na

cidadezinha de Wilmington, reduto republicano, com 90% de eleitores de Trump (predominantemente J). Dirigindo-se a eles, disse:

You know, these Trump voters, my friends, are going to be up 5:00 in the morning on Election Day. They're up at 5:00 in the morning a lot. The only time we see 5:00 in the morning is when we've been up partying all night. That's – that's 5:00 in the morning. Yeah, right.

Come on, everybody in here has got a conservative in the family, right? Many of you brought that person with you here tonight – a brother, a father, an uncle, a brother-in-law, a sister – not a sister, I know. I just threw that in there. And they are the organized one in the family. They never lose their car keys. The conservative – they've got little hooks in the – by the back door, with a label on each hook. That's my beamer (BMW) key. That's my F-150 key. That's the key for the car Matthew McConaughey drives. Our side, we're like – this is how we – this is how we sound. This is how we sound: "So, uh, where do you want to go eat tonight?" "I don't care. Where do you want to go?" "I don't know, wherever you want to go." "No, no, no, no, you picked last time." "No, I – seriously, wherever you want." This is like – this is like – the conservatives, they're like, "Get in the car! We're going to Outback! Get in there!" Decisive! Organized! Disciplined! You've got to admire that about them.

Naturalmente, a preferência J conecta com um aspecto externo que prefere a arrumação e a ordem: horários, datas, planejamento etc. enquanto o P propende mais ao “deixa a vida me levar”...

5. Nota antecipando os quatro temperamentos: SP, SJ, NF e NT

Nunca é demais insistir em que os temperamentos são neutros do ponto de vista ético: pode-se ser santo ou safado sendo qualquer um deles: o paladino mundial da paz Sérgio Vieira de Mello era tanto ESTP quanto Donald Trump...

Os SP, tipicamente falando, são movidos a ação e impulso (para eles é dirigido o slogan da Nike “Just do it!”), são lúdicos, hedonistas e focados no “aqui e agora” (“carpe diem” ou a canção “Paradise is here” de Tina Turner, com seu refrão “Right now!”). Em geral, tendem ao otimismo. Na disfunção, são os irresponsáveis e imaturos.

Os SJ, tipicamente falando, são movidos a dever e responsabilidade. Confiam na experiência (o que lhes dá também uma tendência ao pessimismo: se Vasco da Gama é SP – navegar é preciso – o velho do Restelo é SJ, com seu saber de experiências feito). Prezam as tradições e as instituições, que transmitem às novas gerações os valores para o bom funcionamento da sociedade. Na disfunção, são os engessados e inflexíveis guardiães de regras.

O NF anseia por encontrar o (enigmático) sentido humano e do seu self, como na canção “Eu caçador de mim” de Milton Nascimento.

Já o frio NT, como vimos anteriormente, procura as possibilidades racionais e tecnológicas oferecidas pela realidade. Em um quadrinho absolutamente genial revela-se o *deep down* de Tio Patinhas (típico ENTJ). Patinhas visita os túmulos de seus antepassados e manifesta que o dinheiro não é a última razão de sua vida, mas sim o percorrer o mundo para explorar as

possibilidades que desafiam a inteligência (a pedra de Adélia pode esconder todo um império de recursos de petróleo; uma bela paisagem pode sugerir uma incorporação imobiliária etc.)

A seguir, apresentaremos, a partir do site de DK, os 4 temperamentos e cada um dos 16 tipos de Keirsey.

III - Os 4 temperamentos (SJ, SP, NF e NT)

(em <http://www.keirsey.com/> - trad. Michel Nahas Filho)

1. Retrato do tipo SJ (*Guardian*)

Os SJ são as pedras angulares da sociedade, porque eles têm o temperamento que possuem aqueles que preservam e servem às instituições mais importantes de nossa sociedade. Os SJ tem um talento natural em administrar bens e serviços – da supervisão à manutenção e fornecimento – usando todas as suas habilidades para manter as coisas e procedimentos funcionando sem atritos e dificuldades em suas famílias, comunidades, escolas, igrejas, hospitais e negócios.

Todos os [4 tipos] SJ compartilham as seguintes características principais:

- orgulham-se em serem confiáveis, auxiliares, e trabalhadores.
- são companheiros fiéis, pais responsáveis, e líderes que trazem estabilização.
- tendem a ser conscientes de seus deveres, cautelosos, humildes, e focados em tradições e autoridades.
- valorizam a cidadania, confiam nas autoridades, juntam-se a grupos, procuram segurança, valorizam a gratidão, e sonham em propagar e encontrar justiça.

Os SJ podem se divertir muito com seus amigos, mas são muito sérios em seus deveres e responsabilidades.

Orgulham-se de serem confiáveis e pessoas em quem se pode acreditar: se há um trabalho a ser feito, querem que se conte com eles para arregaçar as mangas e meter a mão na massa.

SJ também acreditam na lei e na ordem, e às vezes se preocupam com a perda do respeito pelas autoridades, e que até o próprio senso do que é certo ou errado esteja sendo perdido. Provavelmente é por isso que respeitam costumes e tradições tão intensamente, pois acreditam que estes são padrões familiares a todos que ajudam a trazer estabilidade a esse mundo moderno e acelerado em suas mudanças.

Práticos e com o pé no chão, os SJ acreditam em seguir as regras e cooperar com os outros. Eles não se sentem confortáveis em “viajar” em seus pensamentos ou empreender novas rotas: trabalhar continuamente dentro do sistema é o seu método, porque a longo prazo fidelidade, disciplina, e trabalho em equipe traz resultados e assegura um trabalho feito corretamente. São meticulosos quanto a suas programações e têm um olhar aguçado quanto aos procedimentos corretos. São cautelosos em relação a mudanças, embora sejam conscientes que mudanças podem

ser saudáveis para uma instituição. É melhor ir devagar, eles dizem, e olhar bem antes de dar um salto. Os SJ perfazem de 40 a 45 por cento da população, o que é uma boa coisa, porque no final eles acabam fazendo todos os trabalhos indispensáveis, e normalmente não reconhecidos, com que o resto da população conta, mesmo que nem notem.

2. Retrato do tipo SP (*Artisan*)

Os SP são do tipo de temperamento com capacidade natural para sobressair em qualquer arte [Keirseey os denomina *Artisans*], entretanto não só em belas artes (*fine arts*) como pintura e escultura, mas também nas artes de performance, como música, teatro ou dança, mas ainda nas “artes”: atlética, militar, política, mecânica e industrial, bem como na “arte” dos negócios.

Todos os [4 tipos] SP compartilham as seguintes características principais:

- tendem a ser amantes do divertimento, otimistas, realistas e focados no aqui e agora.
- se orgulham em serem não-convencionais, corajosos, e espontâneos.
- são cônjuges brincalhões, pais criativos e líderes que “apagam incêndios”.
- são excitantes, confiam em seus impulsos, querem impactar, procuram estímulos, valorizam a liberdade e sonham em dominar habilidades de ação.

Os SP estão à vontade com o mundo real de objetos sólidos que podem ser criados e manipulados, bem como em eventos “da vida real” que podem ser vividos aqui e agora. Os SP têm os sentidos muito aguçados e adoram trabalhos manuais. Eles estão confortáveis usando instrumentos e ferramentas, veículos de todos os tipos, e suas ações são normalmente dirigidas a levá-los aonde eles desejam ir, tão rapidamente quanto possível. Assim, são capazes de corajosamente tomarem caminhos que os outros podem achar exageradamente arriscados ou mesmo impossíveis, fazendo o que for necessário, seguindo regras, ou não, para atingirem seus objetivos. Esta atitude de “meter as caras” também dá aos SP um ar de vencedores e são considerados irresistivelmente charmosos com a família, amigos e colegas de trabalho.

Os SP querem estar onde a “ação” está; eles procuram aventuras e mostram uma “fome” constante por prazer e agitação. Eles acreditam que variedade é o tempero da vida e que fazer coisas que não são divertidas ou excitantes é um desperdício de tempo. São impulsivos, adaptáveis, competitivos e acreditam que o próximo lançar de dados será a jogada sortuda. Eles também podem ser generosos com os defeitos das pessoas, e estão sempre prontos a dividir com seus amigos as bênçãos da vida. Acima de tudo, os SP precisam estar livres para fazerem o que desejam, quando eles desejam. Eles resistem a serem “amarrados” ou presos, confinados ou obrigados a fazerem algo. Eles preferem não esperar, não economizar, poupar ou viver para o amanhã. Na sua visão, o hoje deve ser aproveitado porque o amanhã... nunca chegará!

Existem muitos SP, talvez 30 ou 35 por cento da população, o que é bom, porque eles criam muito do belo, da graça da excitação que o resto de nós aproveitamos.

3. Retrato do tipo NF (*Idealist*)

Os NF, como temperamento, são apaixonadamente preocupados com crescimento e desenvolvimento pessoal. Empenham-se em descobrir quem eles são e como podem se tornar o melhor que eles podem ser - esta constante busca pelo auto conhecimento e auto desenvolvimento impulsiona sua

imaginação. E eles querem ajudar os outros a fazer esta mesma jornada. Os NF são naturalmente atraídos para trabalhar com pessoas, seja em educação ou aconselhamento, nos serviços sociais ou na área de recursos humanos, em jornalismo ou ministério. Eles são dotados em ajudar outros a achar seus caminhos na vida, frequentemente inspirando-os a crescer como indivíduos e a realizar seu potencial.

Todos os [4 tipos] NF compartilham as seguintes características principais:

- são entusiásticos, confiam em sua intuição, anseiam por romance, procuram seu “eu” verdadeiro, valorizam relações significativas, e sonham em atingir sabedoria.
- orgulham-se em serem amorosos, de bom coração e autênticos.
- tendem a ser dadivosos, confiáveis, espirituais, e estão focados em jornadas pessoais e potenciais humanos.
- são companheiros intensos, pais estimulantes, e líderes que inspiram outros.

Os NF “têm certeza” de que uma cooperação amigável é o melhor método para as pessoas atingirem seus objetivos. Conflito e confrontação os transtornam porque colocam barreiras de ira entre as pessoas.

Sonham em criar relações pessoais carinhosas e harmoniosas e têm um talento especial em ajudar as pessoas a se relacionarem bem uns com os outros e a trabalhar juntos para o bem de todos. Esta harmonia interpessoal pode ser vista como um ideal romântico, mas, afinal, os NF são românticos incuráveis que preferem focar no que poderia ser, em lugar da realidade de fato.

O mundo real, o mundo prático, para os NF, é tão somente um ponto de partida; eles acreditam que a vida é cheia de possibilidades à espera de serem realizadas, enriquecida de sentidos clamando para serem compreendidos. Esta noção de uma dimensão mística ou espiritual da vida, não visível, ou não ainda realizada que só pode ser conhecida através da intuição, ou de um “salto de fé”, é muito mais importante para os NF do que o mundo de coisas materiais.

Altamente éticos em suas ações os NF se mantêm em um padrão rígido de integridade pessoal. Eles precisam ser verdadeiros, para si mesmos e para os outros, e por isso podem ser bem duros consigo mesmos quando são desonestos, ou falsos, ou insinceros. Mais frequentemente, no entanto, são a própria essência da gentileza. Particularmente em suas relações pessoais, os NF são indubitavelmente cheios de amor e boa vontade. Acreditam em se doar para ajudar aos outros. Eles cultivam poucas amizades, mas calorosas e significativas. Eles buscam uma comunicação/re-lação especial com seus filhos; no casamento eles procuram pela “alma gêmea”, alguém com quem eles podem conectar-se emocional e espiritualmente, compartilhando seus mais profundos sentimentos e seus complexos mundos interiores.

Os NF são relativamente raros, compondo não mais de 15 a 20 por cento da população. No entanto sua habilidade de inspirar pessoas com seu entusiasmo e seu idealismo, tem provocado uma influência muito além de seus números.

4. Retrato do tipo NT (*Rational*)

Os NT têm o temperamento voltado a resolver problemas, principalmente se o problema tem a ver com sistemas complexos que compõe o mundo à nossa volta. NT atacam problemas em sistemas orgânicos (como plantas e animais) ou em sistemas mecânicos (como ferrovias e computadores), ou mesmo em sistemas sociais (como famílias, empresas ou governos). Mas qualquer que seja o sistema que desperta sua curiosidade, os NT irão analisá-los a fim de entender como eles funcionam, com o objetivo de fazê-los funcionar ainda melhor.

Todos os [4 tipos] NT compartilham as seguintes características principais:

- Tendem a ser pragmáticos, céticos, autônomos, e focados em resolução de problemas e análise de sistemas.
- Orgulham-se de ser engenhosos, independentes, e determinados.
- São cônjuges razoáveis⁹, pais individualizadores e líderes estratégicos.
- são ponderados, confiam na lógica, anseiam por realizações, procuram conhecimento, apreciam a tecnologia e sonham em entender como o mundo funciona.

Ao trabalhar com problemas, os NT tentam achar soluções que tenham aplicações no mundo real, mas estão ainda mais interessados nos conceitos abstratos envolvidos no problema, nos princípios fundamentais ou leis naturais subjacentes ao caso em análise. Eles são absolutamente pragmáticos sobre os caminhos e meios para atingir seus fins. Os NT não se preocupam em ser politicamente corretos. Eles estão interessados nas soluções mais eficientes possíveis, e ouvirão a qualquer um que tenha algo de útil para ensiná-los, enquanto ignoram qualquer autoridade ou procedimento habitual que desperdice tempo e recursos.

Os NT têm uma fome insaciável de alcançar seus objetivos e trabalharão sem descanso em qualquer projeto a que dedicarem suas mentes. Eles são rigorosamente lógicos e implacavelmente independentes quanto a seu pensamento – são de fato céticos em relação a quaisquer ideias pré-concebidas, inclusive as suas próprias – e acreditam que podem superar qualquer obstáculo com sua força de vontade. Frequentemente são vistos como frios e distantes, mas isso na realidade reflete a concentração em que estão absorvidos ao atacar o problema em que estão trabalhando. Seja projetando um arranha céu ou um experimento, desenvolvendo uma teoria ou a tecnologia de um protótipo, construindo uma aeronave, uma corporação, ou uma aliança estratégica, os NT valorizam a inteligência, em si mesmos e nos outros; eles se orgulham da engenhosidade com que contribuem para a resolução de problemas.

Os NT são bastante raros, constituindo os poucos 5 a 10 por cento da população. No entanto por sua atração e entusiasmo em destravar os segredos da natureza, e em desenvolver novas tecnologias, eles fizeram e fazem muito em termos de moldar o mundo em que vivemos.

IV – Os 16 tipos

1. Os quatro tipos SJ

(em <http://www.keirsey.com/> trad. Jean Lauand)

1.1 ESTJ (*Supervisor*)

≥ 10 % da pop. Altamente ligado em instituições que estruturam a vida social e da comunidade: muitos ESTJ assumem cargos de responsabilidade na escola, igreja, associações de bairro, profissionais, cívicas... São generosos com seu tempo e energias e frequentemente pertencem a (e lideram) clubes de serviço, associações de ex-alunos etc. Valorizam hierarquias e cooperam com os superiores (e esperam cooperação dos subordinados); a hierarquia tem seus deveres (e também seus privilégios). Sentem-se à vontade em organizar esquemas, agendas, inventários de dados (às quais SP são avessos) e preferem fazer

⁹ *Reasonable*, aqui, obviamente, não no sentido de medianos, mas como quando se fala em “chefe razoável”, “sargento razoável” ou “nutricionista razoável”, que se pauta pelo razoável (não esqueçamos que Keirsey dá aos NT o nome *rationals*).

as coisas pelo “caminho das pedras”, por modos já avalizados pela experiência em vez de arriscar novos modos ou improvisação: são pés no chão, arroz-feijão, “time que está ganhando, não mexe”... e também esperam isso dos que estão sob sua “supervisão”: empregados, alunos, cônjuge, filhos. Sentem-se à vontade como avaliadores e, ao avaliar, tendem a julgar em termos do envolvimento da pessoa com os padrões e procedimentos estabelecidos. Têm uma enorme capacidade de trabalho, já manifesta desde a infância (na escola, por ex.) e respeitam os pais como figuras de autoridade. Desde crianças, costumam ser os alunos modelo, responsáveis para com os professores, fazem todo o dever de casa pontualmente. Certinhos, fazem o que se espera deles, raramente questionam os professores, métodos de ensino, padrões e autoridades. E também na vida adulta com o trabalho e a família. Os ESTJ enfocam as relações humanas em bases tradicionais. Casamento e paternidade são sagrados, tendem a ter um amplo e duradouro círculo de amigos. Reuniões e cerimônias sociais têm muito significado para eles e aguardam com expectativa formaturas, casamentos e bodas, reuniões anuais da turma etc. Em situações sociais, sentem-se à vontade e conversam facilmente com todos, embora tenham uma certa tendência a formalismos. São o que são (“normais”) e as pessoas facilmente os identificam como tais.

1.2 ISTJ (*Inspector*)

≤ 10 % da pop. Superresponsáveis, superconfiáveis. Em casa ou no trabalho são extraordinariamente perseverantes e cientes do dever, especialmente em “estar de olho” para assegurar que nada falhe nas pessoas e produtos que dele dependem. Com seu jeito quieto (cinza), estão vigilantes para que as regras se cumpram, as leis sejam respeitadas e os padrões mantidos. São eles os verdadeiros guardiões (SJ) das instituições. São pacientes no trabalho e com as rotinas da instituição, mas nem sempre o são com comportamento não autorizado de alguns colegas / subordinados. Os ISTJ gostam quando as pessoas estão cientes de seus deveres e seguem as normas e cumprem os prazos. E gostariam que todos fossem responsáveis como ele. Podem ser intransigentes quanto às regras da empresa e não hesitar em reportar irregularidades aos canais competentes; daí que frequentemente são considerados duros e insensíveis e mal interpretados quanto às suas boas intenções. Esse seu zelo pelos padrões e normas é exercido discretamente (o ISTJ é o discreto) e sua dedicação pode passar despercebida e não valorizada. Embora não comunicativos como os ESTJ, os ISTJ são muito sociáveis e se envolvem em associações de serviço da comunidade, como escola dominical, escoteiros etc., que transmitem valores tradicionais aos jovens. Como todos os SJ, prezam as cerimônias sociais da família, bodas, aniversários etc. embora tendam a um retraimento se o evento se estende por muito tempo ou com muita gente. Não se sentem bem com espalhafatos; sua fala tende a ser sóbria e pés no chão, sem exuberâncias ou floreios; seu modo de vestir, simples e sóbrio (e não da última moda); sua casa e escritório limpos, em ordem e tradicional, sem ostentações. Suas coisas – carro, pasta de dente etc. – são standard. Gostam de clássicos e antiguidades e preferem o antigo à última onda.

1.3 ESFJ (*Provider*)

≥ 10 % da pop. Tomam sobre si a responsabilidade pela saúde e bem estar daqueles de quem cuidam, mas são também os mais sociáveis dos SJ: são eles que fomentam e mantêm instituições sociais como igrejas, clubes sociais, grupos cívicos etc. Aonde quer que vá, não poupa tempo e energias para que as necessidades dos outros estejam atendidas e aquelas funções sociais exerçam seu papel. São talentosos em fazer que seus ajudantes trabalhem em equipe e são incansáveis em sua atenção para detalhes em proporcionar bens e serviços. São grandes organizadores de bailes, banquetes, reuniões da turma, em grangear fundos para caridade etc. Incomparáveis mestres de cerimônia, falam em público com desembaraço. Notáveis como anfitriões, sabem o nome de cada convidado e o que cada um anda fazendo; e busca que todos estejam envolvidos e bem atendidos. Sociáveis, podem sentir-se incômodos quando estão sozinhos. A amizade é muito importante para os ESFJ e as conversas com os amigos frequentemente volta-se para recordar os bons tempos do passado. Tradições de família são sagradas e preparam com cuidado aniversários, bodas etc. São fascinados por saber novidades dos amigos e vizinhos: se v. quiser saber o que anda acontecendo na comunidade local (escola, paróquia etc.) eles darão todos os detalhes. São extremamente sensíveis aos sentimentos dos outros (o ESFJ é talvez o tipo mais empático) e também muito

susceptíveis ao que os outros pensam deles. Sendo amáveis e afetivos, precisam ser amados e considerados pelos demais. Podem ser esmagados pelas críticas; mas são extremamente felizes quando são apreciados pessoalmente e pelo incansável serviço que prestam aos demais.

1.4 ISFJ (*Protector*)

≤ 10 % da pop. Sorte nossa que os Protetores atingem cerca de 10% da população, pois seu interesse principal é a segurança e a proteção daqueles de quem eles se ocupam – sua família, alunos, amigos, pacientes, chefe, colegas ou empregados. Os Protetores têm um extraordinário sentido de lealdade e responsabilidade e se sentem realizados http://www.keirsey.com/pum_2.aspx ao proporcionarem escudos contra os perigos e sujeiras do mundo. Não são dados a teorias ou a testar coisas novas, preferindo valer-se de produtos e procedimentos consagrados pelo tempo em vez de mudar para coisas novas. No trabalho, sentem-se desconfortáveis em situações nas quais as regras estão constantemente mudando e nos quais os procedimentos estabelecidos pelos anos não são respeitados. Valorizam a tradição na cultura e em suas famílias. Acreditam profundamente na hierarquia conferida por nascimento, títulos, cargos e credenciais. Prezam a história da família e gostam de cuidar das propriedades da família. Gostam de estar ao serviço dos outros e são excelentes em assistir necessitados, deficientes e oprimidos. Não são extrovertidos como os ESFJ e sua timidez pode ser erradamente interpretada como dureza ou frieza, quando na verdade são acolhedores e compreensivos, dedicando-se de bom grado aos necessitados. Na verdade sua reserva deve ser vista como expressão de sua sinceridade e seriedade. O mais dedicado de todos os tipos, os ISFJ gostam de trabalhar dura e longamente e naqueles trabalhos que ninguém reconhece e todos evitam. Frequentemente gostam de trabalhar sozinhos; se são chefes podem fazer o trabalho eles mesmos em vez de encarregar outros. Sóbrios e discretos. Se assumem uma tarefa entregam-se totalmente a ela. Valorizam cada real e detestam o desperdício de dinheiro. Sabem o valor de poupar e de dispor de reservas para emergências. Frequentemente estão sobrecarregados de trabalho, sem reconhecimento por parte dos outros. Suas contribuições são dadas por assente e raramente recebem a gratidão que merecem.

2. Os quatro tipos SP

(em <http://www.keirsey.com/> trad. Jean Lauand)

2.1 ESFP (*Performer*)

- ≥ 10 % da pop. Performers têm a especial capacidade (mesmo entre os SP) de encantar o ambiente com seu calor, bom humor e com sua (frequentemente extraordinária) habilidade em música, piadas, imitações, interpretação teatral. No trabalho, com amigos, em família, os ESFP são excitantes e muito engraçados e seu interesse social é proporcionar aos outros um break nas preocupações e trabalho e se animarem e desfrutar da vida. São fonte de alegria e prazer para os demais. A eles se pode aplicar a sentença de Shakespeare: “o mundo todo é um palco”; são entertainers natos, amam a excitação de estar diante de uma “plateia”: quando chegam, em poucos minutos, tornam-se o centro das atenções. Sofrem se estão sozinhos e procuram (e, obviamente, acham) companhia. São agradáveis, falantes e espirituosos; sabem sempre as últimas piadas, trocadilhos, sacadas etc. Para os ESFP, a vida deve ser vivida intensamente e estão sempre ligados na moda, comida, bebida e música. Vivos e desinibidos são “a alma da festa”, sempre tentando criar um ambiente de alegria, comer e beber... O talento do ESFP para gozar a vida é saudável na maior parte das vezes, mas também o faz mais sujeito a tentações do que os outros tipos. O prazer é um fim em si mesmo e a variedade é o tempero da vida: estão abertos a experimentar quase tudo que ofereça “a good time”, nem sempre avaliando bem as consequências. Como os outros SP, são otimistas incorrigíveis, sempre olhando para o lado bom e tentando ignorar, tanto quanto possível, problemas, aborrecimentos e preocupações, São os mais generosos de todos os tipos e em segundo lugar (o 1º. é o ISFP) em gentileza (kindness). O que é deles é seu também e não têm sentido de poupar: dão o que têm

sem expectativa de retribuição. Veem a vida como uma permanente cornucópia, da qual vão brotando, inesgotavelmente, prazeres.

2.2 ISTP (Crafters)

- ≤ 10 % da pop. A natureza dos ISTPs se mostra mais em seu exímio domínio de ferramentas, equipamentos, máquinas e instrumentos de todo tipo. Desde pequenos são atraídos magneticamente por ferramentas: elas vêm às suas mãos pedindo para serem usadas. Como todos os SP, ISTPs amam a ação, e intuem instintivamente que ela será mais agradável e eficaz se feita por impulso, espontaneamente, sem estar sujeita a esquemas ou padrões pré-estabelecidos. Em certo sentido, os ISTP não trabalham com suas ferramentas, mas brincam com elas, quando bate o impulso. Também buscam diversão e jogos no impulso, procurando ocasião de usar seus “brinquedos”, que podem ser carros, motos, rifles de caça, apetrechos de pesca, e mergulho etc. Buscam excitação, especialmente em corridas de carro, esqui aquático, surfe etc. Destemidos nesse seu “brincar”, expõem-se ao perigo uma e outra vez, apesar dos frequentes ferimentos. Não é fácil conhecer os ISTPs: talvez porque tendam a se comunicar com ação e não se interessem por desenvolver habilidades verbais. Essa falta de comunicação pode deixá-los isolados na escola ou no trabalho e mesmo que se enturmem com os de seu tipo, sua conversa é escassa. Podem ser muito generosos e leais aos amigos e colegas, abdicando de seus fins de semana e tempo livre para consertos e projetos, trabalhando em carros e botes. Por outro lado, podem ser ousadamente insubordinados para com a autoridade, desprezando regras e regulamentos, que, para ele, são uma complicação desnecessária. Não que se insurjam abertamente contra os regulamentos, simplesmente os ignoram. Mais do que tudo, prezam a liberdade para sua ação e sentem-se orgulhosos dessa sua capacidade “artística”.

2.3 ISFP (Composer)

- ≤ 10 % da pop. http://www.keirsey.com/pum_2.aspx Mais do que os outros SP, os ISFP estão em sintonia com em seus sentidos e especialmente ligados em todos os tipos de obra de arte. Enquanto outros SP têm habilidades com ferramentas, pessoas e entretenimento, os ISFP têm uma excepcional capacidade inata para lidar com sutis diferenças de cor ou de tom, textura, aroma ou sabor. Dedicando longas horas solitárias à sua arte, são tão impulsivos como os demais SP. Não esperam, agem, no aqui e agora, com pouco ou nenhum planejamento. Estão dominados pela composição, como se fossem arrebatados por um furacão. Os ISFP pintam ou esculpem; dançam ou fazem skate, compõem melodias ou receitas de pratos ou seja lá o que for como um imperativo. Essa capacidade de se perder na ação conta para os resultados espetaculares individuais de alguns ISFP e em seu lado social mostram uma gentileza incomparável.

[https://www.springboardamerica.com/R.aspx?a=33&rm_state=b\\$ef122d6be3bd49359edbb9af455e06ac%7Ce\\$0%7C1\\$0%7Cu\\$&subid=1402](https://www.springboardamerica.com/R.aspx?a=33&rm_state=b$ef122d6be3bd49359edbb9af455e06ac%7Ce$0%7C1$0%7Cu$&subid=1402) ISFP são especialmente sensíveis à dor e ao sofrimento dos outros e solidarizam-se com os que sofrem. Alguns têm notável jeito para lidar com crianças pequenas, com um natural vínculo de compreensão e confiança com elas. Alguns têm esses laços até com animais, mesmo animais selvagens. Muitos ISFP sentem um instintivo desejo da natureza, mesmo da inexplorada. Os ISFP são muito difíceis de serem observados e são mal interpretados. A dificuldade geralmente procede de sua tendência a não se expressarem verbalmente, mas por meio de sua arte. Em geral, não se interessam por desenvolver capacidade de falar em público ou mesmo na arte da conversação; preferem sentir o pulsar da vida pelo toque, músculos, pelos olhos, ouvidos etc. Sim, querem partilhar sua visão de mundo, desde que achem algum meio não verbal, artístico e só aí, então, revelam seu caráter.

2.4 ESTP (Promoters)

- ≥ 10 % da pop. Gente de ação, a vida nunca está parada ao redor deles. Quando o ESTP está presente, as coisas começam a acontecer: as luzes se acendem, a música toca, o jogo começa. Cheios de vida e divertidos, mesmo as situações mais banais parecem excitantes. Sempre buscam novas atividades e desafios. Ousados e otimistas assumem grandes riscos para obter o que querem. São os melhores administradores de problemas de emergência, grandes negociadores e podem ser grandes empreendedores de iniciativas.

[https://www.springboardamerica.com/R.aspx?a=33&rm_state=b\\$ef122d6be3bd49359edbb9af455e06ac%7Ce\\$0%7C1\\$0%7Cu\\$&subid=1102](https://www.springboardamerica.com/R.aspx?a=33&rm_state=b$ef122d6be3bd49359edbb9af455e06ac%7Ce$0%7C1$0%7Cu$&subid=1102)Os ESTP têm também um forte apetite

pelas coisas finas da vida: a melhor comida, o melhor vinho, carros caros e roupas de grife. São sofisticados nos círculos sociais e conhecem muitíssimas pessoas pelo nome e sabem dizer a coisa certa para todos que encontram. Charmosos e populares, fazem a delícia dos amigos com seu infinito repertório de piadas e casos. Mas, ao mesmo tempo, são um certo mistério para os outros. Vivendo para o momento e para o imprevisto, raramente deixam alguém ganhar intimidade. Têm baixa tolerância para autoridade e compromisso e tendem a abandonar situações quando chega a hora de se enquadrar ou tocar o segundo violino. Os ESFP sabem que o mais veloz fica sozinho, embora sua solidão não tenda a durar muito, pois sua ousadia e gosto por aventura tornam-no muito atraente para muitas pessoas.

3. Os quatro tipos NF

(em <http://www.keirsey.com/> trad. Rita de Cassia Scocca Luckner)

3.1 ENFJ (*Teacher*)

Mais que os outros idealistas, os ENFJ tem um talento natural para conduzir alunos ou estagiários à aprendizagem, ou como os Idealistas gostam de pensar, eles são capazes de colocar cada aluno diante das próprias potencialidades. Os ENFJ (cerca de dois por cento da população) podem sem esforço, ao que parece, e quase que indefinidamente, elaborar atividades de aprendizagens fascinantes para engajarem os alunos nisso. Em alguns ENFJ, essa capacidade de inflamar a imaginação pode ser comparada a uma espécie de genialidade que os outros tipos acham difícil reproduzir. Mas talvez, a maior força deles encontra-se na crença que eles possuem nos alunos. Os ENFJ procuram o melhor em seus alunos e deixam claro que cada um tem um potencial incalculável, e essa confiança pode inspirar os alunos a crescerem e desenvolverem mais do que eles possam imaginar que seja possível.

Qualquer que seja o campo escolhido por eles, os ENFJ consideram as pessoas a maior prioridade, e instintivamente eles transmitem uma preocupação pessoal e disposição para se envolverem. Calorosamente extrovertidos e talvez, os mais expressivos de todos os tipos, os ENFJ são extraordinariamente bons na comunicação de um discurso, face a face. E eles não hesitam ao falar e demonstrar seus sentimentos. Transbordando entusiasmo, os ENFJ irão expressar suas paixões com dramaticidade, e podem, com a prática, se tornarem palestrantes carismáticos. Essa habilidade verbal dá aos ENFJ uma boa dose de influência em atividades coletivas, e eles são frequentemente convidados a assumir um papel de liderança. Os ENFJ gostam de organização e irão agendar seu horário de trabalho e compromissos sociais bem antes do tempo, por causa disso, eles são absolutamente confiáveis para honrarem esses compromissos. Por valorizarem a cooperação interpessoal e as relações harmoniosas, os ENFJ são extremamente tolerantes com os outros, são fáceis de conviver e são, geralmente, populares onde quer que estejam. Os ENFJ são bastante compassivos aos outros, o que significa dizer que a intuição deles tende a ser bem desenvolvida. Certamente a visão deles sobre si e sobre os outros é incomparável. Sem dúvida, eles sabem o que está acontecendo dentro deles mesmos e eles podem ler outras pessoas com uma precisão fantástica. Os ENFJ facilmente se conectam aos outros, e efetivamente, captam as características, emoções e crenças daqueles que os cercam. Porque eles, quase que inconscientemente, conseguem se colocar no lugar do outro, e dessa forma, os ENFJ sentem-se estreitamente ligados às pessoas ao seu redor, e demonstram um sincero interesse pelas alegrias e problemas de seus funcionários, colegas, estudantes, clientes e entes queridos.

3.2 INFJ (*Counselor*)

Os INFJ tem um desejo excepcionalmente forte para contribuir com o bem estar dos outros, e encontram grande satisfação pessoal em interagir com as pessoas, estimulam o desenvolvimento pessoal, orientando-as a perceber o potencial humano que elas possuem. Embora sejam felizes trabalhando em posições (tais como a de escritor) que requer solidão e muita atenção, os INFJ trabalham muito bem com pessoas ou com grupos de pessoas, desde que as interações pessoais não sejam superficiais e que, de vez em quando eles encontrem um tempo pessoal para recarregar as baterias. Os INFJ são tanto gentis como positivos ao lidarem com os outros; eles são ótimos ouvintes e parecem naturalmente interessados em ajudar as pessoas com problemas pessoais. Geralmente, os INFJ não demonstram a liderança, e preferem trabalhar com pessoas próximas a eles, especialmente em bases individualizadas, exercendo a sua influência nos bastidores.

Os INFJ são minoria, pouco mais de três por cento da população, e pode ser difícil reconhecê-los, uma vez que eles tendem a não compartilhar seus pensamentos mais íntimos ou reações emocionais fortes, exceto com seus entes queridos. Eles são pessoas muito reservadas, com uma vida interior extraordinariamente rica e complexa. Amigos ou colegas, que os conhecem por anos, podem se surpreender ao se depararem com um lado desconhecido dele.

Não que os INFJ sejam volúveis ou dispersos, eles realmente valorizam sua integridade, mas têm personalidade misteriosa, primorosamente tecida, que às vezes confundem até mesmo eles.

Os INFJ tendem a trabalhar de forma eficaz em organizações. Eles valorizam a harmonia da equipe, e não medem esforços para ajudar uma organização a funcionar perfeitamente. Eles compreendem e utilizam recursos humanos criativamente, são bons em consultar e cooperar com os outros. Como empregado ou empregador, os INFJ são preocupados com os sentimentos das pessoas, e são capazes de agir como um barômetro dos sentimentos dentro da organização.

Abençoados com uma imaginação vívida, os INFJ são vistos muitas vezes como os mais poéticos de todos os tipos, e de fato eles usam muitas imagens poéticas em sua linguagem cotidiana. Seu grande talento para a linguagem – tanto escrita como falada – normalmente é direcionada para se comunicar com pessoas de uma forma personalizada. Os INFJ são altamente intuitivos e podem reconhecer as emoções e intenções do outro – boas ou más – mesmo antes que a pessoa esteja ciente delas. Os próprios INFJ dificilmente podem dizer como chegaram a ler os sentimentos dos outros tão profundamente. Essa extrema sensibilidade para outros pode muito bem ser a base da notável capacidade do Conselheiro de experimentar toda uma gama de fenômenos psíquicos.

3.3 ENFP (*Champion*)

Como outros Idealistas, os ENFP são muito raros, pode-se dizer de três a quatro por cento da população, mas, ainda mais do que os outros, eles consideram as experiências emocionais intensas como sendo essenciais para uma vida plena. Os ENFP possuem um amplo e variado conjunto de emoções e uma grande paixão pela novidade. Eles veem a vida como um emocionante teatro, que cria possibilidades tanto para o bem como para o mal, e querem experimentar todos os acontecimentos significativos e pessoas fascinantes do mundo. Os mais extrovertidos dos Idealistas, os ENFP muitas vezes não conseguem esperar para contar aos outros sobre suas experiências marcantes. Os ENFP podem ser incansáveis ao falar com outras pessoas, sendo como fontes borbulhantes que derramam suas próprias palavras ao se expressarem. E geralmente, isso não é um simples contar de histórias, os ENFP muitas vezes falam (ou escrevem),

na esperança de revelarem alguma verdade sobre a experiência humana, ou de motivar os outros com suas firmes convicções. Seu forte impulso para falar sobre questões e fatos, além de seu entusiasmo sem limites e talento natural com a linguagem, os tornam os mais vivazes e inspiradores de todos os tipos.

Ousadamente individualistas, os ENFP lutam por uma autenticidade pessoal, e essa vontade de serem eles mesmos é, geralmente, algo cativante aos outros. Ademais, os ENFP têm uma notável força intuitiva e podem dizer o que está acontecendo com as outras pessoas, lendo as emoções implícitas e dando especial importância às palavras e ações. Na verdade, os ENFP estão sempre analisando o ambiente social, e nenhum aspecto intrigante, ou impulso silencioso está propenso a escapar de sua atenção. Muito mais que os demais Idealistas, os ENFP são interessados, sondam e observam as pessoas ao seu redor e são capazes de se concentrarem intensamente em outro indivíduo. Sua atenção raramente é passiva ou casual. Ao contrário, os ENFP tendem a serem mais sensíveis e alertas; sempre prontos para situações de emergência, além de atentos a possíveis acontecimentos.

Os ENFP são bons com pessoas e normalmente, têm uma série de relacionamentos pessoais. Eles são acolhedores e esbanjam energia com seus amigos. Eles são simpáticos e ficam à vontade com seus colegas, além de terem grande habilidade para lidarem com funcionários ou alunos. Eles são bons para falarem em público e ao telefone, e por serem tão espontâneos e extrovertidos, as pessoas apreciam estar na companhia deles. Os ENFP são pessoas positivas e exuberantes; sua confiança no que há de bom na vida e na natureza humana geralmente faz com que coisas boas aconteçam.

3.4 INFP (*Healer*)

Os INFP apresentam um semblante calmo e sereno para o mundo, e podem parecer tímidos e distantes. Mas na verdade, em seu interior não são nada serenos e possuem uma capacidade pessoal de cuidar das pessoas que, raramente é encontrada nos demais tipos. Os INFP se preocupam profundamente com a vida interior de algumas poucas pessoas em especial, ou com uma causa mundial em geral. E a grande paixão deles é cuidar dos conflitos que afligem os indivíduos, ou separam grupos, e assim, trazer integridade, ou uma via saudável para si mesmos, para seus entes queridos e para a comunidade.

Os INFP têm um profundo senso de idealismo que vem de uma forte percepção do que é certo e errado. Eles interpretam o mundo como um lugar de ética e honra; repleto de ótimas possibilidades e grande potencial. Na verdade, para entendermos os INFP precisamos compreender que seu engajamento com o que é positivo e bom é quase altruísta e ilimitado, e isso os inspira a inimagináveis sacrifícios por alguém ou algo do qual acreditam. Ao se manterem longe do resto da humanidade, os INFP podem se sentir ainda mais isolados pela pureza de seu idealismo.

Além disso, por serem muitas vezes incompreendidos na infância, os INFP tendem a ter uma sensação de separação. Os INFP vivem uma infância de fantasia e imaginação, eles são como príncipes ou princesas dos contos de fadas, fato que é, infelizmente, muitas vezes motivo de desaprovação ou até mesmo punição por parte de muitos pais. Como os pais querem manter as mentes deles fora das nuvens, os INFP passam a acreditar que são ruins por serem tão fantasiosos e sonhadores, e começam a se sentir como patinhos feios. Na verdade, estão bem do jeito que são; apenas diferentes da maioria – cisnes criados em uma família de patos.

No trabalho, os INFP são pessoas bem adaptáveis, receptivas às novas ideias e informações, são pacientes ao lidarem com situações complicadas, porém, são impacientes com detalhes de rotina. Os INFP têm plena consciência das pessoas e de seus sentimentos, e se

relacionam bem com os outros. No entanto, por serem reservados, podem se sentir felizes ao trabalharem sozinhos. Ao tomarem decisões, os INFP seguem o coração ao invés da razão, o que significa que eles podem cometer erros em relação ao fato, porém raramente em relação ao sentimento. Eles têm um interesse natural para atividades acadêmicas, e como os outros idealistas, têm uma notável facilidade com a linguagem. Eles têm dom para interpretar histórias, assim como para criá-las, dessa forma, muitas vezes escrevem em forma poética. Frequentemente estão à disposição para sair pelo mundo a ajudar aos outros quando são chamados, mesmo que para isso precisem sacrificar seu próprio conforto.

4. Os quatro tipos NT

(em <http://www.keirsej.com/> trad. Ariadne Guimarães Dias)

4.1 INTP (*Architect*)

Os INTPs não precisam ser identificados como unicamente interessados em plantas para prédios, estradas ou pontes. Eles são mestres do design de todos os tipos de sistemas teóricos, incluindo currículos escolares, estratégias corporativas e novas tecnologias. Para eles, o mundo existe primariamente para ser analisado, entendido, explicado e re-projetado. A realidade externa em si não é importante, é mais matéria prima a ser organizada em modelos estruturais. O que é importante para os INTPs é a captar princípios fundamentais e leis naturais, e que seus designs sejam elegantes, eficientes e coerentes.

Os INTPs são raros - cerca de 1% da população - e, mais do que qualquer outro tipo, manifestam a maior precisão em pensamento e fala. Tendem a perceber distinções e inconsistências instantaneamente e podem detectar contradições não importa quando ou onde elas ocorram. É difícil para um INTP ouvir coisas sem sentido, mesmo em uma conversa casual, sem apontar o erro do interlocutor. E em uma discussão séria ou debate são devastadores, sua habilidade em enquadrar os argumentos lhes proporciona uma vantagem enorme. INTPs consideram todas as discussões como uma busca de entendimento, e acreditam que sua função seja eliminar inconsistências, o que pode tornar a comunicação com eles uma experiência desconfortável para muitos.

Pragmatismo impiedoso sobre ideias e curiosidade insaciável levam os INTPs a encontrar os meios mais eficientes para atingir seus fins e eles apreenderão de todas as maneiras e níveis que eles puderem. Ouvirão amadores se suas ideias foram úteis, e vão ignorar especialistas se não o forem. Autoridade derivada de ofício, credenciais ou celebridade não os impressionam. INTPs são interessados somente no que faz sentido e, portanto, somente afirmações consistentes e coerentes são dignas de atenção.

INTPs muitas vezes são difíceis de conhecer. Eles tendem a ser tímidos, exceto com os amigos íntimos, e sua reserva é difícil de vencer. Com uma habilidade para a concentração maior que do qualquer outro tipo, eles preferem trabalhar em silêncio em seus computadores ou pranchetas, e geralmente sozinhos. Também tornam-se obcecados com a análise, e isso pode blindá-los do mundo. Uma vez capturado pelo pensamento, fecha-se e persevera até compreender a questão em sua complexidade. Eles valorizam a inteligência e, em seu grande desejo de compreender a estrutura do universo, podem parecer arrogantes e revelar alguma impaciência com os outros, menos habilitados ou interessados nesse propósito.

4.2 ENTP (*Inventor*)

ENTPs começam a construir engenhocas e mecanismos ainda na infância, e nunca param de fato, embora, como adultos, transformem sua inventividade em muitos tipos de organizações, tanto sociais quanto mecânicas. Não existem muitos ENTPs, digamos 2% da população apenas, mas eles têm grande impacto em nosso cotidiano. Com suas inovações, espírito empreendedor, estão sempre à procura de uma solução melhor, sempre de olho em novos projetos, empreendimentos, processos. Sempre desejando construir “o novo pulo do gato”. São profundamente pragmáticos e geralmente se transformam em especialistas em encontrar modos mais eficazes de atingir seus objetivos. De todos os tipos são os que mais relutam em fazer coisas de um modo particular, somente porque este é o modo como as coisas têm sido feitas. Como resultado, eles muitas vezes trazem novas abordagens para seus trabalhos e afazeres. ENTPs são intensamente curiosos e continuamente sondam possibilidades, especialmente quando tentam resolver problemas complexos. São repletos de ideias, mas valorizam as ideias somente quando eles tornam possíveis ações e objetos possíveis. Assim, eles vêem o design do produto não como um fim em si, mas como um meio, um caminho de elaboração do protótipo que funciona e que pode ser trazido a mercado. ENTPs são confiantes em seu pragmatismo, contam com suas habilidades para encontrar formas e métodos eficazes, quando eles são necessários, ao invés de fazer um plano detalhado com antecedência. Uma ideia geral é tudo que eles precisam para se sentir pronto para entrar em ação.

Costumam ter um animado círculo de amigos e são interessados em suas ideias e atividades. São geralmente fáceis de lidar, raramente críticos ou implicantes. ENTPs podem ser conversadores animados, capazes de expressar suas ideias complexas e de seguir as ideias de outros. Quando questionam, no entanto, podem deliberadamente empregar suas habilidades de debate para superar notoriamente seus oponentes.

Geralmente não são conformistas em seu local de trabalho e podem ser bem sucedidos em muitas áreas contanto que o emprego não envolva uma rotina monótona. Eles são bons líderes em projetos-piloto que testam sua engenhosidade. São hábeis na engenharia das relações e sistemas humanos, captam rapidamente a política das instituições e sempre querem entender as pessoas dentro do sistema, em vez de lhes dizer o que fazer. Não importa que posição ocupem, porém, revelam um talento extraordinário para se alçar às demandas mesmo nas mais impossíveis situações. “Isto não dá para ser feito” é um desafio para o ENTP e provoca nele a reação “Sim, eu posso”.

4.3 INTJ (*Mastermind*)

Todos NTs são bons em planejar operações, mas os INTJs estão muito acima de todos no planejamento de contingências. Operações complexas envolvem muitos passos e estágios, um depois do outro em uma progressão necessária, e os INTJs são naturalmente habilitados a compreender como cada um leva ao próximo, e a preparar alternativas para as dificuldades que podem aparecer a qualquer passo do caminho. Tentando antecipar todas as contingências, nunca iniciam seu projeto atual sem um Plano A definido em mente, mas eles sempre estão preparados para trocá-lo para o Plano B ou C ou D - se necessário.

INTJs são raros, compreendem não mais que um ou dois por cento da população, e são raramente encontrados fora dos escritórios, fábricas, escolas ou laboratórios. Embora sejam altamente capazes de liderar, não desejam tomar o comando, preferindo permanecer nos bastidores enquanto outros demonstram suas inabilidades em liderar. Uma vez que eles assumam, no entanto, eles são pragmáticos minuciosos. INTJs têm certeza de que a eficiência é indispensável numa organização bem-sucedida, e se eles encontram ineficiência - e qualquer

desperdício de recursos humanos ou materiais – são rápidos em realinhar as operações e designar novas pessoas. Não se sentem atados por regras e procedimentos estabelecidos, e autoridades tradicionais não os impressionam, assim como slogans ou frases feitas. Somente ideias que fazem sentido para eles são adotadas; as que não fazem sentido, não o são, independentemente de quem as tenha tido. Lembre-se, seu objetivo é sempre o máximo de eficiência.

Em suas carreiras, usualmente os INTJs despontam em posições de responsabilidade, porque trabalham duro, por longo tempo, e se dedicam a perseguir seus objetivos, não poupando nem seu tempo, nem esforço, nem o de seus colegas e empregados. Resolver problemas é altamente estimulante para eles, que amam trabalhar com sistemas complexos que demandam cuidadosa análise. Geralmente, verbalizam o positivo e evitam comentários de natureza negativa. São mais interessados em levar uma organização adiante do que deter-se diante dos erros do passado.

INTJs tendem a ser mais definitivos e autoconfiantes que os outros NTs, tendo uma forte determinação. As decisões são fáceis para eles; de fato, eles mal podem descansar até que tenham tudo definido e resolvido. Mas antes que decidam qualquer coisa, eles precisam fazer pesquisa. São altamente teóricos, mas insistem em examinar todos os dados disponíveis antes de abraçar uma ideia, e desconfiam de qualquer declaração baseada em uma pesquisa de má qualidade, ou que não foi checada em confronto com a realidade.

4.4 ENTJ (*Fieldmarshal*)

Dentre os quatro aspectos da definição e análise estratégicas é o papel de comando, organização situacional que alcança o seu ápice e maior desenvolvimento no ENTJ. E como o desempenho desse papel demanda gerenciamento sob contingência, a segunda característica do intelecto deste tipo é divisar planos de contingência. A engenharia estrutural e funcional, embora praticada em algum grau ao longo das operações organizacionais, tendem a não ser bem desenvolvidas e logo são ultrapassadas com o rápido crescimento de habilidades em organização. Mas é preciso dizer que qualquer tipo de exercício estratégico tende a trazer maior força à engenharia, bem como habilidades de organização.

Cerca de 2% da população, os ENTJs são voltados a liderar outras pessoas, e desde crianças podem ser observados assumindo o comando de grupos. Em alguns casos, eles simplesmente encontram-se no comando de grupos, e ficam intrigados sobre como isso aconteceu. Mas a razão é que eles têm um forte desejo natural para dar estrutura e direção onde quer que estejam - para aproveitar as pessoas disponíveis e encaminhá-las para alcançar objetivos distantes. Assemelham-se aos ESTJ em sua tendência para estabelecer planos para uma tarefa, empresa, ou organização, mas ENTJs procuram mais por políticas e objetivos do que regulamentos e procedimentos.

É impossível para eles não construir organizações, e não podem deixar de impelir para implementar seus objetivos. Quando no comando de uma organização, seja no serviço militar, negócios, educação, ou no governo, mais do que qualquer outro tipo desejam (e geralmente têm a capacidade) de visualizar para onde a organização está indo, e eles parecem ser capazes de comunicar essa visão para outros. Suas habilidades organizacionais e de coordenação tende a ser altamente desenvolvidas, o que significa que é de esperar que sejam bons em sistematizar, ordenar prioridades, generalizar, resumir, articular argumentos e demonstrar suas ideias. Sua capacidade de organizar, no entanto, pode ser mais desenvolvida do que a sua capacidade de analisar, e o líder ENTJ pode precisar de recorrer a um ENTP ou INTP para fornecer esse tipo de contribuição.

ENTJs geralmente vão subir para posições de responsabilidade e gostam de ser executivos. Eles são incansáveis no devotamento a seu trabalho e podem facilmente bloquear outras áreas da vida por causa da profissão. Administradores excelentes em qualquer campo - medicina, direito, negócios, educação, governo, militares - organizam suas unidades como sistemas que funcionam bem, planejando com antecedência e mantendo os objetivos de curto prazo e de longo alcance bem em mente. Para o ENTJ deve haver sempre uma razão direcionada para fazer qualquer coisa, e os sentimentos das pessoas geralmente não são razão suficiente. Eles preferem que as decisões sejam baseadas em dados impessoais, querem trabalhar em planos bem pensados, gostam de usar operações de engenharia - e esperam o mesmo dos outros. Eles estão sempre com a intenção de reduzir a papelada da burocracia, redundância de tarefas e confusões no local de trabalho, e estão dispostos a demitir funcionários que não sintonizem com o programa e não contribuam para sua eficiência. Embora sejam tolerantes com os procedimentos estabelecidos, eles podem e irão abandonar qualquer procedimento que se revelar ineficaz no cumprimento dos objetivos. ENTJs rejeitam e eliminam a ineficácia e ineficiência, e são impacientes com a repetição de erros.

Referências bibliográficas

- KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984
- KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Por favor, Comprendéme*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990
- KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.
- LAUAND, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.
- LAUAND, Jean “Dois ilustres medievalistas”. **O Estado de S. Paulo**, 11 de março de 1988, p. 29.
- LAUAND, Jean A expressividade do brasileiro. **Revista Internacional d’Humanitats**, n.28, pp. 5-30, 2013. <http://hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf> acesso em 17-03-16.
- LAUAND, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.
- MARÍAS, J. "A Moralidade Coletiva", conferência proferida em Madrid em 15-04-98, em: http://www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm.
- PRADO, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991.
- PRADO, Adélia *Poesia Reunida*. 2ª. ed. , Rio de Janeiro: Record, 2016.
- SARTRE, J.-P., *A Náusea*: Lisboa, Europa-América, 2005 Acesso em 05-08-11 <http://pt.scribd.com/doc/7165292/Jean-Paul-Sartre-Nausea>
- SILVA, Maria de Lourdes Ramos da: *Personalidade e Escolha Profissional – subsídios de Keirsey e Bates para a orientação Vocacional*, São Paulo, EPU, 1992, pp. 39-40.

ESTUDOS SOBRE A TIPOLOGIA DE DAVID KEIRSEY

Tipos de David Keirsey - Identificando algumas características

Jean Lauand¹⁰
Chie Hirose¹¹

Resumo: O artigo apresenta exemplos concretos de alguns dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos psicológicos. Tipos de temperamento.

Abstract: This article intends to show concrete examples of some psychological types of David Keirsey in order to help understanding how they are in reality.

Keywords: David Keirsey. psychological types. Temperament types.

1. Um caso ISFP: Guga Kuerten

Começamos a apresentação de nossos exemplos com um particular caso de SP: o ISFP.

Se os SP são denominados por David Keirsey (abreviaremos por DK) *artisans*, que no caso do ISTP envolve a especial inclinação para lidar com ferramen-tas e fabricos (motores, armas etc.), por alguma razão o ISFP costuma voltar-se para as *fine arts*:

Quando encontramos um destacado compositor, pintor ou bailarino, frequentemente será um ISFP. Beethoven, Toscanini, Rembrandt e Nijinski, como se manifesta na pesquisa tipo-histórica, eram ISFP chapados (Keirsey 1984, p. 204).

Seu acentuado senso S de realidade, de concreto, especialmente para a “especialidade” para a qual está particularmente dotado “keeps the ISFP more closely in touch with the very real” (Keirsey 1984, p. 205).

O ISFP sintoniza com a cor, a linha, a textura, a tonalidade – tato, movimento, ver e ouvir, em harmonia. Os sentidos do ISFP parecem mais agudamente sintonizados do que os dos outros. Rembrandt podia quase saborear as cores, devido à sua grande sensibilidade. Toscanini podia distinguir uma única nota desafinada em meio à mais complexa performance instrumental da orquestra. E as palavras de Hemingway tinham o gosto, cheiravam e sentiam as ondas” (Keirsey 1984, p. 205).

¹⁰. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

¹¹. Doutora e Pós doutora Feusp. Professora da rede municipal de ensino da PMSP

A sensibilidade do ISFP é como que um radar sempre ativo para o aspecto do mundo concreto que o toca em sua arte (no sentido amplo, que pode abarcar, por exemplo, esportes como o tênis). Meu amigo, o saudoso grande pintor Fulvio Pennacchi via (e vibrava com isso) espontânea e necessariamente composição e cromatismo em qualquer situação do cotidiano, enquanto nós outros víamos apenas um cena rotineira a mais. Dorival Caimmy não compunha com o violão, mas extraía canções da simples prosódia do falar cotidiano...

Nesse sentido, nada supera a antológica cena do filme *Amadeus* de Milos Forman, na qual a sogra de Mozart, Frau Weber, enfurecida com o genro irresponsável, quer afastá-lo e vai proferindo uma série de insultos: "... Você é um monstro... egoísta ... para você só existe a sua música. Eu bem que avisei a minha filha: 'case-se com um homem, não com um bebê'. Etc. " Mozart, indiferente à fúria da sogra, atenta somente para a prosódia dela, da qual extrai imediatamente a ária "A Rainha da Noite" e a câmara vai pontuando a transição da estridente megera para a soprano de "A Flauta Mágica".



A cena encontra-se em <https://www.youtube.com/watch?v=5wfp8EB179g>



Ao caso do Mozart do filme de Forman, foi dedicada uma dissertação de mestrado, contrapondo (sem usar a terminologia de DK) a caricatura das disfunções dos SJ no personagem Salieri ao – também carregado –, Mozart, SP¹².

Mas a característica do ISFP que queremos destacar, a propósito de Guga, é aquela apontada por DK:

¹². Lucyana do Amaral Brilhante. "Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionisíacos de Peter Shaffer para o cinema". Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

The ISFP has to be the kindest of all the types with no near competitors. The kindness is unconditional. Here is sympathy, of which we are all capable, carried to its most extreme form. The ISFP is especially sensitive to the pain and suffering of others and, like St. Francis of Assisi, with sympathetic impulsivity gives freely to the sufferer. (Keirsey 1984, p. 205)

Fred Astaire (1899-1987), o maior dançarino da história do cinema, obrigava os roteiristas de seus filmes a contorcionismos: ele era incapaz, mesmo como personagem, de magoar alguém.



Nosso Gustavo Kuerten, como bom I concede poucas entrevistas e sua mãe refere-se ao fato, dizendo jocosamente que o filho é “bicho do mato”. No caso extremo de outro ISFP, João Gilberto, ninguém conseguia furar o bloqueio e sua personalidade permanecia (outra marca registrada dos ISFPs) um tanto enigmática para os outros tipos. São legendários os intermináveis “ensaios” de João Gilberto que, como em geral nos ISFPs, não eram propriamente ensaios, mas o impulso incontido da ação artística, unido à exigência de nada menos do que a perfeição em sua arte. (Mas atenção: por mais que sejam extremamente gentis, os ISFP são, afinal, impulsivos como todos os SP e daí também os “destemperos” de João Gilberto diante de alguma falta de sintonia do público. Paulinho da Viola conta uma sua desestruturação no palco diante de uma simples desatenção de um espectador.)

Qual a grande dificuldade do tipo *kindest*, ISFP, Guga no início de sua carreira? A mais inesperada para quem não leu DK: a dificuldade de vencer para não magoar seu adversário, infligindo-lhe amarga derrota! É o que ele mesmo nos conta em uma de suas raras entrevistas. Aos 14 anos, conheceu Larri Passos, que ia ser seu técnico, por longos anos.

[O Larri me ajudou muito] Teve uma situação já com o Larri que foi determinante: eu saio da quadra, perdendo o jogo – isso acontecia, eu me emocionava muito... ficava triste, porque no tênis tem isso: um ganha e o outro tem que ser derrotado e eu... “Pô, mas que pena...”. Eu tinha uma dificuldade de enfrentar isso. Para mim foi difícil e o Larri falava: “vai pra cima dele, cavalo! Passa por cima, vai, mata o cara!” (<https://www.youtube.com/watch?v=ZLgIh5iDmWA> 9:50m)

Assim, o (árduo) trabalho do técnico foi o de ajudar Guga a, no esporte, “superar” sua tendência mais arraigada, a de “ajudar as pessoas e fazer carinho”! E, refreado seu sensível fator F, liberar o estilo SP: revolucionário, agressivo, exuberante e alegre. Vencedor. A Revista Tênis o coloca entre os “10 tenistas que transformaram a forma como o tênis é jogado”:

A inesperada conquista de Guga em Roland Garros 1997, contudo, pavimentou a mudança que se solidificou hoje.

Diante de adversários que fundamentavam seus jogos no preparo físico e na regularidade de fundo, o brasileiro ousou acelerar bolas, arriscar paralelas de backhand, tentar curtinhas etc. De repente, aquele padrão extremamente defensivo do jogo de saibro deu lugar a um estilo muito mais agressivo, exuberante e alegre. Mesmo jogando do fundo de quadra, Guga mostrou que era capaz de encurralar os oponentes, tirá-los do sério com seus imprevisíveis ataques com o backhand na paralela ou então com deixadinhas depois de tê-los jogado metros longe da linha de base.

(https://revistatenis.uol.com.br/artigo/nascidos-para-mudar-o-tenis_12455.html)



Guga, leva ao extremo o carisma do ISFP e aparece como a pessoa mais gentil, alegre e emotiva do mundo. Por suas aparições na olimpíada de 2016, suscitou nas redes sociais uma sacada genial, que bombou imediatamente: chamar Guga de “Labrador Humano”.

Ele, naturalmente se emocionou e agradeceu: “Tenham a certeza de que foi a minha medalha de ouro. Vai ficar guardada no coração como símbolo e a grande lembrança desses jogos aqui no Rio” (<http://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/2016/08/guga-comenta-apelido-labrador-humano-e-conta-o-que-tira-seu-sorriso-do-rostro-video.html>)

Outro exemplo: uma das tantas delicadezas de Guga foi quando, emocionadíssimo, enviou uma mensagem para os familiares da tragédia da Chapecoense e teve o cuidado de dizer: “nós estaremos orando, estaremos rezando...”, para evitar ferir qualquer susceptibilidade entre evangélicos e católicos. “<https://www.youtube.com/watch?v=iRSyyZaiVJY>”

2. Um caso ESTP: Neymar Jr.

Muitos dos grandes esportistas são SP e ESTP. Com suas características, para o bem e para o mal: impulsividade, independência, liberdade, hedonismo, ludicidade etc. Na disfunção: indisciplina, farras, pavio curto, irresponsabilidade, infantilidades, fanfarronice etc.

Na vida comum é difícil (especialmente para os comedidos SJ) compreender como uma pessoa pode, por exemplo, cair nos juros, literalmente absurdos, do cheque especial ou do parcelamento do cartão: é óbvio que é um grave erro financeiro. Para a descontrolada impulsividade do SP (os SP são as principais vítimas da impulsividade...) essas opções podem afigurar-se viáveis: magnetizados pelo “aqui e agora” não medem as consequências, tudo que vêem é a necessidade de seguir o impulso e evitar a espera. São os mesmos impulsivos que, tendo perdido no cassino, dobram a aposta: é tudo ou nada, é agora ou nunca etc. São acentuados SP que tiram a camisa ao comemorar um gol, mesmo cansados de saber que esse ato custa um cartão amarelo...

E é que se há algo que os SP (todos eles) não conseguem suportar é a espera; a palavra que lhes é mortal é *wait*: “eles não esperam porque esperar é ver seu impulso definhar e morrer, eles querem e valorizam seus impulsos e os vêem como o centro de suas vidas” (Keirse 1984, p. 204).

O santo dos SPs é Santo Expedito (pouco importa se ele realmente existiu ou não); Expedito é o santo que não enrola, resolve na hora, “mete as cara”, como no lema SP da Nike: “*Just do it!*” O reflexo dos SP pode ser tamanho que, muitas vezes ele dá uma resposta tão rápida que o interlocutor de outros tipos pode considerar impensada, frívola ou irresponsável; quando, na realidade, é sua resposta ponderada definitiva: a prontidão lhe é conatural e ele, normalmente, não precisa ruminar o assunto por tempo prolongado.

Já a introdução do clássico dos clássicos, Casablanca (no qual o tempo é um dos temas...), descreve entre os horrores da guerra, o suplício dos SP, o purgatório da espera: alguns poucos conseguem o visto para Lisboa (que lhes permitirá ir para a América); os outros..., esperam em Casablanca “...and wait, and wait..., and wait...”. Nessa linha a (extremadamente SP) Tina Turner, gravou a canção que melhor exprime o impulso típico dos SP: *Paradise is here* (Paul Brady), nem sonhos nem planos: *right now!*

(...) But paradise is here
It's time to stop your crying
The future is this moment
And not some place out there
Tonight I need your love
Don't talk about tomorrow
Right now I need your loving
Right now give it to me
Right now I want your loving
Right now- now now now (...)

Com o acima exposto, não é difícil evocar a galeria dos extremados ESTP (incluiremos também alguns ISTP) de nosso futebol (ou de outros setores...):

Felipe Melo. Entre tantas outras, recém contratado, na entrevista de apresentação ao Palmeiras (jan. 2017), o meia foi logo avisando que iria reabrir antigas desavenças: “Se tiver que dar porrada, eu vou dar. Se tiver que bater na cara de uruguaio, vai tomar tapa na cara”. Não deu outra: o Palmeiras x Peñarol em abril (2017) acabou em pancadaria; os uruguaios tinham como alvo principal o próprio Felipe Melo. Meses depois, Felipe exhibe como troféu, um porta-retratos

em sua casa, a foto do soco que deu no uruguaio. Se o ISFP é labrador, os STP podem ser pitbull, como no grito da torcida do Palmeiras: “O bagulho é doido! Felipe Melo, pitbull, cachorro louco!” (<https://www.lance.com.br/palmeiras/cachorro-louco-felipe-melo-ganha-musica-torcida-agradece.html>).



<http://esportes.r7.com/blogs/r7-so-esportes/e-ousado-demais-rapaz-felipe-melo-guarda-lembranca-de-briga-no-uruguai-na-sala-de-casa/2017/08/31/>

Nossa galeria se amplia com, digamos, **Maradona**, **Dudu** (outro “guerreiro” do Palmeiras), **Adriano Imperador**, **Romário** (que quando cobrado pelas farras em seu tempo de Barça, saiu-se com a antológica frase: “*Si no salgo a [sic] la noche, no meto goles*”), os comentaristas **Neto** e **Edmundo** (“animal”), o atualmente técnico **Renato Gaúcho** (Portaluppi), **Donald Trump**, **Kim Jong Un** (o ditador que adora a Disney e o Chicago Bulls), **Jair Bolsonaro**, **José Luiz Datena**, **Ratinho**, **Silas Malafaia**, o ISTP **Vladimir Putin**, etc.

Sérgio Cabral, com sua audácia, ostentações e farras como a do guardanapo, expõe algumas outros traços (disfuncionais) dos ESTP.

Não é de estranhar que, no caso das mulheres ESTP – como **Amy Winehouse**, **Madonna**, **Angelina Jolie** (e **Lara Croft**), **Camilla Parker Bowles** –, alguns aspectos de seu comportamento possam parecer, em alguns casos e alguma medida, associado a padrões estereotipadamente masculinos (independentemente de conotações homossexuais). Eu sou durona... diz uma conhecida sentença de Madonna: “I’m tough, I’m ambitious, and I know exactly what I want. If that makes me a bitch, okay.”¹³; Amy Winehouse afirmou certa vez: “I’m more of a boy than a girl” e de Camilla Parker Bowles se diz que é uma **tomboy**, mulher com gostos e jeitão mais para masculino (sem conotações homossexuais). Disse ao ser apresentada ao Príncipe Charles: “My great-grandmother was the mistress of your great-grandfather - so how about it?”. Já Madonna diz de si mesma: “I’m a man inside a woman's body.” E a SP, em famosa entrevista, diz do idealismo dos NF: “I want to be like Gandhi and Martin Luther King and John Lennon – but I want to stay alive”.

No caso feminino, o troféu ostentação vai para a ESTP Val Marchiori, com suas quinhentas e tantas bolsas Louis Vuitton, peles e o inseparável champagne...

¹³. Todas as citações desse parágrafo procedem de: <https://www.idrlabs.com/estp.php>



<https://televisao.wordpress.com/tag/val-marchiori/page/16/>

Para que se entenda bem o que estamos afirmando, um exemplo, ilustrativo e esclarecedor: o popular programa do SBT, “Casos de Família” foi apresentado pela discreta Regina Volpato de 2004 a 2009; sendo, então substituída pela ESTP (com maiúsculas), Cristina Rocha.

Com Volpato, o programa era sério, sóbrio, de aconselhamento, sem gritaria nem barracos. Cristina Rocha, assumiu para agitar (promover barracos, como no programa original venezuelano) e aumentar a audiência e chegou mesmo a alfinetar sua antecessora:

Eu entrei [no Casos de Família] com o coração. Tudo que eu faço eu visto a camisa. Comigo não tem isso de estar em cima do muro. Quando fiz o teste, o Silvio queria um programa mais popular com uma apresentadora que se desse bem com a plateia. Que fosse mais participativa, coloquial e que desse opinião. A [antiga] apresentadora [Regina Volpato] ficava sentada o tempo todo e no final a psicóloga falava. Era uma coisa mais contida.

(<https://www.otvfoco.com.br/apresentadoras-casos-de-familia-christina-rocha-critica-regina-volpato-ficava-sentada-o-tempo-todo/>)



Outros estilos de apresentadoras:



Hebe ESFP



Eliana ESFP



Fátima ESTJ



Cátia ESFJ



Oprah e a sensibilidade NF



A fria racionalidade NT Justus e Dória

Quem senão o ESTP (e mais ainda o ISTP) pode, na disfunção, ter a arrogância de um Carlos Marun, líder de várias tropas de choque, para celebrar na Câmara, com dancinha, cantando: “surramos a oposição, que não consegue nem uma ganhar”... (<https://www.youtube.com/watch?v=WORSkpfdfGc>).

Apesar dos exemplos que demos anteriormente de ESTPs, a bem da verdade, o ESTP não é necessariamente truculento (como pode parecer em um Brasil e em um mundo rachado em maniqueísmos e radicalismos); pelo contrário, o ESTP pode ser, e frequentemente é, simpático, eletrizante e refinado (como o agente 007) e, devido a essa observação das motivações alheias, pode ser um grande negociador, como é o caso de um dos maiores campeões mundiais da paz de todos os tempos (e mártir da paz), o diplomata brasileiro: Sérgio Vieira de Mello. O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, afirmava que Vieira de Mello era “a pessoa certa para resolver qualquer problema”. Foi o primeiro brasileiro a atingir o alto escalão da ONU. Como negociador da ONU, atuou em alguns dos principais conflitos mundiais - Bangladesh, Camboja, Líbano, Bósnia e Herzegovina, Kosovo, Ruanda e Timor-Leste, entre 1999 e 2002.

Sua incomparável vocação para a negociação fez dele (na década de 90) o único diplomata capaz de abrir e manter conversações com o Khmer Vermelho. Em maio de 2003, foi enviado como representante oficial do Secretário-geral das Nações Unidas para o Iraque e fez parte da equipe que vistoriou a Prisão de Abu Ghraib. Em Bagdá acabou sendo morto em 2003 durante o ataque suicida ao Hotel Canal, com a explosão de um caminhão-bomba. Abu Musab Zarqawi, chefe da Al Qaeda, assumiu a responsabilidade pelo atentado: Mello foi assassinado pois ele era um “cruzado” (sic: *franji*) que extraiu uma parte (o Timor Leste) do país muçulmano da Indonésia.



O ESTP Sérgio Veira de Mello, considerado um misto de Bobby Kennedy e James Bond.

E é que:

Os ESTP têm um dom especial para observar o que motiva as pessoas; são hipersensíveis às mínimas indicações não verbais dos outros, o que passaria despercebido para muitos outros tipos. (Keirsey 1984, p. 196).

Mas não se trata de uma captação das motivações alheias como pela capacidade empática do NF, mas por um instinto de indícios (*Elementary, dear Watson...!*), muito úteis para um espião como James Bond.

Como no caso daquele nosso amigo inquilino, que foi negociar um gasto no apartamento com o proprietário (tipicamente ESTP). Só se conheciam dos breves encontros mensais no escritório deste para pagamento do aluguel e um cafezinho. A proposta era para dividirem os gastos de uma descupinização necessária, pois o apartamento estaria infestado de cupins. O proprietário, ato contínuo, desmontou a charada: “- Não me diga, o senhor se casou?...”. A pergunta era retórica, era mais uma afirmação e, de fato (!), o inquilino tinha acabado de se casar (sem que o outro soubesse). A sequência da fala foi antológica: “... Porque nesta época do ano [tinha havido revoada de verão de cupins no bairro alguns dias antes] eles aparecem por toda parte, até em estruturas metálicas ou de concreto... Agora, se a sua esposa quiser fazer um favor para a gente, diga para ela pegar uma seringa velha e injetar onde ela acha que eles [os supostos cupins] estão instalados... [e pare de nos aborrecer com sua neurose de problemas fictícios]”.

Machismos à parte, nosso ESTP decifrou em um relance a situação toda...

Se em algumas atitudes dos ESTP acima prevalece o aspecto “durão”, machão (muitos STP têm afinidade com armas, esportes radicais etc.), o tipo é em geral sociável e magnetiza o ambiente:

Se são utilizadas as capacidades promotoras e empreendedoras do ESTP, a instituição beneficiar-se-á muito de sua presença. Mas se seu desejo de *excitement* não encontra receptividade construtivamente, então sua energia pode se canalizar para o destrutivo, para atividades anti-sociais, para o estelionato, falsificação, contravenção etc. Um filme, do começo dos anos 70, que expressa bem esse uso dos talentos dos ESTP é “Golpe de mestre” (*The Sting*). (Keirsey 1984, p. 197).

Em nosso Neymar destaca-se o lado lúdico dos SP: na melhor tradição da escola brasileira (avalizada pelo insuperável Garrincha) o futebol é antes e acima de tudo brincar: inventar gracinhas e dancinhas para comemorar, coreografias com os “parças”..., enfim: a molecagem. O drible pode ser mais importante do que o gol...

Dois episódios ilustram esses traços de sua personalidade (não por acaso ele é chamado de “menino” Neymar). Em plena Libertadores de 2011, contra o Colo Colo na Vila Belmiro, ao marcar o terceiro gol (o gol da vitória de virada 3x2) Neymar comemorou colocando uma das milhares de máscaras com seu rosto que foram distribuídas a torcedores na entrada do estádio. A regra é clara: não se pode comemorar tirando a camisa, lançando-se sobre o alambrado, usando máscaras etc. Ele usou a máscara e recebeu o segundo cartão amarelo, sendo expulso na sequência e desfalcando seu time no próximo jogo, decisivo.



<https://www.gazetadopovo.com.br/esportes/em-partida-tumultuada-santos-reage-e-vence-colo-colo-4c46wrcag6q5qmym8r1lazo7i>

Tal como o menino que é levado para a sala da diretora (as professoras são, no estereótipo, SJ; as diretoras, “essejotonas T, ISTJ”), Neymar comenta sua expulsão, fazendo uma brilhante epítome SP, um autêntico manifesto SP; afinal inútil, pois o mundo das regras é, por definição, o reino dos SJ...:

Tem a lei e tudo mais, e sempre tem aquela coisa chata [SJ] no futebol, infelizmente. Mas querendo ou não, o gol é o que todo mundo que vai ao estádio está esperando, e você quer comemorar com os torcedores, com a família. Naquela noite eu queria retribuir o carinho da

torcida usando a máscara, mas infelizmente acabei tomando o cartão e ficando fora de um jogo muito importante (<http://globoesporte.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2011/04/neymar-lamenta-queria-retribuir-o-carinho-da-torcida-usando-mascara.html>)

Os SJ, não perdoam a irresponsabilidade SP... Naturalmente, Neymar poderia responder como o Mozart do *Amadaeus*: “Perdão, Majestade. Sou um homem vulgar. Mas lhe garanto que a minha música não é!”



Na escola da coautora deste artigo (que leciona para o Fund. I da Prefeitura de São Paulo), uma das alunas de 1o. ano está uma menina vinda de Angola (a escola recebe muitos alunos estrangeiros e refugiados etc.), extremamente ESFP, pura sensibilidade e alegria de viver, e que se chama precisamente Alegria (sua irmã se chama Benção e sua coleguinha angolana Maravilha!). Um dia, a Professora Raimunda (já conhecida dos leitores de nossas revistas, pelos seus artigos), estava no pátio com as crianças e outras professoras mostrando o desenvolvimento das plantinhas que cultivam na escola e Alegria percebeu que havia surgido uma bela florzinha em uma delas. Não se contendo, começou a bater palmas, dançar e proclamar “Olha, que florzinha mais bonita!” Ato contínuo, uma SJ (disfuncional) de plantão atalhou: “Para com isso, menina! Aqui [escola] não é lugar de show!”

Naturalmente, depois, a professora explicou para a desconsolada Alegria que nem todos os adultos são assim...

O outro episódio deu-se por ocasião da briga entre o Real Madrid e o Barcelona para ver qual dos dois contrataria o Neymar. Em meio a todas as intrigas de bastidores, o então Presidente do Santos, Luís Álvaro Ribeiro, convenceu Neymar a ficar no Santos (até que pudesse, nos bastidores, fechar com o Barça...), usando um argumento decisivo para lúdicos SP:

Um dos argumentos que usei para convencer o Neymar a ficar foi dizer a ele que lá (em Madri) o Mourinho poderia implicar com o seu cabelo e mandá-lo cortar, e aqui ele deixa o cabelo como quiser.



(<http://www.goal.com/br/news/805/mercado-de-transfer%C3%A2ncias/2011/11/13/2755187/luis-%C3%A1lvaro-brinca-e-afirma-mourinho-ia-pedir-para-ney-mar-cortar->,)

É a eterna oposição entre a disciplina, a “seriedade”, o comedimento, as regras do SJ x a ludicidade, o hedonismo, a impulsividade SP. Como costumamos fazer em nosso grupo de pesquisas sobre DK, estendemos a tipologia para países e grupos sociais (atendo-nos às *vigências* de Ortega). Nesse sentido, a cidade de Nápoles é a capital mundial dos SFP, com seu sentido do lúdico, da arte, do ócio criativo, da gastronomia, da exuberante alegria de viver, do “aqui e agora” (o famoso “*carpe diem*” bem poderia ser o lema partenopeu), da “malandragem” etc.

Há um delicioso programa diário da RAI (ao vivo dos estúdios de Nápoles), *Zero e Lode*, que é um *quiz* no qual vence a equipe que der a resposta certa e menos óbvia (em relação a um prévio grupo de controle). O apresentador Alessandro Greco (informal, meio palhaço e animadíssimo, como costumam ser os programas de auditório napolitanos) diverte-se surpreendendo a plateia com perguntas que (frequentemente) manifestam o contraste com o “antagonista”: a seriedade britânica.



Assim, por exemplo, “Segundo a pesquisa da Universidade Tal – do Reino Unido – quais são as 10 gafes, que mais deixam uma pessoa embaraçada?” E, claro, nenhum napolitano, atinou com a resposta *Zero*, a resposta campeã absoluta: chegar atrasado a um encontro!! Do mesmo modo, “segundo a pesquisa da Universidade Tal – do Reino Unido – quais são as 10 coisas, que mais fazem uma pessoa feliz?” E, para assombro do público, “comer bem” não figurava na lista dos (bárbaros) britânicos.

Referências

Keirse, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

Brilhante, Lucyana do Amaral “Equus e Amadeus: a tradução dos personagens apolíneos e dionisiacos de Peter Shaffer para o cinema”. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, diss. Mestrado, 2007. <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/LucyanadoAmaralBrilhante.pdf>

Recebido para publicação em 12-08-18; aceito em 01-09-18

Revista Internacional d’Humanitats 45 jan-abr 2019
CEMOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona

Tipos de David Keirsey - identificando algumas características II¹⁴

Jean Lauand¹⁵
Enio Starosky¹⁶

¹⁴. A partes I deste estudo encontra-se em www.hottopos.com/isle33/index.htm.

¹⁵. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

¹⁶. Mestre em Educação e Doutorando em Ciências da Religião (UMESP). Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

Resumo: O artigo – continuação de sua parte I (in *International Studies on Law & Education* 33, <http://www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf>) – apresenta exemplos concretos de alguns dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos psicológicos. tipos de temperamento.

Abstract: This article – its part I is in *International Studies on Law & Education* 33, www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf –intends to show concrete examples of some psychological types of David Keirsey in order to help understanding how they are in reality.

Keywords: David Keirsey. psychological types. temperament types.

1. O realismo SP x o realismo SJ

O fator S (de *sensible*) em Keirsey é um dos componentes essenciais de dois tipos de temperamento: SP e SJ (em oposição aos dois outros tipos, N: NF e NT). S é a visão da realidade atendo-se aos fatos, de pés no chão, sem apegar-se a devaneios e fantasias.

Mas os temperamentos não são formados por “átomos” e sim por “moléculas”, no caso: SJ e SP, que terão algumas características em comum; outras, em forte oposição.

Recordemos, brevemente, que J é o átomo da preferência por situações de decisões tomadas, fechadas e resolvidas; das coisas organizadas em relação a tempo e prazos, rotinas de funcionamento, a ordem material etc. P é o átomo da preferência por situações abertas, não decididas, deixando amplo espaço para a improvisação, criatividade (boa ou má...), etc.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento SP (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de David Keirsey (abreviaremos por DK) indica:

Tendem a ser: brincalhões, otimistas, realistas e focados na ação.

Prezam em si mesmos: serem não convencionais, audazes e espontâneos.

Eles “dão”: cônjuges divertidos, pais criativos, e líderes que “apagam incêndios”.

Eles são: capazes de se entusiasmar (excitável), confiam em seus impulsos, querem conquistar com impacto (*want to make a splash*), buscam estímulos, prezam a liberdade e sonham com dominar habilidades de ação.

(<https://keirsey.com/temperament/artisan-overview/>)

Já os SJ:

Tendem a ser: cômicos do dever, cautelosos, humildes, e focados em credenciais e tradições.

Prezam em si mesmos: serem confiáveis, ajudar e trabalhar duro.

Eles “dão”: cônjuges leais, pais responsáveis, e líderes que dão estabilidade.

Eles são: cidadãos responsáveis que confiam nas autoridades, criam grupos e associações, buscam segurança e sonham com a implementação da justiça.

(<https://keirsey.com/temperament/guardian-overview/>)

Originalmente DK afirmava que os SJ eram cerca de 40% da população geral; os SP, outros 40%. O site de DK, hoje, afirma SJ 45% e SP 30%. Em qualquer caso, a maioria absoluta das pessoas é S, realistas de pé no chão.

No artigo anterior e neste, temos visto os estilos (e as possíveis disfunções...) de cada tipo e é muito sugestivo (e intrigante...!) pensar na riqueza da distribuição dessa variedade de modos humanos de se instalar no mundo. Seja como for, quando há grandeza pessoal, abertura e

bondade, cada tipo é maravilhoso e traz uma enorme e específica contribuição para aqueles com quem se relaciona. Não há tipos melhores ou piores: grandes virtudes e grandes maldades podem ocorrer em todos os SPs, SJs, NFs e NTs.

Claro que as diferenças e arestas entre SP e SJ dão-se por toda parte. Tipificando (e tipificar é, de algum modo exagerar, carregar, caricaturar), os SP tendem ao lúdico; enquanto os SJ tendem à seriedade, os SP, à ganância; os SJ, a poupar; os SP, ao hedonismo, a curtir o momento, ao *carpe diem*; os SJ ao cumprimento do dever; os SP à cigarra; os SJ, à formiga; os SP à ousadia; os SJ à cautela; os SP ao otimismo; os SJ ao “realismo pessimista” (“já vi esse filme...”)¹⁷; os SP à aventura; os SJ à rotina; os SP à criatividade; os SJ à tradição; os SP à liberdade; os SJ a consolidar instituições; os SP à improvisação; os SJ ao planejamento regrado; os SP são avessos a esperas; os SJ a mudanças rápidas; etc.

A oposição entre os SP e SJ (SFP x STJ) é tipificada na famosíssima cena de “Cantando na Chuva”, quando o apaixonado personagem de Gene Kelly tem sua dança intimidada (e abortada) pela simples presença da autoridade uniformizada do guarda, que não está para brincadeiras...



A caricatura extrema do SP era o Chacrinha: no palco do velho guerreiro tudo era dionisiaco e improvisação; até para o tempo – sagrado na televisão – cantava o jingle: “...um programa que acaba quando termina”; alegria desenfreada etc. Uma imagem exponenciada do Brasil SP. Mais do que ausência de regras, nosso Mega Palhaço, nosso Chaplin investia contra os formalismos, as hierarquias e as regras, escalando para sua carnavalesca bancada de jurados o contraponto de algum tipo sério, sisudo, mal humorado e rígido, como o Doooooooooooooutorr Clécio Ribeiro (mais realista para o papel do que o folclórico Pedro de Lara) ou como quando, em seu gesto mais característico, levava a mão ao nariz e dizia: rrrrrrealllllmente..., esculhambação para com as afetações dos locutores de rádio da época, empenhados em pronunciar “corretamente” os R e os L...

¹⁷. Já um típico NF, voltado para as possibilidades (N), pode afirmar, como tipicamente o fez certa vez – a propósito da situação da Hispanoamérica – o grande pensador espanhol Julián Marías: “otimista em relação às possibilidades; pessimista, em relação à realidade” (1986, p. 62).



2. ESTP (ISTP) x ISTJ: o realismo SP x o realismo SJ

O famoso verso de Fernando Pessoa : “Navegar é preciso, viver não é preciso” (precedido de “Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:...”) tem seu mais imediato sentido no original latino “*Navigare necesse; vivere non est necesse*”, frase de Pompeu, general romano, aos marinheiros, com medo de viajar para a guerra.

Essa necessidade, esse *must*, indica bem a compulsão dos SP para a ação, no caso de Vasco da Gama, pela aventura portuguesa dos mares.

Dos ESTP (e parece estar falando do Gama, que pode ser também ISTP), diz DK:

Os ESTP sabem usar a informação adquirida, para, ostentando nervos de aço, engajar-se naquilo que os outros considerariam um esforço suicida. Para outros tipos pareceria algo esgotador, mas o ESTP se excita com trabalhar no limite do abismo. Os ESTP são implacáveis pragmáticos e frequentemente apresentam os fins como justificação para os meios, sejam quais forem, que lhes parecem necessários; lamentáveis, talvez, mas necessários. Geralmente, porém, os ESTP nem se preocupam em justificar suas ações; preferindo lançar-se a realizar a próxima ação. (Keirsey 1984, p. 196-197)

Vale rigorosamente também para o “navegar” dos STP, o que DK afirma de outro tipo SP (o artista ISFP):

A ação é quem impera no ISFP [STP] e não o contrário. Assim, devemos abandonar qualquer ideia de dedicação, cuidadoso planejamento ou responsável preparação e ensaio. Não. Eles pintam, cantam, fazem piruetas, dançam, correm, patinam ou seja lá o que for, simplesmente porque *they must*. A montanha é escalada porque ela está aí! (Keirsey 1984, p. 204)

Com isto, demos com a chave da aventura marítima portuguesa e do próprio Vasco da Gama: o imperativo do impulso da ação: navegar é preciso!

Claro que para efeitos épicos, Camões começa *Os Lusíadas* falando de edificar “Novo Reino” e de dilatar a Fé e o Império etc. São os tais “fins”, as justificações de que DK falava acima, mas o que os move, em última instância é a ação. Como bom ESTP, Donald Trump expressou isto

de maneira categórica: “Eu não faço negócios pelo dinheiro. Dinheiro, eu já tenho de sobra. *I do it to do it*”¹⁸

Essa compulsão da ação é parte da suspeita com que o SJ encara o SP; a praia dos SJ é a segurança. Se procurarmos as expressões dos tipos nos provérbios, a quase totalidade deles são dos SJ e SP, os realistas. O SJ, que valoriza o passado e a experiência (e porque se apega à experiência) pode tender a um pessimismo (macaco velho...); já o SP vê a realidade como um risco que vale a pena.

Os SJ dirão: mais vale um pássaro na mão do que dois voando. De grão em grão a galinha enche o papo. Um homem prevenido vale por dois. Devagar e sempre. Pense duas vezes antes de agir. O seguro morreu de velho. Como está o mundo, aonde vamos parar! A pressa é inimiga da perfeição. Quem espera sempre alcança. Deus ajuda quem cedo madruga.

O SP prefere outras expressões e provérbios como: Quem não arrisca, não petisca. O que não mata, engorda. *Carpe diem* (curta o momento). Mais vale um gosto do que seis vinténs. Quem não tem cão caça com gato. O amor é eterno, enquanto dura... Águas passadas não movem moinhos. *Bis dat qui cito dat* (só dá de verdade quem dá rapidamente). É agora ou nunca. Demorou! E, é claro: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Em meio à toda a celebração épica do heróico Vasco, a genialidade de Camões introduz nos Lusíadas um personagem de contraponto, o Velho do Restelo, que pretende desmascarar toda aquela “glória”, a (pseudo) motivação de dilatar a Fé e o Império e mostrar a **realidade** da aventura. Atrevemo-nos a qualificar o Velho do Restelo como ISTJ, porque esse é o tipo mais refratário à mudança e à aventura e o mais preocupado com os perigos que ameaçam desestruturar a nação, a família, a religião, a sociedade, as instituições, a civilização etc. (Keirse 1984, p. 189) São aqueles tios conservadores, super formais, sempre de terno (cinza) e que vêm na gíria ou na música apreciada pelos jovens, ou numa saia mais curta, praticamente sinais apocalípticos: “É o fim do mundo!”. “No meu tempo, sim, havia respeito...”

Cabe aqui o relato de um caso com um ISTJ (desses de alma grandiosa), Fernão (chamemo-lo assim...), muito amigo nosso, *maitre* de um grande restaurante em São Paulo. Para se ter ideia da ISTJice dele, uma vez confidenciou-nos da saudade viva, mesmo décadas depois, que sentia do seu tempo de exército: “Aquilo era uma maravilha, tínhamos o RDE (Regulamento Disciplinar do Exército), contendo regras para tudo, regras e mais regras...”. E em seu restaurante ele tinha que pacientemente ensinar às suas dezenas de subordinados até as normas mais elementares. Ele que é um profissional insuperável, capaz de perceber a menor falha no bom atendimento das centenas de clientes que lotam a casa. Enfim, o Fernão não fica nada a dever ao *maitre* do palácio de Buckingham. Mas, claro, esse seu trabalho importantíssimo permanece invisível.

Dezembro de 2011, meu irmão [de JL], João Sérgio, tinha acabado de defender seu doutorado sobre DK na Feusp e calhou de, na véspera de Natal, estarmos ambos sós em São Paulo e resolvemos passar a Ceia do dia 24 no restaurante do Fernão. Naturalmente, falamos de seu doutorado, ainda fresco, e de como o Fernão era um ISTJ chapado. Conversa vai, conversa vem, propus ao João uma aposta: se eu conseguisse fazer o Fernão chorar, ele pagaria a conta. Claro que nunca usei meus (parcos) conhecimentos de DK para manipular ninguém: tratava-se de comover às lágrimas o Fernão, por gratidão sinceríssima e verdadeira.

Como abalar o todo certinho e (aparentemente) blindado a sentimentos ISTJ? Lembrei dos ensinamentos de DK: que os SJ, e mais ainda os ISTJ, se ressentem de que seu trabalho, importantíssimo, raramente é reconhecido, dá-se por assente que o SJ, com sua vocação de cuidar,

¹⁸. Cit. in Trump - <https://www.idrlabs.com/estp.php>

tem mais é que prestar seus serviços mesmo. E que o ISTJ, como todos os SJ, preza datas, comemorações, tradições, reuniões de família (especialmente o Natal!) etc.

Lá pelas tantas chamei o Fernão e disse: “Não, não está faltando nada, está tudo ótimo. Eu só queria dizer que estamos todos nós aqui, famílias inteiras, passando um Natal maravilhoso e ninguém repara que isto só é possível porque, você, Fernão, para prestar-nos esse precioso serviço, renunciou ao seu próprio Natal, ao convívio com a família da qual você é o patriarca, à companhia de filhos e netos, numa data como a de hoje e eu não queria que esta noite acabasse sem que você ouvisse o nosso: muito, muito obrigado, Fernão!”.

O Fernão ouviu, não respondeu nada e retirou-se. O João já estava comemorando e ia pedir champanhe por minha conta (já que ele achava que tinha ganhado a aposta), quando volta o Fernão, acompanhado do dono do restaurante e de 3 ou 4 colegas gerentes, choroso de emoção e dizendo-me: “Por favor, repita... repita para eles o que o senhor me disse agora há pouco”. Eu, claro, repeti, também muito emocionado pelo bem que tinha feito ao amigo, e ao final, recompus-me e disse: “Ah, sim, Fernão, por favor, vê uma garrafa de champanhe para nós!”

Se os ISTJ tendem a nunca aparecer (por mais que seu trabalho seja importante), os ESTP agitam e brilham (em alguns casos até com o esforço de outros...). DK reiteradamente fala do pouco reconhecimento que se presta aos SJ (seu serviço é *taken for granted*) e da mágoa que isso pode lhes causar. Isso é reproduzido em uma postagem do Facebook do ISTJ Geraldo Alckmin:



Escrevemos este artigo em pleno processo eleitoral. O jornalista Otávio Guedes, no programa “Globo News em Ponto” de 30-08-18, logo após as entrevistas dos candidatos à presidência da República ESTP, Ciro Gomes (27-08) e Bolsonaro (28-08), e do ISTJ Alckmin (29-08); a propósito do estilo inosso deste, o famoso “picolé de chuchu” (José Simão), em comparação com o dos citados ESTP, ponderou:

Não basta você ter uma boa proposta; é preciso que o eleitor entenda a boa proposta (...). Por exemplo você pode dizer: “Eu vou aquecer a economia, atacando o problema da inadimplência das famílias”; outra coisa é dizer: “Vou tirar seu nome do SPC” – mensagem clara, curta, objetiva, que está falando a mesma coisa. Você pode dizer o seguinte: “Vou dar garantias jurídicas aos agentes em caso de ações que resultem em letalidade por parte do policial”. Ou você pode dizer: “Eu vou prestigiar o policial que der trinta tiros no bandido.” [...] (https://globosatplay.globo.com/globonews/v/6983962/)

3. Ainda Vasco da Gama e o Velho do Restelo

Voltemos ao Velho de Camões. No Restelo, em Lisboa, está a região do embarque dos navegadores (ainda hoje margeada pela Avenida das Descobertas e pela Avenida Dom Vasco da Gama). No canto IV, o Gama em primeira pessoa, narra o embarque. É um momento dramático, toda a cidade concorre para o evento, os marinheiros (acompanhados de multidão de religiosos) vão em procissão para os batéis (IV, 88). Mães, esposas e irmãs na extrema aflição da possível (ou até provável) morte dos seus amados (IV, 89 e ss.). Como por exemplo, a queixa da mãe:

Por que me deixas, mísera e mesquinha?
Por que de mim te vás, ó filho caro,
A fazer o funéreo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento! (IV, 90)

Mas como navegar é preciso, “o forte Capitão” dá ordem de que ninguém se despeça, nem olhe para trás:

Nós outros sem a vista alevantarmos
Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assim nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que, posto que é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa. (IV, 93)

Neste momento, surge o Velho do Restelo, um ISTJ, de quem o gênio de Camões diz que seu “saber (é) só de experiências feito”, tirado do “experto (experiente) peito” e vai atinar com as verdadeiras motivações de nosso STP, a compulsão da ação – “dura inquietação d’alma e da vida (IV, 96) – para a glória das batalhas, em sentido próprio e também a batalha que era a navegação naquele tempo:

Glória é um conceito que os ISTP entendem melhor do que os outros tipos. Ou, pelo menos, o ISTP está mais interessado nela do que a maioria. Na batalha há glória porque na batalha podem exercitar, com aprovação, sua habilidade mortífera.

Enquanto embarcam, surge o Velho:

Mas um velho d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,

C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito: (IV, 94)

Nas estrofes seguintes (94 a 104), o Velho despeja longamente suas críticas e maldições aos aventureiros do mar:

Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas! (IV, 94)

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios:
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo di[g]na de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana! (IV, 95)

Etc. Etc.

Nem o Gama nem Camões contestam o “velho honrado” em suas críticas e o canto seguinte começa com a conclusão do episódio: simplesmente deixando-o para trás:

Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: "Boa viagem", logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento. (V, 1)

4. SJ e SP na religião

Como sabemos, a teoria keirsejana dos temperamentos também tem extraordinária e surpreendente aplicação no campo religioso. Textos religiosos em geral, particularmente os que se referem à liderança religiosa, podem ser analisados com maior profundidade quando lidos à luz dessa teoria tipológica. Um dos mais impressionantes nos vem do antigo Decálogo (Dt 6.5)¹⁹, que é registrado pelo médico Lucas, autor de

¹⁹ O texto veterotestamentário não inclui “*com toda mente*” (o tipo NT). Parece ter sido um acréscimo de Jesus (que – para os cristãos – reunia perfeitamente o equilíbrio dos quatro temperamentos). E, Lucas, que provavelmente conhecia a mais antiga teoria tipológica que se tem conhecimento, Hipócrates – seu colega de profissão –, fez o registro sem hesitar.

um dos evangelhos da Bíblia: “*Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com toda a tua mente*” (Lucas 10.27).

Podemos muito bem estabelecer um paralelo com os quatro temperamentos da teoria keirseyanana: “*Com todo o teu coração*” – remete ao tipo SP; “*com toda a tua alma*”, ao NF; “*com todas as tuas forças*”, ao SJ; e “*com toda a tua mente*”, ao NT.

Neste tópico exploraremos apenas os tipos SP e SJ, apontando as correlações desses temperamentos keirseyanos com a liderança religiosa. Os principais dados reunidos neste estudo estão fundamentados no livro “*Personality Type and Religious Leader*”, de Roy Oswald e Otto Kroeger.

O líder religioso SP é orientado para a ação. Sua atividade é realizada de maneira intensa, “*com todo o coração*”. Tem necessidade compulsiva de agir e fazer coisas e é naturalmente atraído a se engajar em alguma atividade. Assim como o líder SJ, está enraizado nos sentidos e deseja estar com contato direto com a realidade exatamente como experimentada pelos sentidos; é pé no chão e prático e tem pouca tolerância para a abstração. O fator P leva a procurar novas possibilidades e, no caso do SP, permanente ação. Por isso mesmo o líder SP é impaciente com discussões estáticas, longas teorias ou encontros que não “*levam a lugar algum*”. O SP é um dos temperamentos mais extraordinários (lembramos especialmente S. Francisco de Assis, entre outros). Os SPs sempre buscam inserir bom humor e algo prático nas situações estáticas. Porém, quando falham nisso, perdem rapidamente o interesse e passam a outro projeto.

De acordo com os estudos de Roy e Otto, menos de 8% dos líderes religiosos são SP, enquanto na população em geral são 38%. Isso mostra que as atividades religiosas, de modo geral, atraem poucos SPs. De fato, se compararmos o número expressivo de outros profissionais de temperamento SP – atletas, artistas, comediantes, mecânicos, vendedores, soldados ou médicos – constatamos que esse tipo seja pouco atraído para atividades religiosas por achá-lo muito estático e teórico (dependendo, é claro, do grupo religioso ser mais “animado” ou não...). É importante considerar esse aspecto, sobretudo porque, enquanto os SJs querem organizá-las, os NFs tentam amá-las e os NTs teorizam sobre elas, os SPs querem se engajar nelas – de todas as formas sempre em atividades e assuntos práticos. Mas, é muito provável que este também seja o motivo porque tão poucos SPs estão presentes nas lideranças religiosas. SPs são encarados como hedonistas e hedonistas têm pouco espaço nas religiões de modo geral – especialmente nas mais tradicionais que prezam a ordem e a organização.

O aspecto paradoxal é que a enorme variedade das atividades práticas nas religiões estariam melhor supridas e mais bem executadas se tivesse um SP em postos de liderança. Isso é ainda mais significativo quando consideramos que particularmente o atendimento das necessidades práticas é muito valorizado nos grupos religiosos. Portanto, mais SPs na liderança poderia suprir uma importante lacuna nas atividades religiosas que deveriam estar mais disponíveis para o expressivo número de SPs na população em geral (38%).

Ainda que sejam em número muito reduzido, os SPs se destacam onde estiverem. Seu jeito espontâneo, atrevido e impulsivo se aplica também ao seu estilo de pregar. Os pregadores SP, especialmente os extrovertidos, levam as pessoas às lágrimas com suas palavras comoventes e bem-humoradas. Muitas situações na vida do grupo religioso exigiriam a presença de um líder SP, pois muitas ocasiões estão voltadas mais para a ação e menos para a organização.

Outra característica cativante e deliciosa de alguns SPs é que eles são perpetuamente jovens – nunca crescem. Como seu foco é liberdade e espontaneidade, esperar (*wait*) por qualquer coisa é sua morte psicológica. O Evangelho SP é o de São Marcos.²⁰ Jesus é retratado como um homem (Leão de Judá) de ação, sempre em movimento; ele é visto como aquele que tem uma missão urgente. No primeiro capítulo do Evangelho, Jesus já reuniu alguns discípulos em volta dele; fez milagres na Galileia e se envolveu em um problema político. No evangelho todo, Jesus trata uma crise depois da outra até ser crucificado.

²⁰ Não por acaso São Jerônimo ligou o Evangelho de Marcos à figura de um leão, representando a ação e a força.

Talvez as religiões seriam muito mais interessantes sem a grande escassez de líderes SPs e, a vida religiosa, mais interessante e animada. Especialmente porque SPs preservam fortemente a sua maior grandeza: um coração inteligente e uma inteligência cordial (no caso F)!

Disfunções:

Os outros três temperamentos (SJ, NF e NT), mas especialmente os SJs – que são a grande maioria nas comunidades religiosas em geral – tendem a ver os SPs como vagabundos. (O exemplo clássico é São Francisco, cuja história e tipo já foram analisados em outro artigo de nosso Grupo de Pesquisas). E os próprios SPs frequentemente se consideram loucos de alguma forma. A habilidade SP para permanecer aberto, flexível e espontâneo também pode deixá-lo com problemas quando sua comunidade religiosa clamar por maior conformidade com as regras e princípios regimentais. Por um lado os liderados querem exatamente um SP autêntico; querem familiaridade, boas e empolgantes pregações, mas, por outro, também querem estabilidade, organização e seriedade. Aí o líder SP pode ter dificuldade. E, por não gostar de rotina, pode se entediar e negligenciar os aspectos mais rotineiros do trabalho de administração. Como a maioria dos SPs não gosta de planejamentos, tendem a enfrentar tensão com a comunidade religiosa que gosta de viver na ordem e na estrutura bem ordenada.

O líder religioso SJ

Sua atividade é conservadora e é realizada “*com todas as forças*”. É um servo, procura pertencer ao grupo e servir aos outros. É um tipo que sabe se instalar perfeitamente nas comunidades religiosas. É um líder que já vem “pronto”. Oferece naturalmente maneiras concretas, práticas de assistir aqueles que estão em dor, necessidade ou angústia. Já na sua formação os SJs se preparam docilmente e suas perspectivas são ampliadas e aprofundadas e com natural facilidade também se tornam a norma pela qual seu trabalho será julgado. SJs são os mais dependentes de autoridade de todos os tipos. Eles podem ser criticados, já que possuem grande força resiliente, e seguem em frente porque entendem que é isso mesmo que a instituição requer deles. Submetem-se às regras e aprendem com elas e as repetem com maestria. Seu estilo de liderança está focado na denominação e a ela mantém fidelidade e nela constroem o melhor que vem do passado. Enfatizarão os fundamentos da religião, procurarão transmitir a tradição às pessoas, a fé simples e as regras práticas, pé-no-chão, apontando para o modo de viver a vida religiosa.

O líder SJ tende a ser o mais tradicional de todos os temperamentos religiosos, trazendo estabilidade e continuidade em qualquer situação. Tenderá a ser leal aos ritos denominacionais e às doutrinas. Preocupar-se-á com uma rigorosa instrução dos fiéis. O líder SJ deseja ser um servo da sua religião e leal às autoridades. Só deixa de lado sua rígida fidelidade quando acredita que aqueles que têm autoridade “abandonaram a fé”. O líder SJ pode fazer mudanças, mas, de preferência, paulatinamente e só se reconhecer a mudança como necessária. O líder NT pode enxergar as mudanças necessárias, mas o líder SJ é o mais apto para implementá-las. É politicamente sagaz e enraizado na realidade; sempre está ciente dos passos necessários para a mudança e jamais permitirá uma mudança se a achar desnecessária. Para ele, o que é testado e validado pelo passado deve ser preservado. Adora a continuidade do passado e se vê como protetor e conservador da riqueza do passado. Se a mudança for necessária, ela é entendida como uma evolução, nunca como uma revolução. Como seu espírito é conservador e naturalmente servidor, anseia por associação e pertencimento; ele se destaca na construção e preservação de uma comunidade religiosa. Deseja que o grupo ao qual pertence e lidera seja saudável e útil. E que aqueles que pertencem à sua comunidade religiosa sejam tão leais quanto ele e trabalhará para que todos adotem esse mesmo senso de lealdade e pertencimento.

Uma das frases preferidas do líder SJ é "*vocês devem e vocês não devem*", procurando implantar o senso de obrigação social, moral e espiritual. Gosta de se sentir necessitado e trabalha melhor com pessoas que têm motivação similar. Procura maneiras tangíveis, concretas para se doar aos outros. Ser "salvo pela graça" é quase negar ao SJ seu temperamento, pois dever e obrigação são parte de sua personalidade. A admoestação de Jesus ao jovem rico: "faça isso e você terá vida eterna" é o caminho espiritual natural do líder SJ. Como líder, o SJ traz ordem e estabilidade às suas comunidades. Raramente comete erros e tende a ser excepcional no trabalho. Não descansa até que as coisas sejam estabelecidas e decididas. É superconfiável e geralmente trabalhará com uma agenda planejada, ordenada.

Como bem sabemos, o temperamento SJ é a coluna vertebral que sustenta a maioria das instituições da sociedade – a família, a comunidade religiosa, os clubes sociais, as escolas, governos, indústria. O líder religioso SJ verá a família nuclear como a unidade familiar mais básica da sociedade que precisa ser preservada. Para ele, uma sólida família é a melhor maneira de cuidar das crianças e pessoas mais velhas.

As pregações do líder SJ são discursos bem organizados e centrados nos textos da tradição religiosa. Sempre será pé-no-chão, realista e direto, refletindo as lições apontadas para o dia. E o fará que tal modo que os que estão nos bancos facilmente se lembrarão do seu trabalho e obrigação.

O Evangelho do líder SJ é São Mateus, o mais organizado dos quatro Evangelhos. O Sermão da Montanha contém vários "deves" do tipo SJ. Jesus é apresentado como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e não como alguém que apresenta uma nova religião. Mateus se refere a Jesus como "Mestre" doze vezes e registra cinco longos sermões. O Antigo Testamento é citado mais do que nos outros três Evangelhos. Mateus se deleita em mostrar como Jesus recapitula a experiência de Israel em sua própria vida. É apresentado como o novo Moisés, o novo Davi, o novo Salomão, o profeta por Excelência, o novo Israel. Curiosamente também somente o Jesus de Mateus fala de *ekklesia*. E é o único Evangelista interessado na fundação da Igreja de Cristo. Os doze apóstolos são reverenciados como líderes hierárquicos da igreja, sendo Pedro o principal líder. São aspectos que refletem o estilo da liderança SJ: ser o guardião da genialidade criativa do passado. Os outros temperamentos podem censurar os SJs pelo seu tradicionalismo e sua inflexibilidade. Porém, sem os seus esforços, sem o seu amor "*com todas as suas forças*" qualquer instituição religiosa dificilmente sobreviveria.

Disfunções:

As potenciais dificuldades do temperamento SJ não são poucas. E, a bem da verdade, o líder religioso SJ não se desenvolve sem ao menos um pequeno desenvolvimento do fator N. A preferência para o tipo J implica menos tolerância para a natureza aberta e não-estruturada do tipo P.

Áreas em que pode necessitar atenção:

Literalismo: o líder SJ tende a ler literalmente tudo o que está escrito. Isso em geral resulta em uma abordagem mais conservadora da Escritura e da Doutrina. Torna-se nervoso quando as mensagens são interpretadas figurativa ou simbolicamente – acha que as fronteiras desaparecem e ninguém mais sabe esboçar novas diretrizes e em que base. Por isso mesmo acha que deve tomar as coisas escritas simplesmente como estão escritas.

Pessimismo: Um tipo de cinismo/pessimismo pode acompanhar o temperamento do SJ. Como David Keirse pontua no seu livro, os realistas SJ em geral tendem a antecipar reveses e eventos desfavoráveis. Eles são simplesmente realistas sobre erros e faltas. A lei de Murphy também é completamente SJ: "Se algo pode dar errado, dará".

Esgotamento: O fenômeno do esgotamento se aplica a todos os tipos; cada tipo se torna esgotado a sua maneira. Porém, o líder SJ parece ser particularmente vulnerável, pois adiciona mais e mais fardos para a sua já longa lista de “tu deves”. E este mesmo senso de dever pode ser constantemente martelado com suas regras, políticas e moralismos aos seus liderados. A habilidade do SJ em organizar e ordenar a vida paroquial é uma força que, quando usada desmedidamente, pode direcionar muitos ao completo aborrecimento da vida religiosa. O líder SJ precisa observar essa tendência. Se não a corrigir, pode tornar-se mesquinho e levar as pessoas a fazer o que supostamente devem fazer de maneira artificial. O líder SJ poderá se irritar quando seus liderados não seguirem os seus procedimentos padrão, por violarem os prazos ou por não cumprirem o que foi estabelecido. Como tende ao pessimismo, o líder SJ pode arrastar seus liderados para o mesmo caminho.

5. Anexo metodológico: tipos não são conceitos

Para esta série de artigos que nosso Grupo de Pesquisas está publicando, uma distinção importante a se ter sempre em conta quando aplicamos a metodologia dos tipos é que os tipos não são conceitos.

O tipo é, assumidamente, aproximativo, incerto e não pretende ser a realidade. Para utilizá-lo, sempre devem ser reiteradas as devidas ressalvas metodológicas, que afirmam:

- seu caráter caricato (no sentido de “carregado”);
- a possibilidade de mistura de fatores opostos dentro de um mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida *S* e *N* ao mesmo tempo e não necessariamente um tipo puro *S* ou *N*);
- a neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um tipo não é “melhor” do que o outro).

E sobretudo não confundir **tipos** e **conceitos**. E ter em conta que o tipo psicológico é só **um** fator para a compreensão do indivíduo; ao lado de tantos outros fatores: gênero, classe social, família (p. ex. pai tirano ou ausente), geração, classe social, substrato cultural etc. etc. etc.

A própria linguagem comum já nos ensina algo sobre os tipos e previne contra sua absolutização: em espanhol, “*tipo* (ou *tío*)” é qualquer pessoa, equivalente ao nosso “cara”; afinal, ninguém é tão original que não se encaixe em algum tipo... Já a relativamente recente gíria “tipo” (ou “tipo assim”) indica imprecisão, inexatidão: “500 francos suíços, sei lá, acho que é tipo 300 ou 400 dólares”. “Tipo” serve também como eufemismo para o inautêntico ou *Ersatz*: um salame “tipo” italiano é **não** italiano, mas de Pirituba mesmo. E a “baiana típica” não existe senão para marcar presença em banca de acarajé ou para figurar em selfies de turistas...

O próprio Max Weber adverte:

Um tipo ideal é normalmente uma simplificação e generalização da realidade. Partindo desse modelo, é possível analisar diversos fatos reais como desvios do ideal: Tais construções (...) permitem-nos ver se, em traços particulares ou em seu caráter total, os fenômenos se aproximam de uma de nossas construções, determinar o grau de aproximação do fenômeno histórico e o tipo construído teoricamente. Sob esse aspecto, a construção é simplesmente um recurso técnico que facilita uma disposição e terminologia mais lúcidas” (WEBER, Max. “As rejeições religiosas do mundo e suas direções” cit. in Quintaneiro 2003, p. 103):

E um parágrafo weberiano clássico na caracterização do Tipo Ideal:

acentuação unilateral de um ou mais pontos de vista e como uma síntese de um grande número de fenômenos concretos individuais, que são difusos, descontínuos, mais ou menos presentes ou então ocasionalmente ausentes, que são ordenados de acordo com esses pontos de vista acentuados unilateralmente, de modo a formar-se uma construção analítica unificada” (cit. por Barreto 1999)

Essas afirmações são importantes e têm consequências: há situações que requerem a condição aberta dos tipos; em outras pode-se fechar com conceitos bem estabelecidos. Claramente, em Matemática, há, digamos, o conceito de triângulo retângulo e é rígido e imutável; em outras ciências, podemos também falar do conceito de mamífero, ou de isótopo etc. O problema surge em situações (como é o caso tantas vezes em Ciências Humanas) nas quais não fica claro se se trata de um conceito ou de um tipo, o que é frequentemente discutido em Direito e deve sê-lo também em Religião.

No Direito, discute-se a aplicabilidade de tipos (x conceitos). Derzi assim considera as diferenças entre tipo e conceito:

Opondo-se ao nominalismo, que vê na desigualdade a característica básica do mundo real, o conceito, no sentido aristotélico de “essência” da coisa, une os objetos em classe pela identidade e distingue-os segundo a diferença de espécie, mas sempre tem como pressuposto a idéia de que o conceito mais específico e menos geral estará contido naquele superior e mais amplo da mesma classe.

Igualmente, o tipo ordena o conhecimento segundo as semelhanças e dissemelhanças encontráveis nos indivíduos, mas abole o rigor da identidade e admite as transições fluidas, a comparação e a gradação entre as diferentes ordens. (Derzi, pp. 214-215)

E também:

O tipo, como uma nova metodologia para o Direito, vem a ser uma ordem que se opõe ao conceito classificatório rígido e exato. Consiste em uma nova metodologia que vem proposta tanto para ordenar o conhecimento jurídico científico, como para aplicar o Direito em cada caso concreto. Em face dessa concepção, o pensamento conceitual abstrato e fechado, como observa Leenen, é considerado arcaico, vale dizer, tanto antiquado, a merecer uma superação, como originário. (Derzi, pp. 221-222)

Mesmo para o Direito Tributário, Castro alerta para casos nos quais há a necessidade do emprego de tipos e em que os conceitos não são apropriados:

Limitar o fenômeno tributário aos conceitos significa condenar a atividade tributária a uma miopia inaceitável, considerando a necessidade de financiamento das despesas públicas por intermédio de novas manifestações econômicas que demonstram, de forma inequívoca, capacidade contributiva. Por outro lado, o tipo mostra-se como “um sistema elástico de características”, marcado pela abertura, pela gradação, pela flexibilidade e facilitador ou viabilizador da apreensão dos fenômenos econômicos mais importantes para a tributação, justamente aqueles descritos pelo constituinte. Nesse rumo, o tipo funciona como uma *categoria* alternativa ao conceito e visceralmente mais adequada para lidar com as flutuações intensas da realidade econômica. Portanto, os vocábulos constitucionais delimitadores da realidade econômica tributável são, em verdade, tipos.

Erroneamente, o tipo foi introduzido no direito tributário brasileiro com o sentido de algo “fechado” ou “hermético”. Daí surgiram as expressões “tipo tributário” e “princípio da tipicidade fechada ou cerrada”. Em verdade, o “tipo fechado” mostra-se como uma contradição em termos. Se é tipo é

aberto. Se é fechado é conceito. Não existe o “tipo fechado”, assim como não existem o “frio quente” ou o “branco preto”. (Castro 2011)

E foca no caso de “serviços” (e as correspondentes consequências tributárias...):

Entre os vários tipos constitucionais-tributários, o *serviço* aparece como um dos mais ricos e complexos. Justamente porque as mudanças no campo econômico produziram um considerável alargamento do que se entende por *serviço*, adotada como ponto de partida a idéia de *serviço* como “obrigação de fazer” ou “atividade humana em benefício alheio”.

O sentido do vocábulo absorveu de tal forma a complexidade da realidade econômica e a representação de uma gama tão ampla de atividades que a famosa revista *The Economist* chegou a consignar serviço como “*qualquer coisa vendida que não cai em seus pés*”. [...] A noção em questão, vista como tipo, pode ser atualmente enunciada, somente para efeitos práticos, como “a realização de atividade econômica voltada para produzir alguma utilidade para terceiro”. Assim, não escapa da caracterização como *serviço* a locação de bens móveis.

Evidentemente no campo das interpretações religiosas e da moral cristã, também se dá o embate entre a “clareza” dos conceitos e a adaptabilidade dos tipos. Quando o pastor Silas Malafaia esbraveja suas certezas, defende-se das acusações de homofobia e preconceito contra gays: “eu não acho, eu tenho **conceitos** bíblicos (...) eu não tenho preconceitos; eu tenho conceitos firmados” e “Deixa eu te falar uma coisa que você não sabe (...) O mesmo Deus que fala sobre amor lança o homem no inferno [etc.]” (<https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU> – 2 min e ss.)

Do mesmo modo, o então candidato a assumir o lugar do falecido Teori Zavascki no STF, o ministro do TST Ives Gandra Filho, provocou polêmica ao evocar o conceito de família e afirmar: “casais homoafetivos não devem ter os mesmos direitos dos heterossexuais; isso deturpa o conceito de família”. (<https://www.revistaforum.com.br/cotado-para-stf-ives-gandra-filho-defende-submissao-da-mulher-ao-marido/>)

Sem pretender relativizar a doutrina e a moral cristãs, lembramos o fato de que Cristo não elaborou conceitos. Se o pensamento grego tem seu lugar no *logos*, nos conceitos e na argumentação lógica; o *mashal*, a parábola é “a cara” do Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz - Mt 13, 34-35 - que só falava em *mashalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”. E quando é perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

Referências

Barreto, Maria Cristina Rocha **A Sociologia em Max Weber** Mossoró: DCS/URRN, 1999. <https://dokumen.tips/documents/leituras-de-sociologia-3-weber.html>

Castro, Aldemario Araujo “Uma análise crítica acerca da idéia de serviço consagrada na súmula vinculante 21 do STF” **Revista da PGFN**, ano 1 número 1, jan/jun. 2011.

<http://www.sinprofaz.org.br/2014/artigos/uma-analise-critica-acerca-da-ideia-de-servico-consagrada-na-sumula-vinculante-21-do-stf>

Derzi, Misabel de Abreu Machado “Tipo ou conceito no Direito Tributário?” Revista da Faculdade de Direito da UFMG, Belo Horizonte: UFMG, No. 30-31, 1988. <https://www.direito.ufmg.br/revista/index.php/revista/article/view/1046/979>

Keirse, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

Marías, Julián Hispanoamérica, Madrid: Alianza, 1986.

Quintaneiro, Tania; et al. **Um toque de clássicos : Marx, Durkheim, Weber**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

Roy M. Oswald & Otto Kroeger. **Personality Type and Religious Leadership**. An Alban Institute Publication, 1988.

Recebido para publicação em 30-08-18; aceito em 30-09-18

Tipos de David Keirsey - identificando algumas características III

Jean Lauand²¹
Enio Starosky²²
João Sérgio Lauand²³

Resumo: O artigo apresenta exemplos concretos de alguns dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos psicológicos. Tipos de temperamento.

Abstract: This article intends to show concrete examples of some psychological types of David Keirsey in order to help understanding how they are in reality.

Keywords: David Keirsey. psychological types. temperament types.

1. Algumas características dos NF: a busca do próprio *self*

Nos dois artigos anteriores desta série (www.hottopos.com/isle33/index.htm & www.hottopos.com/rih45/), discutimos algumas características dos tipos SP e SJ. Por mais que possam ser opostos, os dois tipos S não têm maiores dificuldades na captação das motivações e do modo de ser um do outro. Já o tipo NF, apresenta dificuldades quase intransponíveis de compreensão para os demais tipos. Originalmente DK afirmava que os NF eram cerca de 10% da população geral; seu site hoje, afirma que são cerca de 15%. Em qualquer caso, clara minoria em relação aos 75% ou 80% de pessoas do tipo S.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento NF (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de David Keirsey (abreviaremos por DK) indica:

Tend to be: giving, trusting, spiritual, and they are focused on personal journeys and human potentials.

Pride themselves: on being loving, kindhearted, and authentic.

They make: intense mates, nurturing parents, and inspirational leaders.

They are: enthusiastic, they trust their intuition, yearn for romance, seek their true self, prize meaningful relationships, and dream of attaining wisdom.

(<https://keirsey.com/temperament/idealist-overview/>)

Para introduzir o desafio de caracterizar o NF e seus objetivos na vida, algo extremamente problemático para os outros tipos (e até para os próprios NF), recorro ao texto de que DK se vale “que requer uma retórica tortuosa e enrolada” (Keirsey 1984, p. 58), de um dos mais notáveis NF, Carl Rogers:

²¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

²². Mestre em Educação e Doutorando em Ciências da Religião (UMESP). Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

²³. Doutor em Educação Feusp.

Tornar-se pessoa significa que o indivíduo se move em direção a *ser*, com conhecimento de causa e numa atitude de aceitação, o processo que ele é de fato em profundidade. Afasta-se do que não é, de ser uma fachada. Não procura ser mais do que é, com todos os sentimentos de insegurança e os mecanismos de defesa que isso implica. Não tenta ser menos do que é, com os sentimentos implícitos de culpabilidade ou depreciação de si. Está cada vez mais atento ao que se passa nas profundezas do seu ser fisiológico e emocional e descobre-se cada vez mais inclinado a ser, com uma precisão e uma profundidade maiores, aquilo que é da maneira mais verdadeira.
(Rogers 1997, pp. 200-201)

Após apresentar esse texto, DK comenta que para os demais tipos (SP, SJ e NT) trata-se de, na interpretação benévola, de um falar totalmente em enigmas; na interpretação crua, puro disparate (*sheer nonsense*). Já para o NF é a forma mais elegante de expressar seu modo de ser: a busca do eu (não no sentido narcisista nem, obviamente, com conotação egoísta). Enquanto a busca dos SP, SJ e NT pode ser feita direta e rapidamente, a do NF é circular e, portanto, permanente: como se pode atingir uma meta, quando a meta é ter uma meta? Seu fim é tornar-se (*becoming*).

O Eu mais verdadeiro do NF é o Eu em busca de si mesmo; seu propósito na vida é ter um propósito na vida. Constantemente fazendo-se a si mesmo, o NF nunca pode ser ele mesmo, já que o próprio ato de alcançar o Eu o poria imediatamente fora de seu alcance e é nesse sentido que DK interpreta a sentença final do famoso monólogo de Hamlet: “E desde que nos prendam tais cogitações, empresas de alto escopo e que bem alto planam, desviam-se de rumo e cessam até mesmo de se chamar ação”. Agir (*to become*) é destruir o seu ser; enquanto “*to be*” sem agir é uma impostura e, portanto *nonbeing*. O paradoxo do NF é que “*One becomes oneself if and only if one does not*”. É o eco do “Torna-te o que és” de Píndaro, o da identidade (a sua, autêntica e *unique*): Como posso tornar-me a pessoa que eu *realmente* sou? (Keirsey 1984, pp. 57-58).

O NF vai deambulando, às vezes espiritualmente, às vezes psicologicamente, ou até fisicamente, em busca de saciar essa sede de unidade e de individualidade para auto-realizar-se em um todo perfeito e uma identidade única, embora os caminhos nunca sejam claros. E Keirsey ajunta a citação do Siddartha de Herman Hesse:

Mas onde, onde se encontra este Eu, esta mais profunda interioridade? Não é carne e osso, não é pensamento ou consciência. É o que ensinavam os sábios. Onde, onde está então? Penetrar no Eu - existiria outro caminho digno do procurar? Mas, ai, ninguém lhe mostrava esse caminho, ninguém o conhecia, nem o pai nem os professores e sábios, nem os cânticos sagrados... ! Eles conheciam um enorme número de coisas - mas valeria a pena saber tudo isso, se não conheciam a coisa importante, a única coisa importante? (Hesse, cit. por Keirsey 1984, p. 59)

Se para os SP e SJ os fatos são fatos e ponto; para os NF, eles são pistas para essa busca do self, do sentido humano (e, para alguns NF, também do divino...). O maravilhoso verso de Adelia Prado manifesta o NF ao extremo:

De vez em quando Deus me tira a poesia.

Olho pedra e vejo pedra mesmo (Prado 1991, p. 199)

Imagine-se o que pensariam os S, ou melhor ainda um acentuado ISTP ou um ISTJ, quando confrontados com esse verso (“O que essa mulher andou cheirando?”, “Pode internar!”, “Muita

cachaça dá nisso" ...). Quando muito, diriam "Muito de vez em quando, Deus me dá poesia e então eu olho pedra e até discuto comigo mesmo o significado metafísico- existencial..."

Mas para os NF, mesmo a prosaica pedra (que o Sócrates platônico, uma e outra vez, usa para referir-se à realidade mais bruta), abre horizontes infinitos para a busca do *self* e do sentido. É o que vemos em Drummond, Sartre, F. Pessoa etc.

NF é a pedra de Drummond:

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra

E o NF, de "A Tabacaria" de Fernando Pessoa (Álvaro de Campos), também vê mais do que chocolates, tabacaria e pedras (devo lealdade a elas? à "realidade plausível"?), em sua infatigável busca pelo *self*:

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.
Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres, [...]
Estou hoje perplexo como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro. [...]
Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
[Sob a janela, passa uma menina - SP? - a abrir um bombom]
Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folhas de estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)
Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei
A caligrafia rápida destes versos, [...]

Essência musical dos meus versos inúteis,
 Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,
 E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,
 Calcando aos pés a consciência de estar existindo,
 Como um tapete em que um bêbado tropeça
 Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.
 Mas o dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
 Olhou-o com o desconforto da cabeça mal voltada
 E com o desconforto da alma mal-entendendo.
 Ele morrerá e eu morrerei.
 Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.
 A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.
 Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,
 E a língua em que foram escritos os versos.
 Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
 Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
 Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como
 tabuletas,
 Sempre uma coisa defronte da outra,
 Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
 Sempre o impossível tão estúpido como o real,
 Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério da superfície,
 Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.
 Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),
 E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
 Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
 E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.
 Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
 E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
 Sigo o fumo como uma rota própria,
 E gozo, num momento sensitivo e competente,
 A libertação de todas as especulações
 E a consciência de que a metafísica é uma consequência de estar mal disposto. [...]

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das calças?).
 Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
 (O dono da Tabacaria chegou à porta.)
 Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
 Acenou-me adeus gritei-lhe Adeus ó Esteves!, e o universo
 Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o dono da Tabacaria sorriu.

Recruta Zero Mort Walker



“Come chocolates, pequena...”. A busca de sentido do NF x o sargento ISTP

O que os NFs podem fazer a partir de uma “simples” pedra: do ateísmo de Sartre, passando pelo ceticismo de Drummond, à mística cristã de Adélia Prado! Ou a pedra de Intihuatana (“onde se amarra o Sol”), que em Machu Picchu recebeu interminável abraço daquela colega INFP, enquanto a família SJ, impaciente e perplexa, tinha que esperar a reflexão e “troca de energia” (!?) que aquela pedra – imantada por milhares de experiências humanas ao longo de séculos – (supostamente) propiciava à incorrigível INFP.



Concluimos esse tópico com o clássico ZEN:

Antes que eu penetrasse no Zen, as montanhas e os rios nada mais eram senão montanhas e rios. Quando aderi ao Zen, as montanhas não eram mais montanhas, nem os rios eram rios. Mas quando compreendi o Zen, as montanhas eram só montanhas e os rios, apenas rios.

Para as artes *Do* do Oriente, o ser e o agir (com o não agir) se interpenetram no complexo jogo da busca do ser: ao disparar a flecha, o arqueiro Zen atinge a si próprio, como o chá, da Cerimônia do Chá, o que propicia é a transformação interior...

2. Santo Agostinho e a busca do *self*

Um gigantesco campeão NF na história é Agostinho. É ele quem introduz uma revolucionária perspectiva para a humanidade: a da intimidade. Como explica Julián Marías em memorável conferência sobre o bispo de Hipona:

A grande descoberta, a maior, de Santo Agostinho é a **intimidade**. E quando ele se questiona, diz: *Deum et animam scire cupio* – quero conhecer a Deus e à alma. *Nihil aliud*, nada mais, absolutamente nada mais. É uma sentença que um grego jamais poderia empregar. A alma é, em última análise, a grande descoberta de Agostinho, a alma entendida como intimidade. E fala justamente do espiritual. Espiritual não quer dizer não-material; há uma tendência muito freqüente de entender o espiritual como aquilo que não é material; e não é disso que

se trata, mas de algo muito importante: espiritual é aquela realidade que é capaz de entrar em si mesma, o poder entrar em si mesmo é o que dá a condição de espiritual, não a não-materialidade. [...]

Por isso Santo Agostinho dirá: não vá fora, entra em ti mesmo: no homem interior habita a verdade: *Noli foras ire, in teipsum redi: in interiore homine habitat veritas*. Essas palavras são de uma enorme relevância, são até de um extraordinário valor literário. É disso que se trata: do homem interior. A descoberta é a interioridade, a intimidade do homem. [...] Para Santo Agostinho é preciso levar a sério que o homem é *imago Dei*, imagem de Deus. É evidente que para encontrar a Deus, o primeiro passo, e o mais adequado, será buscar sua imagem, que é o homem como intimidade, o homem interior.

Isso é o principal. E toda sua obra terá esse caráter. Um dos livros capitais é *As confissões*, que num certo sentido é o mais importante. Então, o que são essas *Confissões*? É um livro que não existe no mundo antigo, não há nada equivalente. [...] Essa entrada na intimidade, no mais profundo de si mesmo, em confissão – a palavra é confissão – é uma autobiografia. Esse é precisamente o pensamento de Santo Agostinho: consiste primariamente em mostrar, em descobrir sua própria intimidade. [...] Portanto, em Agostinho, a grande descoberta foi esta, de ver o mundo e ver a realidade na perspectiva da intimidade. Do ponto de vista portanto de quem eu sou: *nec ego ipse capio totum, quod sum*, nem eu mesmo compreendo tudo aquilo que sou. É uma realidade que não acaba de se manifestar, que é algo no qual sempre se pode aprofundar, que é preciso ir mais além, e por isso a forma de se descobrir é precisamente contá-lo, fazer uma autobiografia, uma confissão, pois é nela que aparecerão precisamente as visões da realidade, da realidade que se basicamente é dele, de Agostinho, é também, do homem em geral, e por meio dele dá acesso a Deus. (Marías, 2001)

A busca NF do *self* parece fadada ao insucesso, pelo fato, tão simples, que o genial João Guimarães Rosa registra em um de seus diários:

Escrever diário é como deixar de fumar, para guardar bem a cinza do cigarro que se gastou aceso sozinho... Falta a distância.

(cit. por Gama. p. 199 - onde há também outras formulações da mesma ideia por Rosa)

O drama do NF é essa rachadura agir/observar-se ou, como também genialmente se expressa já no título da canção de Milton (Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá), “Caçador de mim”, debater-se na luta de ser ao mesmo tempo presa e caçador, tentando se encontrar longe de seu lugar... Ser NF é estar em permanente busca para “descobrir o que me faz sentir eu caçador de mim”.

Por tanto amor, por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz, manso ou feroz
Eu, caçador de mim
Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim
Nada a temer

Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo
Abrir o peito à força
Numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Longe se vai sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim
Nada a temer
Senão o correr da luta
Nada a fazer
Senão esquecer o medo
Abrir o peito à força
Numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura
Vou descobrir o que me faz sentir
Eu, caçador de mim

Se, como mostramos em artigo anterior, a imensa maioria dos provérbios são dos tipos S (SJ e SP), o provérbio por excelência dos NF é o clássico de Terêncio:

“Sou homem e nada do humano (daquilo que é humano) considero alheio a mim”
(*homo sum et nihil humani alienum me puto*)

Essa busca pelo *self* passa pela interação com o outro (*nihil humani alienum...*); é nesse encontro que se assoma “a presa”: o próprio caçador! Intensifica-se assim o drama NF: o eu é ampliado e envolve a abertura para o outro, segundo a célebre sentença de Ortega: “Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo”, com a sutil observação de Juan Ramón Jiménez: “‘Dime con quién an-das, y te diré quién eres’. Ando solo. Dime quién soy”. (cit. por Laín Entralgo, p. 81)

Juntem-se a empatia, a integridade, a solicitude pelo humano e demais características do NF, e teremos grandes líderes (/ mártires) de causas humanistas: Mandela, Martin Luther King, Gandhi etc. Por eles, Madonna, em seu pragmatismo ESTP, se diz inspirada, mas: “I want to be like Gandhi and Martin Luther King and John Lennon - but I want to stay alive”.

Nesse sentido, uma recordação da infância, a de um priminho NF, na época com 7 ou 8 anos. Naquele tempo, anos 50, estava enormemente difundida uma canção infantil, do palhaço Carequinha, cuja letra dizia: “Criança feliz / Que vive a cantar / Alegre a embalar / Seu sonho infantil / Oh meu bom Jesus / Que a todos conduz / Olhai as crianças / Do nosso Brasil”. Para o priminho NF, a coisa não era tão simples: “Jesus tem que olhar também para todas as crianças do mundo, não só as do Brasil. E mais ainda pelas crianças pobres e doentes!”

Experimentar o humano: em sua “caçada”, os NF podem ser excêntricos. Há muitos anos, costumava dar carona para um notável colega, professor de Humanas na USP. Em um desses dias, levei-o para recolher 30000 dólares em cash (a parte que lhe cabia na venda de um imóvel da família) e em seguida retomamos o caminho habitual. Fiquei surpreso quando me disse: “-

Pare, vou saltar aqui” (a três quarteirões de sua casa). “ - Mas como? Logo hoje, com esse dinheiro todo?” “- Precisamente por isso: a possibilidade de ser assaltado, ajudar-me-á a saber como é meu apego e minha relação com o dinheiro!” Claro que o levei até dentro da garagem de seu prédio. Esse mesmo NF excêntrico, confidenciou-me, em outra ocasião, que, quando criança brincava de aviãozinho, simulando com o brinquedo, **em tempo real**, um vôo (imagino que de curta distância...) para vivenciar a sensação da demora que têm os viajantes...

O NF e as metáforas. Ninguém como o NF para quem a metáfora é conatural; os NF chegam a irritar os S com sua profusão de metáforas, que prefeririam falar direto do assunto (pedra é pedra). *O Carteiro e o poeta (Il postino)*, filme de 1995, dirigido por Michael Radford, gira em torno da metáfora. Nele o poeta Pablo Neruda, exilado em uma ilha italiana, faz amizade com o rústico carteiro Mario em quem desperta o talento para a metáfora e para a poesia. Um dia, na praia, após declamar um vigoroso poema sobre o mar, começa o diálogo:

Neruda - Então? Que te parece?

Mario responde - É estranho.

Neruda questiona - Como assim, estranho? É um crítico severo.

Mario diz - Não, não o seu poema. Estranho... É como me senti enquanto estava a recitar.

Neruda - E como foi isso?

Mario - Não sei. As palavras iam para frente e para trás.

Neruda - Como o mar?

Mario - Exatamente.

Neruda - Esse é o ritmo.

Mario - Na verdade, senti-me mareado.

Neruda - Mareado...

Mario - Mareado. Não sei explicar. Senti-me como um barco balançando na volta dessas palavras.

Neruda sorri e pergunta - Como um barco balançando nas minhas palavras?

Mario responde - Sim.

Neruda - Sabes o que acaba de fazer, Mario?

Mario - Não, o quê?

Neruda - Uma metáfora.

Mario se espanta, não acredita que foi capaz de fazer algo que seu amigo e poeta faz, e diz - Mas não vale, não tive intenção.

Neruda - A intenção não é importante. As imagens nascem espontaneamente.

Mario, confuso, pergunta - Quer dizer, então, que... Por exemplo, não sei se consigo explicar... O mundo inteiro... O mundo inteiro, com o mar, o céu, com a chuva, as nuvens..

Neruda - Agora pode dizer etc, etc.

Mario - Etc, etc. O mundo inteiro é a metáfora para outra coisa qualquer? Estou dizendo asneiras.

Neruda - Não, não está não. Mario, vamos fazer um pacto. Vou tomar um belo banho e refletir sobre a tua resposta. E amanhã respondo.

Mario - Sério?

Neruda - Sim. Sério.

(A cena encontra-se p. ex. em <https://www.youtube.com/watch?v=T2ggLTEDnzg>).

Os NFs são os inspiradores das grandes causas (o que não quer dizer que sempre sejam santos; podem ser cruéis em sua luta pelo ideal...), com muito carisma mas nem sempre com o senso prático para conduzi-las. A invocação de D. Quixote chega quase a ser recorrente quando falamos dos NF, *Idealist*.

No ENFP Che Guevara essa referência (e autorreferência) ao Quixote era uma constante: sacrificaria tudo e sacrificou a si mesmo pela esperança: “*un nuevo hombre, nuevo mañana*”. Quando parte para a aventura do Congo, seguida da – ainda mais quixotesca – da Bolívia, escreve uma carta aos pais: “*Otra vez siento sobre mis talones el costillar de Rocinante, vuelvo al camino con mi adarga al brazo (...) Muchos me dirán aventurero, y lo soy, sólo que de un tipo diferente y de los que ponen el pellejo para demostrar sus verdades.*” E em outra carta, de 1956 “*decidí cumplir primero las funciones principales, arremeter contra el orden de cosas, con la adarga al brazo, todo fantasía, y después, si los molinos no me rompieron el coco, escribir*”.²⁴



by David Levine <https://www.nybooks.com/articles/1997/07/17/goodbye-to-all-that/>

Independentemente do mérito (e da discussão sobre a brutalidade de seus métodos, que tinha que ser amenizada pelo comandante ENFP Fidel!), Guevara, como ministro da Indústria, imaginava sinceramente que o povo cubano iria imitá-lo sacrificando seus fins de semana e suas horas livres trabalhando arduamente, sem nenhuma recompensa financeira para criar o *nuevo hombre socialista!* Como Luís Carlos Prestes imaginava que o povo brasileiro estava nas décadas de 20 e 30 pronto para segui-lo no levante comunista... E Che imaginava que os camponeses da Bolívia iriam dar seu sangue para acompanhá-lo na guerrilha!

3. O NF como líder religioso

Segundo o estudo dirigido por Oswald e Kroeger (1988), no qual também apoiamos boa parte deste tópico, a liderança NF aparece predominantemente nas religiões protestantes. De acordo com esse estudo, metade dos religiosos (um em cada dois!), tem como preferência a abstração, a busca pela autenticidade e a autorrealização. Um índice extremamente alto, considerando que – como sabemos – apenas em torno de 12 a 15% da população em geral é NF. Naturalmente, como veremos, os NFs figuram em todos os grupos religiosos e, em todas as religiões pelo mundo afora, são grandes mestres espirituais naturalmente atraídos para papéis de ajuda e para lidar com o sofrimento humano. Como os NTs, orientam-se pelo futuro, mas

²⁴. Encontram-se em <http://www.epoca2.lajiribilla.cu/articulo/10818/con-la-adarga-al-brazo-todo-fantasia>

perseguem uma “busca sem fim” de si mesmos (*self*). E não pensam nas razões e nos princípios lógicos, como também fazem os NTs.

NFs são os mais românticos e idealistas de todos os tipos e têm a esperança e o amor como as virtudes teológicas preferidas. E de todos os tipos N, são os que têm a transcendência em grau mais elevado e os que melhor trabalham com o “lado misterioso da vida”. Estão sempre em busca do numinoso, querendo alcançar pelo menos um breve clarão do invisível. Estão menos preocupados com a verdade da fé (como os NTs), e mais em compreender a religião como comportamento humano. Para isso dispõem da intuição vital (*Einfühlung*). Como essa é sua habilidade mais desenvolvida, sempre vislumbram e sonham com um futuro perfeito e promissor. Também desenvolvem grande habilidade de falar (especialmente NFs extrovertidos), ao mesmo tempo que são capazes de ouvir empaticamente (sobretudo NFs introvertidos). Os NFs introvertidos são místicos naturais. Não é surpresa que muitos acabem tomando o caminho espiritual para encontrar seu eu mais profundo, como é o caso do apóstolo João, um autêntico INFP – idealista entre os idealistas –, já referido em outro artigo das nossas recentes pesquisas.²⁵

Como são profundamente altruístas, costumam ter problemas de consciência do tipo: “É um crime que eu seja pago para fazer aquilo que eu *quero e desejo ser*!” Percebem o mundo como pura possibilidade e querem traduzir essa possibilidade intra e interpessoalmente. De fato, não é por acaso que uma alta porcentagem de líderes religiosos sejam NFs. Desde a sua formação, NFs tendem a amar seus estudos. Ao contrário dos NTs, que gostam do ambiente intelectual como um lugar para ganhar competência, NFs veem seus estudos como um lugar para serem transformados em seres de profunda religiosidade e de preparação para o ideal de servir aos outros. NFs contribuem muito para tornar os ambientes calorosos, amorosos onde o encontro real com autênticos seres humanos é possível.

Desse modo, sentir-se parte da comunidade, ou o sentimento de pertença e de segurança – tão apreciado por um SJ – tem significado diferente para os NFs. Eles veem o pertencimento apenas como meio para encontrar um eu mais autêntico. Se para um SJ o pertencimento é um fim em si mesmo – uma afirmação fundamental –, para os NFs pode ser mais transitório, por isso tendem a ser peregrinos que, de modo geral, não param numa comunidade por longo período de tempo. Ainda que, em geral, NFs sejam líderes fiéis, só o são enquanto sentirem que estão crescendo em autorrealização. Mas podem ter problemas com autoridades, pois costumam respeitar somente as idealizadas internamente. Esse pode ser um conflito comum para um NF. Mesmo assim, é o tipo mais flexível e adaptável de todos os temperamentos na atividade religiosa e o mais capaz de atingir a máxima paulina do “*fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns*” (1Co 9.22).

O lado negativo é que os líderes religiosos do tipo NF necessitam agradar todo mundo. Uma pessoa racional – também os NTs, mas sobretudo os SPs e os SJs – diria que agradar a maioria das pessoas já é bom o suficiente. Mas o líder NF deseja todo mundo feliz ao seu redor, por isso gasta muita energia tentando ser o que idealizou que os outros querem. Frequentemente vive um paradoxo, querendo, ao mesmo tempo, manter a autenticidade como seu mais alto ideal e abdicar dele constantemente para agradar os outros.

Quando ensinam, os NFs são convincentes porque acreditam firmemente no que ensinam ou pregam. Desejam inspirar seus alunos ou ouvintes para grandes atos de bondade e amor e buscam inteireza. Através de histórias reconfortantes, fina articulação e palavras inspiradoras, encorajam seus fiéis a entregar suas vidas completamente a Deus.

²⁵ Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>

Como pregadores, apresentam uma visão profética, já que compartilham com os NTs uma orientação para o futuro. No entanto, suas profecias tenderão a seguir o padrão de um profeta como Oseias – *cuja mensagem tem por tema fundamental o amor de Javé desprezado por seu povo* – ao invés de outros profetas do Antigo Testamento. Esperam que seus fiéis respondam “*como isso fará diferença na maneira como me relaciono comigo mesmo e com os outros*”? A principal crítica aos NFs é que eles são muito idealistas e, por consequência, ingênuos – tendem a imaginar que um simples “sorria e mude o mundo” vai resolver todos os problemas do mundo. De alguma forma, isso pode ser motivo para acusar um líder religioso NF de não ser sincero e considerado como alguém que sempre vive no “mundo da lua”. No entanto, apesar disso, costumam ser professores e mestres excepcionais; são altamente articulados e hábeis em convencer, seduzir e tocar profundamente os corações dos seus alunos ou ouvintes.

Oswald e Kroeger fazem notar que um dos mais conhecidos líderes religiosos protestantes NF da história recente foi Billy Graham. E provavelmente também pertencem à categoria NF líderes como Jim Jones, Joana D’Arc, Martinho Lutero, o Papa João XXIII, Jürgen Moltmann – o maior expoente da chamada teologia da esperança (*Hoffnungstheologie*) –, Dietrich Bonhoeffer, entre outros. São exemplos de líderes religiosos que acreditaram no que estavam dizendo com cada parte do seu ser. Tal é o poder e a possibilidade de um líder NF que, quando plenamente desenvolvido, tem alta competência interpessoal podendo influenciar um exército de seguidores. Claro, tanto para o bem como para o mal!

O NF tem a capacidade de intuir o que outras pessoas estão passando. Essa alta capacidade de empatia e aguçada sensibilidade, o faz muito eficiente no cuidado religioso. Pode capturar a dor pessoal como um radar capta a presença de navios ou aviões. Mas esse extraordinário dom, também pode ser fonte de stress porque nunca sabe dizer “não” à dor dos que estão à sua volta. Sempre atento às dores e necessidades pessoais dos seus fiéis (também de sua família), dificilmente sabe estabelecer limites para si mesmo, podendo ir à exaustão e ficar fisicamente doente. Pode desanimar, especialmente quando sente que nem todo mundo compartilha da mesma intensidade de sua visão. Não por acaso, DK afirma que os NFs são os menos compreendidos de todos os tipos. Os outros três temperamentos realmente têm dificuldades de compreender por que NFs estão continuamente tentando “transformar o mundo”.

O estilo gerencial do líder religioso NF é marcado por carisma e comprometimento pessoal com quem lidera. Gosta e sente-se mais confortável em encontros não-estruturados que facilitam os processos de tomada de decisão em grupo. Tende a ser otimista sobre o futuro e esse otimismo é contagioso, por isso lida bem com os desapontados e desanimados e é excelente no aconselhamento. Envolve-se rapidamente e se torna empático. Como está em constante busca de autenticidade, é capaz de responder sobre situações abstratas, mas é menos competente quando alguém precisa de ajuda prática. E tentará desviar para questões mais profundas, pois será um conselheiro melhor quando tratar de valores, emoções e problemas intrapessoais. É tão naturalmente conselheiro que poderá ter dificuldade de ir para qualquer lugar, mesmo a uma festa, sem que as pessoas automaticamente lhe queiram contar seus problemas. E, embora seja bom nisso, muito de sua energia é consumida.

Potenciais dificuldades/disfunções

Toda força implica em uma fraqueza. Ser muito bom em certas funções geralmente implica em não ser bom em outras. As funções menos ou não desenvolvidas num líder NF são “*Sensing*” e “*Thinking*” (S e T). Os líderes NF terão menos motivação ou sentirão maior incapacidade de administrar detalhes, lidar com especificidades práticas, produzir textos lógicos,

lineares. Até podem fazer isso, alguns melhor que outros, mas ser-lhes-á uma tarefa lenta, pesada e difícil.

Áreas em que os líderes religiosos NF podem necessitar de ajuda:

Em atividades administrativas/burocráticas – os líderes religiosos NF ficam irritados quando são tratados impessoalmente, meramente como parte de um sistema na comunidade religiosa ou se tiverem que ficar preenchendo papel o tempo todo; não gostam de estrutura, prazos ou detalhes. Tendem a irritar os outros por privilegiarem alguns, por tornar todas as situações muito emocionais, como uma simples saudação de chegada ou de despedida, ou então por considerar que os outros são “coração de pedra” e antipáticos.

Quando aparentarem ser insossos – como têm grande habilidade de empatia com todos, os NFs muitas vezes dão a impressão de que concordam com tudo quando isso não é verdade. Eles simplesmente seguem em frente, energizados pelo futuro “paz e amor” sonhado, para evitar conflito.

Quando não souberem dizer “não” – Sua maior dificuldade é estabelecer limites pessoais claros. NFs esperam que as pessoas captem sua linguagem corporal e lhes ajudem a estabelecer o “não”. Portanto, necessitarão de apoio para firmar padrões necessários para sua própria saúde pessoal, familiar e espiritual.

Quando tendem a seguir as últimas novidades – Embora as últimas novidades possam ajudá-los a descobrir quem realmente são na sua “busca sem fim” pelo *self*, essa forte inclinação por coisas novas, pode ser fatal para o trabalho dos líderes religiosos NFs. Especialmente porque pode parecer infidelidade ou espírito aventureiro para a instituição a que pertencem (que, pelo menos nos postos mais elevados, são administrados pelos tipos S). Como muitas vezes seguem simplesmente a recomendação: “siga o seu coração”, os NFs podem necessitar de ajuda para não “pular de galho em galho”, toda vez que surgir um movimento espiritual novo. Porém, a facilidade de juntar-se ao último movimento ou o desejo de saber das novidades pode ter o lado bom de mantê-los sempre atualizados.

Quando necessitarem exageradamente de elogios e carinho – Dos quatro temperamentos, o NF é o que tem maior necessidade da aprovação dos outros. Poucos elogios tornam os líderes religiosos NFs desmoralizados, desencorajados e desanimados. Quando não são elogiados, facilmente mudam de comunidade, ou começam a privilegiar aqueles fiéis que são mais generosos e os que mais elogiam. Sentem necessidade de muito apoio nesse aspecto.

Quando não quiserem enfrentar conflitos – É absolutamente normal que líderes religiosos não gostem de enfrentar conflitos. E poucos temperamentos gostam de lidar com eles, mas alguns lidam melhor que outros. Os NFs não se dão nada bem com a diferença e a discordância. Eles têm dificuldade em ver o lado útil do conflito ou de compreender essa incontornável realidade na convivência humana. Sempre que aparece algum conflito um líder NF descobre uma maneira de evitá-la porque acha que diferenças podem destruir a maravilhosa e harmoniosa comunhão que foi construída com tanta dificuldade. Porém, um líder NF, com bom treinamento de gerenciamento de conflitos, pode desenvolver melhor as habilidades de lidar com conflitos do que a média dos outros temperamentos. Como é expert na relação interpessoal, o INFP, “curador” (*healer*), em geral consegue mais sucesso do que os outros temperamentos.

Quando estão muito dependentes dos relacionamentos – Naturalmente empáticos, cordiais e afetivos, NFs tendem a atrair os tipos carentes como um ímã. Apesar de saberem que isso pode ser um problema, líderes religiosos NFs muitas vezes estão mergulhados nisso. Tornam-se muito

ligados às pessoas e podem ter enorme dificuldade de desapegar-se delas. Despedir-se é uma das tarefas mais difíceis para os líderes religiosos NF.

Na sua “busca sem fim” – A busca contínua por encontrar a si mesmo pode levar os líderes religiosos NFs à inquietante falta de paz e alegria. Não conseguem ligar a enorme fenda construída por eles mesmos entre “quem sou agora” e “quem posso me tornar depois”. Por isso também nunca se rendem às intermináveis tarefas quase impossíveis que se impõem. Num constante devir, reconhecem esse espaço como uma questão espiritual que os acompanhará até que possam experimentar algum grau de paz. Como tão bem descreveu o mais famoso NF da história – já caracterizado acima neste artigo – Santo Agostinho: *“O nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti”*.

Todos os NFs, também líderes religiosos, podem entrar numa espécie de “montanha russa emocional” vacilando com frequência entre a euforia e a depressão. Sendo naturalmente idealistas, podem desanimar facilmente quando as pessoas não compram logo as suas ideias. Relacionar-se com alguém com esse tipo de montanha russa emocional pode se tornar chato para os outros temperamentos.

Por outro lado, NFs estão numa constante “caça ao tesouro” para encontrar o significado oculto em tudo. Como têm fome e sede naturais pelo espiritual, são os tipos que mais apreciam a transcendência (especialmente a autotranscendência – *Selbstüberschreitung*) e a espiritualidade. Mas também necessitam de cuidado espiritual, porque, sem crescimento e desenvolvimento espiritual, podem murchar como uma planta sem água. Não é a toa que a maior parte dos líderes religiosos é NF!

Como vimos, NFs dão grandes mestres espirituais, pois, tomando apenas o cristianismo como referência, durante séculos de sua história, é provável que a maioria dos santos canonizados sejam de temperamento NF. Possivelmente porque, como o mais incompreendido dos tipos, só recebe o devido reconhecimento muitas gerações depois.

4. Brincando com os tipos de DK

Brincando, brincando vão-se dizendo as verdades. Muitas das clássicas piadas (anônimas) de “trocar a lâmpada” ou de “por que a galinha atravessou a rua?” circulam na Internet sobre os tipos de DK. Selecionamos, traduzimos e adaptamos livremente algumas dessas (deixando as dos NT, para um artigo a seguir) e as oferecemos ao leitor.

Quantas pessoas são necessárias para trocar uma lâmpada?

ENFP – Vários. Como não têm lâmpadas de reserva, juntos irão entusiasmadamente para a loja que vende lâmpadas para escolher uma nova e bela lâmpada, (provavelmente vermelha ou ultravioleta...), mas no caminho decidem fazer uma lista de outras coisas de que precisam (leite, papel toalha etc.). Enquanto fazem a lista, notam que precisam regar as plantas e enquanto regam percebem que precisam de um ancinho e juntam esse item à lista. Na loja, compram tudo da lista (e muitas coisas mais) menos a lâmpada. Lembram-se no caminho de volta de pelo menos dois amigos e vão parando para bater papo. Lembram-se também de que estão sem vinho e compram uma garrafa. Como já é quase hora do jantar, passam num drive through compram comida e, chegando em casa, abrem a comida e o vinho e percebem que esqueceram completamente da lâmpada...

ENFJ – Tantos quanto possível: todos devem crescer juntos na comunhão da troca da lâmpada.

INFP – Nenhum. Ele só notará depois de uma semana e depois de várias tropeções no escuro, mas se esquecerá uma e outra vez, perdido em seus pensamentos, devaneios e sonhos. Um amigo STJ (pensando: “fazer o que?”) trará uma de sua casa e trocará para ele. Em todo caso, o INFP fica triste pois conclui que a lâmpada o deixou porque ele não a amava. E guardará a lâmpada velha numa caixinha para o resto da vida, por conta da saudade.

INFJ – Ficaré refletindo se se trata de um sinal da escuridão dos tempos.

ISTJ – Um, mas só se ele mesmo for um eletricista profissional e com um histórico confiável de troca de lâmpadas. Se não, não haverá troca de lâmpada, pois estaria fora do padrão.

ESTJ – Manda um subordinado trocar. Se não houver um, ele mesmo pega uma lâmpada das duas caixas de reserva que ele tem.

ESFJ – Um, que trocará a lâmpada, arrumará a mesa de jantar, planejará a reunião da paróquia, limpará o banheiro, elaborará a lista de compras do supermercado para o mês que vem, colorirá com as cores de seu código o calendário do mês, reorganizará seu arquivo de pastas, tudo isso em menos de uma hora.

ISFJ – Um só e fará isso quando perceber que alguém necessita da luz dessa lâmpada.

ISTP – Um só e aproveitará para instalar um gato, que puxa energia por conta do vizinho.

ESTP – Nenhum. O ESTP olhará furtivamente para os lados para certificar-se de que ninguém tenha notado que foi ele, chutando bola, que quebrou a lâmpada. E então usará sua lábia para persuadir outro tipo a trocar a lâmpada.

ISFP – Em vez de trocar a lâmpada, acende uma vela: é mais romântico e o bruxulear da chama produz sombras expressivas em vez das sem graça da lâmpada...

ESFP – Dez. Um para trocar a lâmpada por um Globo Giratório Disco Ball e pelo menos outros nove para a festa depois.

Por que a galinha atravessou a rua?

INFJ – Como você pode ser tão insensível a ponto de questionar os motivos de uma pobre inocente galinha?

INFP – Provavelmente ela estava infeliz consigo mesma e já que do outro lado da rua tinha uma energia positiva ela atravessou em busca da harmonia interior.

ENFP – Uma galinha atravessou a rua? É um sinal de que o mundo finalmente está se tornando um lugar melhor. Alegremo-nos!

ENFJ – Eu sempre acreditei que a galinha ia criar coragem para atravessar a rua; ela só precisava de um encorajamento caloroso.

ESFP – Porque tinha uma festa do outro lado.

ISFP – Que bela imagem: galinha atravessando a rua ao pôr do sol!

ESTP – Eu tinha apostado no bolão que ela ia atravessar e, então, eu a convenci de que devia atravessar.

ISTP – Se não me afeta, não tô nem aí.

ISTJ – A galinha atravessou às 14:37 e a travessia durou 23 segundos. A razão pela qual ela fez isso não é importante.

ESFJ – Foram muitas semanas conversando com a família e amigas dela, para que a convencessem de que já era hora de ela atravessar.

ISFJ – Porque eu a ajudei, sem minha proteção a coitada poderia ser atropelada.
ESTJ – Porque era ilegal para galinhas permanecerem naquele lado da rua.

Orações dos tipos

ISTJ – Senhor, ajuda-me a não me estressar tanto com detalhes insignificantes, começando amanhã às 11:41h em ponto.

ESTJ – Senhor, ajuda-me a não controlar tudo. E se o Senhor precisar de alguma ajuda é só falar.

ISFJ – Senhor, ajuda-me a não deixar de ajudar ninguém que precise.

ESFJ – Senhor, ajuda-me a não deixar de saber nenhum detalhe da vida dos outros.

ISTP – Senhor, ajuda-me a ter em conta os sentimentos das pessoas, mesmo que tudo isso seja mimimi e frescura deles.

ESTP – Senhor, dai-me paciência, JÁ, que eu não aguento esperar.

ISFP – Senhor, ajuda-me a não me compadecer tanto dos outros, tadinhos...

ESFP – Senhor, ajuda-me a levar as coisas a sério, especialmente festas e baladas.

INFP – Senhor, ajuda-me a acabar tudo que eu estou começ...

ENFP – Senhor, ajuda-me a focar em uma coisa e não ficar que nem aquela borboleta linda que eu encontrei de manhã, quando estava indo para a escola, para aquela aula chata de física...

ENFJ – Senhor, ajuda-me a controlar essa enorme empatia, que decifra e se solidariza com cada um que cruza meu caminho.

INFJ – Senhor ajuda-me a não usar mais tantas metáforas, senão minha vida será um jogo de xadrez, no qual minhas ações são peças fora do tabuleiro e minha motivação, um rei sem proteção.

Referências

Gama, Mônica Fernanda Rodrigues “**Plástico e contraditório rascunho**”: a autorrepresentação de João Guimarães Rosa. São Paulo: Tese de doutorado Fflchusp-Letras 2013

Keirsey, David; Bates, M. **Please understand me**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

Laín Entralgo, Pedro **El Problema de ser cristiano**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 1997

Marías, Julián ‘Agostinho’. **International Studies on Law and Education**. São Paulo: Feusp 2001, N.3. <http://www.hottopos.com/harvard3/jmagost.htm>

Prado, Adélia **Poesia Reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991

Rogers, Carl **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Roy M. Oswald & Otto Kroeger. **Personality Type and Religious Leadership**. An Alban Institute Publication, 1988.

Recebido para publicação em 07-08-18; aceito em 09-09-18

Tipos de David Keirsey - identificando algumas características IV²⁶

Jean Lauand²⁷

Resumo: O artigo apresenta exemplos concretos de alguns dos tipos psicológicos de David Keirsey a fim de ajudar na compreensão de como eles se dão na realidade.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos psicológicos. tipos de temperamento.

Abstract: This article intends to show concrete examples of some psychological types of David Keirsey in order to help understanding how they are in reality.

Keywords: David Keirsey. psychological types. Temperament types.

1. Algumas características dos NT no site de Keirsey

Nos três artigos anteriores desta série, discutimos algumas características dos tipos SP, SJ e NF. Este é dedicado ao 4º. tipo, os NT a quem David Keirsey (abreviaremos por DK) chama de *Rationals* e que constituem cerca de 5 a 10% da população em geral.

Ao indicar as características comuns ao tipo de temperamento NF (que como todos os temperamentos admite 4 modalidades de sub-tipos), o site oficial de DK indica:

Tendem a ser: pragmáticos, céticos, auto-suficientes, focados em solução de problemas e análise de sistemas.

Prezam em si mesmos: serem engenhosos, independentes e com força de vontade.

Eles dão: *reasonable* cônjuges, *individualizing* pais e líderes estratégicos.

Eles são: equilibrados, confiam na lógica, anseiam por realizações, buscam o conhecimento, prezam a tecnologia, e sonham em compreender como o mundo funciona.

(<https://keirsey.com/temperament/idealist-overview/>)

E resume :

Os NT são o temperamento voltado para a solução de problemas, especialmente se o problema tiver relação com os muitos sistemas complexos que compõem o mundo que nos rodeia. Os NT podem resolver problemas em sistemas orgânicos como plantas e animais, ou em sistemas mecânicos como ferrovias ou computadores, ou em sistemas sociais como famílias, empresas ou governos. Qualquer sistema desperta a curiosidade deles. Os NT vão analisar o sistema para entender como funciona e atinar em como fazê-lo funcionar melhor.

(<https://keirsey.com/temperament/rational-overview/>)

O site de DK oferece ainda uma síntese dos 4 “subtipos” NT:

ENTJ (*Fieldmarshals*) geralmente ascendem a posições de responsabilidade e sentem-se bem como executivos. São incansáveis em seu devotamento ao trabalho e podem facilmente

²⁶. As partes I, II e III encontram-se respectivamente em www.hottopos.com/isle33/index.htm, www.hottopos.com/rih44/index.htm e www.hottopos.com/rih46/index.htm

²⁷. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. jeanlaua@usp.br

sacrificar outras áreas da vida pelo trabalho. Grandes administradores em qualquer campo – medicina, direito, negócios, educação, governo e militar. Organizam suas unidades como sistemas que funcionam bem, planejando o futuro e tendo sempre em mente os objetivos de curto, médio e longo prazo.

Exemplos: Margaret Thatcher, Golda Meir e Douglas MacArthur.

INTJ (*Masterminds*) Sobressaem sobre todos os demais em planejamento de contingências. Operações complexas envolvem muitos passos e etapas, uma após outra em necessária progressão e os INTJ têm a capacidade natural para captar como um passo leva a outro e para preparar alternativas para eventuais dificuldades que possam surgir em qualquer ponto do caminho. Antecipando qualquer contingência nunca embarcam em um projeto sem um plano A firmemente estabelecido na mente, mas sempre estão preparados para derivar para um plano B, C ou D, se necessário.

Exemplos: Hillary Clinton, Bill Gates, Dwight D. Eisenhower, Alan Greenspan.

ENTP (*Inventors*) Desde crianças já construindo engenhocas e mecanismos e não param mais, embora quando adultos dirigem sua inventividade para muitos tipos de organização: sociais ou mecânicas, Não há muitos ENTP, digamos, 2% da população, mas causam muito impacto em nossas vidas cotidianas. Com seu espírito inovador e empreendedor na busca de fazer as coisas de modo melhor, sempre de olho em novos projetos, empreendimentos e processos.

Exemplos: Ma. Montessori, Steve Jobs, Thomas Edison e Walt Disney.

INTP (*Architects*) não devem ser pensados só como interessados em elaborar projetos para edifícios, estradas ou pontes. São os grandes projetistas de todo tipo de sistemas teóricos, incluindo currículos escolares, estratégias de empresas e novas tecnologias. Para os INTP o mundo existe primariamente para ser analisado, entendido, explicado e re-projetado. A realidade externa em si não é importante, é pouco mais do que matéria prima para ser organizada em modelos estruturais.

Exemplos: Albert Einstein, Karl Marx e Charles Darwin.

2. Algumas características dos NT segundo DK

Para caracterizar melhor o(s) tipo(s) NT limitar-nos-emos a recolher resumidamente a apresentação teórica original do próprio DK (Keirsey 1984, p. 47 e ss.), intercalando-a com observações de nossa autoria.

É o tipo menos frequente: enquanto os SJ perfazem 45% da sociedade; os SP 30%; NF 15%; os NT são apenas 10%. Assim, geralmente, numa classe de 40 alunos, teremos cerca de 4 NTs, dos quais só um será I. Encontram-se assim rodeados por um ambiente social que lhes é estranho: enquanto os SJ e SP encontram-se rodeados de seus semelhantes.

O poder fascina os NT: não o poder de controlar as pessoas, mas a natureza: poder entender, controlar, prever e explicar as realidades. Em uma palavra, ciência: quem raspa um NT, acha um cientista. Essas formas de poder, no entanto, são simplesmente meios para o fim buscado pelo NT: **competência** (capacidades, habilidades, destreza e engenhosidade).

Quando cruzamos no Google (agosto de 2018) o nome do NT cabal (I/ENTJ), então candidato à presidência da República, Henrique Meirelles, com “competência” ou “competente” (o mantra dos NT) resultam nada menos de 100000 ocorrências de sites!!



Decididamente os sentimentos e as emoções (F) não são o terreno dos NT. Por isso, a candidatura de um NT no Brasil é problemática porque os NTs parecem frios demais para um país exponencialmente emocional e brincalhão (ESFP) como o Brasil. Nem bem Meirelles lançou-se candidato, os marqueteiros apressaram-se em lançar mão do velho truque: tentar vender um Meirelles pelo menos com alguma humanidade (pedir fofura, amor e ternurinha seria forçar demais o ENTJ), associando-o a pets:



Meirelles e sua cadela Trica

Ou quando outro ENTJ, João Dória, em campanha para a prefeitura de São Paulo, tentou mostrar sensibilidade e empatia com o povão e mostrar que “ele é gente como a gente”, comendo lanche de boteco, tudo que conseguiu foi viralizar na Internet. Outro NT, o apresentador de TV Roberto Justus, que por deficiência no lado F, foi tachado de robô (entre outras críticas a disfunções do NT por parte dos desafetos: gelado, arrogante, cruel...) na mídia e nas redes sociais e saiu-se com esta: “Não sou um robô. Meu estilo é esse. Eu sou assim na vida real” (Cf <https://tvefamosos.uol.com.br/a-fazenda/a-fazenda-9/critica/mauricio-stycer/2017/12/01/justus-nega-ter-jeito-de-um-robzinho-na-fazenda-meu-estilo-e-esse.htm>)

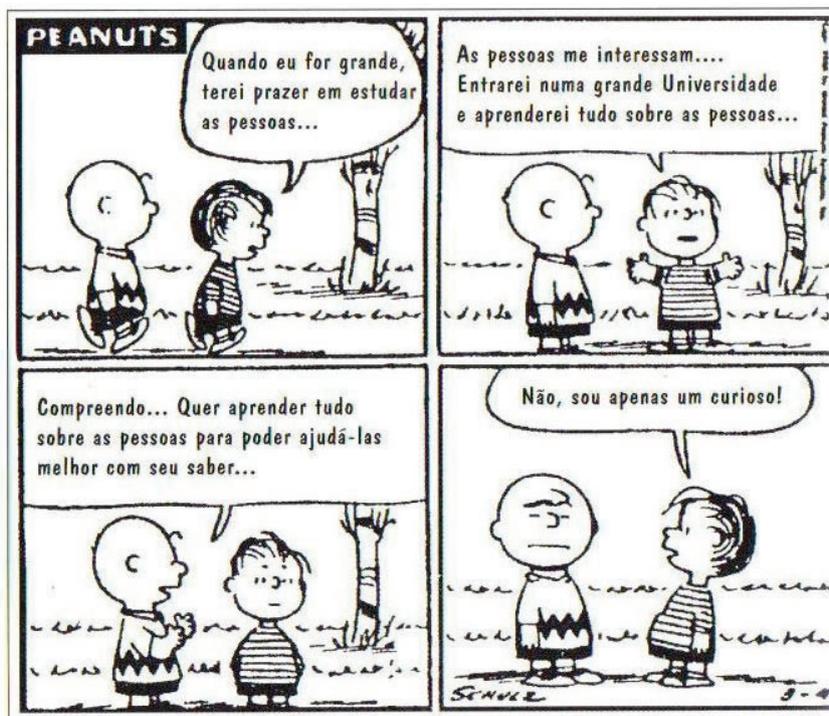


Não se pense que o NT é necessariamente um ser maquinal e frio, alheio às necessidades dos outros. Um de meus antigos alunos, extremado INTP, profundamente cristão, via como sua missão para com o próximo ajudá-lo a desenvolver a racionalidade na fé e na vida e, assim, ter uma existência melhor. Ele morava, na época, em um cortiço pobre em São Paulo. Contou-me que uma das vizinhas de quarto, descobriu o dia de seu aniversário e veio com a filhinha de 5 anos trazendo de presente um docinho barato, genérico do velho Dan Top. Ele, que conhecia muito de Química, agachou-se e começou a dar uma espécie de aula de divulgação científica para a atônita menininha sobre gorduras trans, hidrogenadas, aterôgenicas; edulcorantes etc. e, gentilmente, devolveu o docinho, indicando à garotinha e a mãe que o melhor era que se desfizessem dele. Contou-me o fato perplexo, pois não entendia que a menina tinha chorado e a mãe, desapontada, virou as costas e levou a filha embora. Encara, com ardor de missionário, projetar a arquitetura de um currículo de pensamento cristão, uma edificação intelectual sistemática, na qual cada peça ocupa seu lugar dentro de uma construção maior e foi pensado em função do lugar que deve ocupar no todo. Obviamente, de pouco apelo para outros tipos, como os NF ou para um franciscano ISFP etc. Claro que seu modelo intelectual é outro “arquiteto”, o INTP S. Tomás de Aquino, que logo no começo da *Suma Teológica*, equipara o trabalho do sábio ao do arquiteto, ou como se diz do INTP no site de DK: “captar princípios fundamentais e leis naturais, e que seus *designs* sejam elegantes, eficientes e coerentes”.

Racionais por excelência, os NTs desde muito jovens têm, como diz DK “uma rebeldia em aceitar autoridades. O fato de que alguém diga algo – por muitos títulos, reputação ou credenciais que tenha –, deixa o NT indiferente: o que se diz deve estabelecer-se por seus próprios méritos, passar pelo crivo da coerência, verificação e pragmatismo. ‘Entendo que foi Einstein quem disse, mas mesmo os melhores podem estar equivocados’ [...]. Essa resistência a admitir a autoridade dos outros, especialmente nos NT acentuados, tende a formar um NT cuja atitude parece individualista e até arrogante”. Uma das mais conhecidas sentenças do NT Einstein (INTP) é

aquela em que diz: "Para punir-me pelo meu desprezo pela autoridade, o destino fez de mim mesmo uma autoridade..."





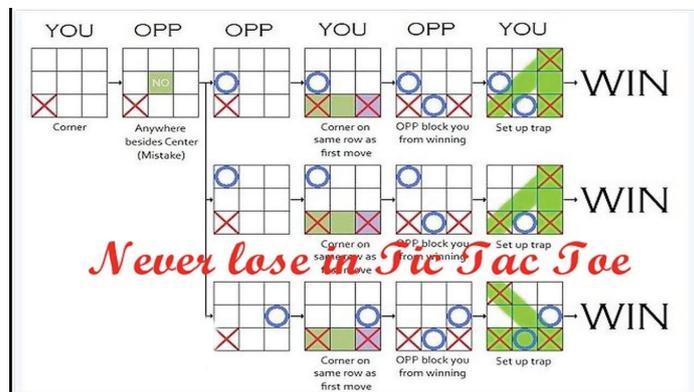
Claro que um aluninho NT vai ter dificuldades em uma escola na qual o ensino se apoia na autoridade: “É assim porque a professora falou. E pronto!” E certamente só vão se sentir mais à vontade na medida em que o ensino progride, ao longo dos anos – até o ensino superior – para mostrar as razões e conexões lógicas e científicas das informações.

Desde pequenos, muitos NT já mostram preferências por jogos de raciocínio: são eles os nerds da lógica, divertindo-se com paradoxos que não despertam interesse em outros tipos (que, por vezes, sequer têm paciência para entendê-los):

Dotados de vívida imaginação (N), voltada para a ciência e a engenharia, também a engenharia social (T), genuinamente nerds são aqueles filmes de ficção científica (em italiano *fantascienza*), que os NT podem curtir, como: “O caçador de androides”, “Jornada nas estrelas”, “Matrix”, ou mesmo a fábula do “Senhor dos anéis”; nerds de raiz e não meras brincadeiras de cosplay.

São NT as crianças que se recusam a jogar jogo da velha, porque se dedicaram a analisar e decifrar a estrutura dessa brincadeira e rapidamente chegaram à conclusão de que, do ponto de vista lógico, não se trata propriamente de um jogo: existe, em cada caso, um critério simples (para eles) para determinar o lance que não leva à derrota e o (pseudo) jogo sempre terminará empatado. Em vão tentam explicar isso aos coleguinhas, que vão continuar “jogando” o jogo da velha pela vida afora...

No jogo da velha, quem joga racionalmente, nunca perde. Para os interessados nessas razões e no algoritmo do empate/vitória, recomendo o artigo de David Pleacher: “The mathematics of playing Tic Tac Toe” (<http://www.pleacher.com/mp/puzzles/mgames/tictac.pdf>)



https://www.youtube.com/watch?v=hhLYjZb_EI

3. O NT em sociedade

Cada tipo tem o elogio (e a crítica) que o atinge em cheio: se você disser a um SP que ele é irresponsável, ele não se ofenderá (e talvez até considere isso um elogio...), mas se você disser a um SJ que ele é irresponsável, aí as coisas se complicam: o dever e a responsabilidade são tudo para um SJ. Assim, o sempre sereno e comedido Professor Girassol, de Tintin, só se irrita e fica transtornado (em cena longa de *Objectif Lune*) quando o capitão o chama de incompetente (e ainda na forma pejorativa “zouave”):



Desprovidos ou debilitados no fator F, para obter votos ou abrir portas em um país de *vigências* predominantemente emotivas, alguns NT por vezes “aprendem”, tentam imitar atitudes calorosas que vêm nos F, mas seu âmbito natural mesmo é a frieza em fuzilar incompetentes em “O Aprendiz”:



Obcecados pela eficiência e competência (e na política isso tem que se traduzir em resultados), o forte deles não é a área social, que requer empatia e fator F acentuado (os chefes NT podem ter grandes realizações nessa área, mas só se estiverem bem assessorados). O embate entre Soninha Francine e João Dória (depois de 100 dias: “você está demitida!”) ilustra bem isso.

Segundo ela, o motivo de sua saída foi a pressa de Doria em apresentar resultados visíveis para o público, algo mais demorado para a área social. “O que me incomoda é a palavra ‘gestão’, é ele falar que ‘a Soninha é muito legal, é muito isso, é muito aquilo’, mas que gestão não é um ponto forte meu. Gestão é um forte meu sim, mas porra, eu precisava de tempo”, explicou.

Sobre a expressão triste que manteve durante o vídeo, a ex-secretária disse que a reação foi natural. “Não é que eu fiz uma cara, é que eu não desfiz a cara que eu estava. Eu tinha sido demitida, estava mal. E eu não sou mentirosa”, ressaltou, afirmando que foi pega de surpresa. “A gente vai gravar um vídeo? Eu vou aparecer com essa cara?. Eu até brinquei com ele: E se eu chorar?”, questionou na ocasião.

(<https://www.revistaforum.com.br/soninha-desabafa-apos-video-com-doria-estava-mal-e-eu-nao-sou-mentirosa/>)



DK faz um interessante paralelo entre o SP e o NT. O *must* para o NT é ser competente; para o SP, a ação. Mas enquanto o SP vê a habilidade como um meio para o agir; o NT vê o agir como meio para adquirir habilidades. Em um quadrinho genial, Tio Patinhas confia aos antepassados que ganhar dinheiro não é para ele o mais importante, mas sim um meio de afirmar sua inteligência, vencendo desafios para esse saber que é poder:



Os NT confidenciam (aos amigos íntimos) que se sentem perseguidos por uma sensação de estar à beira do fracasso: essa insegurança proveniente do perfeccionismo (a perfeição inalcançável...) tem obstruído a progressão na carreira de muitos colegas NT, que embora sejam eruditos notáveis e pesquisadores exemplares, ficam longos anos como doutores, não se “atrevendo” a fazer concursos para Livre-Docência e Titular, para os quais estão, de há muito, mais do que habilitados. Esse absurdo grau de exigência pode, em alguns casos, ser transferido para os orientandos, com graves consequências acadêmicas e... psicológicas.

O NT quando joga desperta tristeza e até compaixão comparado com o relaxamento e a diversão de um SP. Como a recreação é necessária para a saúde, ele estabelecerá horários para essa atividade. E em jogos de baralho ou jogos de tabuleiro ou salão, tratará de aperfeiçoar sua “competência recreativa”: quando joga cartas não se permitirá nenhum erro; no bridge, os outros podem errar, mas ele evitará cuidadosamente qualquer lapso lógico ou falhas de estratégia. No tênis, cada set deve ser ocasião de aperfeiçoar certos movimentos e eliminar erros anteriores.

O NT pode enviar duas mensagens contraditórias àqueles que os rodeiam. Uma é a de que não espera muito dos outros que, afinal, não sabem muito e não podem fazer as coisas bem feitas. Uma maneira de enviar essa mensagem é expressar uma engenhosa surpresa quando se deparam com habilidade ou competência nos outros (afinal, não era de esperar que estivessem à altura de sua compreensão NT do assunto; os outros 3 tipos assumem que os outros podem, em boa medida, entender o que comunicam). Em Espanha, a fórmula jocosa para isto é: *“Parecía tonto cuando lo compramos...”*

A segunda mensagem é a de que espera que tentem atingir o mesmo grau de exatidão que ele exige de si mesmo. E como ninguém (nem o próprio NT...) pode viver nessas alturas, o NT aparece como (e é) extremamente exigente.

O resultado desagradável dessas duas mensagens é de que os que rodeiam o NT podem chegar a sentir-se intelectualmente inadequados. E com o tempo instalam-se em uma atitude defensiva, se afastam e hesitam em comunicar suas ideias (o que é trágico no caso já citado da relação orientador-orientado). E não raramente o NT pode acabar isolado, porque os demais se afastam pelo medo de ser rotulados como burros. E isso para o NT é uma confirmação a mais da incompetência dos outros...

Em sua comunicação, o NT evita redundâncias (exaspera-se, por exemplo, com as repetições de um Sílvio Santos para seu “auditório de imbecis...”) e seu discurso costuma ser seco, compacto e lógico (imaginando falsamente que todos já sabem aquilo que é óbvio...) e exige dos demais também uma linguagem precisa.

4. Piadas sobre o NT

Tal como fizemos para outros tipos, aqui vão algumas piadas, recolhidas na NET (e de difícil identificação de autoria), traduzidas e selecionadas livremente:

Quantas pessoas são necessárias para trocar uma lâmpada?

INTP – Duas. Mas só decidirão depois de longo debate para provar que a lâmpada não existe realmente nesta dimensão etc. Na prática, não ocorrerá a troca da lâmpada.

ENTJ – Uma. Fará a busca na Internet sobre o melhor custo benefício para a lâmpada e mandará o ESTJ comprar.

INTJ – Uma. Vai investigar exaustivamente a melhor opção de lâmpada e pesquisar a fundo todos os diversos tipos, criando uma planilha da eficiência de cada uma e considerando o upgrade para um diferente tipo.. e finalmente escolhe a ótima para seu caso. Mas como na loja não tem, ele compra uma que atenda às necessidades básicas e resolve não perder tanto tempo da próxima vez.

ENTP – Três. Mas elas antes vão construir uma lâmpada melhor. Com laser.

Por que a galinha atravessou a rua?

ENTJ – Porque eu mandei!

ENTP – Imaginemos galinhas continuamente atravessando a rua. Dá para usar isso como uma fonte de energia renovável.

INTJ – Galinhas são burras.

INTP – Ah é? Eu nem vi, acho que estava distraído com alguma outra coisa...

Orações dos tipos

INTJ – Senhor, torne-me aberto para as ideias dos outros, por mais IDIOTAS que elas sejam.

ENTJ – Senhor, ajuda-me a diminuir o ritmo de trabalho e não atropelartudonaminhavidamém

INTP – Senhor, ajuda-me a ser mais independente, mas a meu modo.

ENTP – Senhor, ajuda-me a seguir no dia de hoje os padrões estabelecidos. Ou melhor, por uns poucos minutos.

Recebido para publicação em 12-09-18; aceito em 05-10-18

A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas

Enio Starosky²⁸
Jean Lauand²⁹

Resumo: Os tipos psicológicos de David Keirsey têm sido muito usados em diversos campos: empresarial, relações humanas, educação, marketing, na redação de roteiros de filmes etc. O objetivo deste artigo é abrir o diálogo entre esses tipos (aqui contemplando somente os fatores básicos da tipologia de Keirsey) e as preferências – individuais ou coletivas – nas religiões cristãs: em diversas dimensões nas quais a religião exerce sua influência – doutrina, cerimonial de culto, pregação, ética etc.

Palavras Chave: David Keirsey. tipos de temperamento. religião. preferências religiosas. pastoral.

Abstract: The psychological types of David Keirsey has been used in various fields: management, education, marketing, writing screenplays etc. This article has a simple purpose: starting a dialogue between those types (in this article considering only the fundamental factors of Keirsey) and religious preferences – both individual and social – in many Christian religious dimensions: doctrine, ceremonies, preaching, ethics etc.

Keywords: David Keirsey. temperament types. religion. religious preferences. pastoral psychology.

As preferências E x I e práticas religiosas

Como se sabe, DK estabelece oposição entre 4 pares de fatores, a começar pelo par E/I, extroversão / introversão.

Descendo ao campo do concreto, evidentemente, uma prática religiosa como o tradicional retiro espiritual de alguns dias em silêncio – que evoca os 40 dias de Jesus no deserto – será bem considerada por um sujeito de preferência I e talvez insuportável para um de acentuada preferência E. Reciprocamente, o I terá grandes dificuldades em participar de encontros ou grupos de oração nos quais a proposta é a de abrir (no jargão religioso, “partilhar” ou “dar um testemunho”) – ou até escancarar – a intimidade espiritual para o grupo, escancarar emoções, abraçar pessoas que acabou de conhecer, falar em línguas etc.

Em um site de grupo católico de perfil ISTJ (na medida em que é cabível falar assim, com as licenças metodológicas deste artigo de exploração prévia e *data venia* da antecipação dos tipos completos) recolhem-se críticas à RCC (Renovação Carismática Católica) e seu acentuado perfil E e F (já antecipando o fator F):

Chego a pensar que para esses carismáticos a RCC detém uma missão quase revolucionária; destruir as estruturas “antiquadas” e “arqueológicas” da Igreja, criando uma nova cara “moderna” e “jovem”; o triunfo da bateria e da guitarra, a aposentadoria do missal e do órgão, o fim da mística e contemplação, o reino do oba-oba litúrgico. (<http://www.veritatis.com.br/conheca-mais/7266-a-polemica-continua-a-rcc-e-certos-leitores>. Acesso em 17-3-16.)

²⁸. Mestre em Educação pela Univ. Metodista de São Paulo e doutorando em Ciências da Religião nessa universidade. Principal autor dos tópicos 4 a 6.

²⁹. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br. Principal autor dos tópicos 1 a 3.

Se os antigos Padres do deserto buscavam a solidão (que até etimologicamente integra a vida monástica, do monge, *monachós*), muito cedo se impôs a condição de vida em comunidade para os monges e, ao longo da história, diversas ordens e congregações religiosas foram surgindo, com modos diversos de realizar a vida consagrada. Mas o silêncio (objeto do cap. 6 da regra de São Bento) sempre é um valor ligado à vida contemplativa.

Como na antiga piada italiana do E que se torna monge cartuxo.

O sujeito resolve largar tudo e ir para o mosteiro cartuxo.

Ao chegar, é advertido pelo superior: “- Aqui, a vida é dura e, principalmente, silêncio: você só poderá falar duas palavras a cada dez anos”.

“- É isto mesmo que eu quero!”

Passados dez anos, o superior bate à porta de sua cela: “- Dez anos, duas palavras”.

“- Cama... dura!”

O superior faz uma pequena reverência e retira-se em silêncio.

Passados mais dez anos, o superior bate novamente à porta de sua cela:

“- Dez anos, duas palavras”.

“- Comida... fria!”

O superior faz uma pequena reverência e retira-se em silêncio.

Outros dez anos...

“- Dez anos, duas palavras”.

“- Vou embora!”

“- É bom mesmo... Trinta anos que você está aqui e só sabe ficar reclamando, pô!”

As preferências: F x T

As preferências F / T, apresentadas também de modo maximamente reduzido, referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, em contraposição a uma preferência T (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal, o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão.

Evidentemente, para as religiões - e para a vida em geral - são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “*Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio*” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

As diferenças entre as preferências F e T na religião tornam-se imediatamente claras quando cotejamos as figuras de Bento XVI e do Papa Francisco.

Se o acentuado fator T de uma Margareth Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e neste Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: “mais profecia e menos burocracia”.

Sempre de modo resumido, consideraremos a distinção *S/N*. *S* vem de *sensible*, o realista, pés no chão, para quem os fatos são fatos; enquanto a preferência *N* mais do que em fatos liga-se às possibilidades, metáforas e futuros que neles se contêm. Para o par *S/N* (e também para o *J/P*) na religião, apoiar-nos-emos em Goldsmith.

A espiritualidade e sua complexidade

Antes de analisar o par *S/N* no contexto específico da teoria keirseyan dos temperamentos, faremos uma breve introdução sobre a complexidade do que chamamos “espiritualidade”. Embora apresente crescente interesse em pesquisas científicas na atualidade, o tema “espiritualidade” continua sendo um assunto complexo. Muitos cursos, seminários e workshops sobre espiritualidade tem grande popularidade em círculos religiosos, sobretudo entre pessoas em posições de liderança nas igrejas. É fato que, de modo geral, cristãos têm o desejo de sempre aprender mais e, com razão, dizemos que quando falamos em espiritualidade, somos todos aprendizes.

Isso é particularmente verdadeiro porque a espiritualidade abrange uma área mais ampla da vida humana que normalmente se imagina. Concordamos com Schleiermacher que afirmava que a espiritualidade é um “jeito humano de ser”, do seu desejo de se relacionar com a Totalidade (com o Todo); a busca por algo que amenize a ânsia. Experiências espirituais nos permitem permanecer no temor na medida em que nos tornamos conscientes de que há algo (ou Alguém) acima de nós mesmos; permitem deleitar nossos sentidos na medida em que admiramos algo belo como a arte, a música, a flores ou uma paisagem; e permitem sermos animados na medida em que experimentamos amor e perdão e sentimos afixada a nossa própria existência. Independentemente do que acreditamos, o modo como expressamos nossa espiritualidade pode assumir formas muito diferentes. Encontrar o caminho espiritual mais próximo do nosso jeito de ser a fim de enriquecer nosso propósito e significado de vida é essencial para experimentar plenamente nossos dons mais profundos.

Para analisar os *S/N* partimos do pressuposto de que o modo como as pessoas percebem o mundo e se relacionam com ele pode afetar diretamente o seu entendimento sobre a fé e a vida religiosa. Atualmente casas de retiro são vistas como excelentes recursos para renovar a vida religiosa. É provável que isso tem algo que ver com a perda geral da confiança na secularização. É verdade que muitos não voltam para as igrejas, mas já não estão mais assumindo que o pensamento lógico e científico eliminou a necessidade do lado espiritual da vida. De um modo geral, as pessoas aceitam uma abertura para a dimensão mística ou espiritual da vida. No entanto, muitas pessoas também não assumem automaticamente que as igrejas são os lugares onde podem encontrar essa dimensão. O que se tem visto é o surgimento de grupos religiosos “radicais” e grupos “alternativos” que oferecem às pessoas um caminho para novos entendimentos de sua experiência cotidiana de alegria e sofrimento, de angústia e busca de sentido.

O psicoterapeuta suíço Carl Jung costumava dizer que nunca teve um único paciente cujo problema não era, em última análise, religioso. Com isso ele queria dizer que qualquer pessoa criada na sociedade europeia, ainda que seus pontos de vista religiosos fossem bem diversos, consciente ou inconscientemente, tinha que encarar questões morais, religiosas ou espirituais. Algumas pessoas são capazes de lidar bem com essas questões e estabelecem com facilidade um sistema de crenças (ortodoxo ou não). Outras, por uma enorme variedade de motivos, reprimem este sistema no inconsciente. Mas, ainda que momentaneamente adormecidos, em algum momento da vida emergirão.

Mas qual é a natureza dessa busca espiritual? A que se destina? Como se dá esse processo? Como as pessoas fazem suas escolhas dentro de um vasto leque de opções disponíveis? E por que há tantas? É

surpreendente que, com tantas pessoas investindo tempo em oração e contemplação, o caminho ainda esteja tão escondido por trás de tantas práticas diferentes (e frequentemente com enormes contradições).

Práticas religiosas existem para todos os gostos e o cardápio é quase imensurável. Contudo, é curioso observar que nas próprias denominações há uma grande diversidade de formas de as pessoas entenderem um texto bíblico, uma oração, a adoração, a conversa sobre fé e o testemunho. Em todas há a expectativa de experimentar a presença de Deus, mas sempre na esperança de que seja *do seu jeito*. Compreender que tipo de abordagem as pessoas fazem ao se defrontarem com sua espiritualidade e entender tais diferenças é fundamental para a presente investigação e possibilitará o planejamento de futuras análises acadêmicas mais abrangentes bem como intervenções práticas.

Para muitas pessoas, a busca espiritual é comparada a uma viagem interior. É a exploração de um mistério em que descobrem quem realmente são. E esta descoberta só tem lugar nas suas vidas quando se abrem à realidade e ao mistério de Deus. É uma busca profundamente pessoal e privada. Outras, porém, descobrem a realidade sobre Deus – e provavelmente sobre si mesmas – à medida em que se envolvem com outras pessoas. Refletindo sobre as experiências e eventos do mundo descobrem seu próprio sentido e significado. O que as sustenta na jornada espiritual é mais um envolvimento com o mundo do que uma fuga dele.

Algumas pessoas necessitam uma base racional para sua peregrinação. Como suspeitam das emoções e estão sempre alertas à possibilidade de ficarem rodeadas por muita “religião”, desejam *pensar* enquanto abordam questões de fé. Reconhecem que não serão capazes de atingir Deus apenas através da inteligência, mas também não admitem estar satisfeitas com uma fé que exige que deixem o intelecto de lado e não questionem nada. Outras pessoas requerem *sentir* e experimentar, sobretudo, um relacionamento de aceitação com “aquilo que está acima delas”. Encontram encorajamento no relacionamento com as outras pessoas. A ênfase é procurar estar acima da própria busca individual por sentido e significado, e provavelmente são mais movidos por um apelo do coração do que por um apelo da razão.

Outra área onde há diferenças no modo como as pessoas se aproximam da sua espiritualidade é no uso e entendimento dos símbolos e do estímulo visual. Algumas pessoas são ajudadas significativamente na sua vida religiosa por meio da música, por cores e texturas, enquanto outras acham isso nem um pouco relevante. Umas gostam de incenso enquanto outras podem ser repelidas por ele. Umas gostam de meditar por longas horas, talvez se utilizando de uma vela para manter a atenção, enquanto outras podem achar isso uma tolice. Nenhuma abordagem é certa ou errada. São apenas diferentes. Muito diferentes, aliás. Assim como algumas pessoas podem manter contato com Deus através da música, outras simplesmente o fazem observando a sementeira de uma semente, cheirando uma madeira serrada, ou simplesmente no relacionamento afetuosos com seus amigos.

Fato é que a falta de compreensão de "por que funcionamos como funcionamos?", e "por que somos tão diferentes?", é fator de grande perda para a espiritualidade em geral. A grande maioria dos religiosos não está preparada para perceber o valor dessas distinções e a falta do auto-conhecimento tem destruído o trabalho de muitos. Entender por que somos tão diferentes é entender que somos resultados de genética, construção familiar, social, religiosa. Ortega y Gasset aponta para a essencialidade do *eu* na sua conhecida afirmação: “*Yo soy yo y mi circunstancia*”. Se antes de mais nada, eu sou *eu*; a circunstância, também faz com que o eu o seja. Daí a relevância do estudo dos temperamentos (que, afinal, regulam também o “lado” circunstância do eu).

As preferências: S x N

Analisemos agora estes diferentes aspectos de abordagem da espiritualidade à luz da tipologia keirsejana nos tipos *S* e *N*.

Estima-se que cerca de três quartos (ou um pouco mais) da população são pessoas cuja preferência é *S* (*Sensible*). Ou seja, 75% ou 80% das pessoas é *S* e apenas 25% ou 20% é *N* (*iNtuitions*). Mas, o que se tem visto nos círculos religiosos, sobretudo, nos círculos das igrejas, é uma presença muito maior de tipos

psicológicos com preferência *N*. Então, se os *S* são maioria na população em geral e não o são nos círculos participativos das Igrejas isto apresenta à igreja um “problema” bastante interessante. Se as igrejas atraem mais *N* do que *S*, isso provavelmente significa que quando pessoas cuja preferência *S* vão para as igrejas, encontrarão um padrão de espiritualidade mais direcionado para o tipo *N*. Este fato foi comentado em um livro interessante de Bruce Duncan chamado *Pray Your Way (Ore do Seu Jeito)*. Ele citou um artigo do *The Daily Telegraph* que acusa os líderes de igrejas de subestimarem a importância de traduzir os grandes mistérios religiosos em conceitos que meros mortais possam compreender. A maioria dos líderes religiosos, diz Duncan, são *N* e a minoria, *S*. Os símbolos religiosos dos *N* são conceituais, abstratos e filosóficos. Não gostam de simplificar conceitos complexos da teologia e seus mistérios. E não apenas não gostam para si mesmos, como também não apreciam que seja feita qualquer simplificação para aqueles a quem lideram e influenciam. Os líderes *N* acham que os próprios *S* precisam fazer essa leitura para a simplicidade e para os fatos.

Quais são as principais características dos *S*? São pessoas³⁰ que valorizam a informação advinda dos sentidos. Sua consciência de mundo e da dimensão espiritual da vida se origina desta visão. Para eles é importante ouvir música, falar, tocar e experimentar. Os *S* tendem a se preocupar com coisas específicas, com “o aqui e o agora”. “Não me fale de amor, mostre-me”! diz Eliza Doolittle em *My Fair Lady*. Então, no terreno espiritual, os *S* estão sempre preocupados com o que está acontecendo hoje, aqui e agora; não gostam ou estão pouco preocupados com planos vagos e generalizações sobre o futuro. Apreciam a espiritualidade do “já” (*jetzt*) – uma teologia da experiência. Se o cristianismo é para ser relevante, então tem que ser relevante já, agora, nas circunstâncias cotidianas e ser prático. Em essência, a abordagem dos *S* para a espiritualidade é simples. Dizem: “Corte todas as complexidades, não me confunda com palavras e ideias abstratas, apenas me deixe conhecer tudo de maneira simples”. Certamente, argumentam eles, Deus está perto e é amor, por isso o importante é redescobrir a verdade simples que permite apreciar essa proximidade e amor e buscar o que é essencialmente simples, não o que é complexo e está fora do alcance.

Para um *S* existem muitas coisas que, ordinariamente, podem abrir a mente para Deus. Um dia de verão, a beleza dos formatos das nuvens, a delicadeza de uma flor, o cheiro de uma grama recém cortada, os sons dos passarinhos ou a batida das ondas na praia. Uma espiritualidade de preferência *S*, provavelmente começará assim uma oração – mesmo depois que uma terrível tempestade tenha acabado completamente com a sua plantação: “Nós te agradecemos, ó Deus, porque quase nunca nos mandas um temporal como este”! Para os *S* tudo o que está relacionado aos sentidos pode ser uma lembrança de Deus!

Outro aspecto de relevância na espiritualidade de um *S* está ligado a seu corpo. A atenção ao corpo e à respiração tem lugar especial na espiritualidade dos *S*. Respirar fundo, ficar quieto e conscientizar-se de corpo da ponta dos dedos das mãos até a ponta dos pés, é exemplo disso. E achará muito bom tirar os sapatos, dar uma volta e sentir o chão debaixo dos pés. Mas um exercício assim – que é puro deleite para um *S* – será, talvez, difícil, chato e sem sentido para um *N*.

É significativo lembrar que a igreja cristã ao longo de séculos, sobretudo a igreja católica (sem qualquer conhecimento da teoria keirseya dos temperamentos), revelou extraordinária capacidade de aplicação da psicologia pastoral ao capturar os sentidos dos *S* encantando-os com a oferta do que mais lhes atrai: as cinzas da Quarta-Feira de Cinzas, as velas, a hóstia e o vinho, os paramentos e vestimentas sacerdotais, o vermelho forte do Sagrado Coração, a Virgem vestida de azul e branco, o aroma do incenso, o cheiro do azeite e o bálsamo sacramental, o gosto do peixe na Sexta-Feira Santa, o som do sublime canto gregoriano, o genuflexório e o fúnebre *Dies Irae*.

Com relação à leitura do texto bíblico também se pode fazer várias observações quanto ao que agrada a preferência *S*. Gostam mais de prestar atenção a detalhes específicos e de trabalhar sistematicamente um livro em particular ou um determinado Evangelho. Segundo Goldsmith, alguns

³⁰. Sempre pressupondo no leitor as ressalvas e a consciência das limitações do procedimento tipológico, que aqui apresentamos em caso ideal, mas reconhecendo que, na realidade há casos mistos e nunca o tipo puro; que há exceções etc.

estudiosos dizem que – embora ele próprio tenha reservas com relação a esse ponto em particular – os *S* frequentemente são mais atraídos pelo Evangelho de Marcos que pelos outros Evangelhos devido a forma como foi escrito – bastante conciso, específico e em ordem. O que é certo é que, de fato, a maioria dos *S* querem que as coisas sejam claras, descomplicadas e “fincadas” factualmente na realidade. Isso não sugere que não sejam capazes de lidar com a complexidade, nem sugere que sejam menos inteligentes. Longe disso. Apenas que, ainda que utilizem imaginação, a preferência é pelos *sentidos*; e que suas características principais são imediação, simplicidade e relevância.

Passemos agora para os principais aspectos da espiritualidade dos *N* (*iNtuitives*). Como já afirmamos, pessoas cuja preferência é por *N*, tendem a ser orientadas para o futuro – provavelmente mais inclinados a uma teologia da esperança. Procuram olhar para as possibilidades e viver em um mundo ainda não explorado. Estão sempre procurando novidades e esperam por situações melhores. Essas preferências são formativas também na vida espiritual. Formam e moldam a sua abordagem para a adoração e a oração bem como para o pensamento geral sobre Deus e o mundo. Estão mais preocupadas com o “grande quadro da existência”. Nutrem especial apreço por descrever uma cosmovisão (*Weltanschauung*), uma mundividência, um quadro do mundo inteiro (*Weltbild*). Estão menos preocupadas com detalhes e podem se entediar rapidamente com repetições, práticas, minúcias e com as circunstâncias presentes. São magneticamente atraídas por uma teologia ou espiritualidade do “ainda não” (*noch nicht*), por um reino ainda não instaurado, mas que, no futuro, manifestará as características de Deus – a justiça, a paz, a harmonia e a re-união das diversas partes, ora caóticas, da criação. Buscam participar do universo. Têm visão transcendente de Deus e gostam de abrir a mente para novas possibilidades. Para os *N*, Deus é tão misterioso e maravilhoso que usar palavras para descrevê-lo significa negar seus atributos divinos ou, pelo menos, limitar o que ele é, porque as palavras não conseguem lhe dar real significado.

Os *N*, portanto, procuram *transformar* o mundo e por isso raramente estão satisfeitos. Tendem a estar sempre à procura por “melhores” maneiras de explorar o que significa ser um discípulo. Estão sempre insatisfeitos com sua vida espiritual; o que pode ser desafiador e cativante, mas também, por vezes, irritante por causa da constante necessidade de querer desafiar e mudar tudo. Muitos líderes religiosos estão o tempo todo se perguntando como podem consertar o mundo.

Os *N* gostam de pensar em muitas coisas ao mesmo tempo e suas orações tendem a perder foco. Quando um *N* para para orar e começa a pensar sobre o conteúdo da oração, muitas possibilidades lhe vem à cabeça e reluta em seguir uma delas. E, como não gosta de rotina, é improvável que estabeleça um padrão. Os *N* gostam de falar sobre o futuro e, como são insaciavelmente curiosos, tendem a querer responder questões a respeito de tudo. Pouquíssimas coisas têm valor em si mesmo e quase tudo pode conduzir a outras possibilidades. Sentem que há risco de falhar ao agir, por isso estão mais interessados em pensar em alternativas e possibilidades! Isto é particularmente verdadeiro para aqueles *N* que também são *P*. O próprio Jung alertou para o risco que os *N* – especialmente os extrovertidos – precisam encarar quando escreveu que se trata de um tipo psicológico que gasta a vida toda em coisas e em pessoas, mas que ele mesmo, no fim, sai vazio.

Os *N* também são suscetíveis a orar por generalizações mais do que por particularidades e quando focam uma particularidade é para, muito rapidamente, torná-la uma oração mais geral outra vez. Um pedido para orar por uma criança em um hospital, por exemplo, pode conduzi-los a orar por todas as crianças nos hospitais, por todas as crianças que passam necessidade, por todas que passam perigo..., e então se torna uma oração pela paz mundial que vislumbra uma sociedade perfeita na qual todos viverão sem medo, sem dor e sem sofrimento.

Pessoas com preferência *N* estão inclinadas a acreditar que ler a Bíblia, ainda que considerem isso importante, é apenas um ponto de partida para refletir sobre um leque enorme de outras questões. Não é tanto a narrativa bíblica que importa, pois acreditam que Deus pode usar uma passagem da Bíblia para trazer outras coisas à mente. No louvor em público, os *N* podem complementar as leituras bíblicas com outras leituras que podem até suplantar a Escritura.

Como sabemos, os *N* podem ser *NT* ou *NF*. Os *NT* (*INTP*, *INTJ*, *ENTP* e *ENTJ*) estão inclinados a achar que a sua vida devocional será melhorada pelo questionamento teológico e, por isso, procuram desenvolver uma espiritualidade que recorre a razão como base do pensamento e da reflexão. Os *NF* (*INFP*, *INFJ*, *ENFP* e *ENFJ*), porém, gostam de uma espiritualidade que envolve e valoriza a pessoa inteira. Os *N* frequentemente têm períodos alternados de entusiasmo e repouso e o mesmo acontece com a espiritualidade deles. Podem ter períodos de intenso *insight*, devoção e atividade, seguidos de períodos de calma e silêncio que também, por sua vez, podem ser bem variáveis. Aprendem a não ficar excessivamente preocupados nos períodos em que produzem pouco.

Como qualquer pessoa, obviamente, um *N* pode se tornar autoindulgente, inconstante ou simplesmente “difícil”. Pode haver ocasiões em que não dê atenção suficiente para as coisas importantes da vida e, conseqüentemente, achar que o seu desenvolvimento espiritual sofre. Claro que isso acontece não porque é um *N*, mas porque é humano! Entretanto, é bem provável que essa característica seja mais intensa em pessoas com esse tipo psicológico.

Os *N* Extrovertidos tendem a estar preocupados com as possíveis transformações do mundo; desejam fazer mudanças consideráveis no ambiente externo, sempre procurando novas possibilidades no mundo das ideias. Estão sempre procurando outras formas de entender e cooperar com Deus. Os *N* Introversos, por outro lado, podem ter menos preocupação em fazer mudanças “lá fora”; estão mais interessados em revisar a maneira de observar as coisas e procurar novos ângulos para entender a vida. A oração do *N* Introverso pode ser muito profunda e pessoas que dominaram esta forma de oração são frequentemente respeitadas como escritores e mestres espirituais. Os *N* vivem em um mundo provisório, cheio de possibilidades excitantes e tendem a ver as coisas em grande escala. A salvação do mundo lhes é mais atrativa do que a salvação de uma única alma. Para os *N* o Evangelho de João é mais atrativo porque é rico em imaginário e simbolismo. É bastante difícil encontrar hinos que claramente trazem uma abordagem *N*. Porém, embora raros, registramos este, citado por Goldsmith, que se destaca:

I danced in the morning when the world was begun
And I danced in the moon and the stars and the sun.
And I came down from heaven and I danced on the
earth;
At Bethlehem I had my birth.
Dance then, wherever you may be;
I am the Lord of the Dance, said he,
And I'll lead you all, wherever you may be.
And I'll lead you all in the dance, said he.
They cut me down and I leap up high;
I am the life that'll never, never die;
I'll live in you if you'll live in me
I am the Lord of the Dance, said he.
Dance then ...
(Apud GOLDSMITH, 1997, p. 67)

E o credo de um *N* pode ser semelhante a este:

Cremos em Deus,
cujo amor é fonte de toda a vida
e o desejo de nossas vidas.
Cujo amor teve uma face humana
em Jesus de Nazaré.
Cujo amor foi crucificado pelo mal
que se escraviza por todos nós
e cujo amor, derrotando até a morte,
é a nossa promessa gloriosa de liberdade.
Portanto, ainda que algumas vezes estejamos amedrontados
e cheios de dúvida,
em Deus confiamos;
e em nome de Jesus Cristo, nós nos comprometemos:
a servir amorosamente aos outros,
a procurar a justiça
e a viver em paz,
para cuidar da terra e compartilhar
o bem comum da bondade de Deus,
para viver na liberdade de Deus,
no poder do espírito do amor,
na companhia da fé
e então sermos igreja.
Para a Glória de Deus. Amém.
(in GOLDSMITH, 1997, p. 69 – tradução livre)

Para um *N* um credo assim pode ser bem mais agradável que o credo tradicional. Algumas pessoas reagirão a isto com entusiasmo e se abrirão a novas ideias e possibilidades, outras reagirão preocupadas e questionarão sobre qual o valor de uma descrição assim.

Goldsmith afirma que tem estudado profundamente os perfis do tipo psicológico *S* e *N* porque julga o tema importantíssimo para as igrejas na atualidade. Sobretudo porque que a maioria dos líderes das igrejas provavelmente seja *N* e a maioria das pessoas em geral provavelmente seja *S*. E especialmente porque, talvez, de modo geral, muito do debate contemporâneo e das controvérsias teológicas, na verdade, não é propriamente sobre teologia, mas tem mais relação com o modo como as pessoas encaram a vida; com o que, a princípio, é absolutamente insuspeito: os temperamentos. (GOLDSMITH, 1997, p. 70).

O incidente relatado no evangelho de Marcos 4:35-41 é, talvez, um bom exemplo disso. Jesus está dormindo num barco e uma tempestade assusta os discípulos que estão com Ele. Segundo Goldsmith trata-se de um cenário bastante claro para um *S*. O texto é direto e conta fatos. Um *S* facilmente “vê” a cena e se identifica com ela. Jesus reprime a tempestade de maneira miraculosa e isso é sinal concreto do seu poder e divindade. Já para um *N*, é muito difícil considerar esse incidente isoladamente, sem fazer deduções amplas e gerais. Um *N* imagina que o episódio deve ser parte de um todo e precisa ser visto a partir de um contexto mais amplo. Imediatamente lembra que, no mundo antigo, com frequência, a água representava o caos, e então

conclui que esta história, simbolicamente, conta que Jesus é capaz de reprimir as forças do caos. E é aí, pensa, que essa história ganha sentido e importância.

Embora ambos (tanto os *S* e como os *N*) vejam o milagre e entendam que a história é sobre o poder de Deus manifesto em Jesus, ainda assim podem lidar de maneira bem diferente com o mesmo texto e conduzir seus argumentos para lados distintos e até mesmo opostos, podendo gerar conflitos, discórdias e divisões dentro da igreja. Um *S* poderia ser acusado de simplismo e literalismo e um *N*, de negar a verdade da Escritura.

As preferências: J x P

Neste caso, nem vale a pena indicar os significados das abreviações *J* e *P*, que poderiam desorientar o leitor. Baste-nos resumir dizendo que a preferência *J* é por situações bem ordenadas, com tempo, prazos, procedimentos, lugar etc. determinados; enquanto o *P* prefere situações abertas, com possibilidade de improviso e *easygoing*.

Para o par *J/P* na religião, também apoiar-nos-emos em Goldsmith.

Analisemos agora também – ainda que muito brevemente – os principais aspectos da espiritualidade dos tipos *P* e *J*. A primeira e mais importante consideração a fazer sobre os tipos psicológicos *P* e *J* é que é bastante difícil perceber quais são suas preferências. Não se pode afirmar dos *P* e dos *J* o que se afirma dos demais tipos. Os tipos *T* e *F*, por exemplo, são em si mesmos *processos de julgamento* e todo mundo tem uma preferência por um ou por outro; as preferências *S* e *N* são *processos de percepção* e todo mundo tem uma preferência por um ou por outro. Porém, a respeito dos tipos psicológicos *P* e *J* é possível fazer apenas uma ou duas observações gerais.

Pessoas com preferência *P* são capazes de lidar bem com situações abertas e se abrem a diferentes caminhos; tentam rotas diferentes e podem conviver satisfatoriamente bem com uma considerável quantidade de ambiguidades. Uma das principais características desse temperamento é o gosto pela liberdade de ação. Por isso, pessoas com esse temperamento, são hábeis em situações de crise, que exigem ação improvisada. Os desdobramentos para a espiritualidade destas pessoas são muitos. Para este brevíssimo estudo basta inferir que as pessoas do tipo *P* desenvolvem sua espiritualidade voltada ao espírito ecumênico e ao acolhimento pacífico de novos e diferentes dogmas e se adaptam com agilidade às polifonias e polissemias da linguagem religiosa.

Os tipos psicológicos com preferência *J*, diferentemente dos *P*, são pessoas que gostam das coisas “certinhas”; buscam a estabilidade, tanto dentro da organização quanto fora dela, tendo uma imagem de responsabilidade social, institucional e familiar; não gostam de viver na ambiguidade. São atraídas para formas mais “definidas” na espiritualidade e tendem a estar menos abertas a explorar coisas novas. Uma característica bem presente nas pessoas *J* é que quando encontram uma igreja apropriada, tendem a desenvolver grande lealdade e relutam fazer qualquer mudança. Quando feitas, as mudanças são bem pensadas e ordeiras. O risco para uma pessoa do tipo *J* é ser mais suscetível a cair numa pista falsa e seguir um padrão de espiritualidade menos ajustado a ela, pois, já que não gosta de ambiguidades, deseja escolher rapidamente e depois seguir em frente mantendo a estabilidade. Essa característica tem sido sugerida, porém, afirma Goldsmith, não há evidências que a confirmem. (GOLDSMITH, 1997, p. 81)

A espiritualidade – como também em boa medida os demais âmbitos da vida humana – sofre da tentação de achar que melhor seria a exclusividade do seu jeito de ser, pensar, dizer e fazer as coisas; e de torcer o nariz para tudo o que não é o *seu* modo de ver as coisas. Por isso entendemos que a teoria keirseynana dos temperamentos pode ser um poderoso instrumento para iluminar o delicado problema do equilíbrio entre os diferentes tipos psicológicos, também para o

campo religioso – e quem sabe um extraordinário recurso, particularmente para os líderes para lembrá-los que *in medio virtus* – onde o desejo mais profundo é o de compreensão... Como bem sintetizou DK: “*Please, understand me*”!

Referências bibliográficas

Goldsmith, Malcolm *Knowing me, knowing God*, Nashville: Abingdon Press, 1997.

Keirse, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

Keirse, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984

Lauand, Jean A expressividade do brasileiro. **Revista Internacional d’Humanitats**, n.28, pp. 5-30, 2013. <http://hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf> acesso em 17-03-16.

Lauand, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.

Lauand, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.

Recebido para publicação em 18-03-16; aceito em 20-04-16

Keirsey, tradicionalismo religioso e educação – o fator T

Chie Hirose³¹
Enio Starosky³²

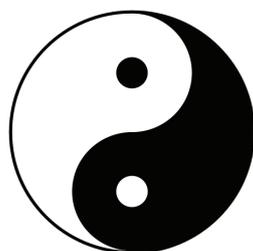
Resumo: O artigo discute o discurso do tradicionalismo religioso no Brasil de hoje, focando em suas relações com o fator T (em oposição ao fator F) da tipologia de David Keirsey.

Palavras Chave: tradicionalismo religioso. David Keirsey. fatores T e F educação.

Abstract: This article discusses Brazilian contemporary religious traditionalism – in the new right-wing movements – focusing on the preference T (in opposition to F) in Keirsey's typology.

Keywords: Brazilian religious traditionalism. Preferences T and F. David Keirsey. education.

A aguda colocação de Tomás de Aquino: “*a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução*” mostra a necessária complementação e harmonização entre fatores opostos e vem ao encontro da, também muito feliz, observação de Edgar Morin (2002, p. 53), a propósito do símbolo da doutrina de Lao Tsé:



Escolho esse símbolo porque ele exprime para mim o mais profundo, a impossibilidade de desunir duas ideias contrárias. [...] O que é interessante é que eles são não só complementares, mas que um *está* dentro do outro.

Morin lembra também Heráclito: “Reencontramos Heráclito que dizia: “Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome”. Com efeito, Heráclito é o pensador típico da união dos contrários”. (p. 54).

³¹. Doutora e Pós doutora pela Feusp. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Hiroshima. Professora das Faculdades Integradas “Campos Salles”. Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo.

³². Mestre em Educação pela Univ. Metodista de São Paulo e doutorando em Ciências da Religião nessa mesma universidade.

A religião e as preferências pessoais

A sentença acima de Tomás de Aquino já antecipa as divisões de “preferências” religiosas (de “escolha” de uma religião ou de uma determinada corrente dentro de uma religião).

É perfeitamente natural e legítimo que uma pessoa tenha suas preferências religiosas: que seu modo de ser se ajuste melhor a esta ou àquela denominação e, mesmo dentro de uma mesma igreja, seja mais atraída por este ou por aquele aspecto: da doutrina, da liturgia, da pastoral, do modo como viver o amor ao próximo etc. Em recente estudo de nosso grupo de pesquisas (<http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>), víamos como na mesma igreja, São Francisco de Assis e São Bento de Núrcia, dois extraordinários expoentes do catolicismo tinham modos de ser (e de viver genuinamente a religião) totalmente diferentes: este um ISTJ cabal; aquele um ISFP irretocável. E os dois são grandes santos que a Igreja propõe como exemplos e modelos para seus fiéis. Como lembra o Prof. Lauand, quando Cristo diz “Eu sou o caminho”, a palavra semita para caminho (*derek* em hebraico, *táryq* em árabe) não se refere a um caminho de ferro como o dos trilhos do trem, literalmente bitolado, nem sequer a uma rodovia pavimentada, como a via Dutra, mas ao caminho que cada um faz a seu modo, imitando o Mestre:

O Oxford English Dictionary (OED), indica em suas etimologias algumas palavras que estenderam seu sentido sob influência da Bíblia. É o caso do inglês *way*: o caminho (*derek*), que na perspectiva semita não está pré-determinado e não comporta uma tradução como a que temos que repetir nas missas: “Caminhamos pela estrada de Jesus!” Para aquele povo do Oriente, o caminho (e Jesus é o caminho - Jo 14,6) é o de cada um: não há rodovias no deserto... Não por acaso, *derek* significa também o jeito pessoal de cada um fazer as coisas: uma acumulação semântica que foi parar no inglês *way* (Lauand 2016, p. 150)

Dizíamos ser perfeitamente legítimo que cada um tenha suas preferências na religião. Mas, para nossa análise, é importante uma distinção feita por Marías (1995, p. 16) e que pode ajudar-nos a compreender possíveis desvirtuamentos da religião, também com base nas preferências keirseyanas.

Marías começa por lembrar o óbvio: o cristianismo é uma religião! E o problema de nosso tempo é que o “cristianismo tende a não funcionar primariamente como *religião*, mas como outras coisas que *também* é (ou pode ser): moral, ideologia, interpretação da realidade, princípio de convivência, fundamento de uma sociedade, instrumento de poder...”. Perde-se e desvirtua-se a perspectiva da fé: “(Deus) é tomado como ‘ponto de partida’ para ir a outras coisas, que são as que **verdadeiramente interessam**” (1995, p. 16, grifo nosso).

Esse desvirtuamento pode se dar de diversas formas: desde as aberrações “religiosas”, do tipo Ku Klux Klan ou Estado Islâmico, até a modos mais sutis e menos perceptíveis.

O recente filme “Silêncio” de Martin Scorsese, baseado no romance de mesmo nome do escritor japonês católico Shūsaku Endō, publicado em 1966, que analisa aspectos da conversão (e martírio) dos japoneses no século XVII e discute a questão de se por trás da incrível coragem para o martírio naqueles neófitos há verdadeira fé ou antes um apego supersticioso a símbolos da fé: imagens, estátuas, crucifixos, rosários ou até aos próprios padres. É a “fé” que se dá no pântano, onde o cristianismo não pode criar raízes, como adverte o sádico Inquisidor Inoue ao jesuíta Rodrigues.



Será que todos aqueles que praticam “devoções”, pagam promessas, ou “idolotram” a Bíblia (ou pastores...) estão querendo viver verdadeiramente a fé cristã?

O fator F e o servir religioso (e uma possível disfunção)

Uma dessas distorções, envolve a disfunção do fator F, como no caso tratado no livro *O Grande Abismo*, de C. S. Lewis.

Nele, algumas pessoas, que acabaram de morrer, são submetidas a um juízo para decidir seu destino eterno: se querem realmente ir para a união com Deus. No capítulo XI, apresenta-se o caso de Pamela, a mãe que tudo o que quer é rever seu filho, que morreu antes dela e já está com Deus. O anjo que dialoga com os recém-chegados tenta convencê-la de que é necessário amar a Deus. Ela se declara disposta a aceitar o que for necessário (“quanto antes, melhor”) para a única coisa que lhe importa: estar com seu filho. O anjo explica que assim não é possível: Deus não pode ser um meio para alcançar seu objetivo: ela teria que desejar a Deus por si mesmo. Ante essa intransponível dificuldade, a mãe termina por afirmar que seria perfeitamente feliz, mesmo no inferno, desde que pudesse estar com seu amado filho...

Sempre que se fala em tipos psicológicos é necessário relembrar que eles são em si “neutros” – como o são também a atração sexual, a lateralidade dominante (destra ou canhota) etc. –; não é superior (em termos de ética, dignidade etc.) este ou aquele tipo: a ética está nas escolhas do indivíduo.

É o que vemos no desenho russo dos estúdios Animaccord, *Masha e o Urso*, de imenso sucesso mundial (no youtube há episódios com bilhões de visualizações!). A genialidade do enredo está em vestir os personagens centrais (de um conto tradicional do folclore russo) como uma acentuada ESTP (a travessa menininha Masha) e seu amigo Urso, um ISFJ pleno.

Assim, o Urso ao longo das dezenas de episódios (transmitidos no Brasil pela TV Cultura, SBT, Boomerang e Cartoon Network) cumpre exemplarmente seu papel de protetor, educador, companheiro e, sobretudo, como cuidador (ISFJ).

Em distintos episódios, o Urso cria uma escolinha só para Masha, alimenta-a, pacientemente ensina-a a tocar piano, afasta-a dos perigos etc. Ambos são imensamente felizes nessa relação.



O episódio 52, episódio final da segunda temporada do desenho (<https://www.youtube.com/watch?v=2iD71AhLDQM>) - "Te vejo depois" - traz um dilema semelhante ao da Pamela de Lewis. Chegou a hora de Masha, já crescidinha, deixar o rincão siberiano para ir para Moscou com sua priminha. Há um jantar de despedida na casa do Urso e todos estão tristes pois Masha é (era...) a alegria da turminha. Ela fica para dormir na casa do amigão, mas o Urso, deprimido e insone, não consegue imaginar sua vida sem ter de cuidar da pequerrucha. Então, em um primeiro momento, sucumbe à tentação de sabotar a partida de Masha e chega a atrasar o despertador para que ela perca o trem. Mas, depois, dá-se conta de seu egoísmo e se penitencia, levando a menina, à toda velocidade, até o trem.



Tendo partido o trem, o Urso, após um momento de desconsolo, nota que a porquinha da Masha está precisando de seus cuidados e, um minuto depois, já está feliz novamente, brincando com sua nova "afilhada".

Quando tudo corre bem, o fator F é responsável por maravilhosas iniciativas religiosas, como a incrível vocação de serviço de uma Madre Teresa de Calcutá, a grande santa ISFJ, de quem o Papa Francisco, na cerimônia de sua canonização, fez notar que (o português é uma rara língua na qual a acumulação semântica Mãe/Madre não funciona) o povo não a chama de Santa Teresa, mas *Madre*, mãe.

Ela mesma conta o caso, acentuadamente F, de profunda *sym-pathia* (compartilhar o sofrer), transcendendo os ódios entre hindus e muçulmanos na Índia:

Nunca esquecerei a noite em que um homem veio à nossa casa para contar-nos o caso de uma família hindu de oito filhos. Não comiam há vários dias. Pedia-nos que fizéssemos algo por eles, de modo que tomei um pouco de arroz e fui vê-los. Vi como brilhavam os olhos das crianças por causa da fome. A mãe tomou o arroz de minhas mãos dividiu-o em duas partes e saiu. Quando regressou, perguntei-lhe aonde tinha ido. Respondeu-me: "Eles também têm fome". Ela sabia que os vizinhos da porta ao lado, muçulmanos, tinham fome. Fiquei mais surpresa por ela saber do que pela ação em si mesma. Em geral, quando sofremos e quando nos encontramos em uma grave necessidade não pensamos nos demais. Aquela mulher, em seu terrível sofrimento físico, sabia que a família vizinha também estava com fome (Mother Teresa 1997, p. 337-8)

O fator T na religião: a "defesa da verdade"

A citada sentença de Tomás de Aquino já antecipa as divisões de "preferências" religiosas (de "escolha" de uma religião ou de uma determinada corrente dentro de uma religião). Em outro artigo de nosso grupo de pesquisas, tipificávamos essas atitudes, nas emblemáticas figuras dos dois papas da atualidade: Bento XVI e Francisco.

Multiplicar-se-ão, *ad infinitum*, as discussões entre os T e os F, os embates entre Verdade e Justiça, de um lado; Misericórdia e Compreensão, do outro. Sempre na chave: “sim, mas...”: - O Evangelho diz: “Quero misericórdia, não sacrifício...” (Mt 9, 13). - Sim, mas diz também: “É a verdade que vos libertará” (Jo 8, 32). - “Atire a primeira pedra...” (Jo 8,7). - “Não sairás do cárcere dali enquanto não pagares o último ceitil.” (Mt, 5, 26) Etc. etc. etc. Em ambos os casos, trata-se de um reducionismo simplista, no qual se abdica da visão do todo e da complexidade própria da realidade cristã, instalando-se numa “cômoda” interpretação ao gosto de cada qual. Na contra mão do principal fator de sobrevivência do cristianismo: sua resiliência e capacidade de arraigar-se nas mais distintas culturas, épocas e tipos de personalidade.

Como na exaltada entrevista do pastor Silas Malafaia a Mônica Iozzi (<https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU>), sobre sua suposta homofobia:

Mônica - O senhor acha que os gays vão para o inferno?

Malafaia - Eu não acho eu tenho conceitos bíblicos! [...] Deixa eu falar uma coisa que você não sabe: a Bíblia que fala que Deus ama, é a mesma Bíblia que diz que vai botar o homem no inferno.

Mônica - Mas Ele também fala: “Ame ao outro como a si mesmo...”

Malafaia - O mesmo Deus que fala sobre amor, lança o homem no inferno.

Mônica - Preconceito é pecado.

Malafaia (cada vez mais agressivo) - [...] Eu não tenho preconceito, eu tenho conceito firmado.

“Conceitos”, “conceitos bíblicos”, essas expressões tão caras ao radicalismo T de um Malafaia, são contestadas em sua própria existência por Lauand (2016, 90-91), Cristo nunca estabeleceu nenhum conceito:

Amthal (parábolas, metáforas, provérbios etc.) são realidades humanas universais, mas têm especial força na comunicação oriental: se - falando tipicamente - o pensamento grego e ocidental “tem sua praia” no *logos*, na argumentação lógica; o *mathal* - sempre falando em tipos - é “a cara” do Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz - Mt 13, 34-35 - que só falava em *mashalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”. E quando é perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

Ainda nas disfunções de uma hipertrofia T ao conceber o cristianismo, diz Julián Marías (1998, p. 230-231):

A parálise que sobreveio à teologia católica desde o séc. XVII - o declínio de sua inspiração desde muito antes - é algo que por fim hoje se tornou muito evidente e se compreende que sua causa foi esse mesmo espírito inquisitorial, **a obsessão com o erro**, o quimérico empenho em fazer ciência sem se equivocar. O caminho já tinha sido preparado pela hipertrofia dogmática, pela consideração da religião como algo

que se dirige primária e quase que exclusivamente à inteligência e que **se realiza em enunciados** – verdadeiros ou falsos. [...] A mentalidade jurídica, que tem dominado excessivamente a religião, tem deformado muitas coisas. A religião não é algo que se possa aplicar como um código [...] (grifos nossos)

Nesse contexto, a difícil missão da Educação é a de – entre um dos pais que “puxará” para seu lado T, enquanto o outro o fará para seu lado F; entre uma corrente da Igreja e outra que se digladiam na mesma falsa dicotomia – criar um ambiente de liberdade que permita a cada um, como diz Mariás, **viver** o cristianismo, proporcionando o estar à vontade, de quem está em casa “livremente, na confiada e segura instalação amorosa dos filhos da casa” (*ibidem*, p. 230).

Nisso, como em tudo, a dificuldade da Educação – e ao mesmo tempo sua grande missão – é a de abrir-nos horizontes, que nos façam ver o valor humano para além de nossas próprias idiossincrasias e reconhecer o enriquecimento que é propiciado pelos valores que radicam no Outro, sem o empenhamento de “achar feio o que não é espelho”.

Ou como redondamente diz Morin:

Efetivamente, a complexidade não é somente o fato de que tudo está ligado, de que não se podem separar os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno, de que, nós somos seres de desejo, seres econômicos, seres sociais, etc., de que tudo está ligado – aliás, a era planetária é aquela em que tudo está ligado – , mas é além do mais a idéia de que conceitos que se opõem não devem ser expulsos um pelo outro quando se chega a eles, por meios racionais. Isso faz parte da minha concepção da complexidade. Do universo e do homem” (MORIN, 2002, p. 58).

Referências

- KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. **Por favor compreñdeme**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990.
- LAUAND, Jean **Revelando a linguagem**. São Paulo: Factash, 2016.
- ___ (org.) **Uma introdução à tipologia de David Keirse**. São Paulo: Factash, 2018.
- MARÍAS, Julián. **Problemas del cristianismo**. Planeta-DeAgostini: Madrid, 1995.
- MARÍAS, Julián. **Sobre el cristianismo**. Planeta: Madrid, 1998.
- MORIN Edgar. **Ninguém sabe o dia que nascerá**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.
- Mother Teresa of Calcuta *The joy in loving*. N. York: Viking/Penguin, 1997.

Keirsey, tradicionalismo religioso e educação - a *prudentia*

Chie Hirose³³
Enio Starosky³⁴

Resumo: O artigo discute o discurso do tradicionalismo religioso no Brasil de hoje, focando em como é tratada pelo neoconservadorismo a clássica virtude da *prudentia*, valendo-nos da tipologia de David Keirsey, no caso: a oposição entre os fatores J e P.

Palavras Chave: tradicionalismo religioso. neo-conservadorismo. *prudentia*. David Keirsey. educação.

Abstract: This article discusses Brazilian contemporary religious traditionalism – in the new right-wing and neo-conservatives movements – focusing on the classical virtue of *prudentia* and from a Keirsey's typology point of view (J xP).

Keywords: Brazilian religious traditionalism. neo-conservatives. *prudentia*. David Keirsey. education.

A volta do tradicionalismo religioso

A nova direita, o neoconservadorismo voltam, por vezes agressivamente, a mostrar a cara, junto com tradicionalismos religiosos, que hoje não têm mais receio em aparecer como tais.

Julián Marías falava de um fator das transformações que ocorrem nas sociedades a cada 15 anos, quando uma nova geração se manifesta com seu repertório de *vigencias*. Os programadores da rede Globo parecem seguir essa teoria: após 15 anos de “Zorra Total”, esgotaram-se as velhas *vigencias* de humor (piadinhas ordinárias de duplo sentido, estereótipos de homossexualismo etc.) e são substituídos pelo novo “Zorra”, com novas tendências menos popularescas. Após 15 anos, sai do ar “A Grande Família”; Bial deixa o comando do BBB etc. E também o *Pânico na Band* (junto com os anos de *Pânico na TV*) cumpriu seus 15 anos e no dia 24-12-17 foi sua última edição.

Claro que o protagonismo dessas novas tendências – inimaginável há 15 anos – não se deve creditar a uma (mera) mudança generacional, mas a diversos outros fatores como a organização de “movimentos”, o fomento de um maniqueísmo cultural simplificador – que, por exemplo, nos episódios de 2017 da exposição do Santander em Porto Alegre e o da performance do MAM em São Paulo, reduziram complexas formas de expressão ao rótulo de “pedofilia” –, a formação de uma “tropa” fanatizada que atende a palavras de ordem, ao sabor do ódio fomentado nas redes sociais; etc.

A nova direita e os neoconservadores vão proclamando suas visões religiosas. Neste artigo, pretendemos discutir – à luz dos fatores de David Keirsey e visando a Educação – um aspecto dessa conjunção: como o tradicionalismo religioso está enfocando a virtude da *prudentia*. E neste artigo privilegiaremos o relacionamento ao fator J, do par keirseyano J X P.

³³. Doutora e Pós doutora pela Feusp. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Hiroshima. Professora das Faculdades Integradas “Campos Salles”. Professora de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo.

³⁴. Mestre em Educação pela Univ. Metodista de São Paulo e doutorando em Ciências da Religião nessa mesma universidade.

Claro que essa situação pode ser analisada por muitos ângulos, como por exemplo, o problema do estado laico: em um comício Jair Bolsonaro já avisou que seu slogan “Deus acima de todos!” significa que “Não tem essa historinha de Estado Laico, não!” (cf. <https://www.youtube.com/watch?v=Cs0ISzdzZF0>).

A clássica virtude da *Prudentia* – a virtude da decisão certa

O particular recorte deste nosso artigo – a consideração da clássica virtude da *prudentia* – poderia parecer, à primeira vista, uma bizantinice acadêmica. Na realidade, trata-se de exatamente o contrário: o modo de considerar a *prudentia* tem o dom de manifestar toda uma visão de mundo.

Para evidenciar isto, porém, é necessário recordar o que é a autêntica *prudentia* (precisamente devido à enormes mal entendidos é que a grafamos em latim...). E para isto, é natural que nos permitamos, neste tópico, o constante recurso aos estudos do maior especialista brasileiro em Tomás de Aquino e sua doutrina de virtudes: o Prof. Jean Lauand, especialmente em seu estudo introdutório às traduções que fez de Santo Tomás (Lauand 2014).

Começemos pelo principal fator de desorientação: nossa palavra “prudência” hoje não tem nada que ver com a clássica *prudentia*.

Como mostra C. S. Lewis³⁵, dá-se frequentemente, sobretudo no campo da ética, uma autêntica inversão de polaridade³⁶: aquela palavra que originalmente designava uma qualidade positiva, esvazia-se de seu sentido inicial ou passa até a designar uma qualidade negativa. Foi o que aconteceu, entre outras, com as palavras “prudente” e “prudência”. Atingidas ao longo dos séculos pelo subjetivismo metafórico e pelo gosto do eufemismo³⁷; “prudência” já não designa hoje a grande virtude, mas sim a conhecida cautela (um tanto oportunista, ambígua e egoísta) ao tomar (**ou ao não tomar...**) decisões. (Lauand 2014, p. VIII-IX), grifo nosso.

Essa perversão semântica não pode ocorrer sem drásticas consequências para a sociedade e, sobretudo, para as igrejas cristãs. É conhecido o princípio (Josef Pieper) que afirma que uma realidade só pode se manter viva se dispuser de uma palavra viva que a nomeie (e vice versa). Como os cristãos podem viver a *prudentia* se não dispomos sequer de uma palavra em nosso léxico vivo para ela? E isso se agrava muito quando temos em conta que não se trata aqui de uma virtude qualquer, mas de uma das quatro virtudes que, desde sempre, têm sido consideradas virtudes *cardiais*, isto é, os 4 gonzos, eixos, que permitem abrir a porta da Vida.

Nesse mesmo sentido, Julián Marías (1999):

Há uma coisa que me preocupa, e já o disse muitas vezes. Que, enquanto o vocabulário de uma área particular, de um campo profissional técnico, de um ambiente específico, na agricultura, por exemplo, ou na pecuária – enquanto esses vocabulários específicos possuem uma riqueza enorme, tudo o que um homem

³⁵. É o tema de fundo de seu clássico *Studies in Words*, Cambridge at the Univ. Press, 1960.

³⁶. “The remarkable tendency of adjectives which originally imputes great goodness, to become terms of disparagement” op. cit., p. 173.

³⁷. Ibidem, cap. I. Cfr. também COPLEY, J. *Shift of Meaning*, London, Oxford University Press, 1961.

pode sentir por outra pessoa resume-se – em todas as línguas que conheço – a meia dúzia de palavras. Algumas positivas, como "amizade", "amor", "ternura", "simpatia", "carinho", e outras tantas negativas. Parece-me muito restrito. Eu tenho quatro filhos, já adultos, e eu os amo de quatro maneiras diferentes. Há uma variedade imensa do amor, e a língua não reflete essa variedade. É uma limitação esquisita. Talvez devida a uma certa desatenção pelos sentimentos, pelos conteúdos anímicos, em contraste com a refinada atenção dedicada às técnicas da agricultura, da medicina... E às mil maneiras de dar um chute numa bola! E isso porque há um interesse especial. Muitas pessoas gostam de futebol e precisam distinguir os diferentes matizes dessa atividade. E, em contraste, o que uma pessoa sente por outra – e é algo mais difícil, sem dúvida – não desperta tanto interesse. Eu fico muito perplexo com este fato.

A problematidade atinge níveis alarmantes quando nos damos conta de que na Tradição cristã (**a verdadeira, no singular e com maiúscula: que os tradicionalistas insistem em ignorar!**) a virtude da *prudencia* é **a principal** das quatro virtudes cardeais: e isso não como primeira *inter pares*, mas em um plano superior: como diz Tomás de Aquino, ela é a mãe das virtudes, *genitrix virtutum* (*In III Sent.*, d 33, q 2, a 5, c) e piloto das virtudes, *auriga virtutum* (*In IV Sent.*, d 17, q 2, a 2, dco).

E não se trata só de tradição católica: a maior unanimidade entre os cristãos evangélicos, C. S. Lewis, precisamente no clássico em que trata do “denominador comum” de todos os cristãos, *Mere Christianity* (2015), dedica inteiramente a seção III.2 às quatro virtudes cardeais: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança.

E para complicar ainda mais, não se trata somente de um “esvaziamento” semântico da palavra nem da mera ausência da palavra, mas de uma **perversão**, na qual a nossa palavra passa a significar o oposto da original. É um fenômeno analisado também por C. S. Lewis (1960, verbete *Simple*), que fala da “notável tendência” à inversão do sentido original de palavras fundamentais, que as levam – no curso do tempo – ao oposto de seu significado autêntico: foi o que aconteceu com simples, prudência etc.

E mais:

Se hoje a palavra *prudência* tornou-se aquela egoísta cautela da indecisão "em cima do muro"; em Tomás, ao contrário, *prudencia* expressa exatamente o oposto da indecisão: é a arte de decidir-se corretamente, isto é, com base não em interesses oportunistas, não em sentimentos piegas, não em impulsos, não em temores, não em preconceitos etc., mas, unicamente, com base na *realidade*: em virtude do límpido conhecimento do ser. É este conhecimento do ser que é significado pela palavra *ratio* na definição de *prudencia*: *recta ratio agibilium*, "reta razão aplicada ao agir", como repete, uma e outra vez, Tomás.

Prudencia é ver a realidade e, com base nessa visão, tomar a decisão certa. Por isso, como repete Tomás, não há nenhuma virtude moral sem a *prudencia*, e mais: "sem a *prudencia*, as demais virtudes, quanto maiores fossem, mais dano causariam" (*In III Sent.* d 33, q 2, a 5, sc 3). Com as alterações semânticas, porém, tornou-se intraduzível, para o homem de nosso tempo, uma sentença de Tomás como: "a *prudencia* é necessariamente corajosa e justa"³⁸. (Lauand 2014, p. X).

³⁸. *Nec prudentia vera est quae iusta et fortis non est*. I-II, 65, 1.

A virtude da *prudentia* recebe uma definição precisa e enxuta: *recta ratio agibilium* (I-II, 56, 3, inter coetera): reta razão aplicada às possibilidades de ação. É interessante notar que a principalíssima das virtudes cardeais é uma virtude intelectual!! Claro que não se trata aqui da *raison raisonnée*, mas da razão que sabe abrir-se à realidade e captar nela o que é o bem para esta situação concreta, pois se trata de um discernimento que procede da inteligência do “coração” de um homem bom (“por que pensais mal em vossos corações” - Mt 12, 25), que tem o olho são (simples, prudente) (“Se o teu olho for são, todo teu corpo será luz - Mt 6, 22).

De novo Lauand (2014, p. XI)

Mas este ver a realidade é somente uma parte da *prudentia*; a outra parte, ainda mais decisiva (literalmente) é transformar a realidade vista em decisão de ação, em comando: de nada adianta saber o que é bom, se não há a decisão de realizar este bem...

O nosso tempo, que se esqueceu até do verdadeiro significado da clássica *prudentia*, atenta contra ela de diversos modos: em sua dimensão cognoscitiva (a capacidade de ver o real, por exemplo, aumentando o ruído - exterior e interior - que nos impede de “ouvir” a realidade) e em sua dimensão prescritiva, no ato de comandar: o medo de enfrentar o peso da decisão, que tende a paralisar os imprudentes (pois, insistamos, a *prudentia* toma corajosamente a decisão boa!).

A primazia da *prudentia* assenta-se, assim, sobre sua capacidade de ver o bem e tornar essa visão em decisão de ação. E com isto ainda não explicitamos as imensas dificuldades que o tradicionalismo religioso terá com essa virtude.

O tradicionalismo religioso e a virtude da *Prudentia*

A *prudentia* torna-se problemática para as religiões, quando, avançando um pouco mais na doutrina clássica, consideramos mais concretamente as características dessa virtude. Porque ela versa sobre o bem no “**aqui e agora**”, nesta minha situação concreta, a *prudentia* foge ao controle externo e é necessariamente qualidade de cada homem, de cada fiel, sem que haja possibilidade de padres, pastores, bispos, gurus etc. terem protagonismo nesse processo de decisão, que compete tão somente ao homem prudente.

Vale a pena, pela clareza, uma citação mais longa:

O "Tratado da Prudência" é o reconhecimento de que a direção da vida é competência da pessoa, e o caráter dramático da *prudentia* se manifesta claramente quando Tomás mostra que não há "receitas" de bem agir, não há critérios comportamentais operacionalizáveis, porque - e esta é outra constante no *Tratado* - a *prudentia* versa sobre ações contingentes, situadas no "aqui e agora".

É que a *prudentia* é virtude da inteligência, mas da inteligência do concreto: a *prudentia* não é a inteligência que versa sobre teoremas ou princípios abstratos e genéricos. Não! Ela olha para o “tabuleiro de xadrez” da situação presente, sobre a qual se dão nossas decisões concretas, e sabe discernir o “lance” certo, moralmente bom. E o critério para esse discernimento do bem é: a realidade! (2014, p. XII)

Lauand explica, assim, que o problema está em saber discernir, no emaranhado de mil possibilidades que esta situação me apresenta (o que devo dizer a este aluno?, compro ou não compro?, caso-me ou não?, devo responder a este *mail*? etc.), os bons meios concretos que me podem levar a um bom resultado, à plenitude da minha vida, minha realização enquanto homem. E para isto é necessário ver a realidade concretamente. De nada adiantam os bons princípios abstratos sem a *prudentia* que os aplica - como diz Tomás - ao "outro polo": o da realidade (o que significa "amar o próximo" nesta situação concreta?).

Embora haja um certo e um errado objetivos, um "*to be or not to be*" pendente de nossas decisões, a condição humana é tal que - muitas vezes - não dispomos de regras operacionais concretas para decidir.

Lauand (2014, p. XII)

Tal como para o bom lance no xadrez, há até critérios gerais objetivos... mas não operacionais concretos!

Com isto viemos dar no fato incontornável de que é unicamente ao indivíduo, ao fiel - e não à Igreja, não aos ministros, não ao diretor espiritual - a quem cabe decidir sobre sua vida, sobre as mil situações que se lhe apresentam no cotidiano. E isto, convenhamos, é intolerável para pastores que têm a pretensão de dominar a consciência dos fiéis de sua igreja.

Qualquer atentado contra a *prudentia* tem como pressuposto a despersonalização, a falta de confiança na pessoa, considerada sempre "menor de idade" e incapaz de decidir e, portanto, devendo transferir a direção de sua vida para outra instância: a Igreja, o Estado etc. Em qualquer caso, isso é sempre muito perigoso...

Lauand (2014, p. XVIII)

Daí que muitos ministros religiosos preferiram suprimir de seu discurso a virtude da *prudentia* ou promover sua neutralização semântica!

E nessa tarefa encontram, em muitos casos, uma inesperada cumplicidade: a do próprio fiel. E é que a *prudentia* envolve um lado dramático, muito pesado: o fardo de tomar decisões. A imprudência é, acima de tudo, medo de decidir e é muito forte a tentação de delegar essa responsabilidade para a Igreja. Ainda mais em uma sociedade na qual somos "educados" - tristemente também muitas vezes pela escola - para a reprodução automática e para o definhamento da criatividade.

É dessa dramática imprudência da indecisão, que tratam alguns clássicos da literatura: do "*to be or not to be*..." de *Hamlet* aos dilemas kafkianos (o remorso impõe-se a qualquer decisão), passando pelo "Grande Inquisidor" de Dostoiévski, que descreve "o homem esmagado sob essa carga terrível: a liberdade de escolher"³⁹ e apresenta a massa que abdicou da *prudentia* e se deixa escravizar, preferindo "até mesmo a morte à liberdade de discernir entre o bem e o mal"⁴⁰. E, assim, os

³⁹. DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Os Irmãos Karamázovi* São Paulo, Ouro, s.d., p. 226.

⁴⁰. *Ibidem*, p. 225.

subjugados declaram de bom grado: "Reduzi-nos à servidão, contanto que nos alimenteis"⁴¹. Lauand (2014, p. XIII-XIV)

Os fatores J/P de Keirsey e a tomada de decisões

David Keirsey propôs sua psicologia da personalidade em uma tipologia que distingue 4 temperamentos e 16 tipos, baseados em combinações dos pares de distinções de preferências, que remontam à também famosa proposta de Myers-Briggs (que, por sua vez, remetem a Jung): E/I, S/N, F/T e J/P.

Para nossa pesquisa, interessam os dois últimos pares acima: neste artigo examinaremos o par J/P (deixando o par F/T para um próximo estudo).

O problema de que nos ocupamos aqui, o da decisão é precisamente o da distinção J/P. Como alguém se sente ante uma decisão tomada / situação aberta é, para Keirsey (1984, p. 22 e ss.) a base da distinção entre a preferência J (de *Judging*) e a preferência P (de *Perceiving*), indicando que aqueles preferem a conclusão e a resolução de um assunto; enquanto estes preferem manter opções abertas e fluidas.

Até mesmo em seu *Sorter*, Keirsey (1988, p. 6) na pergunta 28 vai direto ao ponto da distinção entre J e P:

28. Are you more comfortable
_(a) after a decision _(b) before a decision

Certamente, as preferências, os temperamentos e os tipos, são rigorosamente neutros do ponto de vista ético (pode-se ser santo ou pecador sendo SP, SJ, NF ou NT; J ou P etc.). Mas isto não impede que – sempre mantendo a neutralidade ética de princípio – haja uma maior tendência para este ou aquele tipo em lideranças religiosas: se nos atemos, por exemplo, ao par E/I (extroversão / introversão), evidentemente haverá muitos mais ministros E do que I (sem que isto nos informe nada sobre a qualidade religiosa desses sujeitos).

Assim, parece-nos que haja uma maior tendência entre líderes religiosos tradicionalistas para a preferência J, das decisões tomadas, que melhor “conecta com um aspecto externo que prefere a arrumação e a ordem: horários, datas, planejamento etc. enquanto o P propende mais ao ‘deixa a vida me levar’” (Lauand 2018, p. 31).

O fator J é aquele que expressa a preferência por situações de decisão tomada, fechadas, que se sente incômodo com a indeterminação. Em uma surpreendente e felicíssima tirada, o famoso cineasta Michael Moore associou esse fator J ao voto republicano em Trump (e, claro, podemos aplicar esses argumentos ao tradicionalismo religioso). Pouco antes das eleições americanas, ele gravou um *stand up* – “Moore in Trumpland” – na cidadezinha de Wilmington, reduto republicano, com 90% de eleitores de Trump. Dirigindo-se a eles, disse:

You know, these Trump voters, my friends, are going to be up 5:00 in the morning on Election Day. They're up at 5:00 in the morning a lot. The only time we see 5:00 in the morning is when we've been up partying all night. That's – that's 5:00 in the morning. Yeah, right.

Come on, everybody in here has got a conservative in the family, right? Many of you brought that person with you here tonight – a brother, a father, an uncle, a

⁴¹. Ibidem, p. 224.

brother-in-law (...). And they are the organized one in the family. They never lose their car keys. The conservative – they’ve got little hooks in the – by the back door, with a label on each hook. That’s my beamer (BMW) key. That’s my F-150 key. That’s the key for the car Matthew McConaughey [Oscar 2014 hoax que apoiou Trump] drives. Our side, we’re like – this is how we – this is how we sound. This is how we sound: "So, uh, where do you want to go eat tonight?" "I don’t care. Where do you want to go?" "I don’t know, wherever you want to go." "No, no, no, no, you picked last time." "No, I – seriously, wherever you want." This is like – this is like – the conservatives, they’re like, "Get in the car! We’re going to Outback! Get in there!" Decisive! Organized! Disciplined! You’ve got to admire that about them. (cit. em Lauand 2017, 30-31).

Os tradicionalistas e a supressão da *prudentia*

“Decisive! Organized! Disciplined!” é não só o típico eleitor republicano de Trump, mas também o nosso pregador tradicionalista.

A conexão entre o tradicionalismo religioso e a preferência J fica mais clara quando ponderamos com Lauand (2014, p. XI)

Uma das mais perigosas formas de renúncia a enfrentar a realidade (ou seja, a renúncia à *prudentia*) é trocar essa **fina sensibilidade de discernir** o que, naquela situação concreta, a realidade exige por critérios operacionais rígidos, como num “Manual de escoteiro moral” ou, no campo do direito, num estreito legalismo à margem da justiça.

Seguindo esse raciocínio de Lauand, encontraremos características do radicalismo religioso. Tal como o "Ministério do Vício e da Virtude" do regime Taliban, algumas comunidades cristãs - em vez de afirmar o direito (e o dever) do fiel de discernir o que é bom em cada situação pessoal concreta - simplificam grosseiramente: em caso de dúvida, é pecado e pronto! Além de estabelecerem - por vezes, literalmente - milhares de preceitos em seus códigos, capazes de fazer inveja ao mais fanático dos fariseus.

Nesse sentido, vale recordar a triste figura do fundador dos Arautos do Evangelho, Mons. João Clá (em 2017, afastado - por escândalos - da direção da instituição...). Há cerca de 15 anos, em uma entrevista para o Fantástico, comandando um duro “exercício militar” para seus jovens monges, no estilo do treinamento da “Tropa de Elite”, ele declarava:

Me encantou sobretudo o Regulamento Disciplinar do Exército, o RDE. É um... calhamaço [nesse ponto, o religioso fala com entusiasmo e emoção], cheio de regras e regras e regras e regras. (vídeo completo em <https://www.youtube.com/watch?v=qB7l5Uj1At4>)

Nesse mesmo vídeo, pode-se ver um dos Arautos, lendo o capítulo X do livro de Regras da ordem:

“Do modo de lavar as mãos.”

Molhar as mãos, impregnar de sabão a palma das mãos, friccionar as palmas e depois o dorso. Primeiro a mão direita sobre a esquerda; depois a esquerda sobre a direita, sucessivamente.

“Do modo de pentear-se”

Umedecer os cabelos e aplicar fixador, se precisar. [...]

Etc. etc. etc.

Tudo isto aprovado solenemente pela Igreja Católica!! Logo o Vaticano, que sempre primou pela seriedade...



Arautos e Arautas em desfile (religioso ou paramilitar?)

<https://www.youtube.com/watch?v=QR5PBvCe8Yg>

Na mesma linha da supressão da *prudencia*, de não deixar nada ao discernimento do fiel, está a atuação da Cúria Romana, na elaboração do Catecismo da Igreja Católica. Como se sabe, a versão definitiva desse Catecismo (1997), foi feita só por membros da Cúria, presididos pelo então Card. Ratzinger (notadamente um acentuado J!). O texto base foi o Catecismo (provisório, de 1992) elaborado por uma comissão de cardeais e bispos, que receberam contribuições de milhares de bispos e teólogos de todo o mundo.

Emblemático nessa mudança promovida pelo Card. Ratzinger é o veto ao ponto 2532 (sobre a culpa no ato de masturbação) da versão provisória de 1992 (C-92)

Outro exemplo: nas edições espanholas, algumas mudanças de C-92 para CIC aparecem ainda mais acentuadas. Como no caso do ponto 2352, no qual C-92 indicava a necessidade de se levar em conta na avaliação moral da masturbação diversos fatores psíquicos ou sociais “*que reducen, e incluso anulan la culpabilidad moral*”; formulação que, em CIC, foi substituída por: “*que pueden atenuar o tal vez reducir al mínimo la culpabilidad moral*”.

Na substituição de “reduzem” por “podem atenuar”, a introdução do “podem” é de efeito psicológico, pois, uma vez que são subjetivos os fatores atenuantes (“imaturidade afetiva, força dos hábitos contraídos, o estado de angústia ou outros fatores psíquicos ou sociais”), sua função parece ser só a de manter a sensação de culpa (o fiel não pode excluir a culpa, auto-avaliando fatores subjetivos). Como também a substituição de “anulam a culpabilidade moral” por “talvez reduzir ao mínimo a culpabilidade moral”. Afinal, a própria existência do sacramento da

confissão, em diálogo vivo entre penitente e confessor, pressupõe que a culpabilidade moral não é medida discretamente por pontos na carteira como nas infrações de trânsito, que vão desde as gravíssimas (7 pontos), passando pelas grave e média, até a leve, punida com os *mínimos* 3 pontos. A culpa moral, bem como seus atenuantes ou *excludentes*, pertencem ao delicado âmbito da consciência e não podem ser observadas com a operacionalidade de um radar que fotografa uma invasão de faixa de pedestres ou a de um bafômetro que indica a presença de álcool no sangue em índices superiores a 0,05 mg/litro.
(Chadarevian 2015, p. 7)

Evidentemente, como sabemos, a forte tendência à supressão da *prudentia* nos fanatismos religiosos, não é nova. Talvez o caso mais antigo no cristianismo (e certamente um dos mais emblemáticos) seja o de Tertuliano⁴² (a quem Santo Tomás chamou de *haereticus, Tertulianus nomine*). Josef Pieper (2010, 243), afirma que é com Tertuliano que se começa a notar a tendência de legislar sobre os atos externos, principalmente sobre os que têm relação com a castidade. Entre inúmeras outras regras, Tertuliano impôs aos fiéis dias de jejum e de abstinência, o véu às mulheres e às moças e a proibição de frequentar os espetáculos. Uma clara perversão da consciência individual na qual não se reconhece que a direção da vida é competência inalienável da pessoa.

Considerações finais.

Como vimos, a supressão da virtude da *prudentia* em discursos religiosos contemporâneos parece estar ligada ao medo (o medo é sempre uma característica dos radicais religiosos...): o medo de deixar as decisões morais de sua vida ao discernimento do próprio fiel, sempre considerado um incapaz...

Surgem então calhamaços de regras e proibições, no zeloso afã de impedir o pecado, ajudar os cristãos a garantir a salvação... Ou a usurpação da consciência pessoal, pela abusiva intromissão de pastores, padres etc. que se arrogam o direito de determinar o que o cristão deve fazer naquela sua situação concreta.

E quando, nas raras vezes em que se trata da prudência, não se fala de seu caráter dramático, do protagonismo da decisão pessoal, do peso da decisão, do caráter não determinado (ao menos operacionalmente) da *recta ratio* diante do *agibilium*. É o que faz o famoso Pe. Paulo Ricardo, em suas conferências sobre o tema ([youtube.com/watch?v=fKSAX18QNzk](https://www.youtube.com/watch?v=fKSAX18QNzk) e <https://padrepauloricardo.org/episodios/a-prudencia>): a prudência é vista sobretudo como afirmação (bem ratzengeriana) de uma verdade objetiva ante o deletério relativismo moral contemporâneo... Para nós educadores, não há dúvidas: é simplesmente impossível viver sem riscos e se os educandos, mesmo apesar de todas as orientações, erram, pelo menos que aprendam com os erros e ganhem experiência – não podemos e nem queremos criar plantas de estufa.

Lembrando que o maior tomasiano de nosso tempo, Josef Pieper, negava a possibilidade de um “tomismo”, precisamente pela abertura do pensamento de Tomás e seu caráter “negativo” (“nenhum filósofo jamais chegará a compreender sequer o que é uma mosca”). E isso se confirma quando vemos que, na Igreja Católica são precisamente os conservadores “tomistas” os que se

⁴² Teólogo cristão que viveu em torno do ano 200, um dos patriarcas do cristianismo primitivo. À luz da teoria keirseyaniana certamente um pregador tradicionalista com forte preferência J.

empenham em ignorar os ensinamentos do “Doctor communis” sobre a principal das virtudes cardeais. Daí a insistência de Lauand no protagonismo pessoal do cristão na *Prudentia*.

Referências

Chadarevian, E.; Lauand J. “O Catecismo Católico e um conceito central: a *participa-tio*” **Revista Conventit Internacional** (Cemoroc-FEUSP) São Paulo, Número 19, set-dez 2015.

Lauand, Jean “Introdução” in TOMÁS DE AQUINO *A Prudência – a virtude da decisão certa*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

Lewis, C.S. *Mere Christianity*. London: Harper Collins, 2015.

_____ *Studies in Words*, Cambridge at the Univ. Press, 1960.

Julián Marías “Entrevista” **Revista Videtur** (Cemoroc-FEUSP) São Paulo, Número. 8, <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>

KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. **Please Understand me**. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984.

KEIRSEY, David. **Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence**. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.

PIEPER, Josef. **Las virtudes Fundamentales**, Morgan, Trinidad-Tobago, 2010.

Análise keirseyaniana de clássicos cristãos e chineses

Jean Lauand⁴³
Enio Starosky⁴⁴
Sylvio Horta⁴⁵

Resumo: Este artigo dá continuidade a um anterior: “A tipologia de David Keirse e preferências religiosas”, publicado nesta mesma revista (RIH 38, 2016). Os tipos psicológicos de Keirse são aqui aplicados a Bento de Núrsia, a Francisco de Assis, ao apóstolo João e a seus estilos religiosos.

Palavras Chave: David Keirse. tipos de temperamento. São Bento. São Francisco de Assis. São João. Confúcio. Lao Tsé.

Abstract: This article continues the analysis of “A tipologia de David Keirse e preferências religiosas” in this same journal (RIH 38, 2016). St. Benedict and St. Francis of Assisi are considered under the light of Keirse’s types.

Keywords: David Keirse. temperament types. religion. St. Benedict. St. Francis of Assisi. St. John. Confucius. Lao Tsé.

O beneditino, ISTJ – evocação de um sábio monge.

Lembrando todas as ressalvas ao procedimento tipológico, é necessário acrescentar que cada indivíduo, por mais que possa se enquadrar em um determinado tipo psicológico, mantém sua individualidade, na qual ocupam seu lugar os fatores complementares (em um sujeito no qual predomine fortemente, digamos, o T, sempre tem, em alguma medida, o F; como um jogador destro de vez em quando deve chutar com a esquerda...) e outras características que transcendem o âmbito dos tipos: sempre insisto em que se há, por exemplo, grandiosidade (e generosidade etc.) todos os tipos são deliciosos e trazem importante contribuição específica para o convívio.

No começo dos anos 80, duas razões me levaram a procurar o Dr. D. João Mehlmann (já citado na *Introdução* deste livro), um ilustre beneditino do Mosteiro de São Bento: eu estava elaborando meu doutorado sobre o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper e – segunda razão – eu tinha sido encarregado de lecionar Idade Média na Feusp (naqueles saudosos tempos, a História da Educação Medieval, disciplina obrigatória, ocupava um semestre inteiro de 4h/aula por semana!!) e, nos dois casos, sua ajuda foi decisiva: o mosteiro dispunha de livros e artigos de revistas raros e antigos sobre Pieper (que ninguém mais no Brasil possuía) e para um jovem de 30 anos (na época, os estudos medievais eram incipientes entre nós) era imprescindível a ajuda de um mestre como D. João.

Evoco a sua figura pois é muito melhor do ponto de vista didático nos atermos ao concreto – não por acaso *enseñar* em espanhol significa também mostrar – no caso, uma figura emblemática do ideal de São Bento, com a qual tive o privilégio de frequente convívio ao longo de seis anos

⁴³. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br. Autor das partes 3 e 4.

⁴⁴. Mestre em Educação pela Univ. Metodista de São Paulo e doutorando em Ciências da Religião nessa universidade. Autor da parte 5, referente ao apóstolo João, originalmente apresentada em maio de 2017 como seminário da disciplina “Religião, sociedade e mundo bíblico”, ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Garcia no PPGCR da UMESP.

⁴⁵. Coordenador da Área de Chinês da FFLCHUSP. Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Autor da parte 6.

(ele veio a falecer em 30-12-1988), com longas conversas ao menos uma vez por mês, além de inúmeras consultas telefônicas. Para as recordações que se seguem, recorrerei ao artigo em homenagem a Dom João, que publiquei no Estadão (Lauand 1988) e a entrevista que concedi a Roberto Castro (2009).

Dom João, monge exemplar, era além do mais um erudito incomparável, especializado em Padres da Igreja e Sagrada Escritura, com domínio absoluto das línguas e uma imensa bagagem de leituras em sua memória prodigiosa; conhecimentos generosamente ao dispor dos amigos que frequentavam sua cela no mosteiro. Com uma perna amputada, preso a uma cadeira de rodas, dedicava-se em tempo integral ao estudo e a um incrível “banco de dados” pessoal (naquele tempo não havia internet e nem PCs) com milhares e milhares de fichas.

Na verdade, em certos aspectos, D. João superava o Google. Lembro-me que um dia telefonei para ele porque queria saber quem era o autor do hino medieval *Ave verum*. Dom João respondeu: “Qual dos *Ave verum*?” Eu, que nem sabia que havia outros, precisei: “*Ave verum corpus natum*”. Ele disse que não sabia. Eu estranhei muito: como ele não sabe, se ele sabe tudo? Ele continuou: “Ninguém sabe. O primeiro manuscrito, do século XIV, é anônimo; outro manuscrito...”. E me falou a relação completa dos manuscritos do *Ave verum corpus natum*.

Suas raras saídas limitavam-se a uma ou outra conferência na USP ou a participação em bancas também na USP, como a de meu doutorado em 1986. Sempre que uma tese envolvia assuntos de antiguidade para os quais não havia especialistas, D. João era convocado. Entre os interlocutores que o visitavam no mosteiro, recordo os professores da USP: Ruy Afonso da Costa Nunes, Isaac Nicolau Salum, Nachmann Falbel e Helmi Nasr.

A história da educação e da cultura medievais, confunde-se, em boa medida, com a da Ordem e 529, o ano de fundação do mosteiro de Monte Cassino, é considerado por muitos historiadores (como Pieper) o início da Idade Média, e o período que vai até o século XI é chamado de “era beneditina”.

Em todos os semestres, até seu falecimento, “aproveitando-me” do fato de sua condição de cadeirante, para que as turmas (de 60 alunos) pudessem ter uma conferência com o especialista, em vez de levar Dom João para a USP, eu levava os alunos ao São Bento (o Colégio, ao lado do Mosteiro) e eles tinham a oportunidade de ter acesso a – mais do que aos conhecimentos do palestrante na conferência, mero pretexto – um autêntico monge medieval, ao puro espírito de São Bento. A aula terminava pouco antes dos Ofícios de Vésperas e os alunos que quisessem dirigiam-se à Igreja de São Bento para acompanhar a Liturgia das Horas em latim e com canto gregoriano. Todo um laboratório de cultura medieval, especialmente o monge.

O que mais impressionava aquelas jovens alunas era o monge em seu *contemptus mundi*, imerso em São Jerônimo e Orígenes e totalmente alheio às incidências mundanas do mundo moderno. Um dia, levei para ele revisar os originais de um livro que tinha escrito. Como sempre, buscava aproximar a filosofia e a educação medieval da cultura contemporânea e mencionei um verso de Caetano: “Por isso uma força me leva a cantar” (da então, ainda recente, canção “Força Estranha”). Dom João leu, disse que estava bom, mas fez uma ressalva: “Caetano nunca disse isso”. Estranhei e perguntei a qual Caetano ele se referia. Ele respondeu: “O cardeal Caetano, do século XVI, ora. Que outro Caetano há”? Do alto dos 1500 anos de sua Ordem, um dia explicou por que não se dedicava a aprofundar no marxismo. Ele disse: “Quando eu era jovem, Pio XI disse que o marxismo era errado. Se está errado, pensei, não vai durar mais que 300 ou 400 anos. Não vale a pena estudar”.

Dom João, como bom SJ, prezava as distinções institucionais da Ordem, como a utilização do “Dom” – privilégio de bispos – por monges beneditinos. Uma vez, nossa conversa em sua cela

foi interrompida por um monge que lhe trouxe a bandeja do almoço. “- Obrigado Valdisnei [nome “aproximado”]. Quando o confrade saiu, ele confidenciou-me em voz baixa: “Antigamente, entravam para a Ordem e se tornavam Dom – Dom Clemente, Dom Basílio, Dom Irineu – mas *agora* eles continuam Valdisnei mesmo”. O seu “agora” resumia as recentes mudanças na Igreja e na Ordem, com a – a seu ver – consequente decadência. O rigor do estilo da Ordem teria o poder de transformar “eles” (os menos dotados social e intelectualmente) e elevá-los a uma maior estatura. Claro que, para Dom João, o “agora” incluía novas teologias que, no fundo – em seu acentuado lado S – simplesmente escondiam desordenados desejos carnisais.

São Bento e os SJ: a Regra, os horários (entre tantas outras contribuições, S. Bento “inventou” horários, sagrados para seus monges), o eterno (em oposição ao efêmero), o voto de *stabilitas loci* (o monge beneditino, via de Regra, deve permanecer em seu mosteiro) etc. Uma vez perguntei a Dom João por que o Mosteiro de São Bento está em um dos pontos mais centrais e ruidosos da cidade, quando o previsto é o ermo e o silêncio. “- Nós estamos aqui desde o século XVI; o barulho veio depois...”.

Se tinha momentos de humor e divertia-se com piadas, no entanto, ele mantinha o rigor. Pouco antes de ele morrer, fui visitá-lo no mosteiro e ele me mostrou uma foto que tirara para o obituário, com aspecto muito grave. Comentei que a foto não combinava com seu bom humor. E ele justificou o semblante grave na foto assim: “Eu sou um monge”. Dom João, muito inteligente, sabia ser flexível em coisas de menor importância: certa vez acompanhou-me à Biblioteca do Mosteiro, próxima à sua cela, para emprestar-me um livro (o que não era permitido) raro de Boécio e quando eu apanhei o grosso volume e já ia empurrar sua cadeira de rodas de volta para a cela, ele falou-me energicamente: “- Ô, camufla!”. “- !?!” . Ele apontou-me o vazio deixado pelo Boécio na estante e fez o gesto de juntar os livros remanescentes...

Não esqueçamos que S. Bento fundou sua Ordem em tempos difíceis: o Império Romano no Ocidente foi extinto e assolado por bárbaros (em um primeiro momento ainda não convertidos ao cristianismo e ao catolicismo) e a ideia era a de preservar valores espirituais no espaço sagrado do mosteiro, que mesmo os bárbaros, em geral, respeitavam – daí que, em inglês, até hoje, o espaço inviolável (de asilo político ou reserva ecológica) seja *sanctuary*.

Em tempos de “novos bárbaros” e considerando-se fiador da verdade, não é de estranhar que o (acentuadamente) ISTJ Joseph Ratzinger, tenha elegido para si o nome de Bento XVI, inspirando-se em Bento (padroeiro da Europa e, para Ratzinger, até mesmo fundador da Europa), em seu projeto de reconversão do continente.

São Bento de Núrsia

Queridos irmãos e irmãs!

Gostaria hoje de falar de São Bento, Fundador do monaquismo ocidental, e também Padroeiro do meu pontificado. (...)

São Bento de Núrsia com a sua vida e a sua obra exerceu uma influência fundamental sobre o desenvolvimento da civilização e da cultura europeia. (...) O contexto geral do seu tempo: entre os séculos V e VI o mundo estava envolvido por uma tremenda crise de valores e de instituições, causada pela queda do Império Romano, pela invasão dos novos povos e pela decadência dos costumes. Com a apresentação de São Bento como "astro luminoso", [seu biógrafo e quase contemporâneo, o papa] Gregório queria indicar nesta situação atormentada, precisamente aqui nesta cidade de Roma, a saída da "noite escura da história" (cf. João Paulo II, *Insegnamenti*, II/1, 1979, p. 1158). De facto, a obra do Santo e, de modo particular, a

sua *Regra* revelaram-se portadoras de um autêntico fermento espiritual, que mudou no decorrer dos séculos, muito além dos confins da sua Pátria e do seu tempo, o rosto da Europa, suscitando depois da queda da unidade política criada pelo império romano uma nova unidade espiritual e cultural, a da fé cristã partilhada pelos povos do continente. Surgiu precisamente assim a realidade à qual nós chamamos "Europa". (...) Na prática da obediência realizada com uma fé animada pelo amor (Regra 5, 2), o monge conquista a humildade (5, 1), à qual a Regra dedica um capítulo inteiro (7). Desta forma o homem torna-se cada vez mais conforme com Cristo e alcança a verdadeira auto-realização como criatura à imagem e semelhança de Deus. (...) Paulo VI, proclamando a 24 de Outubro de 1964 São Bento Padroeiro da Europa, pretendeu reconhecer a obra maravilhosa desempenhada pelo Santo mediante a *Regra* para a formação da civilização e da cultura europeia. Hoje a Europa que acabou de sair de um século profundamente ferido por duas guerras mundiais e depois do desmoronamento das grandes ideologias que se revelaram como trágicas utopias está em busca da própria identidade. Para criar uma unidade nova e duradoura, são sem dúvida importantes os instrumentos políticos, económicos e jurídicos, mas é preciso também suscitar uma renovação ética e espiritual que se inspire nas raízes cristãs do Continente, porque de outra forma não se pode reconstruir a Europa. (...) Procurando o verdadeiro progresso, ouvimos também hoje a *Regra* de São Bento como uma luz para o nosso caminho. O grande monge permanece um verdadeiro mestre em cuja escola podemos aprender a arte de viver o humanismo verdadeiro. (Bento XVI, 2008)

O que ressalta é a afinidade dos SJ - e particularmente dos ISTJ - com o carisma beneditino. Keirse diz que os ISTJ são "os guardiães das instituições tradicionais" (1990, p. 216), ficam "muito inquietos com a ideia de que as instituições estão em perigo de ruir" (1990, p. 216), "transmitem uma mensagem de formalidade e estabilidade" (1990, p. 217), primam "pela paciência em seu trabalho" (1990, p. 217), são os mais sérios e detalhistas em inspecionar se está tudo em ordem na instituição (1988, p. 107), especialmente "preocupados com moralidade" (1988, p. 107), são confiáveis, voltados para o passado, prezam autoridade e *belonging* (1988, p. 107), "tendem a se envolver em organizações de serviço à comunidade que transmitam valores tradicionais aos jovens, tais como Escola Dominical, Escoteiros etc. (1988, p. 108). Etc.

4. Francisco de Assis, o ISFP, e os franciscanos.

Antes de falar de São Francisco como ISFP, é importante ter em conta as, já apresentadas neste livro, preferências F / T.

O SP, embora compartilhe com o SJ o fator S, é-lhe notadamente oposto.

Se o SJ é tipicamente voltado para o dever, a seriedade e a responsabilidade; preza a ordem, a hierarquia, as instituições e a organização; o SP é voltado para a ação impulsiva, preza a liberdade, a independência, a alegria e o lúdico e não liga muito para hierarquias e instituições. Tipicamente, se o SP queixa-se da quadradice do SJ (o chato de galocha); o SJ queixa-se do SP, como uma vez ouvi em um diálogo desses dois S: "Pôxa, parece que para você as regras e leis foram feitas para serem infringidas..."

O realismo do SJ, sua experiência, pode tender ao pessimismo, como em *Os Lusíadas* o Velho do Restelo, "c'um saber só de experiências feito" (IV, 94), maldizendo e denunciando as escusas motivações da expedição; enquanto o SP Vasco da Gama, movido por impulso de

aventura (o famoso “navegar é preciso” refere-se precisamente ao imperioso impulso dos SP), ordena o embarque sem despedidas, sem olhar para o choro das mães e esposas na praia: “por não mudarmos do propósito firme começado” (IV, 93).

Keirsey coloca São Francisco de Assis como claramente ISFP (Keirsey 1990, p. 235) e efetivamente as características desse tipo realizam-se no *Poverello*.

“Embora todos os SP sejam artesãos por natureza, não praticam sua habilidade com a mesma devoção à graça e ao adorno como o ISFP. Por alguma razão o ISFP parece mais inclinado às ‘belas artes’ do que os outros SP” (Keirsey 1990, p. 233). “São tão hedonistas e impulsivos como os demais SP (...) não planejam nem preparam. Submersão na sua arte não é preparação para algo que farão mais tarde; é antes o experimentar intensamente esse momento. Os ISFP não esperam, porque esperar é ver seu impulso murchar e morrer” (1990, p. 234).

Pela sua ligação com o concreto específico (cor, no caso do pintor; som, no do músico; etc.) o ISFP é quem está mais fortemente ligado à realidade (no caso do ISTP, temos a mediação de algum instrumento ou ferramenta). Sendo “de longe o mais amável e gentil de todos os tipos, sem competidores próximos” (1990, p. 235), o ISFP é o tipo mais sensível à dor e ao sofrimento alheio. Há um parágrafo de Keirsey (1990, p. 236) que é obrigatório, por evidenciar o temperamento de São Francisco:

Podemos hallar en muchos ISFP un deseo instintivo por la naturaleza, lo pastoral y lo bucólico. Se sienten en casa cuando se encuentran en medio de la naturaleza y esta parece darles la bienvenida. Algunos saben tratar de un modo especial a los animales, incluso a los animales salvajes. Parece como si hubiera un lazo común de mutua simpatía y confianza. En algunos casos, ese mismo lazo aparece entre los ISFP y los niños pequeños de un modo instantáneo sin planearse.

O que vimos sobre os SP e, em particular, sobre o ISFP, relaciona-se com São Francisco. Se o SJ São Bento foi glorioso pela sua Regra; São Francisco, por não querer regra nenhuma, mas a espontaneidade da liberdade. Se São Bento prescreveu leituras e, muito cedo – a partir de Cassiodoro e seu mosteiro *Vivarium* – seus monges se dedicaram ao *scriptorium*: à cópia, ao estudo e ao ensino; Francisco prefere a vida à intelectualização. Sua com-paixão para com os pobres e doentes. O senso artístico-pastoral do concreto, que o leva a inventar o presépio. Seu amor à natureza e aos animais. Se o SJ Bento é o Padroeiro da Europa, São Francisco é o personagem mais querido do mundo, amado por cristãos e não cristãos, artífice da paz, padroeiro dos animais, da ecologia e de milhões de carinhosamente apelidados de Chico, Paco, Quico, Pancho, Ciccio, Fran, Cisco, Kiko etc. pelo mundo. Além de dar nome a dezenas de municípios pelo Brasil afora.

No confronto Francisco x Bento, este leva Ratzinger; aquele, Bergoglio. E o *Poverello* ganha de goleada no sem número de pessoas que o têm como santo onomástico. Daí que, para individualizar um determinado Chico o povo recorra a determinações adicionais, por origem – como na clássica “Chico Mineiro” (canção que em 1946 consagrou Tônico e Tinoco e, 50 anos depois, sucesso na voz de Sérgio Reis) – ou por outras características (Chico Vesgo, Chico da Rosinha, Chico Valentão etc.); ou ainda explicitando o sobrenome, como na narrativa de Caymmi na maravilhosa canção praieira “A jangada voltou só”, na qual é preciso dar o sobrenome do protagonista Francisco (pois, em qualquer aldeia, são muitos), mas não o do (raro) Bento:

A jangada saiu
Com Chico Ferreira e Bento
A jangada voltou só

Na mesma linha, a da necessidade de individualizar cada Francisco, Bento presta-se a esse fator de determinação secundária no famoso personagem de Maurício: Chico Bento.

Não é por acaso que quando o imaginário popular quer um religioso para romper as barreiras da burocracia e do legalismo, é na família franciscana que pensamos, como no caso de Frei Lourenço de *Romeu e Julieta* ou nos frades que ajudam o Zorro (ou no “franciscanizado” frei Tuck de Robin Hood).

Ou a oposição entre o nominalismo franciscano e a ortodoxia beneditina que se dá em *O Nome da Rosa*.

Na vida de Francisco encontramos um famosíssimo gesto impulsivo (típico de SP): para expressar seu desprendimento dos bens materiais, ficou nu em praça pública, afrontando as ameaças do pai, rico comerciante de tecidos. Algumas más línguas eclesiásticas (confidencialmente, é claro) admitem a hipótese de que o antigo emblema dos franciscanos, com dois braços em cruz, seria na verdade o gesto, em versão estilizada, “dell’ombrello” (dobrar o braço com a mão fechada, apoiada no cotovelo), que em Portugal, segundo Câmara Cascudo (2012, verb. “Dar Banana!”) se chama eufemisticamente: “apresentar as armas de São Francisco”! Essa teria sido a resposta gestual de Francisco à pergunta do pai sobre que destino dar – já que o filho não se interessava – a seus ricos tecidos... Não sabemos como realmente as coisas se passaram, mas o gesto não é simplesmente impensável para nosso SP (mesmo que santo). Naturalmente, os mais “devotos” sempre preferirão a interpretação pia:



<http://slideplayer.es/slide/1033678/>

Para finalizar esta parte, recordemos alguns pontos do livro clássico de Gilberto Freyre (1959), quase totalmente dedicado a expor a enorme contribuição (embora muito menos documentada do que a de outras ordens) da energia criadora dos franciscanos para a identidade brasileira:

- a presença franciscana na paisagem, na vida na cultura do Brasil inteiro é uma das constantes do modo brasileiro de ser (p. 15)

- o franciscano, aberto aos valores de outros povos e civilizações, opõe-se ao risco de confundir o cristianismo com a civilização europeia (pp. 19 e ss.). O franciscanismo, a difícil arte das relações de europeus com não europeus, fomenta a variedade de vozes dentro da unidade cristã. Variedade de vozes, de artes, de gostos, de danças, de alimentos, de estilos de arquitetura,

contanto que sejam todos valores a serviço do Homem e, quando acrescentados às tradições europeias da Igreja, a serviço do cristianismo (p. 68).

- Essa abertura liga-se ao nominalismo, filosofia desenvolvida pelos franciscanos, que opõe o concreto ao abstrato, o especificamente regional ao abstratamente universal (pp. 71 e ss.).

- “admiramos no franciscanismo, além de sua eterna mocidade de espírito, seu caráter socialmente democrático (...), sua identificação antes com a gente simples que com a sofisticada, sua indiferença aos títulos e aos bens chamados do mundo, sua exaltação do que no homem é autêntico e do que na inteligência e no saber dos homens é genuíno” (p. 35). Etc.

5. O “jeito de ser” do Discípulo Amado na comunidade joanina - um tipo INFP

O “discípulo amado” (em grego: ὁ ἐφιλεῖ ὁ Ἰησοῦς - expressão utilizada cinco vezes no Evangelho de João) era o mais jovem membro da família do seu pai e também o mais jovem do grupo dos apóstolos.

Aproximou-se de Jesus com aproximadamente vinte e quatro anos. O traço mais forte de seu caráter era a confiabilidade; sempre disposto, era corajoso, fiel e devotado. Sua fraqueza era a vaidade. Homem de poucas palavras, exceto quando de ânimo exaltado. Esteve muito ligado a Pedro nas atividades iniciais do movimento cristão, tornando-se um dos principais sustentáculos da igreja de Jerusalém.⁴⁶

O maior desejo de João era resolver os conflitos internos e externos das comunidades sob sua liderança. A comunidade joanina em geral era composta por pessoas com pensamentos de cunho gnóstico, antecipando o gnosticismo no segundo século, cuja influência marcou a história dos dois milênios do cristianismo. João tinha apreço por “retirar-se do mundo” com suas comunidades. Apoiava a visão de que a coisa boa é o conhecimento e a coisa ruim é o comer; o que se come é o conhecimento (Cap. 13.32-34...). Talvez por isso também trabalhou frequentemente com conceitos dualistas, como: baixo/alto, luz/trevas, dia/noite, o mundo do ser humano e o mundo de Deus, aquilo que se vê e aquilo que verdadeiramente existe etc.

Garcia afirma que, ao que tudo indica, o evangelho de João tem um forte elemento de “mortificação do corpo” e constante contraste entre materialidade e espiritualidade; que vários textos dificultam enxergar os ritos regulares da igreja primitiva.⁴⁷ De fato, a linguagem que João emprega, a constante linguagem figurada, simbólica, ou de duplo sentido, é uma das características mais marcantes de seu evangelho. É o espírito que dá a vida. A carne não vale nada (6.63). João usa a palavra espírito, por oposição a carne e sua interpretação é figurada, por oposição a inter-pretação literal: “*As palavras que vos falei são espírito e vida*”, têm sentido figurado profundo e vital.⁴⁸

Parece seguro inferir, a partir do gênero literário do QE (Quarto Evangelho), que João sacrifica práticas como a comensalidade (ainda que a substitua pelo rito do lava-pés - que é uma prática de esvaziamento), para não perder a identidade de pertença. Abre mão daquilo que valoriza, e, para não se indispor com a comunidade, tolera. João deseja pertencer à comunidade e, mesmo que possivelmente não conhecesse as cartas paulinas, sua atitude revela ter adotado

⁴⁶ “Os doze apóstolos”. Disponível em: <http://www.urantia.org/pt/o-livro-de-urantia/documento-139-os-doze-apostolos> Acesso em: 04.05.2017.

⁴⁷ O Dr. Paulo Roberto Garcia, em aula do curso acima referido.

⁴⁸ PRADO, José Luiz Gonzaga. A Eucaristia no IV Evangelho: significante e significado. In: http://www.vidapastoral.com.br/artigos/sacramentos/a-eucaristia-no-iv-evangelho-significante-e-significado/#_ftn5 Acesso em: 01/05/17.

um interessante princípio paulino: "Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns" (1 Co 9.22).

Por outro lado, também podemos questionar se não foi o próprio Discípulo Amado, pelo seu "jeito de ser" (seu perfil psicológico) e pela forma de escrever que tenha levado a comunidade joanina a supervalorizar os aspectos puramente espirituais! Nascimento lembra que "*por trás desse Evangelho está uma comunidade que nasceu de modo simples, foi crescendo e adquirindo um jeito próprio de ser e de agir, profundo na sua reflexão e criativo na sua forma literária*" (2010, p. 22). Como grupos sempre gravitam em torno de um líder e nunca são completamente impessoais e acéfalos, suspeitamos que o Discípulo Amado influenciou profundamente o "*modus vivendi*" das comunidades que liderou.

Para essa releitura é preciso abandonar convicções pré-estabelecidas, talvez presas à leituras fixadas por grupos e líderes cristãos da igreja oficial a partir do segundo século. Este, a nosso ver, é um importante aspecto a ser levantado, pois a comunidade joanina era a menos institucional e a mais desestruturada do Novo Testamento – seguindo exatamente o perfil psicológico do seu líder. E talvez, precisa-mente por essa razão, a comunidade joanina tenha sido absorvida pela igreja oficial, cuja liderança era inspirada por Pedro, certamente não um "desorganizado" NF.

Mas então, qual é, segundo DK, o perfil do temperamento INFP?

No INFP encontramos idealismo, empatia e amorosidade. Indivíduos com esse perfil são pessoas compreensivas, discretas e sensíveis, capazes de identificar facilmente as necessidades dos outros. Graças ao seu talento em ajudar e "curar" os demais em suas dores e problemas, o INFP é chamado por DK de "*healer*". As heranças deixadas nos escritos de João e, mais tarde, os diversos registros literários sobre João, permitem intuir que ele seria um tipo imaginativo nas suas comparações e simbolismos – recorde-se por exemplo o festival de símbolos do Apocalipse –, pensativo e introspectivo nas suas dissertações e pouco falante como discípulo. Sua autoridade não era imposta, mas se firmou por ser admirado.

O INFP vive intensamente em um rico mundo interior. Presta atenção a essências e sua atração natural está longe do mundo, voltado para a abstração e o ideal. A realidade é simplesmente um ponto de apoio para a imaginação aflorar. Daí a ênfase ao "*bem-aventurados os que não viram e creram*" (Jo 20.29). E tudo o que recolhe no capítulo 9 do QE sobre ver e não ver, cegos que vêem e pessoas que vêem mas são cegas, a que Pieper (2000) dedicou a magistral conferência "A experiência com a cegueira":

[No cap. 9 de João] se descreve uma experiência. Uma experiência que, aliás, não pode ser repetida por todo mundo. Mas, talvez, esse "todo mundo" reconheça que pode muito bem ocorrer uma repetição em qualquer época, de modo igual ou semelhante. Trata-se de uma experiência com a cegueira; um dos protagonistas é um homem cego. Ao final, ficará evidente que também um olho que vê pode ser cego.

Aliás, esse tipo especial de cegueira é bem o tema de nossa história.

Os INFPs, super idealistas, estão sempre procurando o bem, mesmo nas piores pessoas e eventos, buscando caminhos para tornar tudo melhor. Porém, ainda que sejam introvertidos e aparentemente calmos, os INFPs vivem paixão intensa. Somam cerca de 4% da população, por isso o risco de serem incompreendidos é alto, mas quando encontram pessoas parecidas, a harmonia que sentem será grande fonte de alegria e inspiração. INFPs têm a capacidade de ver o

bem em quase qualquer um ou qualquer coisa, por isso também são conhecidos como “mediadores” ou diplomáticos.

Os INFPs podem se perder na busca do bem e negligenciar a rotina (e a organização) que a vida demanda. Muitas vezes se perdem em pensamentos, gostando de contemplar o hipotético e o filosófico, mais do que qualquer outro tipo psicológico. Tendem a perder o contato, retirando-se como eremitas e têm dificuldade de voltar para o mundo real. Sonham em resolver todos os problemas do mundo.

Quando necessitam tomar decisões, de modo geral, os INFPs olharão para a honra, a beleza, a moralidade e a virtude – são guiados pela pureza de suas intenções e não por gratificações e punições. É interessante lembrar que João se orgulha do fato de ser “o discípulo amado”. INFPs sentem orgulho dessa qualidade (da pureza de suas intenções), porém, de modo geral, as pessoas ao seu redor não compreendem o motivo por trás desses sentimentos, o que pode levar os INFPs ao isolamento. Com relação a João, neste aspecto, basta observar que tinha forte inclinações místicas e havia sido discípulo de João Batista – um essênio.

Sentimentos de extrema profundidade podem permanecer escondidos por longo tempo nos INFPs, até que as circunstâncias evoquem uma resposta apaixonada. Não foi por acaso que João, juntamente com o discípulo Thiago, quando viu comprometida a reputação do Mestre que não foi recebido pelos samaritanos, pergunte: “*Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir*”? (Lc 9.54). Curiosamente esse episódio não é relatado no evangelho joanino.

Outra característica dos INFPs é que, embora também estejam inclinados a descrever o lado obscuro da vida, acreditam que o bem finalmente triunfa. Essas qualidades permitem que INFPs se comuniquem profundamente com os outros, falando com facilidade através de metáforas e parábolas, entendendo e criando símbolos para compartilhar suas ideias. A força dessa comunicação intuitiva é útil para trabalhos criativos, e não é surpresa que muitos INFPs sejam poetas, atores, escritores e mestres espirituais.

Vejamos alguns textos que evocam o perfil INFP no evangelho joanino.

É interessante notar que, embora na primeira divisão do livro (1.19 – 12.50) – que é dedicada ao que se convencionou chamar de “sinais” (sêmeion) que descrevem situações concretas – João dê também a estes um sentido simbólico, revelando a forte perspectiva espiritual da obra inteira. A linguagem figurada, simbólica, ou de duplo sentido, é uma das características mais marcantes do evangelho joanino, a ponto de Cullmann⁴⁹ tê-la como sua chave interpretativa.

Também é interessantíssimo perceber que, para deixar o leitor mais atento ao sentido figurado e espiritual das palavras de Jesus, o autor do QE usa um curioso artifício: Um personagem (ou um grupo) entende literalmente o que Jesus diz e faz uma pergunta tola, ridícula, interpretando suas palavras do modo mais grosseiro possível.

Três textos em particular chamam a atenção para isso:

1. No capítulo 3, Nicodemos pergunta se será preciso entrar outra vez no ventre da mãe para “nascer de novo”.
2. No capítulo 4, a mulher samaritana pede que Jesus lhe dê da água que vira fonte permanente para que ela não precise mais buscar água.

⁴⁹ CULLMANN, Oscar – Cristologia do Novo Testamento. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmxyZWdpc3Ryb2NpZW50aWZpY298Z3g6M2U4MDQ1ZGQ0MjM4MWNhNg> Acesso em: 05/05/2017.

3. E no capítulo 6 são os judeus que fazem a pergunta tola: “Como é que este homem vai nos dar a sua carne para comer”?

Portanto, como dizíamos, também a primeira divisão do livro (conhecido como o “livro dos sinais” ou “dos milagres”) remete constantemente ao sentido simbólico e o estilo poético se encontra espalhado pelo livro inteiro. Vejamos:

1. As bodas de Caná (2.1-12) – a finalidade do cenário concreto tem o propósito figurado de “manifestar a glória de Jesus” (vs 11), ou, como no capítulo 4.23: “adorar em espírito e em verdade”.
2. A cura do filho de um oficial do rei (4.43-54) – João chama a atenção novamente para o que é mais importante: *o crer sem ver* – “se não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis” (vs 48).
3. A cura do paralítico (5.1-47) – “Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também” (vs. 17)
4. A multiplicação dos pães (6.1-15) – “Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo”.(vs 14)
5. O caminhar sobre as águas (6.16-70) – “Sou eu, não temais”! (vs 20) – chama a atenção para o que aquela figura andando sobre as águas representa para eles.
6. A cura do cego de nascença (9.1-41) – “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (vs. 5)
7. A ressurreição de Lázaro (11.1-54) – “Não te disse eu que se creres verás a glória de Deus”? (vs. 40)

Na segunda divisão do livro, chamado de “o livro da glorificação”, a linguagem é total e explicitamente simbólica e enigmática o que, a nosso ver, retrata ainda melhor o “jeito de ser” do autor. E, à luz das três epístolas e do Apocalipse de João, arriscamos dizer que, na literatura joanina, a linguagem simbólica/metafórica é sua marca registrada, o espaço em que realmente se encontra à vontade. Alguns textos nos ajudam a perceber isso.

1. Jesus lava os pés dos discípulos (13) – “...tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (vs. 1b); “Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos” (vs.10); “Para onde eu vou, não me podés seguir agora; mais tarde, porém me seguirás” (vs. 37).
2. Jesus conforta os discípulos (14) – “eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao pai senão por mim” (vs. 6).
3. A videira e o ramos (15) – “Eu sou a videira verdadeira e o meu pai é o agricultor... eu sou a videira, vós os ramos...” (vs.8);
4. A missão do Consolador (16) – “Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis; “Vim do pai e entrei no mundo; todavia deixo o mundo e vou para o pai” (vs. 28)
5. A oração sacerdotal (17) – “E a vida eterna é essa: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (vs.3); “...a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós” (vs. 21);
6. Jesus diante de Pilatos (18) – “Jesus respondeu: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus servos teriam lutado para eu não ser entregue aos judeus. Mas agora meu reino não é daqui” (vs. 36)

7. A morte de Jesus (19) – “Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (vs.21).
8. Jesus aparece novamente aos discípulos – (20) “Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram”! (vs. 29).

Parece que o *crer sem ver* era mesmo a grande ênfase na comunidade joanina. Para João – e, de modo geral, para a comunidade joanina – a ideia de um elemento superior a tudo o que era material e corpóreo, sempre esteve presente. Como sabemos, a comunidade joanina foi se configurando pela convivência com pessoas de origens culturais diversas e, conseqüentemente, de crenças também. Era composta de discípulos de João Batista, judeus, galileus, samaritanos, judeus helenistas e gregos. Isso suscitou muitas controvérsias e conflitos frequentes diante dos quais seu líder tinha que se posicionar. Como líder de perfil INFP, João consegue transitar bem nesse ambiente de grande diversidade cultural e religiosa. Sua psicologia pastoral reflete grande maleabilidade e tolerância. E, ainda que fosse seu desejo fazer a reunião/união dos diferentes pensamentos, é seu espírito conciliador e mediador que prevalece. A ausência da comensalidade na comunidade joanina pode ter esse pano de fundo, ou seja, que o seu líder, por ter um perfil psicológico conciliador, permitiu/tolerou que a comunidade se “alimentasse” apenas do conhecimento e estabelecesse o lava-pés e outros elementos identitários como ritos de pertença em substituição ao ato eucarístico.

Concluimos reiterando a limitação própria das análises tipológicas; especialmente no caso de João, um gigante do espírito que transcende qualquer enquadramento. De qualquer modo, a aplicação da teoria keirsejana a um líder religioso como o Discípulo Amado, permite uma leitura – ao lado das demais apresentadas neste artigo – que ajuda a compreender (*verstehen*) o seu estilo pessoal.

6. Nota sobre dois grandes mestres da tradição chinesa

Se Bento é o “fundador” da Europa, o que dizer da incomensurável influência de Confúcio no Extremo Oriente?

Tal como Bento, Confúcio recebe também uma ordem do Céu, como ele mesmo diz na famosa passagem dos *Analectos* (II, 4). E vai em busca de resgatar a Tradição dos Antigos e codificá-la em suas edições. Confúcio marcará por milênios a educação oriental, pautada por ritos (tal como Bento com sua Regra). Ritos que, na mente do Mestre, longe de serem rituais vazios, são instâncias de *reverência* (Livro dos Ritos I, 1), da devida reverência. Na autorizada interpretação de Sproviero (1998):

A tradição extremo-oriental veiculada por Confúcio (551-479 a.C.) remonta a uma Antiguidade portadora de uma sabedoria divina, preservada e ao mesmo tempo corrompida nos tempos posteriores, e que a chamada escola confuciana cuidou, naqueles tempos de extremo caos político-social, de fixar e transmitir por sua vez à posteridade, e que por mais de dois milênios tem se constituído na unidade cultural do povo chinês.

Também no caso de Confúcio, espírito grandioso, a sabedoria supera a mera codificação e introduz a necessária flexibilidade, ponto que gostaria de ressaltar nesta Nota. Como se lê nos *Analectos*:

7.14 The Master heard the shao music when he was in Qi. For the next three months, he did not notice the taste of meat. He said, "I never imagined that music could be this beautiful."

7.19 The Governor of She asked Zilu about Confucius, and Zilu gave no answer. The Master later said to Zilu, "Why didn't you simply say that he is the sort of person who forgets to eat when pursuing a question, who forgets to worry when suffused with joy, and who does not note that old age is coming?"

11.26. Zilu, Zeng Xi, Ran You [Ran Qiu], and Gongxi Hua were seated in the Master's company. The Master said, "Just because I am a little older than you are, don't let that stop you [from speaking your mind]. You have often said, 'No one understands me.' If someone did understand you [and appreciate you], what would you do then?" Zilu quickly offered a response: "If I were to govern a state of a thousand chariots, one that was squeezed between two powerful states, worn out by unwanted warfare, and made even weaker by famine, I would be able, within three years, to give the people courage and let them know the right way to put their lives in order." Confucius smiled at him.

"And Qiu [Ran Qiu], what about you?" "If I were put in charge of a place measuring sixty or seventy li square, or even fifty to sixty li square, I would be able, within three years, to meet the people's needs. As for the practice of rites and music, I will have to leave them to the gentlemen." "What about you, Chi [Gongxi Hua]?" "I am not sure if I can do this well, but I am willing to learn. I would like to be a minor official, assuming the role of either an assistant in ritual affairs at the ancestral temple or a junior diplomat, dressed in a black robe and ceremonial cap, at a conference of the regional rulers." "And you, Dian [Zeng Xi]?" Zeng Xi had been playing the zither. Now his playing was coming to the end. With the last note still vibrating in the wind, he put down his instrument, stood up, and said, "What I would like to do is different from what we have just heard from these three." *Confucius said, "There is no harm in that. We are all telling each other what's on our mind."* *Zeng Xi replied, "In late spring, when the spring clothes have just been made, with five or six young men or six or seven young boys, I would like to go bathing in the River Yi and enjoy the breeze at the rain prayer altar, and then come home singing."* *Confucius sighed and said, "I am for Dian."*

14.32 Weisheng Mu said to Confucius, "Qiu, why are you always hopping around? Could it be that you are practicing the glibness [of a persuader]?" Confucius said, "I would not dare to be glib [ning]. It is just that I worry about getting stuck in one place and with just a single point of view [gu]."

E no *Records of the Grand Historian de Sima Qian*:

Confucius got separated from his disciples. So he stood alone by the east gate of the city wall. A man of Zheng, who had seen him there, later remarked to Zigong, "There is a man by the east gate. He has the forehead of the sage ruler Yao, the neck of the supreme arbiter Gao Yao, the shoulders of the prime minister Zichan, and is just three inches shorter than the great emperor Yu from the waist down. Yet he looks confused and miserable, like a dog that has lost his way home." Later, when

Zigong found Confucius, he repeated exactly what this man had told him. Confucius smiled and said, "I can't really accept what this man suggested about my shape and build. But what he said about me looking like a stray dog is true. I can't argue with that."

Se podemos aproximar Confúcio de Bento de Núrsia; outro grande sábio antigo chinês, Laozi, em alguns aspectos, coincide com Francisco de Assis; sua proposta de radical volta à vida em simplicidade da natureza, anti-intelectualismo "não ao estudo" (p. ex. Livro XX do Tao), e até a celebração de, no dizer de Francisco, "nossa casta irmã", a água (Livro VIII do Tao):

VIII

o bem supremo é como água

água... apura as dez-mil-coisas sem disputa
 habita onde os homens abominam

por isso abeira-se ao curso

morar	bom é onde
coração	bom é profundidade
doar	bom é amor
falar	bom é sinceridade
governo	bom é ordem
serviço	bom é capacidade
movimento	bom é quando

eis que só sem disputa não há oposição

XX

não ao estudo	e foi-se a inquietação
"sim" e "pois não"	quanto se distinguem?
bem e mal	como se distinguem?
o que os homens temem	não se pode não temer?
estéril! esse nem sim nem não	
(http://www.hottopos.com/tao/dao_de_jing01.htm)	

Referências

ALTMANN, Walter (ed.) *Rudolfo Bultmann: crer e compreender*. São Leopoldo: Editora Sinodal: 1986, Série Teologia Sistemática a-9, pp.223-229.

BENTO XVI "São Bento de Núrsia" . Audiência geral de 9 de Abril de 2008. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.pdf Acesso em 16-5-2017.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil 2 ed Barueri SP, Sociedade Bíblica do Brasil, 1988, 1993.

BROWN, Raymond Edward. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

CÂMARA CASCUDO *História de nossos gestos*. São Paulo: Global, 2012.

- CASTRO, Roberto C. G. *O intérprete do Logos: textos em homenagem a Jean Lauand*. São Paulo: ESDC, 2009. Disponível em: www.jeanlauand.com/Interprete.pdf
- CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do Cristianismo – O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. São Paulo, Edições Paulinas. 2004.
- CULLMANN, O., *Der Johaneische Gebrauch doppeldeutiger Ausdrücke als Schlüssel zum Verständnis des viertes Evangeliums*: TZ 4 (1948) 360-372
- FREYRE, Gilberto de Melo. *A Propósito de Frades*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.
- GARCIA, Paulo Roberto. “Isto é meu corpo - Rituais de alimentação e interação social no cristianismo primitivo”. **Revista Caminhando**. Universidade Metodista de São Paulo, 2007, v.12, n. 20.
- GOLDSMITH, Malcolm. *Knowing me, knowing God*, Nashville: Abingdon Press, 1997.
- KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Please Understand me*. 4th ed., Del Mar: Prometheus Nemesis, 1984
- KEIRSEY, David & Bates, Marilyn. *Por favor, Comprendéme*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1990
- KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988.
- LAUAND, J. Sérgio *Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a Educação* São Paulo: Factash-Cemoroc, 2014.
- LAUAND, Jean “Dois ilustres medievalistas”. **O Estado de S. Paulo**, 11 de março de 1988, p. 29.
- LAUAND, Jean *Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão*. **Videtur**, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm>. Acesso em 17-03-16.
- NASCIMENTO, Carlos Josué Costa. *Do conflito de Jesus com os judeus à revelação da verdade que liberta em João 8,31-59*. Tese Pós-graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. 2010.
- PIEPER, Josef “A experiência com a cegueira”. **Videtur** N. 12, 2000. <http://www.hottopos.com.br/videtur12/cegueira.htm>
- PRADO, Adélia *Poesia Reunida*. 2ª. ed. , Rio de Janeiro: Record, 2016.
- SPROVIERO, Mario Bruno Confúcio e a Revelação Primitiva. **Mirandum** n. 5, mai-ago 1998 <http://www.hottopos.com/mirand5/mario.htm>

Recebido para publicação em 18-06-17; aceito em 20-07-17

Martin Lutero e David Keirse

Vitor Chaves de Souza⁵⁰
Enio Starosky⁵¹

Resumo: Breve estudo do tipo de temperamento de Martin Lutero à luz da teoria do psicólogo David Keirse.

Palavras Chave: Martin Lutero. David Keirse. tipos de temperamento.

Abstract: Short study on the temperament type of Martin Luther, according to the theory of David Keirse.

Keywords: Martin Luther. David Keirse. Temperament types.

Martin Lutero (1483-1546) foi um monge católico, sacerdote, professor de teologia e mundialmente conhecido como o precursor da Reforma Protestante no Século XVI. O seu perfil é um pouco ambíguo, mesmo sob a luz de pesquisas de ponta.

Segundo Roy Oswald e Otto Kroeger, Lutero tem o perfil NF.⁵² Neste perfil algumas de suas virtudes aparecem: a sua constante busca por competência e conhecimento; necessidade pela explicação e exposição das ideias; valorização da justiça e teorias justas; medo de não conseguir concretizar o seu trabalho pelo qual sente-se chamado; e, talvez uma das mais marcantes, uma espécie de julgamento misturada com ação.⁵³

Não é difícil inferir o recorte do perfil de Lutero quando temos em mente a sua biografia e, sobretudo, a importância de seu papel histórico em virtude do cenário de sua época.⁵⁴ Lutero foi monge agostiniano⁵⁵ e assemelha-se ao perfil de Santo Agostinho - que também é NF.⁵⁶

⁵⁰. Professor do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo.

⁵¹. Mestre em Educação e Doutorando em Ciências da Religião (UMESP). Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

⁵² "Take a look at the persons we believe belong in the NF category on this score: Jim Jones, Ronald Reagan, Adolf Hitler, Abraham Lincoln, Joan of Arc, Martin Luther, and Pope John XXIII." Cf. OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1988, p. 85.

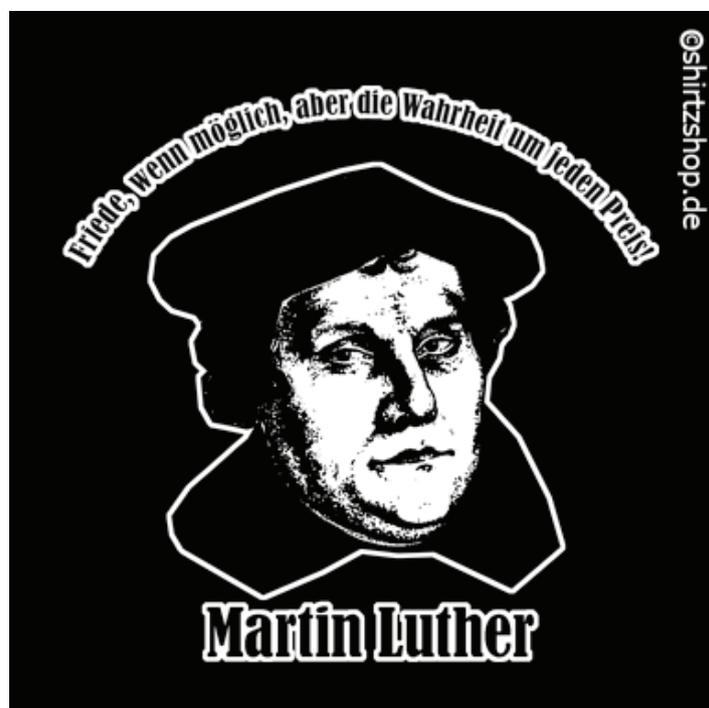
⁵³ Cf. OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*, 1988, p. 82.

⁵⁴ EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*, p. 180.

⁵⁵ EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*, p. 45.

⁵⁶ Cf. MARÍAS, Julián 'Agostinho'. *International Studies on Law and Education*. São Paulo: Feusp 2001, N.3. <http://www.hottopos.com/harvard3/jmagost.htm>

Como um bom NF ele é intuitivo e está em constante busca de seu *self*.⁵⁷ Curiosamente, segundo Roy Oswald e Otto Kroeger, um em cada dois líderes protestantes é NF.⁵⁸ Lutero não é exceção.



Enquanto clero NF, Lutero aspira a mudança do mundo e dos indivíduos pelo conhecimento e pelas relações justas. Há uma motivação para o lado T (Thinking), mas o F (Feeling) aparece mais forte pela idealização de mundo e a descrição artística e metafórica deste mundo.⁵⁹ Os escritos de Lutero não são apenas teológicos, mas também artísticos e poéticos.⁶⁰ Todos os hinos compostos por Lutero têm um forte apelo penitencial e existencial. O seu compromisso com o sacerdócio o levou a perseguir mudanças estruturais no cristianismo conforme a sua consciência. A sua disposição é, conforme Roy Oswald e Otto Kroeger, um traço F para a alteridade e o êxito do trabalho – e de sua personalidade!⁶¹

Certamente o traço J (Judging) é mais forte em Lutero por conta de suas vantagens emocionais e afetuosas sobre os demais companheiros (até mesmo sua esposa) com traço P (Perceiving).⁶²

⁵⁷ Cf. é possível inferir por conta de suas orações matinais, sua devoção e os casos de alucinação da visitação do demônio. McGRATH, Alister E. *Luther's Theology of the Cross: Martin Luther's Theological Breakthrough*, 1990, p. 57.

⁵⁸ OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*, 1988, p. 82.

⁵⁹ OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*, 1988, p. 84.

⁶⁰ Por exemplo, suas poesias e hinos, disponíveis em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/martim-lutero-hinos>

⁶¹ OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*, 1988, p. 84.

⁶² Tanto que, neste caso, o seu professor e amigo Andreas Karlstadt, mesmo com traços de P, não se rende à sedução do pensamento de Lutero. OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*, 1988, p. 84.

A sua liderança permite a ousadia das cartas ao Papa e a publicação das 95 teses. Se ele fosse um SP, provavelmente, ele não desencadearia os movimentos de reforma que o sucederam. O seu temperamento NF, como um bom agostiniano, segundo Roy Oswald e Otto Kroeger, transforma a oração em ação⁶³, mesmo com um olhar sensível para os sentidos da vida escondidos nas sombras dos relacionamentos.

O temperamento de Martim Lutero segundo os tipos psicológicos de David Keirse pode ser traçado, portanto, em INFJ. O seu lado introvertido, aliado à contemplação metafórica do mundo, como dos NFs, tornou Lutero distante do cotidiano, sobretudo em momentos contemplativos, de modo que sua esposa teve que liderar a casa (incomum para a sociedade da época).⁶⁴

Diferentemente de Tomás de Aquino, que pretendeu um sistema teológico completo, Lutero se inclinou à uma ideia de teologia verdadeira e vivencial, “o lugar da verdadeira teologia”⁶⁵. Sua motivação é mais moral do que dogmática. A teologia especulativa, *theologia sceptica*, de Erasmo, é tida por diabólica e infernal, pois, para ele, “afirma ser bom o que é mau, e mau o que é bom”⁶⁶, permite ao traço J um rigor comportamental aliado à uma piedade autêntica: “a glória e o poder do reino de Cristo estão ocultos e não podem ser reconhecidos, a não ser que se revelem ao ouvido pela palavra da pregação”⁶⁷. Tal piedade habita a esfera da introversão com apelo para uma conduta cristã.

Lutero não abriu mão de sua interpretação do *logos* cristão, de tal modo que, em uma de suas teses, não é possível ao cristão ser cristão se este não encontrar na centralidade da cruz o seu escândalo mais desafiador⁶⁸; algo como o *thaumazein* – o espanto – da filosofia grega. *Crux sola est nostra theologia*, “a cruz somente é a nossa teologia”⁶⁹, disse Lutero, sem abrir mão, mesmo sob o julgamento da excomunhão. Isso o levaria, a saber, a um estado J sem precedentes, mesmo com sua inclinação pastoral e monástica. Apesar da introversão, há, em Lutero, um traço ativo e pouco contido do questionamento e do confronto, tendo ofendido o próprio pai, desafiado a liderança da igreja e até mesmo discutido com sua esposa.⁷⁰

Em suma, sendo um INFJ, Lutero idealizou, sonhou e pregou. Não viveu para ver a sua idealização de mundo concretizada. Como muitos INFJs deixou um legado e, para outros INFJs, sensibilizados pela religiosidade protestante, serve de inspiração e reforço dos traços de seus próprios tipos.

Referências

EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1986.

⁶³ OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*, 1988, p. 92.

⁶⁴ TUCKER, Ruth. *A primeira-dama da reforma*, 2007, p. 92.

⁶⁵ EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*, p. 180.

⁶⁶ LUTERO, Martim *apud* EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*, p. 182.

⁶⁷ LUTERO, Martim. 4,450,39-451,27 (1513/15) *apud* EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*, p. 84.

⁶⁸ LUTERO, Martim, tese 21 do Debate de Heidelberg, *apud* WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*, 2008, p. 96.

⁶⁹ WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*, 2008, p. 49.

⁷⁰ TUCKER, Ruth. *A primeira-dama da reforma*, 2007, p. 143.

ERIKSON, Erik. *Young Man Luther*. New York: W. W. Norton & Co., 1958. 288pp.

KEIRSEY, David; BATES, M. *Please understand me*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 4th ed., 1984.

MARÍAS, Julián 'Agostinho". *International Studies on Law and Education*. São Paulo: Feusp 2001, N.3. <http://www.hottopos.com/harvard3/jmagost.htm>

McGRATH, Alister E. *Luther's Theology of the Cross: Martin Luther's Theological Breakthrough*. San Francisco: Wiley-Blackwell, 1990.

OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1988.

TUCKER, Ruth. *A primeira-dama da reforma: A extraordinária vida de Catarina von Bora*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2007.

WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008.

Recebido para publicação em 17-09-18; aceito em 11-10-18

A tomada de decisões estratégicas na escola: uma análise à luz dos perfis de Keirsey

Nadia Wacila Hanania Vianna⁷¹

Resumo: Considerando que o processo de formulação de estratégias em escolas tem sido pouco focalizado, buscou-se conhecer metodologias no contexto da teoria da decisão, as características definidoras dos tipos ideais de Keirsey (1998), e identificar em metodologias propostas para a tomada de decisões, alinhamentos com os quatro tipos de Keirsey resultando nos seguintes pares: NT- formulação de alternativas de ação; NF- negociação entre objetivos concorrentes; SP - identificação das consequências de cada alternativa de ação; e SJ - análise e implementação de decisões. O grupo formado com base não apenas em especializações em diferentes áreas do conhecimento, mas também em múltiplos temperamentos, mostra-se relevante, pois cada participante pode contribuir também com sua característica mais marcante de temperamento em etapas específicas do processo decisório.

Palavras Chave: tomada de decisão estratégica; escola; temperamento; Keirsey.

Abstract: Considering that the strategy formulation process at schools has been little focused, it has been searched to know methodologies on the context of the decision theory, the defining characteristics of Keirsey's ideal types (1998), and to identify in methodologies proposed to decision making, alignments with Keirsey's four types resulting in the following pairs: NT-formulation of action alternatives; NF- negotiation among competing aims; SP- identification of the consequences of each action alternative; and SJ- analysis and implementation of decisions. The group formed with base not only in expertise in different areas of knowledge, but also in multitemperaments shows its relevance, since each participant could also contribute with his most remarkable characteristic of temperament in specific stages of the decision process.

Keywords: strategic decision making; school; temperament; Keirsey.

Introdução

A tomada de decisão é tema que há muito envolve o ser humano, sempre que se sobrepõe a necessidade de atitudes que vão definir seu rumo em múltiplas direções. Tal constatação nos remete à célebre frase de Sêneca (04 a.C.- 65), filósofo e senador à época do Império Romano: "Não há bons ventos para quem não sabe aonde vai".

Nesse sentido, Braga (1988, p.50) pontua que "não se pode compreender uma organização sem entender seu processo decisório" e Kladis e Freitas (1995, p.6), por entenderem que a tomada de decisão está presente no dia a dia das organizações, acrescentam: "a importância da tomada de decisão na organização é bastante clara [...]. Esta relação é tão estrita que é impossível pensar a organização sem considerar a ocorrência constante do processo decisório".

Cabe notar, entretanto, que as decisões permeiam diferentes níveis de atuação nas organizações, sendo as decisões estratégicas mais atinentes aos gestores de topo de hierarquia. Estas decisões têm sido alvo de muitos estudos acadêmicos, conduzidos tanto no Brasil, como no exterior, e a literatura apresenta várias definições de estratégia. Todavia, com base em trabalho de Porter (2000), pode-se considerar que é ação ou política que, ao ser implementada, possibilita à organização diferenciar-se de demais concorrentes.

O processo de formulação de estratégias em escolas tem sido pouco focalizado, conforme pesquisa realizada em bases como Google Acadêmico e EBSCO. Entretanto, cabe registrar aqui o

⁷¹. Mestre em Administração de Empresas pela EASP-FGV e Doutora em Administração pela FEAUSP. Professora Aposentada da FEAUSP.

trabalho conduzido por Costa e Batista (2003), em doze escolas privadas de Fortaleza. Esses autores concluíram, dentre outros resultados, que o referido processo não é controlado de modo deliberado; é fortemente influenciado pelo principal gestor, por sua formação e experiência acumulada; é político, pois requer negociação com grupos de poder; e sofre influência do contexto ambiental, notadamente do governo e estrutura de fornecedores.

Acrescente-se ainda, que poucos também foram os estudos encontrados, que buscaram relacionar a influência do temperamento na gestão, na formulação de estratégias e no processo de planejamento. Dentre eles, cite-se o ensaio teórico de Bressan e Toledo (2013), que focalizou a ligação entre decisões estratégicas e modelos mentais, à luz dos temperamentos; e Mills (2006) que enfatizou a importância dos modelos de temperamento na tomada de decisões éticas de gestores da área de educação.

Teorias com diferentes enfoques foram desenvolvidas para orientar a formulação de estratégias e outras foram conduzidas, objetivando-se conhecer aspectos específicos relacionados ao processo seguido nessa formulação, bem como ao perfil dos tomadores de decisões estratégicas.

Shepherd e Rudd (2014) realizaram abrangente revisão da literatura relativa ao processo de tomada de decisão estratégica, e identificaram, a partir da meta-análise realizada, que os *inputs* nesse processo são os seguintes: gestores do topo da hierarquia, características específicas da decisão estratégica, o ambiente externo, e características da firma. No tocante aos gestores, esses autores reconheceram a necessidade de se desenvolverem mais pesquisas voltadas para aspectos de perfil (cognição, personalidade,...) de equipes gestoras, diferentemente daquelas encontradas, que miravam apenas o gestor líder.

No tocante ao perfil, pretende-se nesta pesquisa examinar as inter-relações entre o processo que culmina com a tomada de decisão estratégica em instituição de ensino e os tipos de Keirse, tal como estudado por Keirse e Bates (1984), Keirse (1998) e, posteriormente, por João Sérgio Lauand (2012). Releva notar a larga utilização que vem sendo feita dos tipos estudados por esse importante psicólogo no desenvolvimento de pessoal, tanto em grandes corporações como em nível de governo nos EUA.

Inicialmente, buscar-se-á conhecer metodologias no contexto da teoria da decisão; em seguida, as características definidoras dos tipos ideais de Keirse (1998), e, finalmente, identificar, em metodologias propostas para a tomada de decisões, alinhamentos com os quatro tipos fundamentais de Keirse.

Espera-se que a pesquisa descrita, ao levantar aspectos referentes à relação processo decisório / temperamento, possa oferecer subsídios relevantes para a tomada de decisões em instituições de ensino brasileiras.

Processo decisório

Decisões estratégicas, destacadas neste trabalho, são “definidas como escolhas intencionais ou respostas programadas sobre questões que afetam materialmente perspectivas de sobrevivência, bem-estar e natureza da organização” (SCHOEMAKER, 1993, p.107, tradução nossa), ou ainda, segundo Estevão (1998, p.12), estão relacionadas à “[...] escolha de uma estratégia considerada mais vantajosa e conforme às exigências de concretização da competência distintiva, ou diferenciadora, de uma dada organização”. Quatro abordagens que podem ser utilizadas para a compreensão e previsão das decisões estratégicas em organizações foram sintetizadas por Schoemaker (1993, p.109), e visam diferentes aspectos organizacionais: o decisor

racional (um único ator, que busca a consecução de objetivos claramente definidos); visões organizacionais (vários atores perseguindo os mesmos objetivos); perspectivas políticas (equilíbrio entre objetivos dos indivíduos e das organizações); e visões contextuais (elementos do contexto ou ambiente são a força motriz para a decisão).

A teoria da decisão busca explicar o processo seguido até a escolha da decisão. Todavia, para Pereira, Lobler e Simonetto (2010, p.262), essa teoria “[...] tem sido preponderantemente prescritiva e normativa, pois procura estabelecer regras e modelos que são sugeridos para serem seguidos”. O estudo de Bethlem (1987) ilustra essa ideia ao apresentar sete modelos encontrados na literatura específica, identificados de acordo com o nome de seus criadores (Simon; Kepner e Tregoe; Guilford; Mintzberg) ou origem (Militar; Pesquisa Operacional; CPSI - *Creative Problem Solving Institute*), que têm várias etapas em comum.

Hammond, Keeney e Raiffa (1999) apontaram oito etapas no processo decisório, que encerram aspectos congruentes dos modelos citados: identificar claramente o problema (motivo); definir objetivos; criar alternativas com imaginação; entender as consequências de cada alternativa; confrontar os itens de negociação entre objetivos concorrentes; esclarecer incertezas; analisar a tolerância aos riscos implícitos em cada alternativa de decisão e examinar as decisões interligadas no tempo. Cabe notar que a dificuldade de se gerar alternativas, isto é, de se propor diferentes cursos de ação para um problema, tem sido há muito, salientada, como em Kladis e Freitas (1995).

Critérios para escolha da alternativa que geram o maior resultado econômico ou o menor custo têm sido recorrentes na literatura, embora nem sempre os indivíduos pautem suas decisões pelo aspecto econômico racional, pois:

a racionalidade requer um conhecimento completo e inalcançável das consequências exatas de cada escolha. Na realidade, o ser humano possui apenas um conhecimento fragmentado das condições que cercam sua ação, e ligeira percepção das regularidades dos fenômenos e das leis que lhe permitiram gerar futuras consequências com base no conhecimento das circunstâncias atuais (PEREIRA; LOBLER; SIMONETTO, 2010, p.263).

Considera-se que a racionalidade no processo decisório é limitada por duas fontes: motivacional e cognitiva, sendo esta última associada ao modo de julgamento dos indivíduos, ou seja, ao modelo mental seguido (TVERSKY; KAHNEMAN, 1974). O modelo mental da realidade, construído por um indivíduo a partir de seus valores, percepções e experiências, influencia suas escolhas e decisões, e não é facilmente modificável (CHERMACK, 2003) e, nesse sentido, Angeloni (2003, p.19) afirma que “diferentes pessoas diante de um mesmo fato tendem a interpretá-lo de acordo com seus modelos mentais, que as levam a percebê-lo de modo diferente”. E, de modo semelhante, Bressan e Toledo (2013, p. 309) destacam que “[...] não há similaridade na maneira como diferentes empreendedores percebem o ambiente de negócios e no modo como fazem escolhas e tomam decisões”. Acrescente-se ainda, a influência de armadilhas psicológicas que vitimam o decisor, levando-o a tomar decisões equivocadas, e que são descritas por Russo e Schoemaker (1993) e Hammond, Keeney e Raiffa (1999).

Indivíduos diferem, portanto, em relação aos modelos mentais seguidos e, mais amplamente, em relação às suas personalidades, entendendo-se personalidade como “o elemento estável da conduta humana, a forma habitual de ser do indivíduo e, em última análise, aquilo que o diferencia dos demais” (SILLAMY, 1994, p.243-4, apud RAMOS DA SILVA, 2003).

Diante disso, Angeloni (2003) sugere que a tomada de decisão nas organizações demandará, cada vez mais, a colaboração de pessoas e a realização de estudos em equipe. No contexto empresarial, por exemplo, dependendo do porte da organização, decisões estratégicas são tomadas de modo diferenciado: observa-se que na pequena e média empresa, (PMÉs) as decisões são tomadas por poucas pessoas no topo da hierarquia ou por uma única pessoa (ANDERSSON; FLÓREN, 2008), que em geral, é o proprietário-gestor (OMERZEL; ANTONČIČ, 2008), enquanto nas grandes empresas, são tomadas, com a colaboração de grupos de especialistas internos e/ou externos à organização (JOHNSTON; GILMORE; CARSON, 2008).

Para Chermack (2003), as decisões individuais podem estar sujeitas a diferentes vieses e modelos mentais (baseados em experiências, conhecimentos e percepções), que podem distanciar-las de uma escolha racional. Acrescente-se ainda, a possibilidade de ocorrência de “cegueira aos sinais adversos”, conforme Bénabou (2013), em função das expectativas futuras ou otimismo excessivo do decisor diante dos fatos.

Com relação à formação de grupos para a tomada de decisão, a literatura aponta o risco do *groupthink*, isto é, o desejo de um grupo coeso de garantir a unanimidade e isso levá-los a tomar decisões erradas (BUCHANAN; O’CONNELL, 2006; MARQUES, 2009) e também da posição hierárquica ou personalidade forte de alguns participantes do grupo influenciarem os demais componentes (WOOD; PICKERD, 2011), pois informações relevantes detidas por alguns participantes podem ser desconsideradas (CHOO, 2007). É principalmente na avaliação das alternativas em que os participantes do processo negociam, isto é, “esforçam-se para convencer e/ou persuadir outros membros que uma escolha é melhor do que outra” (BRAGA, 1988, p.47), ou que surgem pressões e outros riscos no processo decisório. Para mitigar esses riscos, tem sido utilizado o método Delphi, desenvolvido pela Rand Corporation in the 1950s, que consiste em sessões de avaliação sem interação entre participantes e com *feedback* anônimo (WRIGHT; GIOVINAZZO, 2000) ; após três iterações em geral, pode-se atingir o consenso ou considerá-lo inviável (FUSFELD; FOSTER, 2001).

Os tipos de Keirsey

David Keirsey (1921-2013), importante psicólogo norte americano, desenvolveu sua teoria principalmente em *Please Understand Me I* (1984) e *Please Understand Me II* (1998).

Keirsey já em *Please understand me I* (1984), com base em estudos de Jung e de Myers, propôs sua teoria baseada no temperamento, que foi posteriormente revista em *Please understand me II* (1998). Temperamento para Keirsey (1998) é uma das facetas da personalidade, sendo a outra, o caráter. Temperamento é considerado por esse autor como uma marca nata, uma inclinação ou pré-disposição da pessoa, enquanto o caráter é uma “configuração de hábitos” fruto da interação com o ambiente (KEIRSEY, 1998, p.20).

Foram identificadas por Keirsey (1998) 16 configurações de temperamento, a partir de quatro combinações assimétricas de tipos, conforme explica Lauand (2014):

- S/N, onde S é a preferência por fatos e N pela intuição e fantasia;
- P/J, onde P indica a preferência por situações abertas, sem padrões pré-determinados, e J aponta a preferência por rotinas e normas;
- F/T, onde F representa a preferência pela sensibilidade, e T pela objetividade; e
- I/E, em que I é introversão e E extroversão.

Cabe notar que as letras identificadoras dos temperamentos correspondem às iniciais dos termos originalmente escritos em inglês, com exceção de N, que é a segunda letra de *Intuition*, pois I foi considerada referente a *Introversion*.

Os tipos SP e SJ correspondem a cerca de mais de 40% da população em geral; enquanto os NF e NT são cerca de menos de 10% cada (mais precisamente Keirsey (1998, p. 61) estima que os S são cerca de 85% da população e os N são 15%). Ramos da Silva (2003, p.1):

[...] o tipo SP (realista perceptivo) necessita de ação e liberdade, repudiando planos e objetivos a longo prazo. Indiferente a hierarquias baseadas em títulos e regulamentos rígidos, é o mais fraternal de todos os tipos e o mais apto a resolver situações de crise. O tipo SJ (realista judicativo), ao contrário, não gosta de improvisações e adapta-se com facilidade aos regulamentos, às regras e aos diversos modos de trabalho nas organizações, respeitando sempre as hierarquias. Por essa razão, o dever e a responsabilidade em relação a tudo que lhe diz respeito representam suas características pessoais marcantes.

O perfil NT (intuitivo racional) orienta-se para a competência, a capacidade e o saber. Aprender é uma preocupação constante, já que é o mais autocrítico de todos os perfis, sentindo compulsão para modificar o ambiente em que atua. O NF (intuitivo sensível), por sua vez, orienta-se essencialmente para a sua auto-realização e a defesa de sua individualidade, integridade e coerência interna, trabalhando mediante uma visão de perfeição interior.

Lauand (2012, p. 50) acrescenta quanto aos tipos identificados por Keirsey:

É de se esperar que as atividades preferidas de cada grupo, ao liderar, estejam entre as que saibam fazer com gosto, desenvoltura e naturalidade. Aos Artesãos [outro nome para designar os SP, nota nossa] corresponde a Tática, que é definida como realização de movimentos. Keirsey insiste que os Artesãos, como o próprio nome diz, são os mais ativos de todos e, portanto, realizar movimentos lhes corresponde bem.

Fica reservado para os Guardiães [SJ] manejar bens e serviços, o que é coerente com sua preocupação com os bens e orçamentos, com a família e as tradições, sua visão voltada para o passado e a experiência. Esses dois primeiros tipos são a maioria da população e também os mais voltados para o concreto e a realidade das coisas, para o material.

Os outros dois tipos são mais imaginativos, voltados mais para o possível do que para o concreto. Os Racionais [NT] dão-se bem com os sistemas, com construir teoricamente meios de atingir seus objetivos. Já os Idealistas [NF] são muito aptos para lidar com as pessoas, seja modelando-as individualmente ou costurando acordos entre elas.

Assim, os valores próprios (“típicos”) dos SP são a ação, a liberdade, o impulso; os do SJ, o dever, a responsabilidade, a estabilidade, o estabelecimento de valores que se consubstanciem em organização da sociedade; os do NF, a busca do *self* e de seu sentido; os do NT, a competência do pensamento planejador.

Só com enunciar as características das pessoas SJ, já se pode prever - como aponta o próprio Keirsey (e as pesquisas de Ramos da Silva, confirmam isto em termos de escolha profissional) - que estas serão atraídas massivamente para a escola, agente da sociedade para

transmissão de valores. Se os SJ são na população geral 40%, na docência e na direção das escolas (de Ensino Fundamental) eles são cerca de 75% (KEIRSEY, 1998, p. 98)!

Decisões estratégicas tomadas pelas lideranças na escola, ou pelos conselhos diretores, sofrem influência do temperamento dos participantes do processo decisório?

Processo decisório e os tipos de Keirsey

Tomando-se como base as etapas descritas por Hammond, Keeney e Raiffa (1999), é possível perceber que há dois perfis que parecem adequar-se melhor à etapa de “criar alternativas com imaginação”, atividade essa entendida como uma importante fase no processo decisório, em que são relacionados os possíveis cursos de ação, a partir de cenários vislumbrados: são os tipos NT e NF, referidos por Lauand (2012, p. 50) como “[...] voltados mais para o possível do que para o concreto”. Especificamente com relação ao perfil NT, Keirsey (ano, p.24, tradução nossa) afirma que este “[...] poderia ser chamado de ‘Visionário’ porque tem habilidade inata para divisar os objetivos de uma organização, e então, de conceber planos estratégicos para atingir esses objetivos eficientemente”.

O processo decisório, por envolver o aspecto político (SCHOEMAKER, 1993; COSTA; BATISTA, 2003) pode se beneficiar da presença do tipo NF, que têm como uma de suas características, a diplomacia, a aptidão para lidar com as pessoas, e viabilizar acordos entre elas, pois conforme Hammond, Keeney e Raiffa (1999), é necessário confrontar os itens de negociação entre objetivos concorrentes.

O perfil SP, realista, perceptivo e com talento para manobras táticas, pode auxiliar na identificação das consequências de cada alternativa de ação delineada, enquanto o perfil SJ, por ter a característica marcante de estabilizador e guardião da organização, é extremamente útil na análise e implementação de decisões, estando sempre atento e oferecendo suporte para que o trabalho se realize dentro das condições estabelecidas; (RAMOS DA SILVA, 2003; LAUAND, 2012).

Ocorre que, conforme apontado anteriormente, NT e NF são, na população geral, menos de 10% cada um, e na docência e na direção das escolas (de Ensino Fundamental), conforme Keirsey (KEIRSEY, 1998, p. 98), cerca de 75% são SJ, o que permite admitir que decisões estratégicas vêm sendo tomadas em muitas escolas com a participação de pessoas com perfil menos alinhado com a criação de alternativas e com o aspecto político, sendo este último necessário para a solução de impasses e geração de acordos entre participantes do processo, quando for utilizada metodologia que permita interação entre eles. Por outro lado, a presença do perfil SP no processo decisório é útil na percepção das consequências de cada alternativa, enquanto o SJ introduz a perspectiva de sustentabilidade temporal da organização na análise, além da viabilidade de implementação da decisão.

Considerações finais

Diante do exposto, é possível perceber a importância da formação de grupos para a tomada de decisões estratégicas na escola, evitando, desse modo, o viés cognitivo e as limitações de um único decisor.

O grupo formado com base não apenas em especializações em diferentes áreas do conhecimento, mas também em múltiplos temperamentos, mostra-se relevante, pois cada participante pode contribuir também com sua característica mais marcante de temperamento em etapas específicas do processo decisório. A condução do processo por meio do método Delphi,

evita problemas relacionados, dentre outros, com a influência do posicionamento hierárquico ou a personalidade forte de algum participante sobre o grupo.

Espera-se que pesquisas empíricas futuras possam aprofundar e enriquecer o presente estudo ao relacionar a configuração de temperamentos do conjunto de participantes de processos decisórios com a qualidade das decisões tomadas para a organização.

Referências

- ANDERSSON, S.; FLORÉN, H. Exploring managerial behavior in small international firms. **Journal of Small Business and Enterprise Development**. Vol. 15, No. 1, p. 31-50, 2008.
- ANGELONI, M.A. Elementos intervenientes na tomada de decisão. **Ciência da Informação**. V.32, n.1, p.17-22, jan-abr 2003.
- BÉNABOU, R. Groupthink: Collective Delusions in Organizations and Markets. **Review of Economic Studies**, 80, p. 429-462, 2013.
- BETHLEM, A.S. Modelos de processo decisório. **Revista de Administração**, São Paulo n.22, v.3, p. 27-39, jul/set, 1987.
- BRAGA, N. O processo decisório em organizações brasileiras: comportamentos comunicativos. **Revista Administração Pública**, Rio de Janeiro, n.22, v.4, p.34-54, out/dez 1988.
- BRESSAN, F.; TOLEDO, G.L. A influência das características pessoais do empreendedor nas escolhas estratégicas e no processo de tomada de decisão. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v.13, dez 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572013000300008 Acesso em: jun 2015.
- BUCHANAN, L.; O'CONNELL, A. A brief history of decision making. **Harvard Business Review**, January, 2006.
- CHERMACK, T. J. Mental models in decision making and implications for human resource development. **Advances in Developing Human Resources**, v. 1, 2003.
- CHOO, C.W. Social Use of Information in Organizational Groups. In: HUIZING, A. ; VRIES, E.J. **Information Management: Setting the Scene**, v.1, Oxford: Elsevier, 2007.
- COSTA, F. J.; BATISTA, P. C.S. A formulação de estratégias nas organizações escolares: uma análise no setor privado de Fortaleza. In: **Anais EGEPE - Encontro de estudos sobre empreendedorismo e gestão de pequenas empresas**, Brasília: UEM/UEL/UnB, 2003, p. 698-712.
- ESTEVÃO, C. Gestão estratégica nas escolas. **Cadernos de Organização e Gestão Curricular**. Lisboa, 1998. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/pol/gestao_estrategica.pdf Acesso em: jul, 2015.
- FUSFELD, A. R.; FOSTER, R. N. The Delphi technique: Survey and comment: Essentials for corporate use. **Business Horizons**, v. 14, n. 3, p. 63-74, 1971.
- HAMMOND, J.S.; KEENEY, R.L.; RAIFFA, H. **Decisões inteligentes**. Rio de Janeiro: Campus, 1999, 206 p.
- JOHNSTON, M.; GILMORE, A.; CARSON, D. Dealing with environmental uncertainty. The value of scenario planning for small to medium-sized enterprises (SMEs). **European Journal of Marketing**, vol.42, No.11/12, p.1170-1178, 2008.
- KEIRSEY, D.; BATES, M, **Please understand me: character & temperament types**. California: Prometheus Nemesi Book, 1984.

_____. **Please understand me II: temperament, character, intelligence.** California: Prometheus Nemesis Book, 1998.

_____. **Leadership, temperament, and talent.** Del Mar: Prometheus Nemesis Book Company, 1998.

KLADIS, C.M.; FREITAS, H.M.R. O processo decisório: modelos e dificuldades. **Revista Decidir**, ano II, n.08, março, 1995.

LAUAND, J. S. As diferentes formas de liderar. **Convenit Internacional**, 10, set-dez, 2012 CEMOrOc-Feusp / IJI - Univ. do Porto. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit10/49-52jslau.pdf> Acesso em: jun 2015.

_____. **Personagens ficcionais, tipos de David Keirse e a educação.** Um estudo da sitcom "Everybody loves Raymond". São Paulo: Factash, 2014.

MARQUES, J. C. Pensamento de grupo: o risco de decisões equivocadas e a diversidade de perspectivas na solução de problemas. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 27, n. 57, p. 141-149, abr./jun., 2009.

MILLS, R. The Keirse temperament model: a model for helping educational administrators facilitate ethical decision-making. **Education**. Spring 2006, v.1126, issue 3, p.512-517.

OMERZEL, D.G.; ANTONCIC, B. Critical entrepreneur knowledge dimensions for the SME performance. **Industrial Management & Data Systems**, vol. 108, No.9, p.1182-1199, 2008.

PEREIRA, B. A. D.; LOBLER, M. L.; SIMONETTO, E. O. Análise dos modelos de tomada de decisão sob o enfoque cognitivo. **Revista de Administração da UFSM**, v.3, n.2, p.260-268, mai/ago, 2010.

RAMOS DA SILVA, M. L. O referencial de Keirse e Bates como um dos fundamentos da ação docente. **Revista Mirandum**, v. 14, p. 41-50, 2003. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirand14/malu.htm> Acesso em: 19 dez 2010.

_____. **Personalidade e Escolha Profissional** - subsídios de Keirse e Bates para a orientação Vocacional, São Paulo: EPU, 1992.

RUSSO, J.E.; SCHOEMAKER, P.J.H. **Tomada de decisões.** Armadilhas, São Paulo: Saraiva, 1999.

SHEPHERD, N.G.; RUDD, J.M. The influence of context on the Strategic decision-making process: a review of the literature. **International Journal of Management Reviews**, v. 16, p. 340-364, 2014.

SCHOEMAKER, P.J.H. Strategic decision in organizations: rational and behavioural views. **Journal of Management Studies**, vol.30, Issue 1, pp. 107-129, January 1993.

SILLAMY, N. **Diccionario de la Psicología.** Barcelona: Plaza & James, 1994.

TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. 1974. Judgment under uncertainty: heuristics and biases. **Science**, 185(4157):1124-1131.

WOOD, D. A.; PICKERD, J. Problems to Avoid When Brainstorming Fraud Risks, **The CPA Journal**, abril, 2011.

WRIGHT, J. T.C.; GIOVINAZZO, R. A. Delphi - uma ferramenta de apoio ao planejamento prospectivo". **Caderno de pesquisas em administração.** São Paulo, v. 01, nº12, 2º trim, 2000. Available at: www.cgee.org.br/atividades/redirKori/861. Accessed: 18 mar 2008.

Recebido para publicação em 27-09-15; aceito em 06-10-15

David Keirsey e o temperamento das crianças – estilos de aprender e de ensinar

João Sérgio Lauand⁷²

Resumo: Notas de conferência para o XX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação. A tipologia de David Keirsey aplicada às crianças e a seus diversos estilos de aprendizagem.

Palavras Chave: David Keirsey. estilos de aprendizagem. Temperamento infantil.

Abstract: Notes of a lecture for the XIX Seminário Internacional Cemoroc Filosofia e Educação. The typology of David Keirsey applied to children and their different styles of learning.

Keywords: David Keirsey. Temperament in children. Styles of learning in children.

I - Os quatro temperamentos nas crianças

[Suprimimos a longa introdução do autor sobre os conceitos fundamentais de DK, por já estar apresentada na parte I deste livro. Nela o autor afirma que seguiu de perto – tradução, adaptação e comentário – ao capítulo que DK dedica ao tema em *Please Understand Me*. Nota do Editor]

A toda pessoa, adulto ou criança, é possível atribuir um conjunto das quatro letras expostas acima, que define seu temperamento. Por vezes, quando há um equilíbrio entre os pares de possibilidades aparece uma indefinição e a pessoa terá as características dos dois lados. Para os adultos Keirsey recomenda o preenchimento de um questionário. Pela experiência que temos de aplicar esse questionário parece-nos mais eficaz explicar as características de cada lado e ver com qual cada um se identifica mais. No caso das crianças esse processo se justifica ainda mais.

Vamos descrever a seguir como os quatro temperamentos crescem e se desenvolvem.

Os impulsivos SP (observadores indagadores)

A criança desse tipo é muito ativa. Aprecia a comida e será conhecida por comer bem. Cria confusões com frequência e causa desgostos a seus pais. Deixada só no jardim ou parque logo estará suja. Ao receber o castigo mostra indiferença porque isso já virou rotina. Não entende a necessidade de manter o quarto limpo e o armário em ordem. Seu quarto será uma coleção desordenada de brinquedos, roupa, artigos de “valor”, todos espalhados em aparente caos, mas na sua visão onde pode encontrá-los. Está ocupado demais fazendo algo para se preocupar em dobrar e pendurar roupas como sua mãe lhe pede. Sua pergunta é “para quê?”. Vê como uma perda de tempo quando há tantas coisas mais divertidas para fazer.

Quando é do seu interesse pode passar horas fazendo algo que lhe agrada. Pode ficar todo o dia pondo e tirando as tampas de panelas, tocando um instrumento musical, montando e desmontando um brinquedo várias vezes, até perder o interesse pelo brinquedo ou pelo instrumento no dia seguinte. Os que não perdem o interesse serão os grandes virtuosos, os extraordinários mestres das artes gráficas ou plásticas, os incríveis artesãos. Os SP precisam de movimento e estímulo e estão sempre dispostos a competir.

Quando motivado pela frequente mudança e estímulo o SP encontra-se à vontade na escola. E em geral participa com alegria e entusiasmo. Como gosta das atividades, dedica-se com todo seu vigor a

⁷². Doutor em Educação pela FEUSP.

tocar instrumentos, a participar em atividades musicais, artísticas e em jogos. Estará mais à vontade usando as ferramentas necessárias para construir algo do que preocupando-se de que seja bem feito. Aparenta inquietação, passando de uma atividade a outra, desinteressado em acabá-las. Para que possa aprender deve estar fazendo alguma coisa. Quanto mais a atividade a que se dedica pareça um jogo mais atenção prestará. Quanto menos o que faz se pareça a uma preparação para uma fase mais avançada muito melhor será. Na primeira infância, quando a ação de brincar é a totalidade dos seus “estudos” ele responderá muito bem. Nos anos seguintes, quando deve preparar tarefas, adquirir regras e conhecimentos por meio de suas leituras e atenção então parece perder o interesse. Não deseja “preparar” ou “estar disposto a fazer” nada. À medida que sua formação se torna menos “ativa” ele não encontra o movimento e estímulo de que necessita. E como esses estudos costumam requerer maior concentração, ele se impacienta e vai procurar suas próprias atividades, que costumam ser interromper as aulas ou faltar a elas.

O SP extremo pode muito bem dar sinais de agitação, nervosismo, aborrecimento e de iniciar atividades que nada têm a ver com o programa da sua turma. Então é muito provável que o pessoal administrativo e médico o qualifique como hiperativo, para usar um termo comum hoje em dia. Por outro lado é possível que seu entusiasmo se ative tanto, que seja difícil acalmá-lo depois de atividades normais. Por isso é importante que tenha momentos de atividades mais passivas e que conheça métodos de relaxamento. Precisa de bastante espaço para movimentar-se e também de um canto tranquilo onde possa descansar de atividades mais exigentes. A situação ideal para um estudante SP seria ter um espaço individual para cada aluno na sala.

Um bebê SP será muito ativo, e ainda mais no caso do expressivo do que do reservado. Tentar mudar qualquer característica fundamental de um SP ocasionará danos de difícil reparação. Ele é diferente dos SJ, NT e NF. Seu desejo de mover-se, de agir, sobrepõe-se a qualquer desejo de responsabilizar-se, de ser competente ou auto realizar-se. Não estará contente trancado em seu “curralinho”. Vai se sentir livre quando explore de acordo com seu impulso. Gosta dos animaizinhos, embora é possível que não os trate com cuidado. Usará muita energia em seus brinquedos, por isso será conveniente que sejam fortes e bem feitos. Jogos e objetos simples o atrairão mais que os mais complexos ou complicados.

Como se relaciona com os outros de um ponto de vista mais fraternal que paternal será um bom companheiro de equipe. Destaca-se em jogos e competições. Considera a igualdade tão importante como sua liberdade de ação. Gosta de falar com os outros mas necessita controlar suas próprias atividades. Se não tiver total controle do projeto em que se envolve e se houver interferência perderá o interesse. Prefere descobrir por si só como fazer as coisas, embora aceite sugestões durante seu andamento. Não aprende bem quando deve limitar-se a ouvir passivamente explicações. Gosta de manipular ativamente algo, pô-lo em funcionamento e, acompanhar seu progresso. Quando for possível, o melhor será animá-lo com algo e deixar que explore e estude de acordo com seu próprio interesse.

Quando tivermos que avaliar as atividades de uma criança SP devemos focar em sua execução. A criança SJ se sentirá recompensada se apreciarmos o resultado do seu trabalho. Já o SP ficará satisfeito consigo e com quem o avalia quando lhe ofereçam espaço para mover-se e liberdade de agir. Tanto as explicações como as leituras devem ser curtas. O melhor seria conseguir atividades em que ele aprendesse sozinho em um lugar isolado, alternadas com situações em que participa mais ativamente em algo do seu interesse pessoal. Também podem ajudá-lo mudanças frequentes de atividades individuais para outras com poucos estudantes e depois com toda a classe. Gosta muito de fazer teatro. Estar diante de um auditório agrada-lhe muito. O que satisfaz melhor a sede de ação de um SP são peças de interesse para a turma e a escola e onde pode participar como ator.

Tudo isso não quer dizer que a criança SP não deva praticar a concentração em algum assunto ou tarefa, adiar ou evitar temas de maior complexidade. Deve desenvolver essas capacidades, e o primeiro passo para consegui-lo é legitimar suas preferências naturais e reconhecer que essa criança procura por natureza evitar complexidades.

O SP pode ser um problema na classe onde se exige o aprendizado no estilo SJ. Esse estilo inclui técnicas como “atar” os alunos em suas carteiras, colocá-los nas carteiras da frente, obrigá-los a dirigir-se

unicamente ao professor, pedir-lhes que façam suas tarefas porque “será muito útil quando forem mais velhos” ou que passem todo o dia resolvendo abstrações em um papel: tudo isso será inútil para eles. Essa situação será tão inadequada para a criança SP que ela vai suportar só enquanto a obrigarem e vai abandoná-la logo que seja possível. E lembremo-nos de que costumam ser uns cerca de 35% das classes. Talvez seja o grupo menos numeroso nos estudos universitários...

A criança com esse temperamento não se adapta muito ao conceito de que “é preciso aprender hoje porque, em um futuro distante, as portas da universidade se abrirão”. O SP quer sentir-se livre para descarregar o impulso do momento, para entrar em atividades físicas, para aprender em um ambiente de entusiasmo onde o risco, a aventura e a competição são parte do programa de estudos, onde há muito som, cor e movimento. De fato, uma coisa que com frequência o mantém na escola é a oportunidade de tocar um instrumento musical. Frequentam essas aulas porque representam ação e auditório, ambos aspectos em que ele se dá muito bem.

O modo que tem de aprender é muito diferente do que é oferecido na maioria das escolas. A maioria dos professores costuma ser SJ e ensinam ao seu modo. Assim, a criança SP ouve que deve aspirar a objetivos distantes; que estude porque é a única forma de preparar-se para trabalhar ou ingressar na universidade; que poupe porque assim garantirá seu futuro; que faça planos porque é a única forma de progredir; que fomente laços sociais para conseguir um posto na sociedade. Todos esses comentários não têm sentido para o SP. Para preparar-se deveria deixar de lado suas urgências e impulsos, o que não faz. Para ele o importante é viver o presente com todo o entusiasmo possível: vai se preocupar do amanhã quando este chegar.

Então temos o nosso estudante rodeado de mentores que lhe dizem constantemente: “fique quieto”, “pense no futuro”, “faça a tarefa”, “desenvolva bons hábitos de estudo”, “observe as regras”; “trabalhe primeiro e brinque depois, se houver tempo para essas frivolidades”; “espere”; “coloque-se no final da fila”. E ele se põe na fila, esperando, conformando-se com a rotina, trabalhando para o amanhã, esperando impaciente a hora do recreio. Nada disso o atrai e à medida que vai avançando nos anos seu desencanto aumenta. Por isso muitos desistem da universidade. Poderia ir muito além se tivesse mais incentivo. O educador diz que aprender tem seu mérito, mas ele não recebe a mensagem. Esse estudante vai deixar perplexos e frustrados seu diretor, professor, orientadores e pais, todos os que fazem planos para ele. É que ninguém consegue domá-lo. Esse estilo pessoal se manifesta muito cedo em sua infância e nunca o abandonará.

Exemplos de SP são grandes artistas como Mozart e Bob Dylan, alguns extremamente sensíveis e gentis como S. Francisco de Assis ou o tenista Guga (ISFP); “entertainers” como Hebe Camargo ou a modelo “performer” Gisele Bündchen (ESFP); impulsivos extrovertidos como Kennedy, Trump, Neymar, Bolsonaro ou Churchill (ESTP); impulsivos durões como o “Capitão Nascimento” (ISTP).

O dever e a responsabilidade dos SJ (observadores organizados)

É o mais vulnerável de todos os tipos quando experimenta crises ou instabilidade na família. Necessita uma segurança que encontra na firmeza e compromisso dos pais. Se um desses é firme e o outro lhe permite fazer o que quiser, isso pode ocasionar-lhe sérios problemas. Precisa saber, mais do que os outros, que o que se faz hoje se fará da mesma forma amanhã. As mudanças frequentes de casa, por exemplo, podem transtornar uma criança SJ enquanto os outros tipos, cada um a seu modo, adaptam-se muito melhor. Necessita crescer com os mesmos amigos que tem desde pequeno, da mesma vizinhança, da mesma escola, da mesma comunidade. Vai se sentir muito à vontade entre os membros da família que não vivem com ele: avós, tios, primos etc. Ficará encantado de ouvir histórias da família e se lembrará delas sempre. Se tiver vários irmãos ficará feliz. Os outros tipos não dão a mesma importância a isso.

Responde bem às suas rotinas e às responsabilidades que tenha em casa: lavar algo, tirar o lixo, arrumar seu quarto. Cumprirá suas tarefas com cuidado tanto em casa como na escola. Ficará satisfeito ao ouvir dos mais velhos que fez bem suas atividades. Isso é muito importante para ele, a ponto de perder o

atrativo pelo que faz se não houver esse reconhecimento. Reage a castigos ou comentários negativos referentes à sua má conduta. Vai procurar esforçar-se mais por atender ao que esperam dele. Talvez mais que nenhum outro tipo responde bem a castigos como forma de correção.

Quando chega à idade escolar adapta-se bem ao novo ambiente e às novas rotinas estabelecidas por seus professores. É muito possível que o reservado (I) dê sinais de timidez a princípio. Gostam dos métodos tradicionais de ensino como completar tarefas, repetir exercícios pré-estabelecidos, recitar lições, responder a perguntas dos professores. Esforça-se por agradar seus mestres sem perguntar pelo porquê das atividades, como faz o NT. A palavra do professor é suficiente para ele. Como todos os outros não gosta de tirar notas baixas, mas tem maior tolerância a fra-cassos que ele considera como culpa sua do que em relação aos que são fruto de uma avaliação externa como por exemplo um comentário negativo de um professor ou a impressão de que não o agradou. Valoriza muito pequenos sinais de êxito: um “muito bom” em um trabalho, medalhas, etc. Fica feliz de receber pequenas tarefas como dar um aviso, encarregar-se de algo, ser o representante. Isso significa que seus companheiros e professores aprovam sua conduta e atitude, o que para ele é muito importante.

Gosta de aritmética, leitura em voz alta e ortografia. Também do que se refere a ciências, geografia, história. É provável que se encaminhe a cursos relacionados aos negócios. Usa bem o idioma como ferramenta de trabalho. Na universidade estará nos campos de direção de empresas, contabilidade, pedagogia, enfermagem e outros serviços.

Gosta de ir com seus pais visitar familiares e gosta muito de datas como Natal e outras festas. Dá-se bem com rotinas claramente estabelecidas e definidas; não suporta bem mudanças constantes, confusão e crises. Uma troca de professores no meio do curso pode criar um pequeno trauma, enquanto para o SP seria motivo de regozijo. Cuida de que seus armários estejam em ordem e de que nas gavetas a roupa esteja organizada. Seus brinquedos estão nas estantes ou em outro lugar adequado.

Aprende melhor quando a matéria é apresentada passo a passo e praticando com calma. Se deve encontrar por si mesmo seus procedimentos ou receber instruções vagas, vai se sentir desorientado e pouco inspirado, justamente ao contrário do que acontece com o NT. Precisa saber o que é esperado dele e conhecer os procedimentos a seguir para acabar a tarefa. Avança quando vê consistência ao seu redor.

Agrada-lhe fazer trabalhos de artesanato caseiro com lã, tecidos e fios, o que também acontece com o SP. Mas para o SJ interessa o resultado, embora o faça com cuidado. Um presente feito à mão por essa criança procede do coração, para ser apreciado, guardado como algo de valor e exibido em lugar apropriado.

Necessita receber comentários constantes por parte dos adultos sobre seu trabalho. Saber se as coisas vão bem ou mal é importante para ele, e quer fazê-las bem, agradar a quem lhe pediu. Põe muita atenção nos detalhes, tem metas altas de qualidade para terminar qualquer trabalho e espera o mesmo dos outros. Ficará muito contente, por exemplo, ao fazer bem o cabeçalho de uma tarefa. Preza muito os bons hábitos de trabalho ou estudo, que devem ser feitos seguindo um rigoroso horário pré-estabelecido.

Costuma crescer sem maiores problemas. De acordo com as estatísticas terá ao menos um dos pais SJ e se dá bem com os NF ou NT. Pode ter dificuldades para se adaptar se o pai for SP. Precisa agradar os outros e terá dificuldade para fazê-lo nesse caso por não entender bem o SP. Precisa de sinais claros, mesmo que não sejam consistentes ou lógicos. Responde bem a elogios do tipo: “você é uma criança muito boa”, “você fez como eu pedi”, “você terminou muito bem sua tarefa”, “gosto da sua letra”.

O método natural de ensino de um mestre SJ corresponde às necessidades pedagógicas do aluno SJ. O enfoque em responsabilidades, o desenvolvimento de bons hábitos de estudo, de adequadas atitudes sociais, completar tarefas bem estruturadas segundo as instruções tradicionais, tudo isso atrai esses professores e alunos. Estes adquirem seus conhecimentos por meio de uma diligente pesquisa dos fatos, por revisões frequentes, prestando atenção às aulas e usando materiais, livros e cadernos tradicionais. Cada tipo tem suas preferências: o SP quer ação; o NF interação pessoal; o NT menos redundância e o SJ trabalha melhor em um ambiente onde as regras são claramente definidas e os procedimentos não variam. Sente-se

a gosto em uma classe bem ordenada, com pouco ruído, tudo organizado e com a comunicação professor aluno. Os métodos de exercícios, recitações em coro, perguntas socráticas e aulas são bons para ele. Por ter, como já se disse, uma grande preocupação de agradar aos professores pode ser que até reaja bem quando se sentir rejeitado, tratado com sarcasmo e exposto ao ridículo, mas nada disso é recomendado.

Exemplos de SJ: a “cuidadora” Madre Teresa de Calcutá (ISFJ), a apresentadora Cátia Fonseca (ESFJ), Bento XVI, Sérgio Moro e Geraldo Alckmin (ISTJ), Fátima Bernardes (ESTJ).

Os NT (introspectivos realistas)

O bebê NT será um pouco sério e enigmático para os que o cercam e não compartilham esse tipo. Pode ser precoce, falar bem cedo e aprender a ler antes de ir à escola. A probabilidade de que tenha um pai NT é limitada. Experimenta a mesma sensação de rejeição que o SP, mas a deste está ligada ao ambiente escolar. Para o NT começa bem antes. É comum ouvir-lhes o seguinte relato: “quando era pequeno achava que não havia ninguém no mundo como eu. Enquanto crescia, todos viam as coisas de forma muito diferente. Ao chegar à universidade comecei a encontrar-me com pessoas que pensavam como eu. Já não estava mais só”.

Vai constantemente atrás de um dos pais perguntando o porquê das coisas: “por que o sol se levanta desse lado e não do outro?”; “por que não posso voar como os pássaros?”; “por que tenho que comer a sobremesa depois do prato se vou comer os dois?”. Via de regra é muito independente e com frequência pouco conformista ainda que às vezes seja obediente e faça coisas que não lhe interessam. Assim como a sede do SP é de ação a do NT é de curiosidade, de perplexidade, e está sempre se perguntando “o que aconteceria se...?”. E vai atrás das respostas com o consentimento de seus mentores ou sem ele. “Que acontece se eu puser o dedo na tomada?”; “e se eu puser o pão na jarra de água?”. Não o faz para incomodar ninguém, seu propósito é satisfazer a curiosidade de encontrar uma resposta. Não quer os conflitos, mas se aparecem por motivo de suas pesquisas aceita as consequências de forma impessoal. Frequentemente os adultos vão se aborrecer porque ele não reage de modo mais pessoal aos castigos impostos. Ele perde o respeito pelos que não são lógicos em suas repreensões ou estabelecem regras que não correspondem às circunstâncias.

O NT considera um castigo físico como uma séria infração. Ainda que seu corpo, como seu mundo, seja uma fonte de curiosidade para ele, e perceba o corpo de forma diferente dos outros grupos, reage de modo exagerado quando considera que o castigo viola sua natureza. A dignidade é muito importante para ele, e por isso com frequência é considerado orgulhoso. De certa forma, essa atitude é julgada como ofensiva e tentam fazê-lo “sair de seu trono”.

Um método para educá-los é deixá-los à vontade para fazer o que achem oportuno. Precisa experimentar, descobrir, encontrar respostas. Se isso lhe é negado vai desobedecer e fazer travessuras que poderiam ser evitadas. Seu pai deve proporcionar-lhe brinquedos, mas poucos de cada vez. Como todas as outras crianças pode sentir-se extra estimulado. Pode parecer precoce para sua idade e seus pais terão tendência a dar-lhe brinquedos que não correspondem à sua idade nem maturidade social. Diante de um brinquedo novo estará totalmente absorvido, entretido por horas e observando suas características, até deixá-lo de lado sem nenhum interesse. Este perdura até entendê-lo. Gosta de livros e que lhe leiam histórias em uma idade em que outros já põem sua atenção em coisas mais “interessantes”. Talvez seja devido à sua curiosidade e por encontrar nas histórias complexidades que não acha por si e porque lhe estimulam a mente.

Pôr em dúvida sua habilidade por meio de sarcasmos ou ridículo pode ocasionar-lhe sérios danos. Mais que nenhum outro duvida muito de si e precisa de uma série de êxitos e conquistas para adquirir maior confiança. É seu calcanhar de Aquiles. Devido a seu interesse precoce em tecnologia, um pai bem intencionado pode pedir-lhe mais do que é capaz de fazer. Então, ao sentir-se fracassado, é bem possível que se feche em si mesmo. Raramente responderá bem a críticas negativas. O que lhe permitirá desenvolver sua necessidade de ser competente e satisfará sua sede de conhecimentos será proporcionar-lhe com

paciência as respostas que busca às suas contínuas perguntas, dar-lhe a quantidade adequada de brinquedos instrutivos e oferecer-lhe o espaço para que ache por si mesmo respostas para os problemas de seu mundo.

Do ponto de vista social parecerá algo atrasado, ainda que intelectualmente seja visto como precoce. As relações sociais, muito naturais para os NF, são um mistério para o NT. Não se preocupa com seus modos públicos ou com as reações que provoca. Por isso, em geral, não saberá conquistar as atenções e graças dos outros, coisas que os demais estilos fazem bem, cada um a seu modo: o SP com sua jovialidade efervescente; o SJ com sua atenta e cuidadosa diplomacia e o NF com seu conhecimento da personalidade alheia. O NT raramente terá alguma dessas qualidades especialmente se for reservado. O INT parece incapaz de expressar qualquer sinal de afeto, ou pelo menos se abstém de fazê-lo, e também rejeita os que lhe são oferecidos. Isso cria a sensação de que se fecha em si mesmo, uma manifestação das dúvidas que tem sobre si.

Para ajudar essa criança deveríamos fazer com que conseguisse uma abundância de êxitos, proporcionar-lhe suficiente estímulo intelectual, animá-lo constantemente e desenvolver seu trato social. O que não lhe ajudará será louvá-lo deixando que se converta em um presunçoso intelectual, que despreza os outros e os considera inferiores. Costuma ter boas notas nos estudos. Não foge das matérias difíceis, como ciências e matemática avançadas. À medida que seus estudos progredem pode dedicar-se tanto às aulas que esqueça de participar de outras atividades recreativas ou sociais. O INT, em particular, pode isolar-se do grupo e seguir seu próprio caminho e a busca de suas metas. O ENT pode se tornar um líder, talvez em sentido contrário aos interesses dos professores, gerando uma disputa de influência e poder. A agressiva teimosia do ENT quanto à exatidão dos procedimentos compara-se à precisão do INT em explicar sistemas.

A sede de conquistas da criança NT une-se logo às suas regras internas de melhora. Deve alcançar tais normas por muito sobrecarregado que se sinta. Uma de suas metas na vida é saber que como não conseguirá saber tudo deve estabelecer prioridades. Tanto pais como mestres devem ajudá-lo em tal propósito.

Destaca-se na escola e foca seu processo acadêmico estudando e entendendo princípios. Gosta que os temas pedagógicos sejam apresentados com lógica, de conferências bem estruturadas, e não dos métodos em que entram discussões. De fato, às vezes, é impaciente e grosseiro ao afastar ideias e opiniões de outros, especialmente dos que considera intelectualmente inferiores.

Como é importante ser reconhecido como competente, as notas baixas o afetam muito. Por suas notas serem em geral altas, vai se considerar incompetente se alguma vier mais baixa. Isso acaba por ser pouco razoável e imprudente já que exigirá não fazer nada além de estudar.

Pode converter-se intelectualmente na escola em um peixe grande em um pequeno aquário. Na universidade a perspectiva muda e a concorrência é maior. Pode acontecer de, diante da dificuldade, ele abandonar seus esforços ou dedicar-se mais aos estudos em que vai bem e ignorar os outros. Para evitar essa situação é importante que seus pais e mestres tenham-no preparado com quantidade suficiente de experiências variadas, incluindo algumas que não eram seu prato forte, para que encare os fatos com a perspectiva adequada.

Os rituais e cerimônias familiares não atraem a criança INT, já que precisa de razões para fazer as coisas. Pode ser inconstante na forma como mantém seu quarto e sua roupa. Em um momento pode tê-los muito bem organizados e depois tudo vai parecer um caos, cheio de pó. O mais provável é que seu quarto esteja desorganizado mas sabe onde encontrar cada um dos seus tesouros. Terá coleções de pedras, artefatos, moedas, borboletas, etc. Tudo o que se possa colecionar e que necessite documentação e classificação técnica será de grande atrativo para o NT.

Prefere que lhe ensinem a fazer as coisas só uma vez e se impacienta quando repetem as instruções, ao contrário do SJ que não se importa com explicações repetidas e detalhadas. O SP não presta atenção às explicações, sejam claras ou não. Antes de iniciar a tarefa já terá pensado em como fazê-la a seu modo. O NF vai ignorar as distinções na explicação e o melhor será dá-las por escrito e oralmente.

O estudante NT necessita receber confirmação sobre a qualidade do seu trabalho. Pode ser dirigido a fazer estudos independentes e vai responder bem com pouca ou nenhuma ajuda de seus mentores. É muito provável que desenvolva seu vocabulário e, algumas vezes, o usará como arma de debate. Uma característica negativa dos NT, sejam crianças ou adultos, é a intolerância com as dificuldades que os outros encontram em matérias complexas. Uma grande contribuição que pais e professores podem lhes oferecer é ajudá-los a entender o impacto dessa atitude nos outros.

Exemplos de NT: Einstein e Darwin (INTP), Edison e Disney (ENTP), Newton e Stephen Hawking (INTJ), Napoleão e Margareth Thatcher (ENTJ)

Os NF (intuitivos amistosos)

Essa criança mostrará desde cedo um grande dom em sua habilidade de usar o idioma. Começará a falar logo e se for expressivo parecerá que não sabe ficar quieto. Costuma ter um encanto que atrai as pessoas, e um talento especial para se relacionar socialmente, tanto com colegas como com pessoas mais velhas, ainda que a reservada (I) terá certa dificuldade comunicando-se, especialmente fora de casa. Precisa do reconhecimento dos que estão ao seu redor e o busca, ficando bem quando lhe oferecem isso todos os dias.

Inventa histórias e as conta com grande imaginação. Pode ser acusado de mentir quando, na realidade, o que faz é dar rédea solta à sua habilidade criativa. Todos, mas especialmente os reservados, tenderão a sonhar acordados. É emocionalmente ultra sensível quando rejeitado ou em meio a um conflito. Se vir seus pais discutirem muito, ficará ensimesmado e inseguro. Precisa de harmonia ao seu redor para desenvolver sua identidade.

Procurando sentido para si mesmo vai se identificar com frequência com personagens de histórias ou contos. O príncipe e a princesa são muito reais para ele e seus sonhos o levam a viver aventuras reais. É atraído pelas histórias da Idade Média com seus cavaleiros e damas, dragões e graais. É importante acompanhar a quantidade de leituras que faz porque ele pode estimular demais sua imaginação com histórias de dragões, bruxas, ogros, batalhas, etc.

Tanto os NF como os NT gostam que lhes leiam contos que vão além da sua capacidade de leitura, porque estimulam sua imaginação. E, como os NT, querem ouvir a mesma história uma e outra vez. Gostam das ilustrações complicadas e detalhadas, ricas em cores. Ficam encantados com os brinquedos que reproduzem pessoas, bonecas e animais aos quais dão uma personalidade própria, e que se converterão em um tesouro por algum tempo. A perda de um brinquedo muito apreciado será como a perda de um amigo. O ursinho Pooh, Babe, o porquinho atrapalhado, Alice no país das maravilhas, Dorothy e seus amigos de Oz, são muito mais reais para ele que para qualquer dos outros tipos. Brincar com eles como se fossem objetos de fantasia, como faria o NT, mas criando aventuras e não tentando entendê-los. Seria interessante tentar comprovar se as crianças que têm amigos invisíveis são mais as NF ou se é uma característica de todos os tipos. O que podemos dizer com certeza é que qualquer exposição ao ridículo ou rejeição para com o amigo imaginário poderá ter sérias consequências para a criança NF, que se sentirá igualmente rejeitada.

Essa criança não gosta de competir como as outras. Por ser muito sensível com relação aos sentimentos alheios sofrerá com o que perde. Serão muito melhores os jogos que exigem cooperação ou superação pessoal.

Todas as crianças brigam entre si e sentem-se desvalorizadas quando nasce um irmãozinho. São situações delicadas para a NF constantemente procurando um sentido para si e para seu mundo. O mesmo vale para o início da escola, quando se verá diferente das outras. Sempre será parte de pequena maioria, o que só vai se atenuar na universidade.

O INF em particular será muito tímido e hipersensível a qualquer gesto ou palavra de rejeição de seus professores, a quem idolatra. E aí a admiração pode se transformar em ódio. Progridem quando são alvo de bastante atenção e não reagem bem aos castigos. Precisam da segurança de rotinas bem

estabelecidas, sobretudo daquelas que permitem frequente interação entre adultos e outras crianças. Pode ficar muito machucado com a crueldade dos amigos e, especialmente o INF, não sabe defender-se bem de condutas que outros tipos não levam tão a sério.

Aprendem muito melhor quando podem relacionar-se diretamente com os outros. Não estão à vontade sentados em suas carteiras, olhando calados para os professores. Necessitam poder discutir o conteúdo das aulas. Respondem bem a temas e matérias que contêm elementos afetivos como, por exemplo, a poesia. Expressam-se oralmente com soltura. Não se impacientam durante as discussões que, para o NT, são redundantes e impertinentes.

Fica intimidada com mestres que utilizam o ridículo ou dão sinais de rejeitá-la pessoalmente. Tem uma empatia enorme com colegas que sofrem essas situações, ao ponto de talvez sofrer mais que o atingido. As promessas são muito importantes para ela, e quando não se cumprem fica pessoalmente ofendida. Se isso for frequente poderá apresentar sintomas físicos como, por ex., dificuldades na alimentação. Qualquer conflito, em casa ou na escola, lhe causará muito desconforto: aprecia muito o ambiente de amor e harmonia.

Por sua grande habilidade linguística pode se destacar academicamente. Aprende a ler com facilidade, expressa-se bem de palavra e por escrito e comunica-se com naturalidade. Gosta de trabalhar em pequenos grupos e em classes onde são os estudantes que aprovam democraticamente suas atividades escolares. Quando querida pelos adultos vai tentar recompensar esse afeto com suas atitudes. Em geral, é simpática e agradável. Se oferece um presente feito pessoalmente, o faz do fundo do seu coração e qualquer sinal de desinteresse a deixará exageradamente desgostosa. Essa criança não se sentirá bem em grupos numerosos onde o ensino não é individualizado ou em situações em que o professor está muito ocupado para atender às necessidades dos alunos. Precisa sentir-se querida pelos pais e professores.

Gosta dos estudos sociais e dos de línguas já que ambos envolvem relacionamentos. As atitudes e princípios das pessoas, o que elas preferem, como respondem, o que desejam, o que falam, tudo isso fascina a criança NF que vê o mundo de uma forma pessoal. É dessa forma também que aprecia o ambiente de ideias e princípios, situando-se no centro deles.

Tem dificuldade para lidar com sua irritação e a dos outros, especialmente se for reservada. Fica muito incomodada com os desgostos e abandonará qualquer situação incômoda, com aborrecimento.

Seu processo de aprendizagem é impressionista. Tende a ficar satisfeita com uns conhecimentos globais e difusos. Se adquire uma impressão geral, com uma olhada nos detalhes, já se crê com suficiente domínio do tema. A NT, pelo contrário, vai dominar os detalhes de modo preciso e será compulsiva no processo de adquirir conhecimentos.

Ambiciona um sentido de identidade e quer consegui-lo pelo reconhecimento pessoal. O contato físico, ou ao menos uma aproximação física representa para ela uma mostra de carinho e calor humano. As palavras que aprecia mais são: “gosto de você, você é importante para mim”.

Exemplos de NF: Albert Schweitzer e Lady Diana (INFP), Adélia Prado, Dom Helder Câmara e Nelson Mandela (ENFP), Gandhi (INFJ), João Paulo II e Oprah Winfrey (ENFJ).

II - Os estilos de aprendizagem

Seguem-se descrições que resumem como os quatro tipos de temperamentos aprendem, com as técnicas preferidas, o conteúdo dos programas de estudo e as reações às avaliações de seus mestres.

O estilo SP

Deseja a ação e ser visto como alguém livre para agir. Ator, jogador, aventureiro, ativo, amante da diversão e livre são palavras que se ajustam bem aos SP, que é atraído pelo imediato, a boa vida, o aqui e agora, a espontaneidade e o prazer.

É o menos entendido e o mais criticado. E, contudo, aproximadamente 40% dos alunos que encontraremos em uma classe normal serão desse tipo. É o menos representado no ensino superior e tende a ter a relação mais baixa entre a habilidade acadêmica e a média de notas. A verdade é que, infelizmente, uma classe normal e comum não se adapta bem a seu estilo de aprender. Este tipo requer um envolvimento físico, experiências em que possa usar as mãos, alguma competição, correr riscos, representar, entreter-se e entreter.

Pode ser um excelente companheiro de equipe quando há competições ou concursos. Sua postura é basicamente fraternal e será extremamente leal a seus companheiros de equipe, de clube, de grupo. Manifesta muito pouca atitude paternal e se aferra a seu sentido de igualdade, o que o leva a achar que os chefes não são necessários, a revoltar-se contra qualquer tipo de intervenção e a ver os regulamentos como algo para ser ignorado. Apraz-lhe dialogar com os outros para informar-lhes dos progressos que faz, mas não gosta do processo democrático para chegar a decisões como faz o NF. Deseja uma mudança contínua de andamentos e variedade de ações. Submeter um SP às rotinas contínuas dia após dia, semana após semana, é contraproducente e o leva a faltar às aulas ou a comportar-se mal nelas.

A criança SP inclina-se à música, teatro, artes, artesanato, mecânica, construção ou qualquer aspecto que implique movimento. Ao contrário, a SJ preferirá cursos que ensinem estudos secretariais ou mercantis; a NT se encaminhará para matemáticas ou ciências; e a NF se matriculará em humanidades ou ciências sociais. A SP tem sede de atuação e ficará satisfeita se proporcionarem oportunidades de manipular objetos. Atraem-lhe situações em que põem objetos em suas mãos para que os movimente. Quando não aparecem essas chances ele vai encontrá-las, muitas vezes criando problemas na classe, ao golpear as carteiras ou outros móveis, empurrar os companheiros ou arrastar a sola dos sapatos sem parar.

Em escolas especiais que recebem os casos difíceis que não foram aceitos em outras veremos muitas SP. Logo que possam deixarão as escolas para encontrar em outro lugar a ação que estas não lhes proporcionam. Em geral leva entusiasmo à classe embora, às vezes, o faça em momentos pouco apropriados e que não interessam ao professor. Se ela se afeiçoar ao mestre será muito cooperativa. Pode ser muito popular entre os colegas, que parecem admirar seu atrevimento e travessuras. Se começar a fazer parte de um grupo musical, talvez esse seja o único motivo que a mantenha interessada na escola e assim, indiretamente, terminar seus estudos. Pode ser um tanto inquieta e pular de um projeto a outro, começando muitos e terminando poucos. Completar uma tarefa com papel e lápis é algo de que foge como da peste. É atraída por tarefas que requeiram participação visual ou oral e isso manterá sua atenção enquanto aprende. Não lhe interessam conferências, perguntas retóricas, cadernos de tarefas, exercícios com resposta no final do livro, etc. Dar uma responsabilidade a uma criança SP é um projeto inútil que vai gerar um conflito entre ela e seu professor ou seus pais.

O estilo SJ

Essa criança deseja pertencer, fazer parte do grupo familiar e mais adiante do grupo de sua classe. Responsabilidade, segurança, dever e serviço são palavras associadas a ela.

Como é grande a proporção de professores SJ, talvez dois terços ou mais do total, estará à vontade na classe tradicional, um lugar que entende e onde sabe se relacionar. Deseja agradar ao mestre porque é o mestre, a autoridade, sem a qual é difícil criar uma unidade à qual pertencer. Vindo dos professores, os princípios são bons. Hábitos saudáveis de trabalho, tarefas feitas a tempo, lições aprendidas como é esperado são recomendações fáceis de seguir. Melhor que nenhum outro tipo o SJ se adapta bem em uma classe pensada e administrada segundo a tradição.

Responde bem aos cadernos de tarefas. Gosta e necessita de uma estrutura que apresente as lições gradualmente e em avanços que tenham sentido. É muito responsável e fará o melhor que possa desde que receba instruções claras e lhe indiquem como fazer. Ao contrário do SP ou NF não lerá por cima as lições. Sente-se mais à vontade quando estudou e preparou as aulas diariamente.

Está bem em uma classe com os assentos em fileiras e colunas, onde a comunicação principal é do aluno com seu professor. Responde, em certo modo, a comentários críticos e se esforçará para melhorar se o que fez até o momento não corresponde ao que espera o mestre.

Não lhe agradam os trabalhos independentes a longo prazo, como acontece com o NT. Tampouco as discussões em grupo que tanto aprecia o NF. O SJ prefere sessões em que o professor dirige a classe com perguntas e respostas, e o método socrático de instrução com o qual aprende bem.

Ainda que não tenha a facilidade de palavra da criança NF sabe responder bem por escrito às perguntas formuladas ou que encontra nos livros texto. Não considera isso uma perda de tempo.

É obediente e se adapta bem às regras estabelecidas por seus professores. Sabe tolerar muito melhor que uma NF ou NT qualquer sarcasmo, mas o toma muito mais a sério do que uma SP. Vai pertencer a vários grupos ou clubes na escola e terá interesse neles. Se o que deve estudar são procedimentos ou fatos estará bem, mas perderá a segurança se precisar especular, inventar, adivinhar ou improvisar. Leva muito a sério suas notas e seu boletim, enquanto a SP talvez até se esqueça de levá-lo para casa, a NT considera suas notas com curiosidade e utiliza para exigir-se mais e a NF as vê como uma avaliação de sua integridade pelo professor. De todas é a SJ que as valoriza e respeita mais.

A criança SJ se destaca mais quando percebe estabilidade. Responde bem às suas responsabilidades. Aprende com métodos tradicionais, incluindo demonstrações. Em geral, preza a escola e se sentirá muito à vontade se o professor for consistente e estável.

O estilo NT

As que têm essas características procuram ser competentes. Devem saber tudo o que é necessário e essa lista é longa. Construir, inventar, projetar e controlar descrevem uma criança NT. Vai ao encontro de tudo o que lhe permita entender, explicar, prever e controlar. É um pequeno cientista.

Tende a colecionar regras e princípios e deseja dar uma estrutura a seu mundo intelectual. Gosta de avaliar as ideias alheias e de desenvolver as próprias. Procura saber como se concebe uma ideia, como é formulada, que contradições pode descobrir, que perguntas não têm respostas, porque as coisas são como são. Está cheio de curiosidade e se focará na tecnologia desde cedo, especialmente se for menino. As meninas NT encontrarão os caminhos culturais que as levarão a rotas “femininas”.

O estudante NT tende a ser independente e gosta de seguir suas inspirações, procurando informações até que seu desejo de compreensão esteja satisfeito. Essa característica o leva, algumas vezes, a descuidar outras matérias, nas que pode tirar notas baixas.

Sente-se a gosto quando as matérias são apresentadas de forma lógica e didática, e pode aprender por meio da leitura. Não tem a facilidade de expressão escrita como um NF e pode esquecer-se de registrar seus achados em um papel, preferindo obter novas informações a perder tempo comunicando a seus professores que sabe algo. Por isso, é muito possível que deixe de preparar suas tarefas.

Pode acontecer de ser um solitário na classe, especialmente se for introvertido. Esses têm essa natureza solitária em parte porque não encontram pessoas de seu próprio tipo, já que são pouco numerosos. A criança NT, contudo, interessa-se por compartilhar suas ideias com alguém a quem respeite e considere em igualdade intelectual. Com frequência o faz com seu professor, o que aumenta seu isolamento com respeito aos colegas. Nos altos níveis de inteligência pode ser uma presunçosa que precisará de ajuda para apreciar outras qualidades além das intelectuais como, por exemplo, as sociais. Não demonstra um grande conhecimento das “graças” sociais e necessita que o ajudem a se divertir. Como é um pouco impassível e de pouca manifestação afetiva, tem dificuldade para entender como outros demonstram melhor seus sentimentos e emoções. Ao não considerar os sentimentos dos outros pode ofendê-los de vez em quando.

Necessita que o ajudem a estabelecer prioridades. Demonstra tal sede de saber tudo que tem dificuldade de entender que não pode conseguir isso. Pode converter-se em um nerd e esquecer que precisa

distrair-se. Vê as brincadeiras e o ócio como uma perda de tempo, e quer manter sua preocupação por aprender.

Confia em suas próprias forças, mas responde bem aos comentários que recebe se vão dirigidos a suas habilidades e conquistas e procedem de uma pessoa que considera competente. Em geral é de natureza séria. Fracassos podem levá-la a um dano considerável em sua personalidade. Por natureza, traz muitas dúvidas quanto a si mesma e precisa de frequentes experiências positivas para superar essa sensação. Tem tendência a trabalhar para alcançar sempre metas maiores e se esforça para ultrapassar o que é normal e o que já atingiu. Todos os dias são de superação.

A NT dá a impressão de ter construído um muro a seu redor e por isso parece fria e sem sentimentos. Castigos físicos não são aconselhados para ela. Tem um sentido delicado de justiça por um lado, e por outro a necessidade de não perder o controle. Um abuso físico por parte de um adulto viola seu sentido de justiça e destrói seu sentimento de controle. Ficará ressentida com o que considera uma injustiça, por muito tempo. Responde bem a um diálogo verbal, lógico e bem fundamentado. Quando entende a razão de algo normalmente o aceitará e estará de acordo com as providências necessárias.

O estilo NF

A criança com essa combinação está constantemente em busca do sentido de si. Essa procura começa cedo e dura toda a vida. Quer ser “ela mesma” e ao mesmo tempo “alguém”. Dentro desse grupo estão a carismática, a empática, a dramática e a idealista tentando descobrir sua identidade e sentir-se completa.

Parece ter um desejo inato de comunicar-se de forma pessoal com os outros. É quase hipersensível à hostilidade e ao conflito, algumas vezes adoecendo quando exposta a tais atitudes. Colocá-la em ridículo ou tratá-la com sarcasmo é não só imprudente como cruel. Progride quando tem reconhecimento, atenção pessoal, intercâmbio de pessoa a pessoa e captação de suas atitudes emotivas. É muito importante para ela que o professor saiba seu nome, a aceite, a reconheça e a aprecie. Precisa de comentários sobre suas tarefas e agradece uma observação pessoal em seus trabalhos com incentivos para seus estudos. Uma reação negativa pode levá-la a revoltar-se e abandonar os esforços.

Gosta de interação. Trabalha bem na classe em que as decisões são tomadas por voto democrático e participa com entusiasmo. Pode trabalhar independentemente por um longo período, mas responderá melhor quando receber periodicamente comentários sobre sua atuação. Aprende melhor com discussões, atuando em pequenas obras dramáticas e usando elementos imaginativos. Seu vocabulário falado é mais amplo que sua habilidade de pôr ideias por escrito. Com frequência se poderá apreciar sua riqueza criativa e de conteúdo se lhe pedirmos para gravar oralmente sua redação.

Se for introvertida, a criança NF será muito fechada e deverá ser animada a relacionar-se com seus companheiros. Como é muito sensível a rejeições permanecerá calada, isolada e só, a não ser que lhe ensinemos formas de fazer amigos. A maioria terá uma imaginação muito ativa e poderão se sentir muito estimuladas ante cenas de violência e de horror. Conservam essas imagens por muito tempo e poderão ter pesadelos.

Prefere a cooperação à concorrência. Identifica-se com os outros e por isso sente o sofrimento do que perde quando foi a vencedora. O que lhe motiva é competir consigo mesma e ter oportunidade de compartilhar com outros a experiência de melhorar seu nível de conquistas. Precisa de constantes comentários que lhe confirmem que seus esforços são adequados.

Gosta de temas que tratem de pessoas ou questões mais abstratas como, por exemplo, ciências sociais. É mais provável que escolha uma carreira no campo de humanas do que no de ciências. Aprende melhor quando o faz por meio de diálogos com outra pessoa; gosta de satisfazer os outros; é sensível a suas emoções e às alheias e pensa em termos de interações sociais. Tem um desejo inato de melhorar a situação

social, de fazê-la mais prazerosa e agradável. Ao mesmo tempo que procura aperfeiçoar-se, almeja aperfeiçoar o ambiente social de sua casa e da escola.

Responde particularmente bem a um professor que saiba proporcionar alento e estímulo, que reconheça os sentimentos, que dê tarefas individuais, que use pequenos grupos de alunos para que discutam temas entre si, que aceite as ideias e opiniões de seus alunos e responda a elas e que evite o uso do sarcasmo e do ridículo como forma de controlar a classe.

III – Nota sobre os estilos de ensinar

(Adaptado de *Western Nevada College* <https://www.wnc.edu/mbti/temperament-teaching-styles/>)

Professores SJ

Os professores SJ preferem usar uma metodologia confiável que tenham usado com sucesso antes e frequentemente moldam seu estilo de ensino em técnicas tradicionais que experimentaram como alunos. Eles tendem a ensinar com procedimentos passo a passo, apoiam-se na rotina e incentivam a interação entre aluno e professor. Embora possam ser espontâneos, são mais propensos a preferir métodos de ensino bem planejados, que tenham sido comprovados pela experiência. Estão dispostos a aprender novas técnicas de ensino, desde que tenham tempo suficiente para se adaptar às mudanças. Eles são responsáveis e trabalham duro, muitas vezes assumindo compromissos extras para atender seus alunos. Eles criam e preservam a harmonia na sala de aula.

Professores SJ dão-se bem com rotinas e planejamentos. Fornecerão planos de estudo claros e detalhados – de preferência semanais –, com rotinas e instruções definidas para as tarefas e comunicarão claramente suas expectativas quanto à conduta, comportamento e desempenho acadêmico do aluno. Eles podem estabelecer padrões e apegar-se a eles com tanta força que virão a ter dificuldades em perceber que podem precisar ceder em algumas situações. Eles são os menos prováveis de todos os tipos a tolerar atrasos, e são os mais propensos a cobrar a frequência e a fazer valer os limites de faltas.

Em aulas expositivas, os professores SJ tendem a fazer comparações. Eles se referem a eventos do passado com alto grau de detalhes e precisão. Eles se lembram de técnicas específicas que não funcionaram bem e provavelmente não tentarão valer-se delas novamente. Como os SJ às vezes esperam que as coisas dêem errado, eles podem ser vistos como pessimistas. No entanto, eles acreditam que estão simplesmente sendo realistas, antecipando o que realmente pode acontecer. Eles tendem a cumprir regras e regulamentos e esperam que os alunos façam o mesmo.



São estereotipadamente SJ as professoras Marocas do Chico Bento e Helena da novela Carrossel e a Dona Hemengarda do Calvin. No caso de Marocas e Helena, com forte fator F, o enredo envolverá situações nas quais a professora se dividirá entre a necessidade SJ de cumprir leis e regras e a compaixão ante os erros e falhas dos alunos...



Já a D. Hermengarda do Calvin é T e menos propensa a sentimentalismos.



Mafalda caricaturiza a professora SJ ensinando criança NF



Professores SP

Professores SP trazem emoção, energia e variedade para suas salas de aula. Muitas vezes as aulas mudam de ritmo – ora com ação acelerada, ora com um estilo mais lento em outros momentos. Um professor SP pode passar rapidamente de um estado elevado de energia para um estado de relaxamento. Embora as aulas sejam tipicamente organizadas, elas podem não seguir uma abordagem passo a passo. Uma pergunta ou discussão de aluno pode estimular o professor a desviar-se para um tópico relacionado, ainda que não previsto para aquela aula. Um SP adaptará rapidamente seus planos de aula para aproveitar uma oportunidade inesperada. Eles estão envolvidos no momento presente e com o que está acontecendo em sua sala de aula.

O programa de um SP terá objetivos e metas, mas pode não ter detalhes exatos sobre o que será coberto durante o semestre, ou datas de avaliação exatas. Eles gostam de manter essas opções abertas, dependendo do que acontece em sala de aula. Os SP são bons em tornar o aprendizado divertido. Eles podem ser pouco convencio-nais e manter os alunos atentos. Os alunos muitas vezes gostam de professores SP porque podem ser excitantes e divertidos, alegando que a experiência é desafiadora, mas empolgante. Os SP muitas vezes estão dispostos a correr riscos no ensino. Além de aulas expositivas, eles farão dinâmicas, darão práticas divertidas, contarão histórias para explicar pontos do programa e incentivarão a experimentação dos alunos.

Os professores SP permitirão que seus alunos tenham liberdade para acertar e liberdade para errar, desafiando os alunos a resolverem seus próprios problemas. Eles são altamente observadores e tendem a abranger menos teoria do que outros tipos de professores, preferindo lidar com fatos baseados na experiência. Eles são capazes de concentrar seus ensinamentos em coisas que podem ser aplicadas ao presente. Suas habilidades de negociação fazem deles professores persuasivos.

Professores NF

Os professores NF estão interessados em buscar o desenvolvimento próprio e o do máximo potencial de seus alunos. Eles se esforçam para ajudar seus alunos a melhorar e alcançar o seu melhor. São hábeis em determinar com precisão o que cada aluno precisa, emocional e intelectualmente, para seu desenvolvimento e garantir que todos os alunos estejam atendidos em suas necessidades individuais. Os NF provavelmente conduzirão uma sala de aula democrática, envolvendo os estudantes nos processos de tomada de decisões, e estarão dispostos a seguir a decisão do grupo. Eles procuram e incentivam a criatividade. São os mais dispostos a permitir a interação entre estudantes e não se vêem como a única fonte

de sabedoria ou instrução. Eles permitirão que os alunos errem, mas sempre fornecerão incentivo quando necessário.

Professores NF incentivam a harmonia de tal modo que cada aluno se sinta valorizado e respeitado. Sensíveis, poderão alterar os planos de aula para acomodá-los às necessidades dos alunos. Eles oferecem ampla oportunidade para discussões em sala de aula e projetos em grupo. Em suas exposições, eles frequentemente usam metáforas simbólicas. Os alunos muitas vezes gostam de professores NF porque tendem a ser inspiradores e valorizam cada aluno como indivíduo. Têm facilidade em elogiar e dar feedback. Eles são descritos como carismáticos, empáticos e comprometidos com seus alunos e sua profissão. Tendem a ser entusiasmados com o ensino, dispostos a dedicar o tempo necessário para fazer o que precisa ser feito e participar de projetos e atividades extracurriculares, se parecerem relevantes para seus interesses.

Os professores NF estão interessados em qualquer coisa nova e inovadora. Eles preferem criar seus próprios currículos em vez de usar materiais pré-planejados, como roteiros e material previamente fornecidos pela escola.



Professores NT

Os professores NT incentivam o individualismo, a autonomia, a curiosidade intelectual e o desenvolvimento de seus alunos. Como a necessidade básica dos NT é buscar a competência, esses professores são frequentemente especialistas em seu campo. Eles amam sua matéria e são capazes de comunicar esse entusiasmo a seus alunos.

Eles se esforçam para inspirar e incentivar os alunos a procurar respostas por si mesmos. Tendem a estruturar suas aulas logicamente, vinculando cada afirmação ao tema da aula. Eles escolhem cuidadosamente palavras específicas para enfatizar o significado correto. Seu foco está na complexidade de relações e componentes.



Os alunos do NT provavelmente sabem onde o professor está em relação à disciplina e suas expectativas de aproveitamento. A abordagem do NT é centrada no assunto e eles tendem a ser impessoais em sua abordagem. Partem do pressuposto de que o aluno está lá porque quer aprender e, portanto, raramente verbalizam apreciação pelos esforços do aluno. Às vezes, eles podem não perceber o clima emocional de uma classe e podem continuar dando a aula planejada, quando os alunos se beneficiariam mais de outro tipo de experiência. Têm uma tendência a avançar muito rapidamente (para muitos de seus alunos), pressupondo que todos os alunos adquiriram conhecimento quando algo já foi explicado uma vez.

CIENTIRINHAS #49



Professores NT gostam de criar um novo currículo, buscando novas táticas para ensinar o mesmo assunto. Sua visão abstrata da realidade ajuda-os a aplicar novas abordagens inventivas para resolver problemas e ensinar. Eles incentivam o estudo individual e proporcionam tarefas desafiadoras. Frequentemente esperam que os alunos pesquisem e que mostrem curiosidade e engenhosidade. Gostam de discutir designs (em qualquer campo) e descrevem cuidadosamente relacionamentos e sistemas, podendo passar horas discutindo estratégias e categorias precisas. Eles encorajam debates em sala de aula, desde que a discussão seja intelectualmente estimulante.

Recebido para publicação em 20-01-19; aceito em 24-02-19